



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
MESTRADO EM HISTÓRIA**

MICHELINE NEVES PEREIRA

NO ESCURINHO DO CINEMA?
Uma abordagem sobre o cinema em Rio Branco na década de vinte

**Recife
2002**

MICHELINE NEVES PEREIRA

NO ESCURINHO DO CINEMA?

Uma abordagem sobre o cinema em Rio Branco na década de vinte

Dissertação apresentada como exigência parcial para a obtenção do título de Mestre em História à Comissão Julgadora do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco.

Orientador: Prof. Dr. Antonio Torres Montenegro

Recife
2002

Pereira, Micheline neves

No escurinho do cinema? : Uma abordagem sobre o cinema em Rio Branco na década de vinte / Micheline Neves Pereira. – Recife: O Autor, 2002.

148 folhas : il., fig.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco. CFCH. História, 2002.

Inclui: bibliografia e anexos.

1. História. 2. Cinema. 3. Cinema acreano – Década de vinte. 4. Cinema – Rio Branco. I. Título.

**981.34
981**

**CDU (2. ed.)
CDD (22. ed.)**

**UFPE
BCFCH2008/51**



ATA DA DEFESA DA DISSERTAÇÃO DA ALUNA MICHELINE NEVES PEREIRA

Às 9:00 do dia 02 (dois) de maio de 2002 (dois mil e dois), no Curso de Mestrado em História da Universidade Federal de Pernambuco, a Comissão Examinadora da Dissertação para obtenção do grau de Mestre apresentada pela aluna *Micheline Neves Pereira* intitulada: “*NO ESCURINHO DO CINEMA? uma abordagem sobre o cinema em Rio Branco na década de vinte*” em ato público, após arguição feita de acordo com o Regimento do referido Curso, decidiu conceder à mesma o conceito “**APROVADA COM DISTINÇÃO**” em resultado à atribuição dos conceitos dos professores: *Antonio Torres Montenegro (orientador), Antonio Paulo de Moraes Rezende e Maria Aparecida Lopes Nogueira*. Assinam também a presente ata a Coordenadora, Profª Maria do Socorro Ferraz Barbosa e a secretária Luciane Costa Borba para os devidos efeitos legais.

Recife, 02 de maio de 2002

Prof. Dr. Antonio Torres Montenegro

Prof. Dr. Antonio Paulo de Moraes Rezende

Profª Dra. Maria Aparecida Lopes Nogueira

Profª Dra. Maria do Socorro Ferraz Barbosa

Luciane Costa Borba

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho as duas pessoas mais importantes de minha vida: meu pai, Francisco Lopes Pereira, e minha mãe, Terezinha de J. Neves Pereira. Sem as suas orientações, apoio financeiro e incentivo, este trabalho jamais teria sido realizado.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Prof. Dr. Carlos Alberto por ter me ajudado na elaboração do projeto e aos seus conselhos, sempre vindos em boa hora, e, principalmente, ao meu orientador Prof. Dr. Antonio Torres Montenegro pela paciência, cobrança e excelentes críticas. À Maria Rodrigues (Nilda), Tereza Almeida Cruz, Sérgio Roberto, Chico Bento, Geórgia, colegas desta empreitada. À Anilza Leoni, Sandra Neves Brito e Daniela Pereira Santos, pela ajuda nas pesquisas. Aos amigos Cil Farney, Marcelo e Neibio Régio, por terem cedido os computadores do escritório de contabilidade e ao amigo Richardson Constantino, pela arte e diagramação. À Prontotec, especialmente à Lana Kelly e Marcos Steiner, pelos computadores e acesso à internet. Ao CDIH (Centro de Documentação e Informação Histórica) da UFAC na figura do Prof. Dr. Gerson Albuquerque e estagiários (Alessandra e Leila), ao Arquivo Geral do Estado (Maria do Perpétuo Socorro Costa Gomes e funcionários), ao Museu da Borracha (Elisa), ao Patrimônio Histórico Estadual, na pessoa de Marcos Vinícius e (*in memoriam*) a Mauricélia Barrozo A. de Sousa, a primeira pessoa que deu credibilidade ao meu projeto na época da graduação. Às amigas Célia, Luci e Jânia pelo incentivo. E um agradecimento muito especial à Kenned Kaccio Rodrigues Constantino pelo apoio e compreensão.

RESUMO

Este estudo (No Escurinho do Cinema? Uma abordagem sobre o cinema em Rio Branco na década de vinte) é uma tentativa de análise e compreensão do cinema na sociedade de Rio Branco na década de vinte, como prática social (lazer, hábitos, costumes, comportamentos), a partir do salão cinematográfico Eden-Cinema. Tem como base de pesquisa artigos, anúncios e crônicas jornalísticas. Este trabalho está alicerçado sob a inspiração da História Sócio-Cultural.

Palavra chave: Cinema, Rio Branco.

ABSTRACT

This study (In Escurinho of Cinema? An approach on the cinema in Rio Branco in the decade of the twenty) is an attempt of analysis and understanding of cinema in the company of Rio Branco in the decade of twenty, as social practice (leisure, habits, customs, behavior), from the cinema hall-Eden Cinema. It builds on research articles, advertisements and journalistic essays. This work is based on the inspiration of the Socio-Cultural History.

Keyword: Film, Rio Branco.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Embarcações no rio Acre,	p. 15
Figura 2 – Mapa de Rio Branco,	p. 16
Figura 3 – Porto de Rio Branco,	p. 17
Figura 4 – Catraias,	p. 18
Figura 5 – Centro comercial,	p. 19
Figura 6 – Palácio do Governo,	p. 20
Figura 7 – Mapa do Estado do Acre,	p. 23
Figura 8 – Rua João Luiz Alves,	p. 27
Figura 9 – Atrizes do cinema mudo italiano,	p. 32
Figura 10 – Asta Nielsen, atriz do cinema dinamarquês,	p. 33
Figura 11 – D. W. Griffith, diretor do cinema norte-americano,	p. 36
Figura 12 – Mercado Municipal,	p. 58
Figura 13 – Rua Epaminondas Jácomes,	p. 59
Figura 14 – Cine-Theatro Recreio,	p. 71
Figura 15 – Penitenciária e Polícia Militar,	p. 94
Figura 16 – Praça Tavares de Lyra,	p. 94
Figura 17 – Hospital Augusto Monteiro,	p. 100
Figura 18 – Grupo Escolar 7 de Setembro,	p. 101
Figura 19 – Residência Oficial,	p. 105
Figura 20 – Praça Getúlio Vargas,	p. 109

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
1. EDEN-CINEMA: “El Dorado de arte e bom gosto”	
1.1 O cinema.....	12
1.2 Rio Branco: a construção de um cenário.....	15
1.3 O surgimento do Eden-Cinema.....	24
2. NO “ÉCRAN” DO EDEN-CINEMA	
2.1 O longo percurso do filme para a tela	28
2.2 No “écran”	30
2.3 A influência do teatro no cinema	41
2.4 Em relação ao cinema	43
2.5 As sessões.....	49
2.6 Cinema: sensualidade e moda.....	54
3. EDEN-CINEMA: ESPAÇO MÚLTIPLO	
3.1 Eden-Cinema	57
3.2 Espaço múltiplo	72
3.3 O teatro no Éden	77
3.4 O Eden no final da década de vinte.....	85
4. O CINEMA ALÉM DO CINEMA: AO AR LIVRE	
4.1 Cinema ambulante e cinema ao ar livre	91
4.2 A praça: o espaço privilegiado do cinema ao ar livre	93
4.3 O cinema ao ar livre	99
CONSIDERAÇÕES FINAIS	110
REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA	111
ANEXOS	
I – FILMES APRESENTADOS NO EDEN-CINEMA	127
II – ESPETÁCULOS TEATRAIS APRESENTADOS NO EDEN-CINEMA	146

INTRODUÇÃO

A idéia de estudar o cinema em Rio Branco surgiu de um antigo sentimento de curiosidade e atração em relação ao atual Cine-Theatro Recreio. Esse salão cinematográfico a muito se encontra fechado para sessões, sendo apenas utilizado para eventos esporádicos.

Num primeiro momento, o projeto de pesquisar o cinema estava centrado na década de trinta, mas notava-se uma grande ausência de fontes. Apenas nos anos posteriores é que se verifica a intensa veiculação de filmes, todavia, relacionados ao Cine Rio Branco. Contudo, notamos na década de vinte uma grande atividade centralizada no salão cinematográfico Eden-Cinema, atual Cine-Theatro Recreio.

Um dos maiores problemas enfrentados no decorrer da pesquisa foi a escassez de fontes. Basicamente este trabalho foi desenvolvido a partir de crônicas, artigos e anúncios de jornais, não havendo a possibilidade de analisar filmes da época, uma vez que os que se mostravam mais freqüentes na imprensa não foram encontrados em casas especializadas, apenas em bibliografias.

A perspectiva desse estudo é tentar perceber o cinema e como ele se articula no cotidiano das pessoas, ressaltando sua importância como fonte de lazer e evento cultural, seus prazeres e significados na cidade de Rio Branco. Tendo essa visão, alguns autores como Maurice Halbwachs, Walter Benjamin, Michel Foucault e Hayden White, entre outros, foram utilizados como fonte de inspiração.

É importante notar o cinema como elemento de grande relevância cultural, uma vez que ele pode ser visto como um ponto fundamental para reconstruir os hábitos e costumes de uma sociedade: seus sistemas de produção de significados, sentidos ou consciência, particularmente os sistemas e meios de representação que dão às imagens sua significação.¹

Neste estudo, a idéia de cinema é pensada de forma ampla, sendo vista como um processo.² O cinema em Rio Branco possui suas peculiaridades, fazendo-se presente não só no interior da casa exibidora, mas também nas ruas, nas praças, nas festas. Eis porque o título é uma interrogação (No escurinho do cinema?), uma vez que ele vai além do espaço escuro da casa exibidora, estando também presente em outros lugares da cidade, em outras ocasiões, e não só o filme como um espetáculo exclusivo. O salão cinematográfico aqui é pensado de

¹ TURNER, Graeme. Cinema como prática social. SP: Summus, 1997. p. 48.

² BERNADET, Jean-Claude. O que é cinema. SP: Brasiliense, 1981. p. 09.

forma plural, como espaço de múltiplas atividades, já que um dos pontos importantes neste estudo é *revelar uma unidade subjacente sem negar a diversidade do passado*.³

É na relação com o lazer que o cinema será visto como ponto fundamental na constituição de novos hábitos e costumes, num espaço urbano em constante transformação. É pensando o espaço público e o lazer que os habitantes de uma cidade vão reconstruir novas práticas sociais. O entendimento de espaço urbano não se limita só ao aspecto físico, mas é *todo o cenário múltiplo da cidade que toma conta de seus habitantes na construção do seu cotidiano*.⁴

Pouco se sabe acerca do cinema em Rio Branco na década de vinte. Apenas um estudo que trata das suas origens e do estabelecimento de casas exibidoras fixas, de Mauricélia Barrozo A. de Sousa, e pequenos textos que se baseiam nesse trabalho. Isso nos dá a dimensão de que o tema foi timidamente mencionado.

Num primeiro momento desta análise, fazemos uma reflexão sobre a idéia de cinema. Depois analisamos a cidade de Rio Branco, como o Eden-Cinema se situava nesse contexto urbano e como ele surgiu nesse espaço.

A partir daí, enfatizamos o filme como objeto de espetáculo, começando com o seu percurso para a tela do Eden-Cinema. Ressaltamos as suas escolas cinematográficas e características de acordo com a origem do país a que pertenciam. Em seguida, destacamos a influência do teatro no cinema e depois mostramos como algumas pessoas da época percebiam a “sétima arte”. Tentamos, também, reconstruir as sessões cinematográficas a partir de alguns fragmentos encontrados na imprensa. Finalizamos com uma reflexão sobre a relação entre o cinema, a moda e a sensualidade.

Num terceiro momento, analisamos o Eden-Cinema como um espaço de múltiplos eventos na cidade de Rio Branco. Iniciamos traçando um panorama de como poderia ser essa casa exibidora, revelando seus proprietários, suas mudanças físicas e sua relação com a questão higiênica. Percebemos, então, que o cinema não está dissociado da concepção de moderno, trazendo uma idéia de novidade. Depois, analisamos a sua multiplicidade e, assim, destacamos o teatro como um dos seus principais eventos, além do filme. Um outro aspecto revelado é como este cinema chega ao final da década de vinte.

Por fim, destacamos o cinema ao ar livre na cidade, revelando a praça como seu espaço privilegiado em eventos comemorados pela sociedade de Rio Branco. O cinema ao ar

³ BURKE, Peter. Unidade e variedade na História Cultural. In: Variedades da História Cultural. RJ: Civilização Brasileira, 2000, p. 254-255

⁴ REZENDE, Antonio Paulo. (Des) encantos modernos: histórias da cidade do Recife na década de vinte. Recife: FUNDARPE, 1997. p. 14

livre tem um papel fundamental, funcionando como elemento importante nos mais destacados momentos, como comemorações de datas cívicas, aniversários de governo e uma série de outros eventos públicos.

O nosso desejo é que este estudo venha mostrar uma outra maneira de pensar o cinema em Rio Branco na década de vinte e a sua relevância como prática social, nos hábitos e nos comportamentos. A intenção é revisitar o cinema na década de vinte e tentar perceber, a partir de alguns pontos de vista, como ele poderia ser sentido e vivido.

1. EDEN-CINEMA: El Dorado de arte e bom gosto⁵

1.1 O cinema

Antes de iniciarmos este estudo, vamos fazer uma reflexão sobre o cinema. Para isso, partimos de uma pesquisa elementar que qualquer pessoa poderia fazer desde que tenha um dicionário. Utilizamos duas obras: o Dicionário Escolar da Língua Portuguesa, de Francisco da Silveira Bueno,⁶ e o conhecido Dicionário de Aurélio Buarque de Holanda. Em Bueno, encontra-se:

CINEMA, s. m. Cinematógrafo; a arte cinematográfica (invenção dos irmãos franceses Lumière, em 1895); estabelecimento ou sala de projeções cinematográficas.

Em Aurélio Buarque de Holanda, diz-se o seguinte:

CINEMA, sm. **1.** Arte de compor e realizar filmes cinematográficos. **2.** Cinematografia. **3.** Sala de espetáculos onde se projetam filmes cinematográficos.

Percebemos que em apenas um ponto as definições convergem: quando se referem ao cinema como um estabelecimento ou sala de projeções cinematográficas. Mas vamos continuar com a nossa pesquisa. Para uma pessoa que procura saber o que é cinema, uma dúvida que poderia surgir seria: o que é cinematógrafo? O que é cinematografia?

No que diz respeito ao cinematógrafo, os dois autores se aproximam quanto às idéias. Em Bueno:

CINEMATÓGRAFO, s.m. Aparelho cronofotográfico, que permite projetar cenas animadas numa tela; cine; cinema.

Em Aurélio:

CINEMATÓGRAFO sm. Aparelho que reproduz numa tela o movimento, mediante uma seqüência de fotografias.

Mas, e cinematografia? Em Bueno:

⁵ O CINEMA. *Folha do Acre*, Rio Branco, 01 jul. 1920. Col. 4, p. 2.

⁶ BUENO, Francisco da Silveira. et al. *Dicionário escolar da língua portuguesa*. 11ª ed. Rio de Janeiro: FAE, 1994.

CINEMATOGRAFIA, s.f. Processo ou prática do cinematógrafo, arte do cinema.

Em Aurélio:

CINEMATOGRAFIA sf. Conjunto de métodos e processos para registros e projeção fotográfica de cenas animadas; cinema. **Cinematográfico** adj.

Será que as explicações acima nos dão uma idéia consistente do que é cinema? Para alguém que queira conhecer o que dizem os dicionários sobre o cinema e os termos que lhes são derivados, ele teria que, também, tomar nota de: cine, cineasta, cinegrafista, cinemascopo, cinemateca, cinemeiro, cinerama, cinematografar...

Mas para aqueles que, mesmo com as explicações acima, ainda não têm uma compreensão clara do que é cinema, não há problema. Esse é o caminho que qualquer pessoa poderia tomar para entender e, depois, se sentir um pouco frustrada.

O que fica demonstrado é que a idéia de cinema é um tanto diversa, variando de autor para autor. Nem os dicionários apresentam o que poderia ser uma definição mais positiva. Talvez isto sirva até como um alerta para se verificar como as palavras são definidas nesses compêndios.

Definir o cinema, assim como representar qualquer conceito é algo complexo. As coisas não devem se constituir em representações fechadas, pois o sentido das palavras mudam com o tempo e o espaço e, portanto, a idéia de cinema também.

Assim, podemos pensar o cinema de forma ampla. Ao abordar o tema *O que é cinema*, Jean-Claude Bernadet, revela que o cinema continua como uma mercadoria:

Depois do filme pronto e antes do espectador estar na sala e o filme na tela, um longo percurso deve ser cumprido: é necessário que o distribuidor se interesse pelo filme do produtor, que o exibidor se interesse pelo filme do distribuidor, que o espectador potencial se interesse pelo filme do exibidor. Antes de se tornar objeto de fruição (o espectador vendo o filme), o filme tem que percorrer todo o trajeto como mercadoria que deverá ter características que assegurem a série de operações necessárias até a compra do ingresso que possibilita o lucro.⁷

Vimos, então, a trajetória que o filme percorre e como ele se relaciona com os demais componentes. Mas só o filme não define cinema, ele é apenas um elemento do cinema, pois

⁷ BERNADET, Jean-Claude. *O que é cinema*. São Paulo: Brasiliense, 1981. p. 61.

este envolve toda uma cadeia que o faz repercutir, abrangendo também padrões culturais. O espectador não compra um filme, ele compra o direito de se sentar numa poltrona e assistir ao filme.⁸ É uma mercadoria abstrata. Talvez a questão seja que verbo utilizar antes da palavra cinema: ir ao cinema, fazer cinema etc. O que deve ficar entendido é que o cinema pode ser pensado de forma complexa e dizer que ir a um salão cinematográfico ou produzir um filme são componentes daquilo que chamamos de cinema. Continuando com Bernadet, ele analisa o cinema e sua ampla rede:

[...] um complexo ritual [...] e que envolve mil e um elementos diferentes, a começar pelo seu gosto para este tipo de espetáculo, a publicidade, as pessoas e firmas estrangeiras e nacionais que fazem e investem dinheiro em filmes, firmas distribuidoras que encaminham os filmes aos donos das salas e, finalmente, estes, os exibidores que os projetam para os espectadores que pagaram para sentar numa poltrona e ficar olhando as imagens na tela. Envolve também a censura, processos da adaptação do filme aos espectadores que não falam a língua original. Mas em geral não pensamos nesta complexa máquina internacional da indústria, do comércio e controle cinematográfico; para nós, cinema é apenas essa estória que vimos na tela, de que gostamos ou não, cujas brigas e lances amorosos nos emocionaram ou não.⁹

É pensando assim que podemos perceber este estudo como uma análise sobre o cinema, já que ele aborda seus diversos segmentos: o salão cinematográfico, o filme, o público etc.

⁸ idem.

⁹ ibidem. p. 9

1. Rio Branco: a construção de um cenário

No início da década de vinte, Rio Branco possuía aproximadamente 10.000 habitantes.¹⁰ Constituíam-se de uma pequena infra-estrutura, tendo como único meio de acesso a morosa via fluvial com uma durabilidade de quase 47 dias entre esta e a então capital federal, o Rio de Janeiro¹¹. As pessoas circulavam muito a pé, devido aos poucos meios de



transportes, sendo na sua maior parte de tração animal. Apenas em 1926 e 1927 surgiram os primeiros automóveis e bicicletas.¹² A cidade já contava com uma rede de energia elétrica,¹³ proveniente de uma precária usina a vapor que a abastecia.¹⁴ Não havia rede de esgoto ou águaencanada com fornecimento domiciliar.¹⁵ As ruas não tinham calçamento e a floresta lambia as

Embarcações no rio Acre: gaiolas e chatinhas – CDIH

casas e os barrancos.¹⁶ Nesse quadro, o rio tornava-se parte importante da vida dos cidadãos. No período de cheia fazia das *gaiolas* e *chatinhas*¹⁷ o lazer e o ponto de encontro com o restante do país.¹⁸ A cidade dividia-se em duas partes pelo rio Acre, como demonstra o mapa a seguir. A margem esquerda se chamava *Penápolis* como podemos visualizar na figura, destacando-se o prédio do Mercado Municipal e escadaria do porto, cercada por pequenas embarcações. Já a margem direita, *Empreza* (ex-seringal Volta da Empreza, fundado por Neutel Maia), alcançou um maior desenvolvimento, principalmente, a partir de 1903 com a instalação do 15º Batalhão de Infantaria, que daria nome ao bairro *Quinze*. Em virtude disso, houve o desenvolvimento de grande número de *bodegas*¹⁹,

¹⁰ INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA. *Sinopse Estatística do Território*, n.1., República dos Estados Unidos do Brasil – Território do Acre (Separata, com acréscimo do anuário estatístico do Brasil, v. 2 – 1936), p. 15

¹¹ CARNEIRO, Hugo Ribeiro. *Relatório apresentado ao Ministro da Justiça e Negócios Interiores Exmo. Augusto de Vianna do Castello, (1928-1929)*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1930. p.16

¹² SINOPSE Estatística do Território, op. cit., p. 23

¹³ idem.

¹⁴ A LUZ continua péssima. *Folha do Acre*, Rio Branco, 11 jan. 1923. Col. 5 e 6, p. 2.

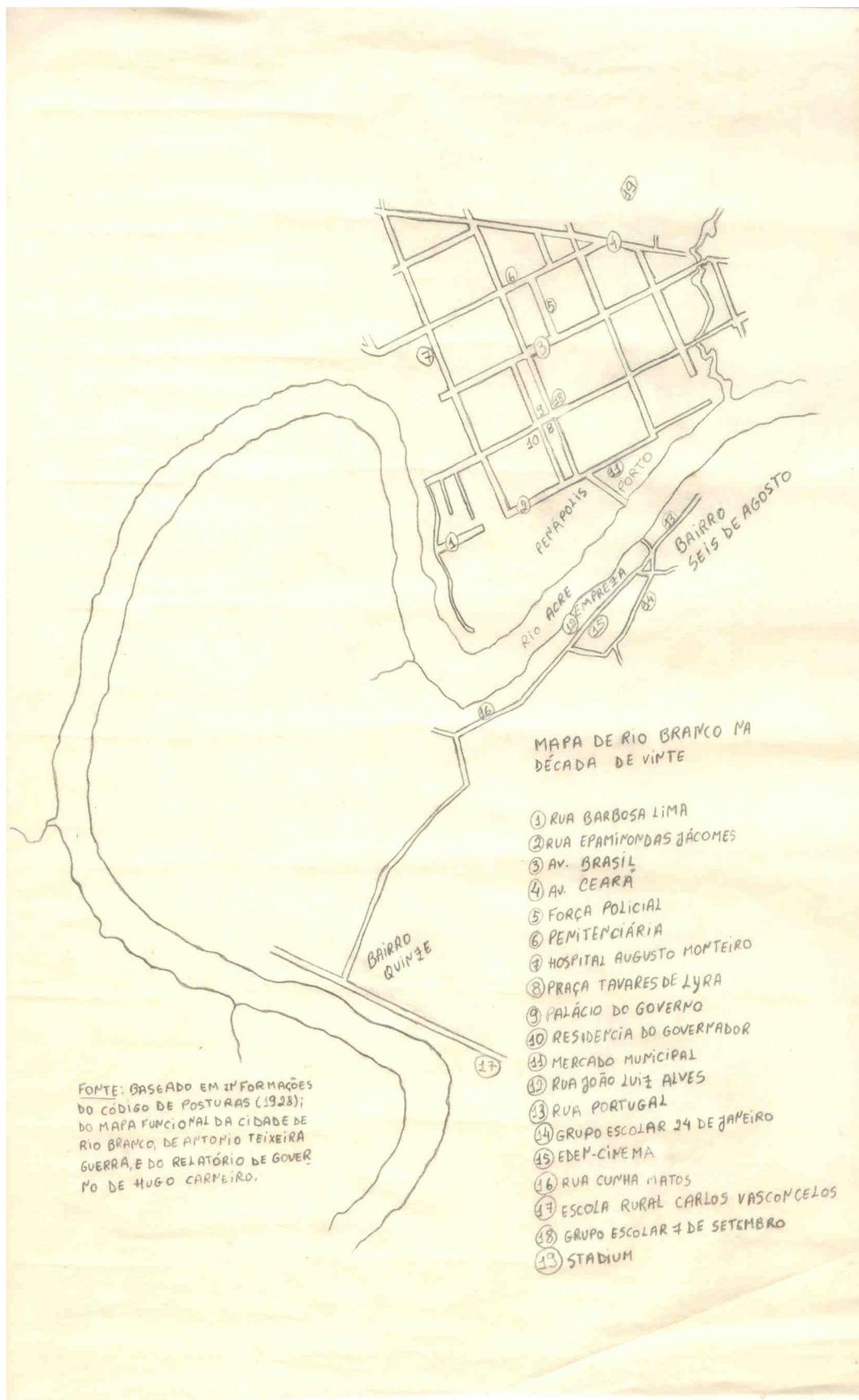
¹⁵ SINOPSE Estatística do Território, op. cit., p. 23

¹⁶ BEZERRA, Maria José. et al. (coord.). *Cidade de Rio Branco – a marca de um tempo: história, povo e cultura*. Rio Branco: Globo, 1993, p. 45

¹⁷ Embarcações que percorriam os rios.

¹⁸ ibidem, p. 45.

¹⁹ GUERRA, Antonio Teixeira. *Estudo Geográfico do Território do Acre*. Rio de Janeiro: IBGE, 1955, p.88



localizando-se aí o centro comercial.²⁰ A presença do Batalhão de Infantaria se devia aos conflitos entre o Brasil e a Bolívia para garantir a posse da região em 1902, promovendo, assim, a ocupação militar brasileira no Acre. O evento ficou conhecido como *Revolução Acreana* e as tropas ficaram de prontidão no território ocupado, enquanto não se concluíam as negociações no Rio de Janeiro sobre a área em litígio.²¹



Porto: destacando-se as escadarias e o Mercado Municipal – CDIH

É necessário ressaltar que a divisão da cidade em Penápolis e Empreza só foi efetivada a partir de 1909, quando o então prefeito *Gabino Besouro* apossou-se da margem esquerda do seringal Empreza. Fundou a vila Penápolis, dividindo as terras em lotes e fazendo o *arruamento da futura cidade*.²²

Apesar de seu relativo desenvolvimento, Empreza estava mais propícia às constantes enchentes que o rio ocasionava no inverno amazônico,²³ por ser esta margem mais baixa. Isso fez com que em Penápolis (uma homenagem ao presidente Afonso Pena), mais alta e não sujeita às inundações, fossem instalados os principais órgãos oficiais do *Território Federal do Acre*,²⁴ além de ser um bairro residencial, onde as famílias de maior poder econômico se instalaram.²⁵ Assim, o banco, o mercado municipal, órgãos de comunicação, o estádio, o hospital, os centros administrativos foram ali estabelecidos, induzindo a sua maior expansão em detrimento da outra margem. Contudo, durante muito tempo, houve uma grande resistência dos comerciantes da margem direita que permaneceram no local até a década de 50, tornando insignificante o comércio à esquerda, em Penápolis.²⁶

Na margem direita, Empreza, a cidade teve um crescimento ao longo do rio Acre, com suas ruas de traçado irregular, constituídas de casas de madeira cobertas de palmeira, zinco e

²⁰ BEZERRA, Maria José. et al. (coord.). *Cidade de Rio Branco – a marca de um tempo: história, povo e cultura*. Rio Branco: Globo, 1993, p.37

²¹ FERREIRA, Jurandir Pires. *Enciclopédia dos Municípios Brasileiros*. Rio de Janeiro: IBGE, 1957. v. 19. p. 65.

²² GUERRA, op. cit., p. 87.

²³ Pelo fato de nosso verão ser chuvoso e o inverno seco, convencionou-se inverter as estações: o verão passou a ser chamado de inverno e o inverno de verão.

²⁴ BEZERRA, op. cit., p. 30-31

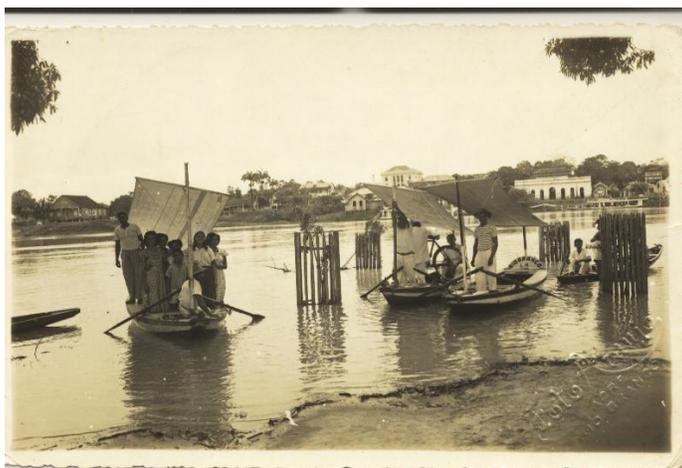
²⁵ GUERRA, op. cit., p. 95.

²⁶ BEZERRA, op. cit., p.31

cavaco.²⁷ As ligações entre os bairros Empreza e Penápolis, se faziam por pequenos barcos, chamados de *catraias*, que funcionavam, e ainda funcionam, apesar das duas pontes que ligam as suas margens hoje, durante todo o dia e parte da noite.²⁸ Na figura, observa-se catraias lotadas conduzidas por *catraieiros* no período de enchente. Essa atividade se torna perigosa durante o inverno amazônico devido aos constantes pedaços de galhos e árvores inteiras (chamados *balseiros*) que o rio arrasta de suas margens, juntamente com o fenômeno de desbarrancamento. Ao fundo, destaca-se o prédio do Mercado Municipal, em Penápolis.

Percebe-se pela sua planta, no mapa anteriormente demonstrado, dois aspectos de uma mesma cidade: enquanto a região do bairro Empreza tinha um traçado irregular, Penápolis possuía um traçado urbano realizado por uma ocupação mais ordenada.²⁹

No início da década de vinte, existiam apenas duas construções inacabadas em



alvenaria: a cadeia pública e um pavilhão do Hospital Augusto Monteiro.³⁰ Segundo a historiadora Maria José Bezerra, até a década de vinte as construções em alvenaria são raras, uma vez que os pioneiros utilizavam a madeira, abundante na região, ao invés de materiais de construção como tijolos, telhas, cimento, que tinham

de ser adquiridos em Manaus e Belém

Catraias no período de cheia – CDIH

e por isso possuíam altos preços.³¹

A partir do governo de Hugo Carneiro (1927-1930), essa tradição, de uma certa maneira, começou a ser modificada, pois, como ele mesmo afirmava:

[...] acabei com o processo rotineiro das construções de madeira, de má aparência e pouca duração, pondo em movimento, subvencionando ou custeando administrativamente, olarias, serrarias e oficinas mecânicas, mantidas para effectivo levantamento de obras permanentes de alvenaria.³²

²⁷ BEZERRA, op. cit., p.31

²⁸ GUERRA, op. cit., p. 102

²⁹ ibidem, p. 81.

³⁰ CARNEIRO, op. cit., p. 68.

³¹ BEZERRA, op. cit., p.31

³² CARNEIRO, op. cit., p. 29.

Empreza (centro comercial de Rio Branco) praticava quase todo comércio no varejo e atacado, sendo este último dirigido, na sua maior parte, para o abastecimento dos seringais,



enquanto o primeiro voltava-se para os habitantes da cidade.³³ Ao lado, vemos a rua principal do centro comercial que margeava o rio, destacando-se embarcações atracadas para o embarque e desembarque de mercadorias ou passageiros.

As casas comerciais pertenciam, principalmente, a sírios, libaneses e portugueses, além de brasileiros. Devido ao

Empreza: centro comercial – CDIH

sistema de aviamento (*aviar*: fornecer mercadoria a alguém, a crédito), essas casas eram abastecidas pelos centros de Manaus e Belém, para onde se escoava a produção de borracha e castanha. Entre elas destacavam-se a Casa Assmar, Casa Araripe, O Ganha Pouco etc.³⁴

No que se refere ao lazer, os moradores de Rio Branco freqüentavam a *praça* aos domingos e feriados, animada ao som da banda de música da Força Policial, havendo também o Hotel Madrid, onde funcionava uma sorveteria e o jogo de bilhar. A igreja estava presente através dos arraiais que aconteciam, principalmente, em dias santificados. As rezas e novenas que se realizavam, geralmente, no mês de maio, eram motivo de comemoração. Havia outros divertimentos como as casas de prostituição, sendo a mais famosa a do italiano Chicarelli, que se localizava no bairro *Seis de Agosto*.³⁵

Quem estava acostumado à paisagem urbana dos grandes centros, com seus prédios e ruas planejadas, estranhava e achava desolador o aspecto de Rio Branco. Isso pode ser sentido no discurso do governador Hugo Carneiro, ao assumir o Território Federal do Acre, indicado pelo governo federal:

No discurso proferido pelo meu antecessor, ao me passar, em 15 de junho de 1927, o exercício do cargo de Governador do Território, uma frase feliz definiu com exatidão precisa o estado do progresso material do Acre.

³³ BEZERRA, op. cit., p.37

³⁴ ibidem, p. 37-38

³⁵ ibidem, p. 43-45

No Acre, dizia o 1º vice-governador, então em exercício, tudo está por fazer: esta casa [referia-se ao palácio do governo], reflecte o lastimável estado em que se encontra todo o Território’.

Dura verdade!³⁶



Posse de Hugo Carneiro – Museu da Borracha

sofriam uma séria crise:

No governo de Hugo Carneiro, a cidade passa por um período de transformação, quando a idéia de progresso é discutida e onde se tenta implantá-la. A princípio, para o governador, a visão da máquina administrativa não era das melhores. As dificuldades do distante Acre se faziam visíveis, uma vez que as instituições públicas

Havia ausência absoluta do material mais elementar, desde a ferramenta, que desaparecera criminosamente, desviada, ou que apenas existira em phantasticas facturas, ao tijolo rudimentar, de cujo fabrico, industrialmente falando, se não cogitara, mandando-se vir pendulariamente das praças de Manáos e Belém, ou ainda a mais simples taboa. Julgada impraticável por sua onerosa manufactura, embora a vizinhança seductora das mais preciosas madeiras de lei, de que as nossas florestas se podem orgulhar e máo grado o thesouro de custosas serrarias pertencentes ao patrimônio da União, aqui abandonadas à corrosiva acção do tempo.³⁷

O estado de crise sentido no Acre se explica pela queda na produção de seu principal produto: a borracha. Isso aconteceu devido à concorrência com os seringais de cultivo do Oriente,³⁸ que ultrapassaram a produção amazônica a partir da década de dez. Sobre este assunto, Antonio Teixeira Guerra cita o *Relatório de 1951 do Banco de Crédito da Amazônia S. A.*, que nos revela:

³⁶ CARNEIRO, op. cit., p. 66.

³⁷ ibidem, p. 68

³⁸ Principalmente os seringais da Malásia.

Desde 1910 a Amazônia compreende e clama em congressos, conferências e planos [...], mas tudo isso serviu apenas para literatura repetida e locupletação burocrática. Enquanto isso, a Planície, 'habitat' da hévea, via anulado o seu secular privilégio de extração e comércio da borracha por diversas regiões estrangeiras, com sementes nossas e práticas suas de crescente aperfeiçoamento de cultura da goma elástica. (p. 41)³⁹

Para explicar melhor esse acontecimento, é importante esclarecermos a forma de ocupação da região. Sua população na época é predominantemente constituída por nordestinos, que adentraram as terras bolivianas em busca da extração de borracha no final do século XIX.⁴⁰ O que era uma simples *droga do sertão* nos séculos XVIII e início do XIX passou a integrar e a configurar a paisagem econômica e social da maior parte da Amazônia.⁴¹ Essa ocupação é descrita por Arthur César Ferreira Reis:

[...] o povoamento da Amazônia não se processou dentro de um planejamento como sucedeu com a colonização do sul onde os estabelecimentos montados para receber os contingentes europeus foram selecionados, os grupos foram localizados sob a garantia e as atenções oficiais. Na Amazônia os nordestinos chegaram para uma empresa que se caracterizava pelo aventureirismo. Eles significam mão-de-obra necessária de colonização visando demográfica e politicamente o futuro.⁴²

Apesar das discordâncias numéricas entre os diversos autores (Ferreira Reis, Celso Furtado, Roberto Santos, C. Wagley etc.) que estudam a questão ocupacional da Amazônia e do Acre no final do século XIX e início do XX, existe um consenso de que houve um grande fluxo migratório para esta região. Entre 1920 e 1940 notou-se uma desaceleração, ocasionada pelo freamento parcial da atividade extrativa da borracha, tendo o acréscimo populacional não indo além de 0,2%.⁴³

A borracha tornou-se um dos principais produtos de geração de riqueza, exercendo uma *fascinação quase mítica sobre milhares de brasileiros ou alienígenas que para cá demandaram*⁴³. Esse período trouxe para a Amazônia uma maior expressão política, cultural e

³⁹ GUERRA, op. cit., p. 188.

⁴⁰ idem.

⁴¹ MARTINELLO, Pedro. Formação e expansão da empresa gumífera e importância da borracha amazônica na segunda guerra mundial. In: SOUZA, Carlos Alberto Alves de. (org.). *15 textos de história da Amazônia*. Rio Branco: UFAC/Pró-Reitoria de Assuntos Comunitários, 1995. p. 139

⁴² REIS apud Martinello, p. 156.

⁴³ MARTINELLO, op. cit., p. 139

sócio-econômica, propiciando novas condições materiais e de vida até então não experimentadas na região.⁴⁴

Mas é na década de vinte que Rio Branco passa a ter uma significativa importância em relação às demais cidades do território acreano. No ano de 1920 é extinta a administração departamental, ou *regimen prefetural*, isto é, no Território do Acre, que antes era dividido em departamentos (Alto Acre, Alto Juruá, Alto Tarauacá e Alto Purus) e administrado cada um por um respectivo prefeito, indicado pelo presidente da República e geralmente proveniente de outros Estados, é instituído um governo centralizado e com uma capital: *Rio Branco*.⁴⁵

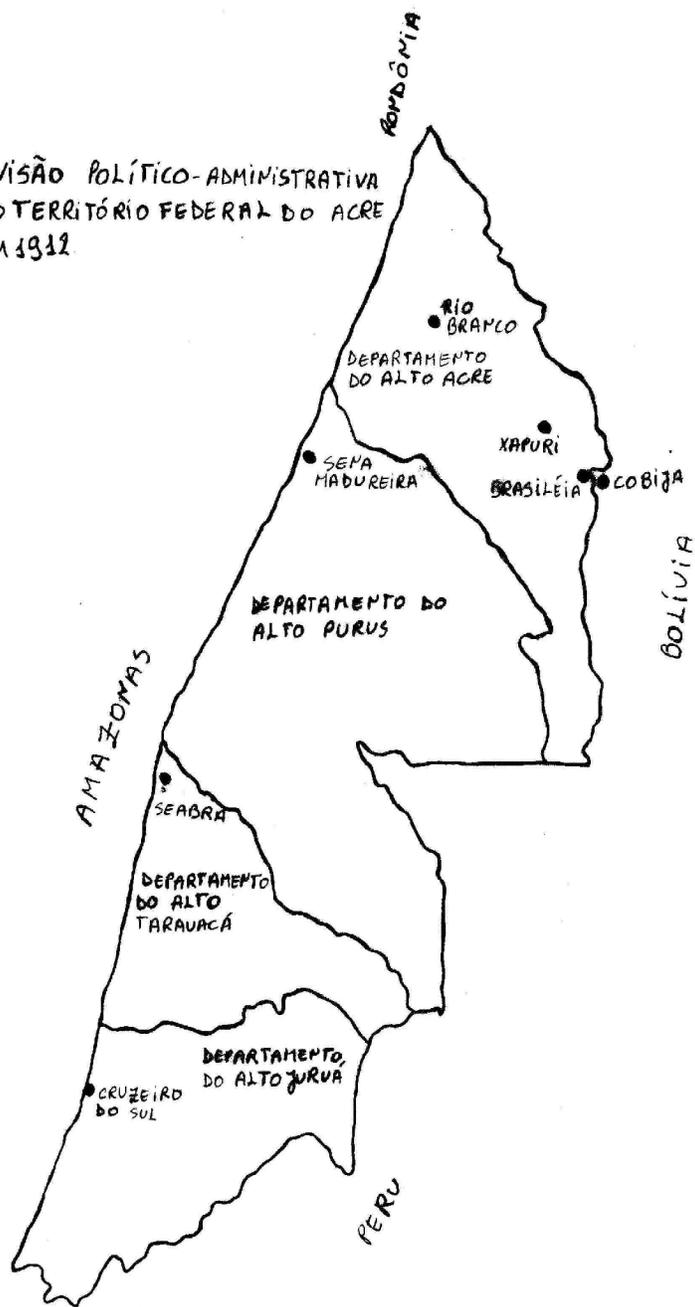
No final da década de vinte, no governo de Hugo Carneiro, a cidade vai adotar novas idéias no que diz respeito à sua forma de organização. As concepções de uma cidade ordenada e higiênica tomam enlevo, modificando o espaço urbano e, em alguns aspectos, o comportamento dos cidadãos. O cinema, dentro desse contexto, está situado como elemento importante na constituição de novos hábitos e costumes, num espaço urbano em constante transformação, reconstruindo novas práticas sociais.

É nesse quadro de mudanças que se insere o cinema em Rio Branco na década de vinte, criando novas maneiras de viver o cotidiano das cidades, propiciando novas relações sociais. Além do hábito de ir a festas e praças, criou-se o hábito de ir ao cinema, no intuito de conhecer coisas novas e emocionantes. O cinema terá uma grande importância no cotidiano da maior parte dos moradores e será uma atração de grande relevância nos momentos de destaque da cidade.

⁴⁴ idem.

⁴⁵ BEZERRA, Maria José. (coord.). *Dossiê – Acervo: Guiomard Santos (Acre) – Elevação do Acre à Estado*. Rio Branco: Gráfica Globo, 1992. p. 35

DIVISÃO POLÍTICO-ADMINISTRATIVA
DO TERRITÓRIO FEDERAL DO ACRE
EM 1912



FONTE: SOUZA, CARLOS A. ALVES DE. HISTÓRIA DO ACRE. RIO BRANCO: PAIM, 1993. 103p.

1.3 O surgimento do Eden-Cinema

O cinema, desde o final do século XIX, fez-se presente não só nos grandes centros do Brasil, mas também no Norte, na Amazônia. Segundo Selda Vale da Costa, o período áureo da extração da borracha (1880-1910) criou os mecanismos necessários para a transformação não só de Manaus, capital do Amazonas, como conseguiu penetrar nos recantos mais remotos do interior da Amazônia brasileira e estrangeira.⁴⁶

A implantação e exploração constante de seringais,⁴⁷ a ida cada vez mais abundante de mão-de-obra nordestina, a intensificação da navegação fluvial, o surgimento de vilas e centros comerciais nas margens dos rios dão uma dimensão do período de expansão da borracha.⁴⁸ Manaus, juntamente com Belém, torna-se o grande centro irradiador dessa região. É nesse cenário que o cinema chega a Manaus, por meio de *empresários ambulantes* brasileiros ou estrangeiros que se deslocavam de cidade em cidade com seus aparelhos e filmes.

Em Manaus, a crise da borracha e a diminuição de sua produção, ao invés de retraindo o ritmo dos divertimentos, parece tê-los estimulados. Tanto a elite como as camadas populares continuaram a freqüentar o cinema, deixando de lado outras formas de lazer como o teatro e a música lírica. O cinema alimentava as ilusões nas salas escuras com documentários, comédias, seriados de aventuras, policiais e filmes históricos.

No Acre, na cidade de Rio Branco, segundo Mauricélia B. A. de Sousa, o cinema chega no início da década de dez, por volta de 1912, através de empresários ambulantes.⁴⁹ Operado por estrangeiros, alugavam salas ou eram contratados por comerciantes para passar suas *vistas animadas* ao ar livre para a população.⁵⁰ Em 1912, chega o *Cinema Elo de Ouro*, da empresa *Oliveira & Irmãos*; em 1913, o *Cinema Olympia* e em 1916 o *Polytheama*.⁵¹

É nesse período, segundo a autora, que se instalam os primeiros salões cinematográficos. Em 1916, é inaugurado o *Ideal Cinema* e, um ano depois, o *Cinema Olympia*.⁵² Mas esses salões tiveram pouca durabilidade, fechando no início da década de

⁴⁶ COSTA, Selda V. da. *Eldorado das ilusões, cinema e sociedade: Manaus (1897/1935)*. 1988. 412f. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. f.51

⁴⁷ *Seringal*: eram geralmente instalados nas margens dos rios nas partes mais altas para se evitar as constantes enchentes. Propriedade do *seringalista* era formada pelo *barracão* (sede do seringal) e pelas várias *colocações de seringa* (local onde mora o *seringueiro*, extrator do látex da seringueira, leite em que se faz a borracha). As colocações são compostas por várias *estradas de seringa*, exploradas pelo seringueiro.

⁴⁸ COSTA, op. cit. f.51

⁴⁹ SOUSA, Mauricélia Barrozo Alves de. et al. *Os primórdios do cinema em Rio Branco: 1912-1930*. 1988. 48f. Monografia (Graduação) – Departamento de História, Universidade Federal do Acre, Rio Branco, f. 12

⁵⁰ idem.

⁵¹ idem.

⁵² idem.

vinte.⁵³ Nessa época, tem-se notícia, apenas, de dois filmes que foram projetados: *Os Quatro Diabos*, da produtora Pathé Frères, e *Herança de Ódio*.⁵⁴

A cidade de Rio Branco, no início da década de vinte, contava com apenas um único cinema em funcionamento, publicando periodicamente sua programação no jornal *Folha do Acre*. O Ideal Cinema, em março de 1920, projetou apenas um filme, *O Rei dos Salteadores*, tendo a perspectiva de ser apresentado ao final daquele mês *As Aventuras de um Jornalista*, em seis partes.⁵⁵ Segundo Mauricélia B. A. de Sousa,⁵⁶ o Ideal Cinema foi a primeira casa exibidora de filmes a instalar-se em Rio Branco, pertencendo aos empresários *Ligeiro & Makiner*. Possuía um salão de exibição e uma sala de espera, onde estavam instalados, respectivamente, quatro e dois ventiladores.⁵⁷

O jornal *Folha do Acre* registra que o público, na década de vinte, estava um pouco afastado das sessões cinematográficas, não só *por falta de novidades*⁵⁸, mas também *pela falta de cortesia que a cada dia, ia se patenteando por parte dos freqüentadores para com as famílias e pessoas de destaque que o freqüentavam*.⁵⁹

Antes de o filme *As Aventuras de um Jornalista* ser exibido, o Ideal Cinema é vendido para a firma *Leonel & Cia.*, constituída por Leonel Vinagre, Alfredo Mendes e Domingos Mirão, denominando-se *Eden-Cinema*.⁶⁰ Não foi possível precisar a quem pertencia o Ideal Cinema, pois o Imposto de Indústria e Profissão cobrado pela Intendência Municipal de Rio Branco revelava o nome de José de Abreu, o responsável pelo *cinematographo*.⁶¹ Mas a escrita de José Maia, ao abordar sobre o cinema, apresenta um outro nome: *eu de mim já não sou o mesmo doutrora que ferrava o somno logo na primeira projecção das velharias que nos deixou o Carlos Norberto*.⁶²

O Eden-Cinema propunha ser um espaço de variados tipos de diversão, não só o filme como fonte de espetáculo, mas também apresentações teatrais, recitais de canto e poesia, reuniões de interesse do público, festas carnavalescas, como fica explícito no artigo de sua apresentação ao público:

Os srs. Leonel & Cia. segundo nos informou um dos sócios pretendem dotar o Eden de toda a sorte de diversões, tendo já entrado em negociações, para a realização de um

⁵³ idem.

⁵⁴ ibidem, f. 14

⁵⁵ NA TELA e nos salões. *Folha do Acre*, Rio Branco, 20 mar. 1920. Col. 3, p.2.

⁵⁶ Souza, op. cit., f. 13

⁵⁷ ibidem, f. 14

⁵⁸ NA TELA e nos salões. *Folha do Acre*, Rio Branco, 03 abr. 1920. Col. 6, p. 2.

⁵⁹ idem.

⁶⁰ idem.

⁶¹ INTENDENCIA Municipal de Rio Branco. *O Futuro*, Rio Branco, 04 abr. 1920. Col. 4 e 5, p. 3.

⁶² MAIA, José. O cinema. *Folha do Acre*, Rio Branco, 22 jul. 1920. Col. 1, p. 3.

contracto que lhes garante a recepção aqui, das mais modernas e importantes produções cinematographicas.⁶³

Constituir o Eden-Cinema como espaço de múltiplas atividades não era uma característica exclusivamente sua. O espaço do Ideal Cinema também era diverso, uma vez que a cidade era carente de lugares para grandes reuniões. O Ideal, como o Eden, foi utilizado para comemorações de datas cívicas, como nos revela um artigo do periódico *A Notícia* sobre os festejos do dia 13 de maio, quando se comemora o fim da escravidão no Brasil:

A' noite, houve no Ideal Cinema espetáculos de gala, com a presença de s. exmo. O Sr. Dr. Prefeito do Departamento, Dezembargadores do Tribunal de Appellação, representantes da Justiça Federal e local, Intendentes de Rio Branco e Xapury, innumeradas famílias e muitas pessoas gradas, além de grande affluencia de povo.⁶⁴

No final do artigo, um dado importante nos chama a atenção: uma *representação* naquele evento, deixando o detalhamento para a *crônica theatral* do jornal. A crônica não foi encontrada, mas esta pequena referência já nos dá margem para perceber que o Ideal também era um espaço de apresentações teatrais e comemorações cívicas, não sendo uma exclusividade do Eden.

No início do século vinte, tornam-se comuns salões cinematográficos adotarem a prática de espetáculos variados, não tendo o sentido que temos hoje.⁶⁵ Reunia várias modalidades de atrações derivadas de formas populares de cultura como o circo, o carnaval, a magia.⁶⁶

As salas de exibição dedicadas exclusivamente à difusão de filmes é um fenômeno mais recente. Durante certo tempo, os filmes foram exibidos como curiosidades ou peças de entreto nos intervalos de apresentações ao vivo [...]. O cinema era então uma das atrações entre as outras tantas oferecidas [...], [mas nem sempre a exclusiva ou a principal].⁶⁷

Constituir o Éden como um espaço de múltiplas atividades era também uma forma de atrair o público, visando o sucesso de um empreendimento. O seu espaço foi utilizado como um local onde as pessoas se encontravam para realizar reuniões de clubes, partidos políticos,

⁶³ KONDE. Na tela e nos salões. *Folha do Acre*, Rio Branco, 3 abr. 1920. Col. 6, p. 2.

⁶⁴ AS FESTAS do dia 13. *A Notícia*, Rio Branco, 19 maio 1918. Col. 2, p. 2.

⁶⁵ MACHADO, Arlindo. *Pré-cinemas & pós-cinemas*. Campinas, SP: Papirus, 1997, p. 78

⁶⁶ idem.

⁶⁷ ibidem, p. 78.

uma vez que a cidade não dispunha de espaços como auditórios, teatros e outros ambientes públicos.

A direção geral do Éden estava sob a responsabilidade de Alfredo Mendes, apreciador das *belas-artes*, dentre elas o teatro, a poesia e a pintura.⁶⁸ Ele sentia a necessidade de instituir na cidade um espaço para desenvolver algumas dessas atividades. Além disso, era comerciante, proprietário da loja *A Moda* e colaborador do jornal *Folha do Acre*,⁶⁹ não sendo por mero acaso que esse periódico desse maior ênfase ao cinema em suas colunas. A parte técnica do salão estava a cargo de *José Ferrante*, o antigo operador do Ideal Cinema e que continuava a manipular a máquina projetora.⁷⁰

Nessa época o Eden situava-se à rua João Luís Alves,⁷¹ n.º 79,⁷² em Empreza (como se pode ver na figura a seguir), atual Eduardo Assmar, 2º Distrito, às margens do rio Acre, em



pleno centro comercial da cidade.

O salão foi construído todo em madeira, como a grande maioria das casas da cidade no início da década de vinte, tendo, posteriormente, adquirido uma fachada em alvenaria, não se podendo precisar quando, mas até hoje possui este aspecto.

Empreza: Rua João Luiz Alves - CDIH

⁶⁸ KONDE. Na tela e nos salões. *Folha do Acre*, Rio Branco, 3 abr. 1920. col. 6, p. 2.

⁶⁹ FOLHA do Acre, Rio Branco, 16 set. 1920. Col. 2, p.3.

⁷⁰ KONDE, Na tela e nos salões. *Folha do Acre*, Rio Branco, 3 abr. 1920. col. 6, p. 2.

⁷¹ INTENDENCIA Municipal de Rio Branco. *Jornal Oficial*, Rio Branco, 15 fev. 1925. p. 3.

⁷² INTENDENCIA Municipal de Rio Branco. *O Acre*, Rio Branco, 23 fev. 1930. col. 1-4, p. 7.

2. NO ÉCRAN DO EDEN-CINEMA

2.1 O longo percurso do filme para a tela

Os caminhos que os filmes percorriam para a tela do Eden eram vários. Quando a firma Leonel & Cia. assumiu sua administração, teve que ir buscar na vizinha cidade de Cobija, na Bolívia as suas fitas.⁷³

Seguiu para Cobija⁷⁴, Bolívia, com o fim de adquirir films que serão focados no écran do Eden, o nosso amigo Sr. Alfredo Mendes, co proprietário d'A Moda e gerente da empresa proprietária do Éden⁷⁵

Nessa época os proprietários alugavam os seus filmes, já que não existiam agências responsáveis pela sua distribuição no Território. Além da Bolívia, as cidades de Belém e Rio de Janeiro também se caracterizavam como um lugar onde se podia adquirir filmes, cujo transporte dava-se por via fluvial em embarcações denominadas *chatas*.⁷⁶

O proprietário do “Eden-Cinema”, Sr. Leonel Vinagre, actualmente em Belém do Pará, acaba de communicar ao seu representante nesta cidade, haver adquirido vários films de grande metragem, alguns dos quaes já se acham em viagem para esta capital. Dentre elles destacam-se os intitulos – Invenção Fatal, em 5 longas partes, e Abandono Desesperado, em 6, que são verdadeiras obras de arte da cinematographia moderna.⁷⁷

A pedidos de todos os habitués do “Eden”, resolveu a empreza levar domingo o film policial – Condemnado da Guyana – em 6 partes e lances arrebatadores, pela primeira vez, por devolve-lo para o Rio.⁷⁸

Devido ao crescente interesse do público em relação aos filmes, o mercado de distribuição instalou-se. Não tarda para que a firma Leonel & Cia. procure entrar nesse negócio, desejo revelado desde o surgimento do Eden-Cinema, como nos dá a entender o artigo de sua criação:

⁷³ KONDE, Na tela e nos salões, *Folha do Acre*, Rio Branco, 10 de abr. de 1920, p.3, col. 1.

⁷⁴ Cidade boliviana que faz fronteira com a cidade acreana de Brasiléia.

⁷⁵ KONDE, Na tela e nos salões, *Folha do Acre*, Rio Branco, 10 de abr. de 1920, p.3, col. 1.

⁷⁶ O CINEMA, *Folha do Acre*, Rio Branco, 9 de dez. de 1920, p. 3, col. 3.

⁷⁷ *Correio do Acre*, Rio Branco, 20 de jan. de 1924, p. 1, col. 6.

⁷⁸ O CINEMA, *Folha do Acre*, Rio Branco, 25 de nov. de 1920, p. 3, col. 6.

Os srs. Leonel & Cia. segundo nos informou um dos socios pretendem (...) [realizar] um contracto que lhes garante a recepção aqui, das mais modernas e importantes producções cinematographicas.⁷⁹

Mas só depois de algum tempo, quando o Éden é transferido para a firma *Moleiro & Esteves*, em 1925, é que Leonel Vinagre abre uma agência distribuidora que mandava buscar filmes em Portugal, via Pernambuco:⁸⁰

Agencia Cinematographica

O Sr. agente Leonel Vinagre, já recebeu de Pernambuco o grande stock de films cinematographicos que estavam esperando. Agora está habilitado a alugar-os mediante contracto, com o respectivo deposito, para as cidades do Territorio Nacional e da visinha Bolivia.⁸¹

O setor de distribuição começa a atrair concorrentes, sendo isso percebido com o surgimento de dois personagens: Carlos Lopes e o coronel Raymundo Vieira de Lima. Em relação ao último, não encontramos muitas informações, apenas uma nota no periódico anunciando que trouxera filmes para Rio Branco.⁸² Quanto ao primeiro, era representante da Empresa *Invicta-Film*, firma da cidade do Porto (Portugal), e fez bons negócios com aluguel de filmes.⁸³

Disse-nos o sr. Lopes que estreará, quinta-feira, 31, com a primeira época do magnífico film portuguez – Os Fidalgos da Casa Mourisca, adaptação cinematographica do festejado romance de Julio Diniz.

Na sexta-feira, 1º de janeiro, será exhibida a 2ª e ultima época deste importante film. No dia 2 será apresentada a alta comedia portugueza – ‘Um Conselheiro Farrista’ em 5 longas partes e no domingo, 3, a fina comedia, tambem portugueza, ‘Quando o Amor Fala.

⁷⁹ KONDE, Na tela e nos salões, *Folha do Acre*, Rio Branco, 03 de abr. de 1920, p. 2, col. 6.

⁸⁰ Agencia Cinematographica, *Folha do Acre*, Rio Branco, 09 de maio de 1926, p.3, col. 1

⁸¹ *FOLHA do Acre*, Rio Branco, 22 de ago. de 1926, p. 4, col. 6.

⁸² EDEN-CINEMA, *Jornal Oficial*, Rio Branco, 24 de jan. de 1926, p.1, col. 3.

⁸³ EDEN-CINEMA, *Jornal Oficial*, Rio Branco, 27 de dez. de 1925, p. 1, col. 4.

2.2 No écran

Os filmes veiculados na tela do Eden-Cinema são os mais diversos. Produzidos em diferentes países (Alemanha, França, Itália, Suécia, Portugal e Estados Unidos) e de diferentes gêneros (faroeste, drama, cômicos, românticos, policiais), mostram que o Eden investe em uma cinematografia variada.

O filme mudo de longa-metragem surge a partir de 1912 e é uma arte de entretenimento de massa.⁸⁴ Os filmes, exibidos nos cinemas e em outras casas de espetáculos, mostram que apenas um número muito pequeno deles eram produzidos e não tinham a esperança de lucro desejado pelos produtores. A exemplo disso, no mercado americano, era produzida uma média de dois filmes ao dia no final das décadas de dez e de vinte.⁸⁵ Isso tornou o cinema uma arte especial entre as outras manifestações artísticas (literatura, pintura, escultura, artes gráficas, música, dança teatro), já que os outros artistas colocavam a sua obra à venda ou a expunham com a esperança de obter lucro ou de não perder o dinheiro empregado.⁸⁶

O filme mudo, por ser um entretenimento de massa com a possibilidade de grandes retornos lucrativos, diferenciava-se das outras artes devido a sua forma de reprodutibilidade. Os filmes veiculados no Eden-Cinema em Rio Branco são exatamente aqueles apresentados em outras partes do mundo. Sobre essa questão, Walter Benjamin nos revela que, na sua essência, toda obra de arte sempre foi reprodutível, o que os homens faziam sempre podia ser imitado por discípulos, mestres ou por terceiros para a difusão de suas obras. É só pensarmos nos estilos que marcaram as obras de arte de alguns períodos na história da humanidade.⁸⁷

A reprodução técnica, na qual se insere o cinema, é um processo novo que liberou a mão das responsabilidades artísticas mais importantes, cabendo agora ao olho.⁸⁸ Há um distanciamento do domínio da tradição, já que o objeto reproduzido, à medida que vem ao encontro do espectador, resulta num abalo dessa tradição, pois a reprodutibilidade técnica se relaciona diretamente com as massas.⁸⁹ A necessidade de as coisas ficarem mais próximas é

⁸⁴ SKLAR, Robert. Os filmes mudos e a vida apaixonada. In: História social de cinema americano. SP: Editora Cultrix, 1978, p. 106.

⁸⁵ *ibidem*, p. 107.

⁸⁶ *idem*.

⁸⁷ BENJAMIN, Walter. A obra de arte na sua reprodutibilidade técnica. In: Obras escolhidas. SP: Brasiliense, 1994, p. 165.

⁸⁸ *ibidem*, p. 167

⁸⁹ *idem*.

uma preocupação das massas modernas, como a superação do caráter único por meio da reprodutibilidade.⁹⁰

Portanto, o cinema, como uma arte liberta da idéia de tradição, torna-se mais acessível, uma vez que a obra está ao alcance do espectador, e é na relação com esse espectador que essa obra tem o seu fim. É pensando nessa acessibilidade que o cinema se torna uma arte vista em várias partes do mundo, nos recantos inimagináveis, desde grandes aglomerados urbanos na Europa, até pequenas cidades localizadas no meio da Amazônia, como em Rio Branco.

Assim, o primeiro filme a ser apresentado no *écran* (que significa *tela*, em francês) do Eden-Cinema foi a reprise da fita dinamarquesa *A Princesa de Spinarosa*, tendo como protagonista Ritta Sachets, *a mulher dos olhos sedutores*.⁹¹ Apesar de o filme já ser conhecido, um grande público compareceu à sua reapresentação e *o salão do Eden, regorgitou de espectadores notando-se entre esses, representantes das mais altas camadas sociais e algumas famílias*.⁹² Para atrair o público que estava um pouco ausente das sessões, houve a distribuição gratuita do *affamados cigarros Therezita*.⁹³

A diversidade de filmes de diferentes nacionalidades, principalmente europeus e norte-americanos, é uma característica dos primeiros anos do cinema. Na década de vinte, houve uma predominância do cinema norte-americano sentida desde 1915, quando começou a prevalecer no mercado nacional com maior força, substituindo a produção européia, enfraquecida nos anos da Primeira Guerra Mundial.⁹⁴

Mas essa mudança não é sentida de forma imediata no cinema em Rio Branco. Os filmes variam muito de procedência, sabendo-se que as principais produtoras do mundo são objeto de espetáculo. Quanto à sua origem, o que mais prevalece é o cinema mudo italiano:

Para a Felicidade, também em 4 magistraes actos, interpretados pela incomparável Bertini, da fabrica “Célio” de Roma.⁹⁵

Phantasma de Medéa – É o grande film que vai no Eden, em estreia, domingo cujas 6 partes maravilhosas, são divinamente interpretadas pela famosa artista italiana Maria Lacticia Celio, ainda desconhecida de nosso publico.

Celio, foi considerada em concurso, em Roma, a mais bella artista da arte silenciosa da Itália.⁹⁶

⁹⁰ *ibidem*, p. 169.

⁹¹ NA TELA e nos salões, *Folha do Acre*, Rio Branco, 03 de abr. de 1920, p. 2, col. 6.

⁹² NA TELA e nos salões, *Folha do Acre*, Rio Branco, 10 de abr. de 1920, p.3, col.1.

⁹³ *idem*.

⁹⁴ VIANY, Alex. Introdução do Cinema Brasileiro. Biblioteca de Divulgação Cultural /Série B – IV, MEC/Instituto Nacional do Livro, RJ: 1959. 487 p.

⁹⁵ *FOLHA do Acre*, Rio Branco, 18 de ago. de 1921, p. 3, col. 1.

⁹⁶ O CINEMA, *Folha do Acre*, Rio Branco, 12 de ago. de 1920, p. 2, col. 4.



Atrizes do cinema italiano – www. Cineneclick. com. br/cinehistoria

Nomes como Francesca Bertini (ao centro), Lyda Borelli (à direita) e Bella Hesperia são conhecidos do público freqüentador do Eden-Cinema. Mesmo sendo muito conhecida do público italiano, Pina Menichelli (à esquerda) não foi percebida na imprensa local. As atrizes protagonizavam dramas vividos por mulheres fatais, lindas, que interpretavam com uma abundância de gestos incontidos de sedução e desespero amoroso:

[...] correndo descontroladas por alamedas enluaradas, arrastando-se languidamente ao longo de corredores infundáveis em castelos desertos e arruinados, atirando-se seminuas ao mar do alto de varandas batidas pelo sol do Mediterrâneo, assassinadas diante de nossos ingênuos olhares por maridos enganados ou por descabelados poetas que por elas haviam abandonado, noiva, mãe, ideal, posição, fortuna. Destinos tremendos, quase sempre ensangüentados, transcorrendo todos eles à sombra da traição, do pecado, da loucura, da paixão, do engodo [...]. Pouco importava, por que o que se buscava, acima de tudo, era um “grande espetáculo”.⁹⁷

Esse era o cinema de espetáculo de gestos e montagens imponentes,⁹⁸ onde as pessoas se deslumbravam com suas imagens. Um dos filmes italianos de grande sucesso apresentado em comemoração à Revolução Acreana foi *A Queda de Tróia* (1912), da produtora *Ítala*, uma tentativa bem sucedida de abordar grandes realizações.⁹⁹ *Para amanhã, 6 de agosto, em homenagem a data, anuncia o Eden o colossal trabalho histórico, grande epopéia cinematographica “A Queda da Troya”*.¹⁰⁰ Mario de Oliveira, advogado em Rio Branco, ao publicar um comentário sobre o cinema revela a importância desses filmes históricos como

⁹⁷ FARIA, Octavio de. A história do cinema: uma pequena introdução. Tecnoprint (Ediouro), 1998. p. 35.

⁹⁸ idem.

⁹⁹ SADOUL, Georges. História do cinema mundial: das origens aos nossos dias. Vol. I, SP: Martins, 1963, p. 93

¹⁰⁰ O CINEMA, *Folha do Acre*, Rio Branco, 05 de ago. de 1920, p. 4, col. 1

sendo uma “...*grande encyclopédia das gerações porvindouras, por isso que é a reivivescência do passado, o comentário do presente e a previsão do futuro...*”¹⁰¹

Dramas mundanos, com ênfase na gesticulação, começam a ter importância na Itália a partir de 1914.¹⁰² Os astros e estrelas dominavam o cinema italiano, ocasionando uma publicidade intensa.¹⁰³ Menos que o roteiro ou que um atrativo sensacional, o que passou a ter uma maior importância foi a presença da *diva*. Segura do seu valor tinha todo um grupo de roteiristas e realizadores que estavam ligados a sua produtora, criando um mundo de delírio e paixão refletido nos roteiros extravagantes e ingênuos.¹⁰⁴



O cinema escandinavo é, também, conhecido do público do Eden:

Um Demônio – Drama da vida real com quadros empolgantes. Interpretação notável de célebres artistas escandinavos.¹⁰⁵

Domingo – Em estreia, vai o famoso drama de ‘Nordisk’ A Bailarina.¹⁰⁶

Apesar das dificuldades de ortografia do jornal Asta Nielsen – SESC/AC Folha do Acre, a *Nordisk*, na década de dez, foi uma grande produtora da Dinamarca, tendo como seu principal expoente a atriz Asta Nielsen, a primeira estrela daquele país a obter fama mundial.¹⁰⁷ Interpretava quase sempre dramas mundanos como adultérios, crimes, perdões, em que a paixão sempre dominava, devastando a sua face trágica, cujos traços eram muito expressivos.¹⁰⁸

Domingo vai – A Morte em Sevilha, grande trabalho de Asta Nielsen em 6 grandes partes.

O rei Afonso XIII de Espanha premiou Asta Nielsen pelo sublime desempenho que dá a este trabalho da vida real do pai de Cervantes.

No último acto vê-se neste filme uma perfeita tourada em Sevilha, puramente realista, com assistência de mais de 200.000 espectadores.

¹⁰¹ OLIVEIRA, Mario. Parecer, *Folha do Acre*, Rio Branco, 17 de jun. de 1920, p.2, col.4.

¹⁰² Sadoul, op. cit., p. 93.

¹⁰³ idem.

¹⁰⁴ idem.

¹⁰⁵ EDEN-CINEMA, *Folha do Acre*, Rio Branco, 18 de abr. de 1926, p. 4, col. 5 e 6.

¹⁰⁶ O CINEMA, *Folha do Acre*, Rio Branco, 05 de ago. de 1920, p. 4, col. 1

¹⁰⁷ Sadoul, op. cit., p. 82-83.

¹⁰⁸ idem.

E' um espetáculo retumbante e arrebatador.¹⁰⁹

Assim, um grande elenco tornou-se conhecido, além de Asta Nielsen, para compor seus dramas, como Valdemar Psilander, Betty Nansen, Lily Beckn entre outros:

Na Revolução Franceza em 6 partes. Dizem-nos ser o melhor trabalho que vindo ao Rio Branco, no qual trabalham dois admiráveis artistas Waldhemar Psillander e Betty Nansen.¹¹⁰

Os enredos desses filmes podiam ser os seguintes:

[...] apaixonados por uma dançarina, de corda bamba, oficiais engalanados batiam-se em duelo, enquanto um milionário amnésio se tornava acrobata; ...os automobilistas esmagavam contra uma árvore a esposa adúltera; o raio fulminava o conde e sua amante no salão do castelo; [...] o conde, após ter seduzido **a filha do faroleiro** (grifo nosso), parecia tragado pelas areias movediças; a jovem baronesa que se tornara mergulhadora conseguia realizar um salto mortal, enquanto o seu velho pai morria de emoção...¹¹¹

Entre os enredos acima, *A Filha do Faroleiro* se destaca com expectativa para a sua estréia no Eden-Cinema, causando grande impressão:

Quinta-feira – Em estreia, o monumental film “A Filha do Pharoleiro”, em 8 partes de grande sucesso.

A convite do sympathico proprietário do Eden, assistimos a experiência desta extensa película, que, pôde (sic!) se dizer, é um dos melhores trabalhos cinemtographicos que têm vindo a esta capital.

Lances commoventes, scenas arrebatadoras e estupendas, quadros soberbos onde o mar apparece em sua furia louca, eis pallidamente o que é “A Filha do Pharoleiro”.

Quinta-feira podemos afiançar, o Eden será pequeno para conter a numerosa concurrencia que a elle affluirá para assistir a estréa desse artístico drama.¹¹²

O mundo dos filmes escandinavos era povoado por ociosos, criados e acrobatas e estava sempre ameaçado por catástrofes, fornecendo dois elementos indispensáveis: a *Vamp* e

¹⁰⁹ O CINEMA, *Folha do Acre*, Rio Branco, 02 de dez. de 1920, p. 3, col. 6.

¹¹⁰ O CINEMA, *Folha do Acre*, Rio Branco, 01 de jul. de 1920, p. 2, col. 4.

¹¹¹ Sadoul, op. cit. p. 83

¹¹² EDEN-CINEMA, *Correio do Acre*, Rio Branco, 15 de jun. de 1924, p. 4, col. 6.

o *Beijo*.¹¹³ A Vamp é a *mulher fatal* (grifo do autor), bela e perversa, tirânica e adorada. Descendia do romantismo na melhor e pior literatura, na qual os italianos a haviam levado à tela em 1908. Mas foram os dinamarqueses que a tornaram uma figura tipicamente cinematográfica. Os beijos causavam escândalos na Europa, sendo lascivos, ousados e chocantes. Quanto ao final feliz, não é, portanto, uma especialidade do cinema nórdico, preferindo o final trágico envolvido por pessimismo negro com muitos cadáveres.

O cinema alemão deixou suas marcas ao longo da década de vinte, como podemos notar nas publicações da imprensa local:

Para a semana vai a monumental pagina da vida real: “Uma de Tantas”, drama allemão em 3 partes longas, commovente odysseá de uma dama da alta aristocracia allemã, que seduzida, é obrigada a resvalar á desgraça e a miseria, voltando á virtude e grandeza, pela sua nobreza de alma e sentimentos.¹¹⁴

Quinta-feira, 24, do andante, foi focada na tela do Eden a soberba pellicula – Viva o Rei – em 5 actos, de constantes emoções, desenvolvendo um episódio

Para breve:

Caprichos de um Billionario – Grandiosa super-produção allemã em 8 actos, da Lutz Film, tendo no principal papel a famosa “estrela” Lya Mara.¹¹⁵

Nomes, como Pola Negri e Conrad Veidt, são referência deste cinema. O cinema alemão forneceu filmes como *Safo*, tendo Ernest Lubitsch como seu idealizador e manejador de figurações,¹¹⁶ foi apresentado no final da década de vinte no *Popular-Cinema* em Rio Branco (nome que foi dado posteriormente ao Eden-Cinema). Nos primeiros anos o cinema alemão se aproxima muito do italiano: *as grandes encenações chamaram a Alemanha à sucessão de uma Itália decadente*.¹¹⁷ Posteriormente, adotaram o estilo da pequena história para explicar as guerras e as revoluções, através da sexualidade e os segredos de alcova.¹¹⁸

O cinema americano repercutiu no *écran* do Eden:

A Sombra da mentira – Drama genero far west, em 6 actos, tendo como interprete a linda atriz americana Emmy Weley.¹¹⁹

¹¹³ Sadoul, op. cit., p. 84

¹¹⁴ O CINEMA, *Folha do Acre*, Rio Branco, 19 de ago. de 1920, p. 2, col. 4.

¹¹⁵ EDEN-CINEMA, *Folha do Acre*, Rio Branco, 18 de abr. de 1926, p. 4, col. 5 e 6.

¹¹⁶ Sadoul, op. cit., p. 142-143.

¹¹⁷ ibidem, p. 143.

¹¹⁸ idem.

¹¹⁹ EDEN-CINEMA, *Folha do Acre*, Rio Branco, 18 de abr. de 1926, p. 4, col. 5 e 6.

Não te Recordas? – Produção americana em 6 actos. Interprete principal a artista Emily Steves.¹²⁰

Em relação ao cinema americano mudo, destaca-se o diretor *D. W. Griffith*, que teve



um dos seus filmes apresentado. A imprensa local não fez comentários de maior significação, apenas uma pequena nota: *Leva hoje á tela o soberbo trabalho Enock Arden, film americano de grande sucesso em estréia.*¹²¹

Griffith é um dos mais importantes diretores do cinema americano mudo e contribuiu para o seu progresso técnico. O filme acima foi um dos que realizou no início de sua carreira, na produtora *Biograph*.¹²² *Enock Arden*, baseado no poema de Tennyson, trouxe alguns progressos técnicos para o fazer cinematográfico,

D.W. Griffith – SESC/AC como o *plano americano*. Esse plano consistia em aproximar a câmara para dar maior ênfase nos filmes dramáticos e *intimistas*, necessário para observar os protagonistas de perto, isolando uma face transtornada pela dor ou tornando visível uma mão contorcida pelo nervosismo.¹²³ O filme consistia no seguinte:

Um marido arruinado financeiramente (Enock Arden) deixa a esposa (Annie Lee) e os dois filhos e vai tentar arrumar a vida em outro continente. Durante a viagem, porém, seu navio naufraga e ele é o único sobrevivente que consegue alcançar uma ilha deserta. A partir do naufrágio, o filme passa a jogar com as alternâncias dos espaços respectivos da mulher (que fica na praia esperando pela volta de Arden) e do marido (que fica preso na ilha por vários anos) [...]. No final, Arden consegue safar-se da ilha, ser salvo por um navio e retornar à terra natal na esperança de reencontrar a mulher. Annie Lee, porém, convencida de que o marido já estaria morto, deixa-se cativar por um novo pretendente (Philip Ray) e acaba se casando com ele. Nos últimos planos do filme, quando o náufrago finalmente reencontra a mulher, ele a vê pela janela, embalando o novo filho (cujo pai agora é Ray) e percebe que tudo está então perdido. A mulher nem chega a notar sua presença.¹²⁴

Esse filme, segundo Arlindo Machado, pode-se dizer que foi produzido para ser *lido* na face dos atores. Essa proximidade faz o espectador partilhar os dramas mais íntimos dos

¹²⁰ *idem*.

¹²¹ O CINEMA, *Folha do Acre*, Rio Branco, 05 de ago. de 1920, p. 4, col. 1.

¹²² FARIA, Octavio de. A história do cinema: uma pequena introdução. Tecnoprint (Ediouro), 1998, p.56.

¹²³ MACHADO, Arlindo. Pré-cinemas e pós-cinemas. Campinas, SP: Papirus, 1997, p. 110-111.

¹²⁴ *ibidem*, p. 143.

personagens (rir, chorar), como se a tela tivesse uma densidade *humana*.¹²⁵ A proximidade da câmera junto aos objetos e aos atores, caracteriza de forma mais profunda os estados emocionais que a cena deseja revelar. Assim, o espectador pode sentir de forma mais emotiva, compartilhando a cena e sentido com mais profundidade a trama.¹²⁶

No que diz respeito ao cinema francês, este é visto, principalmente, através da produtora *Pathé Frères*, exibindo filmes coloridos:

Amanhã em estréia se focalizará – Na Hellag – film colorido, da fabrica Pathé.¹²⁷

A Revoltada – Film da Pathé, de New York, interpretado por artistas de fama francezes.¹²⁸

Esse cinema possui semelhanças, nos seus primórdios, com alguns elementos do cinema italiano: influências literárias, dramaticidade teatral, além da abundância de letreiros e a predominância dos atores de teatro a brilharem na tela.¹²⁹ A maior parte dos filmes franceses identificados foi produzido pela *Pathé Frères*, pioneira na cinematografia francesa. Após 1915, a firma de Charles Pathé encontrava-se em plena dificuldade financeira e, no fim da Primeira Guerra Mundial, começa a liquidar suas sociedades de produção, distribuição, fábricas etc.¹³⁰ Isso permitiu observar que os filmes da Pathé, veiculados no Eden, são produções bem anteriores à década de vinte.

Entre 1903 e 1909, a Pathé Frères transformou o empreendimento cinematográfico em indústria. O negócio iniciado no rastro das feiras continuava vitoriosamente em cinco continentes. Em 1908, a metragem da película vendida nos Estados Unidos ultrapassava em muito a venda total de todos os grandes produtores locais.¹³¹

Em 1907, Charles Pathé passou a alugar películas ao invés de vendê-las, concedendo a exclusividade de explorar seus filmes a cinco grandes monopólios que dividiam entre si a França, a Bélgica, a Holanda e a África do Norte em cinco regiões. Os monopólios controlavam os circuitos de salas que ele começara a inaugurar, ainda pouco desenvolvida, pois o cinema fixo apenas estava em seu embrião. Assim, eles se tornaram distribuidores, que alugavam os seus espetáculos no momento da representação.¹³²

¹²⁵ ibidem, p. 111.

¹²⁶ idem.

¹²⁷ NA TELA e nos salões, *Folha do Acre*, Rio Branco, 24 de abr. de 1920, p. 3, col. 3.

¹²⁸ EDEN-CINEMA, *Folha do Acre*, Rio Branco, 18 de abr. de 1926, p. 4, col. 5 e 6.

¹²⁹ Faria, op. cit., p. 44.

¹³⁰ Sadoul, op. cit., p. 156.

¹³¹ idem.

¹³² idem.

O mercado cinematográfico se constituiu em três ramos: a produção de filmes (indústria), a distribuição ou aluguel (comércio por atacado) e a exibição (dirigida ao público, sendo um comércio varejista). A Pathé Frères detinha o êxito na produção, controlava o comércio varejista e atacadista e integrava a fabricação dos aparelhos e das matérias-primas. Em seis anos nasceu um truste que se estendia por quase todo o planeta.¹³³

Um filme francês, apresentado na tela do Eden, que pertencia à *S. C. A. G. L.* (Sociedade Cinematográfica de Autores e Homens de Letras), dirigida pela Pathé, colocava no mercado uma produção por semana.¹³⁴ *Brevemente: Os Miseráveis.*¹³⁵ Em 1912, o diretor Albert Capellani dirigiu *Os Miseráveis*, dividido em nove partes, medindo mais de cinco mil metros, que correspondia a cinco horas de projeção e custando cerca de duzentos mil francos.¹³⁶ Desde 1912, a Pathé nunca deixou de explorar as versões do romance de Victor Hugo, sendo os seus episódios projetados separadamente ou reunidos.¹³⁷

Um aspecto que se destaca na produção cinematográfica nessa época é a cor nos filmes. É possível filmes coloridos em plena era do cinema mudo. Desde o final do século XIX, as tentativas de se colorir películas foram uma constante. Utilizavam-se dois métodos – o *manual* ou o *mecânico* –, podendo os exibidores optar pelas versões coloridas, mais cara, ou preto-e-branco. Algumas produtoras contavam com ateliês próprios para coloração, com centenas de empregados.¹³⁸ Em Rio Branco, o Eden-Cinema apresentou alguns filmes coloridos:

No próximo domingo leva o Eden, em estreia, o gran-sucesso histórico, colorido – Athalaia – em 2 partes grandes.¹³⁹

Para domingo está anunciado o formoso drama histórico – Sansão e Dalila – colorido, em longas partes.¹⁴⁰

O gênero dos filmes é uma peça importante na sua veiculação. *Gênero* é um termo apropriado, proveniente dos estudos literários e empregado para descrever o modo como grupos de convenções narrativas (trama, personagens, locais ou cenário) se organizam em tipos reconhecíveis de entretenimento narrativo (faroeste, musicais, terror etc.), sendo esses

¹³³ idem.

¹³⁴ ibidem, p. 75.

¹³⁵ *Folha do Acre*, Rio Branco, 17 de out. de 1926, p. 1, col. 1.

¹³⁶ ibidem, p. 76.

¹³⁷ idem.

¹³⁸ TOULET, Emmanuelle. O cinema, invenção do século. s/l Objetivas, 1988, (Descobertas), p. 44.

¹³⁹ O CINEMA, *Folha do Acre*, Rio Branco, 02 de set. de 1920, p. 2, col. 6.

¹⁴⁰ NO MUNDO do silêncio, *Folha do Acre*, Rio Branco, 27 de jul. de 1921, p. 3, col. 4.

conjuntos de cenas muito utilizados pelo público e pelos cineastas.¹⁴¹ A definição do gênero revela o seu dinamismo, como mudam, modulam e redefinem a si próprios continuamente. O gênero surge como produto de uma tripla negociação entre o público, cineasta e produtores, levantando uma questão do cinema enquanto mercadoria: um produto comercializável, vendido ao público, entre outras coisas, por meio de seu gênero.¹⁴² Os filmes apresentados no Eden-Cinema variam muito quanto ao gênero, desde drama, policial, aventura, guerra, comédia ou cômico e até o filme natural, o nosso moderno documentário.

Condemnado da ‘Guyana’ o mais admirável trabalho policial, em 6 partes, da fabrica ‘Águila Film’, será apresentado no principio de novembro, no Éden.¹⁴³

Na semana passada exhibiu se ali o grande film Entre as Fileiras Inimigas, episodio da grande guerra européa, quando da invasão austríaca á pobre, mas heróica Servia.

Foram três noitadas esplendidas para a empreza do ‘Eden’ e para o nosso publico, ávido que estava por falta de film do grande conflito.¹⁴⁴

Hontem correram fitas – Pathé Journal (natural).¹⁴⁵

Vejamos um pouco o filme natural. *Vistas* ou *assuntos naturais* eram filmes que não tinham enredo, ou seja, não contavam uma determinada história.¹⁴⁶ Depois, esses filmes passaram a ser denominados de *atualidades*, a chamada *cavação*, que o cinegrafista podia realizar sob encomenda, captando cerimônias políticas, exposições, inaugurações e outros eventos.¹⁴⁷ As câmeras iam atrás do acontecimento como as competições esportivas, os desfiles, os conflitos internacionais. Mas ao registrar a saída das salas ou as feiras, este cinema podia ser um espelho do cotidiano familiar.¹⁴⁸

Havia dois tipos de atualidades: as *autênticas* e as *trucadas*.¹⁴⁹ As primeiras são filmagens no local do evento com cenas deste, enquanto as segundas são reconstituições feitas ao ar livre ou em estúdios utilizando até atores. A idéia é se aproximar ao máximo do

¹⁴¹ TURNER, Graeme. Cinema como prático social. SP: Summus, 1997, p. 45

¹⁴² ibidem, p. 46.

¹⁴³ O CINEMA, *Folha do Acre*, Rio Branco, 28 de out. de 1920, p. 3, col. 2 e 3.

¹⁴⁴ O CINEMA, *Folha do Acre*, Rio Branco, 01 de jul. de 1920, p. 2, col. 4.

¹⁴⁵ EDEN-CINEMA, *Jornal Oficial*, Rio Branco, 27 de dez. de 1925, p. 1, col. 4

¹⁴⁶ MACIEL, Laura Antunes. A nação por um fio: caminhos, práticas e imagens da “Comissão Rondon”. SP: EDUC, 1998, p. 249

¹⁴⁷ idem.

¹⁴⁸ Toulet, op. cit., p. 100

¹⁴⁹ idem

acontecimento.¹⁵⁰ Os filmes de atualidades foram os precursores das reportagens cinematográficas e dos cine-jornais.¹⁵¹

Entre os filmes apresentados no Eden não podemos deixar de citar o cinema brasileiro. Estava representado por quatro filmes, sendo dois deles naturais (*A Conquista da Guiana Brasileira* e *Através do Gram-Pará*) e o terceiro abordava o carnaval: *Hoje – Os Quatro Diabos em 4 partes e Carnaval no Rio*.¹⁵² O quarto filme brasileiro, *No Paiz das Amazonas*, teve o seu anúncio prejudicado pela má conservação da fonte:

Hoje! No Eden-Cinema Hoje!

_____ cidade risonha, film da serie monumental do “no paiz das amazonas”. 138
exibições _____ Belém e Manáos – No Rio [de Janeiro] teve a assistido o actual
presidente da Republica, que não poupou elogios ao _____ G. Araújo & Comp. Ltda. –
Hoje no Eden. Entrada 5\$000 – Sucesso! Sucesso!¹⁵³

Esse filme possui grande importância no cenário amazônico, sendo uma das grandes obras de *Silvino Santos*, seu idealizador. Desde 1917, devido à queda da produção da borracha, principal produto de exportação da região amazônica, o Estado do Amazonas descobriu no cinema um mecanismo eficaz de propaganda para atrair capitais.¹⁵⁴ O governo, então, passa a incentivar filmagens e a montagem da primeira produtora cinematográfica amazonense, a *Amazônia Cine-Film*. É nessa empresa que Silvino firma sua técnica e arte com a realização de doze *atualidades*, registrando acontecimentos sociais, políticos e esportivos. Mas é na *J. G. Araújo e Comp.* que Silvino filmou as suas principais obras: *No Paiz das Amazonas*, *No Rastro do Eldorado*, *Terra Encantada* e *Miss Portugal*, entre outros.¹⁵⁵

No Paiz das Amazonas, é o primeiro documentário de longa-metragem filmado totalmente no Amazonas, sendo o mais expressivo documento visual da Amazônia nos anos vinte. Suas filmagens datam de 1920 a 1922 e registraram Manaus, Maués, Manacapuru, rio Madeira, rio Purus no Amazonas, Rondônia e Roraima. A visão deslumbrante da região é muito evidenciada num momento de crise da borracha. Seu objetivo é ser um veículo de

¹⁵⁰ ibidem, p. 101

¹⁵¹ idem.

¹⁵² EDEN-CINEMA, *Folha do Acre*, Rio Branco, 07 de fev. de 1926, p. 1, col. 4.

¹⁵³ HOJE!, *Folha do Acre*, Rio Branco, 31 de jan. de 1927, p. 1.

¹⁵⁴ COSTA, Selda V. da. *Eldorado das ilusões, cinema e sociedade: Manaus (1897/1935)*. 1988. Tese – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, f. 149.

¹⁵⁵ ibidem, f. 150-155.

propaganda das potencialidades econômicas da região no Sul do país, por ocasião da Exposição do Centenário de Independência, no Rio de Janeiro.¹⁵⁶

Esse filme viajou pela maior parte do Brasil e pelo estrangeiro (Portugal, França) durante toda a década de vinte. Num momento de euforia nacionalista, em decorrência das comemorações do Centenário e da Semana de Arte Moderna, o filme foi visto pela imprensa como um *orgulho nacional* (grifo da autora). Enquanto o Amazonas se preocupava em mostrar as potencialidades econômicas e culturais da região, no intuito de estimular o interesse financeiro dos empresários sulistas e estrangeiros, a crítica do Sul, por outro lado, passou a destacar os aspectos que evidenciavam a tentativa de identificar a região como o paraíso perdido, fonte das raízes nacionais, em que o homem, antes selvagem e preguiçoso, transformara-se no heróico *valente do norte* (grifo da autora).

2.3 A influência do teatro no cinema

A divisão do filme em partes ou em *actos*, com intervalos entre uma parte e outra, como alguns anúncios de jornais deixam transparecer, ainda é uma herança do teatro:¹⁵⁷ *O Eden faz hoje a estréia do famoso drama allemão, de intenso realismo, em 3 actos muito longos, Uma de Tantas que vem precedido de grande fama.*¹⁵⁸

Durante muito tempo, *o cinema foi considerado pelos grandes homens de teatro como arte menor, teatro rebaixado.*¹⁵⁹ No cinema mudo a teatralidade é privilegiada e nos seus primórdios a própria cena lembra um palco onde se desenvolve toda a ação.¹⁶⁰

Isso pode ser observado nos filmes de Georges Méliès, que introduziu no cinema a fórmula *teatral* espetacular: argumento, atores, trajes, maquiagem, cenografia, maquinaria, divisão em cenas ou atos. Dirigia o Teatro Robert Houdin, apresentando shows de ilusionismo, sendo ele próprio um prestidigitador.¹⁶¹ Seus primeiros filmes imitam os de Lumière ou copiam os de Edison. Seu brilhantismo é revelado quando aborda a *trucagem*¹⁶² e constrói um estúdio em 1897. Empregava sempre um truque para surpreender, constituindo sempre um fim, não um meio de expressão.¹⁶³

¹⁵⁶ idem

¹⁵⁷ TOULET, Emmanuelle. op. cit., p.114.

¹⁵⁸ O CINEMA, *Folha do Acre*, Rio Branco, 26 de ago. de 1920, p. 3, col. 5.

¹⁵⁹ BETTON, Gérard. Estética do cinema. SP: Martins Fontes, 1987, p. 108.

¹⁶⁰ idem.

¹⁶¹ Artista que, pela ligeireza das mãos, faz deslocar ou desaparecer objetos.

¹⁶² truque de substituição de imagens com a parada da câmera.

¹⁶³ Sadoul, op. cit., p. 29.

Méliès funda a *Star Film*, que permitiu a utilização de todos os recursos do teatro e sua maquinaria. Ele destaca o palco como ponto fundamental, totalmente filmado, em que a câmera permanece imóvel como o espectador do teatro. Até o fim de sua carreira continua sempre fiel à estética do *teatro filmado*. Seu estilo introduziu no cinema o mundo do fantástico, do poético, do imaginoso.

Além de a própria cena lembrar o teatro, nos seus primeiros anos, o cinema tem como pontos presentes a filmagem de peças ou *sketches* teatrais ou de romances famosos.¹⁶⁴ Isso pode ser visto no Eden-Cinema e, posteriormente, no Popular-Cinema no final da década de vinte, filmes baseados em romances e óperas:

Hoje

O Popular Cinema focalizará: O Filho do Capitão Grant, romance de Julio Verne, em cinco partes.¹⁶⁵

Hoje! No Eden-Cinema os 3 Mosqueteiros em 6 partes.¹⁶⁶

No Mundo do Silencio

A Bohemia, drama extrahido da celebra opera do mesmo nome, da auctoria de Musset, terá a sua estreia domingo no Eden.

Dizem-nos maravilhas desse film, que é dividido em 4 partes e que certamente chamará ao nosso cinema grande numero de espectadores.¹⁶⁷

Não só a forma do cenário ou os temas em questão, mas a própria apresentação desses filmes lembra o teatro. O comentário do colunista Demosthenes sobre uma sessão de cinema no Eden revela a existência de intervalos entre uma parte e outra, típica de peças teatrais longas: *Corria o magnífico film, que tanto agradou, quando há intervalo de minutos.*¹⁶⁸ Nesses intervalos as pessoas, conversavam, riam, cantavam ou acordavam de um bom sono:

O Zezé do Quinze [bairro da cidade de Rio Branco], canta alacremenete, a Victoria do feminismo. O Antonio Godim ri-se e, delicadamente catuca o Mendes Filho.

- Espia o dr. Raulindo dormitando! Será a soberba fita, que o faz dormir assim!

- Qual fita, retruca o Mendes, sisudo, é o piston do Jaime Plácido.¹⁶⁹

¹⁶⁴ FARIA, Octavio de. A história do cinema: uma pequena introdução. Editora Tecnoprint (Ediouro). 1998, p. 18.

¹⁶⁵ HOJE, *Folha do Acre*, Rio Branco, 31 de out. de 1929, p.4, col. 2.

¹⁶⁶ HOJE, *Folha do Acre*, Rio Branco, 27 de mar. de 1927, p. 1, col. 6.

¹⁶⁷ NO MUNDO do silencio, *Folha do Acre*, Rio Branco, 04 de ago. de 1921, p. 2, col. 6.

¹⁶⁸ DEMOSTHENES, Eden-Cinema, *Jornal Official*, Rio Branco, 20 de dez. de 1920, p. 2, col. 5.

¹⁶⁹ idem.

Durante as projeções dos filmes mudos era admitido que o público fizesse comentários sobre a ação que se desenrolava na tela. Apesar de causar aborrecimentos, essa prática tinha um sentido de comunidade, uma vez que era proferida, às vezes, a pessoas estranhas.¹⁷⁰ Nos cinemas de cidades pequenas esses comentários eram muito mais fáceis de ser realizados, pois a probabilidade de as pessoas se conhecerem era muito maior. Com o cinema falado há uma mudança nos hábitos, pois as pessoas que faziam observações em voz alta eram silenciadas por outras no meio do público, uma vez que não queriam perder nada do diálogo. *O público falante dos filmes mudos transformou-se num público mudo dos filmes falados.*¹⁷¹ Sendo o cinema mudo, surge o letreiro nos filmes, fundamental para compreensão de algumas histórias.¹⁷² Portanto, o cinema nos seus primórdios cresceu à sombra do teatro, sendo amparado por ele intelectual e materialmente.

Apesar da “invenção” da imagem, ainda é em pleno domínio da palavra que estamos nesses anos de teatro filmado, de romance ilustrado e, raramente, de filmes reais, legitimamente cinematográficos.¹⁷³

2.4 Em relação ao cinema

Na imprensa local os filmes, de uma maneira geral, têm uma boa receptividade e são muito bem recomendados por anúncios de jornais:

O “Phantasma de Medéa” é drama trágico, com vista deliciosas.

Recomendamo-lo aos intellectuaes de Rio Branco e ás exmas. familias por ser um trabalho puramente moralista e de profundos ensinamentos para o Bem.¹⁷⁴

“Uma de Tantas”, é um trabalho que deve ser visto por todas as exmas. familias, porque encerra uma pagina de bons ensinamentos e todas as scenas são lindas e commoventes.¹⁷⁵

Por meio de pesquisa em jornais, observa-se que em alguns anúncios se recomendava o cinema como uma escola, funcionando como mais uma forma de apelo ao público:

¹⁷⁰ Sklar, Robert, op. cit., p. 181.

¹⁷¹ idem.

¹⁷² Faria, op. cit., p. 17.

¹⁷³ idem.

¹⁷⁴ O CINEMA, *Folha do Acre*, Rio Branco, 12 de ago. de 1920, p. 2, col. 4.

¹⁷⁵ O CINEMA, *Folha do Acre*, Rio Branco, 26 de ago. de 1920, p. 3, col. 5.

*Freqüente o cinema como uma escola. Aprenda-se divertindo. O Eden, agora, tem fitas, lindas, lindíssimas!*¹⁷⁶

Certos filmes marcam as pessoas de uma forma mais profunda, como fica explícito no comentário de *Danillo*, colaborador do jornal *Folha do Acre*, sobre o filme italiano *Ivonne*. Ressalta o personagem de *Francesca Bertini*, uma duquesa, destacando os sentimentos amorosos transmitidos por ela no filme:

Admiravel e majestozo como a maxima estrela da scena muda interpreta o sentir amorozo dos simples, na creada, e o amôr cheio de rodeios, dos grandes, na duquezinha toda maneiroza e gentil! Admiravel!

Se eu não soubesse que a duquezinha da Ivonne era Bertini, como esta, Ivonne o é, eu teria me apaixonado por ella [...] ¹⁷⁷

Outros preferiam abordar as suas impressões sobre o cinema em forma de versos, como Alfredo Gomes Ferreira, secretário do município. Ele aborda alguns momentos importantes dos filmes como as emoções que as atrizes transmitiam, sendo um dos motivos de sua atração e constantes idas às sessões:

Ver a Bertini, – a tragica divina,
 Em lances de patheti emoção;
 E Asta Nielsen, a ironica ferina,
 Vivendo a Dôr, com arte e com paixão;

Sentir, co'a Duze, a sua immensa magua;
 Com Betty Nansen – todo o sofrimento
 Ao ver seus lindos olhos rasos d'agua
 Nos papeis que ella incarna com talento;

Equivale a attestar ser o Cinema,
 Do Bello, do Sublime, a pura essencia...

¹⁷⁶ HOJE, *Folha do Acre*, Rio Branco, 27 de mar. de 1927, p. 1, col. 4.

¹⁷⁷ DANILLO, O meu comentário, *Folha do Acre*, Rio Branco, 04 de nov. de 1920, p. 2, col. 3 e 4.

Julgo , portanto, ter vencido o thema;

E, comprovando a minha sympathia,

Has de ter visto a acerrinha frequencia

Com que eu me explico na bilheteria....¹⁷⁸

A constante freqüência das pessoas ao cinema, segundo Terezinha Queiroz, gerou um aumento substancial de despesas como mais uma nova opção de divertimento. Além de um lazer, em alguns casos, torna-se um vício entre crianças e adultos:

Além dos preços altos dos bens necessários à manutenção da família, os gastos exagerados no lazer teriam acentuado o desequilíbrio no orçamento, com crianças e adultos viciados na freqüência ao novo sedutor.¹⁷⁹

Essa idéia de vício é percebida, também, na escrita de José Maia: *Hoje estou quase travestido no velho Zé Augusto que assentiu o Fogo Sagrado vinte e duas vezes!!!*¹⁸⁰ A constante freqüência aos salões gerava uma preocupação devido a sua influência no público. Esse aspecto já era discutido nos jornais da época, ressaltando-o como mecanismo de corrupção ou de virtude, como destaca Amanajós Araújo, advogado em Rio Branco:

O cinema em geral póde ser uma escola de perversão ou de virtude; tudo depende da fita exhibida, opinaria qualquer Accacio desses que, á tarde, costumam doutrinar sobre política e sobre amor nos bancos d'A Brasileira ou nas mezas do Hotel Madrid.¹⁸¹

Para Juvenal Antunes, promotor público, o cinema era o lugar onde as pessoas se transferiam para um mundo diferente e emotivo, em que os sentimentos afloravam:

¹⁷⁸ FERREIRA, Alfredo Gomes. O cinema, *Folha do Acre*, Rio Branco, 26 de ago. de 1920, p. 3, col. 5.

¹⁷⁹ QUEIROZ, Terezinha de J. M. História, literatura, sociabilidades. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1998, p. 49.

¹⁸⁰ MAIA, José. O cinema, *Folha do Acre*, Rio Branco, , 22 de jul. de 1920, p. 3, col. 1.

¹⁸¹ ARAÚJO, Amanajós. O cinema, *Folha do Acre*, Rio Branco, 20 de maio de 1920, p. 2, col. 5.

É transportar-se a gente a um mundo cheio de impressões, ora sensibilizando o coração dos fortes, ora alegrando a alma delicada e triste dos fracos, isso no meio de um silêncio suave e encantador.¹⁸²

Segundo Hugo Munsterberg,¹⁸³ o principal objetivo do cinema deve ser o de retratar as emoções. Os personagens são sujeitos de experiências emocionais (alegria, dor, medo, amor, ódio etc.), conferindo ao filme significados e valores. Basta um rosto para dar sinais de sentimentos, daí a importância do *close-up*. Para ele, no que diz respeito às emoções do espectador, há dois grupos: o primeiro é aquele cujas emoções que nos comunicam são praticadas pelos sentimentos das pessoas que estão no filme, e o segundo é aquele em que as emoções fluem das cenas do filme que suscitam dentro de nós e que podem ser diversas. No primeiro aspecto, imitamos as emoções exibidas, tornando a ação do filme mais nítida e afetiva, ou seja, simpatizamos com quem sofre, tornando a nossa própria dor. Já no segundo, as emoções com as quais a platéia reage às cenas do filme do ponto de vista da sua vida afetiva independente, ou seja, num filme, um canalha perverso, por exemplo, está longe de ser imitado, causando-nos indignação. O entusiasmo, a desaprovação ou a indignação do espectador são por vezes descarregados nas luzes, nas sombras e na composição da paisagem.¹⁸⁴

Essas emoções podem ser sentidas na escrita de José Maia, acreditando que o cinema possui uma grande amplitude, sendo capaz de tocar profundamente as pessoas, tendo a capacidade de nos fazer praticar ações em virtude de sua mensagem:

[...] nos desopila, empolga, alegra, anima, vibra, assusta, meche e remeche todas as fibras do nosso organismo. É uma bella escola para o heroismo de vez em quando, impressionando cada um conforme os seus sentimentos.

A corrente nervosa centripeta recebida por estas impressões ou sensações representa-se em imagens diversas que excitando os elementos cerebraes fazem delles nascer representações capazes de levar o individuo ao stoicismo e heroismo mais completo.¹⁸⁵

¹⁸² ANTUNES, Juvenal. O cinema, *Folha do Acre*, Rio Branco, 13 de maio de 1920, p. 3, col. 1.

¹⁸³ MUNSTERBERG, Hugo. As emoções. In: XAVIER, Ismail. A experiência do cinema. RJ: Embrafilme, 1983. p. 46-54.

¹⁸⁴ *ibidem*, p. 52.

¹⁸⁵ MAIA, José. O cinema, *Folha do Acre*, Rio Branco, 22 de jul. de 1920, p. 3, col. 1.

A força sugestiva das imagens animadas capaz de influenciar o público já era percebida como um perigo e uma ameaça por médicos higienistas e educadores.¹⁸⁶ Ao mesmo tempo, o alcance social do cinema e o seu potencial educativo como elemento vulgarizador de conhecimentos e suas múltiplas aplicações já começavam a ser objeto de interesse por parte de organismos que viam nas telas a possibilidade de educar, de forma agradável, um grande número de pessoas.¹⁸⁷ Uma das primeiras iniciativas foi a utilização do cinema no ensino e na pesquisa científica do Museu Nacional, no Rio de Janeiro, que em 1910 inaugurou a sua filmoteca, enriquecida em 1912, com os primeiros filmes dos índios Nhambiquaras, que Roquette Pinto produziu em Rondônia, e filmes da Comissão Rondon.¹⁸⁸

Desde os seus primórdios, a sugestividade das imagens animadas já era discutida. Com o cinerama,¹⁸⁹ o que mais chama a atenção é a sua capacidade de aparentemente reproduzir com o máximo de precisão possível a experiência com o mundo lá fora.¹⁹⁰ Um passeio de montanha-russa apresenta a percepção com tanta ênfase que alguns espectadores se sentiam mal, criando uma sensação de velocidade, não parecendo que as pessoas estão numa sala projetora, ou seja, o próprio corpo assimila aquele momento como o que está acontecendo.¹⁹¹

Essa dissolução de fronteiras entre o que é percebido e o mundo lá fora faz parte da experiência do cinema. Turner nos chama atenção para Metz, que ressalta o surgimento da representação aparecendo como percepção, como ficou expresso no cinerama.¹⁹² Para o espectador, dois desejos se mesclam: o de que o filme termine, para poder conhecê-lo, e o de que continue, oferecendo seus objetos de desejo.¹⁹³ O espectador gosta quando há uma relação de harmonia e de simpatia entre suas próprias idéias e aquilo que o autor expressa. Para cada filme, existem várias interpretações de acordo com cada espectador. Depois do término de uma projeção, o que acontece? Isso vai depender do filme, dos desejos, dos sonhos do espectador e de sua idade.¹⁹⁴

¹⁸⁶ MACIEL, Laura Antunes. A nação por um fio: práticas e imagens da “comissão Rondon”. SP:EDUC, 1998, p. 252.

¹⁸⁷ *idem*.

¹⁸⁸ *idem*.

¹⁸⁹ processo cinematográfico que utiliza a justaposição de três imagens simultâneas provenientes de três projetores em isocronia.

¹⁹⁰ TURNER, Gaeme. Cinema como prática social. SP: Summus, 1997. p. 111.

¹⁹¹ *idem*.

¹⁹² *ibidem*, p. 112.

¹⁹³ *ibidem*, p. 113.

¹⁹⁴ Betton, *op. cit.*, p. 104.

Nesse contexto, é importante destacar que há na imprensa da Rio Branco da década de vinte aqueles que consideram o cinema como uma ameaça. A comentarista Laura do jornal *A Capital*, critica os novos padrões educacionais femininos da época:

[...] é realmente tempo de se acabar com o abuso da educação superficial do piano, que hoje fere os ouvidos do transeunte em quasi todas as casas. E' tempo de ensinarmos as nossas filhas o valor dos minutos que voam e do trabalho que nobilita, é tempo de lhes fazer compreender que a verdadeira missão da mulher não é no baile, no teatro, no cinema, no "foot-ball", mas no lar domestico.¹⁹⁵

Há quem discorde do ponto de vista de Laura. Para Severa, colaboradora do periódico,

a mulher que sabe entrar num salão de baile e falar francez, executar Mozart, Litz, Carlos Gomes ou Beethoven, não é uma condemnada a infelicidade conjugal e antes dispõe de mais e melhores recursos para fazel-o alegre e venturoso.¹⁹⁶ [Já quanto ao] baile, o teatro, o cinema, o foot-ball são escolas do bem e do mal, conforme nos queiramos conduzir.¹⁹⁷

Para ela é possível encontrar na sociedade de Rio Branco *senhoras e senhoritas finamente educadas, que falam e lêem magnificamente francez, tocam piano, freqüentam reuniões, brilham na sociedade, destacam-se pela sua encantadora causerie e trabalham e são excellentes donas de casa*:

Desde muito cedo, o cinema foi compreendido e interpretado dentro de dois tipos de visões básicas, porém, não as únicas: na primeira, ele é visto como algo ligado à novidade, ao refinamento, ao moderno; na segunda, é tido como elemento de perversão e de rebeldia, que pode ser pernicioso aos *bons costumes*, sempre freqüentado por todo tipo de gente.

Desde o seu surgimento, o espetáculo de luz e sombra cativou seus freqüentadores, havendo, portanto, uma significativa mudança nos hábitos. O cinema é uma diversão que vai se instalar e modificar a forma de fazer apresentações, lançando mão de uma técnica profundamente mecânica, fascinando o público, arrastando multidões às salas exibidoras ou aos espaços ao ar livre.

¹⁹⁵ LAURA. A tyrannia da phrase, *A Capital*, Rio Branco, 11 de set. de 1921, p. 2, col. 1, 2 e 3.

¹⁹⁶ idem.

¹⁹⁷ SEVERA. As sutilezas femininas, *A Capital*, Rio Branco, 11 de set. de 1921, p. 2, col. 1, 2 e 3.

2.5 As sessões

As sessões cinematográficas do Éden aconteciam em vários dias da semana. Anúncios nos jornais locais faziam lembrar as suas agradáveis horas de lazer: *Essa interessante casa de diversões continua a proporcionar ao nosso publico deliciosas horas de prazer com os seus bellissimos films.*¹⁹⁸

As estréias aconteciam aos domingos, com *matinéés* à tarde, dedicadas à *petizada* (criança),¹⁹⁹ e as *sessões populares* ocorriam nas terças, quintas e sábados. O ingresso era vendido a Rs 1\$000 (mil réis), fazendo com que as pessoas de menor poder econômico pudessem ter mais facilidade de ir ao cinema em virtude dos preços baixos. As sessões populares chegavam a abrigar um grande número de espectadores.

No proximo domingo leva o Eden em estreia, o gran-sucesso historico, colorido – Athalaia – em 2 partes grandes.²⁰⁰

O nosso Eden é o assumpto do dia. As sessões das terças, quintas e sabbados, que a empreza Leonel & Mendes resolveu, em bôa hora, offerecer sempre a 1\$000 o ingresso, teem despertado enthusiastico interesse.

As enchentes succedem-se.

Ainda na ultima terça-feira o salão do Eden comportava mais de 150 espectadores.²⁰¹

Nessas sessões, várias pessoas de diferentes grupos sociais se faziam presentes, desde famílias “tradicionais” até as anônimas, que os jornais da época não revelavam as suas origens, referindo-se, apenas, como *algumas famílias*.

Vimos no Eden, na última exibição de “Matombra” as distintas familias Guilhermino Bastos, Miguel Fecury, Julio Maia, senhorita Elisa Karam, dr. João Moraes e Mattos, coronel Honorio Alves²⁰² e algumas familias²⁰³

Algumas sessões, às vezes, eram suspensas para reparos nas máquinas ou em decorrência de alguma programação especial que acontecia na cidade:

¹⁹⁸ O CINEMA, *Folha do Acre*, Rio Branco, 23 de dez. de 1920, p. 3, col. 3.

¹⁹⁹ KONDE. Na tela e nos salões, *Folha do Acre*, Rio Branco, 20 de maio de 1920, p. 2, c. 5.

²⁰⁰ O CINEMA, *Folha do Acre*, Rio Branco, 02 de set. de 1920, p. 2, col. 6.

²⁰¹ O CINEMA, *Folha do Acre*, Rio Branco, 21 de out. de 1920, p. 3, col. 5.

²⁰² O CINEMA, *Folha do Acre*, Rio Branco, 05 de ago. de 1920, p. 4, col. 1

²⁰³ KONDE. Na tela e nos salões, *Folha do Acre*, Rio Branco, 10 de abr. de 1920, p. 3, col. 1.

Eden-Cinema

Este salão cinematographico de propriedade da firma Moleiro & Esteves, suspendem o seu funcionamento por alguns dias, necessarios ao concerto dos seus machinismos.²⁰⁴

Por motivo da grandiosa soirrée que se realizará sabbado, 15, na L. A. S. T.; em justa homenagem ao comandante Olavo Machado e exma. Familia, resolveu a empreza “Eden”, não dár a costumada sessão popular nessa noite, realizando-a amanhã, sexta-feira.²⁰⁵

Mas havia sessões especiais. Às vezes, por causa de algumas datas comemorativas, comuns nas manifestações cívicas, o Eden-Cinema preparava sessões mais caprichadas, com acompanhamento musical nas projeções.

Apezar da chuva que deabou sobre a cidade no dia 5 de outubro, esteve o Eden repleto na sessão d’aquella noite levada a effeito em honra à Proclamação da Republica Portugueza.

A Banda Regional, que abrilhantou o festival, executou o entusiastico hymno “A Portugueza” e a marcha patriotica portugueza “A’s Armas”.²⁰⁶

Em algumas ocasiões, o acompanhamento musical servia para atrair o público e animar o ambiente. Nesses momentos, a banda de música da Força Policial Territorial do Acre ou alguma outra contratada, como os *Voluntários da Lyra* – não se sabe se essa banda tinha alguma relação com a escola de música da capital *Lyra Castro* –, faziam-se presentes nessas sessões:

Hoje, domingo, será exhibido pela segunda vez o mesmo film, a pedido.

A’s quintas e domingos abrilhantara as sessões do Eden, a banda de musica da Força Policial.²⁰⁷

O Eden oferece hoje uma empolgante sessão elegante, com o brilhantismo da orchestra – Voluntarios da Lyra – exibindo em estreia o portentoso film sob o título – Tudo se arranja – em longos actos.²⁰⁸

O acompanhamento musical em fitas cinematográficas mudas é uma característica presente desde os primórdios do cinema. Nas primeiras sessões do *Grand Café*, em Paris, ao apresentar o cinematógrafo, os irmãos Lumière já usavam um piano, que acompanhava a

²⁰⁴ EDEN-CINEMA, *Folha do Acre*, Rio Branco, 09 de out. de 1927, p. 4, col. 6.

²⁰⁵ EDEN-CINEMA, *Folha do Acre*, Rio Branco, 13 de out. de 1921, p. 3, col. 5.

²⁰⁶ O CINEMA, *Folha do Acre*, Rio Branco, 14 de out. de 1920, p. 3, col. 6.

²⁰⁷ EDEN-CINEMA, *Correio do Acre*, Rio Branco, 20 de jun. de 1924, p.2, col. 2.

²⁰⁸ NO MUNDO do silencio, *Folha do Acre*, Rio Branco, 27 de jul. de 1921, p. 3, col. 4.

projeção no intuito de encobrir o barulho do aparelho e realçar os efeitos dos filmes.²⁰⁹ A música tem uma considerável atribuição psicológica no cinema: dá ao espectador a duração efetivamente vivida e *de libertá-lo do terrível peso do silêncio*, além de ter uma função estética e psicológica de altíssimo grau, criando uma atmosfera que exalta a emotividade.²¹⁰

As primeiras orquestras de cinema tocam do lado de fora para chamar a clientela. No Eden-Cinema não foi registrado esse acontecimento em sessões cinematográficas, mas em apresentações teatrais em Rio Branco (ver no item o Teatro no Eden). Esse acompanhamento musical dependia também do nível da sala e não era uma constante nos espetáculos cinematográficos.²¹¹

Algumas dessas sessões realizadas no Eden-Cinema eram utilizadas para homenagear as autoridades, principalmente o governador:

O Cinema

Esteve deveras importante a sessão cinematographica que a empreza deste centro de diversões levou a effeito, domingo, p. passado, em homenagem ao exmo. Sr. Dr. Cunha Vasconcellos e exma. Família, cujas prezenças honraram nesse dia, o salão do Eden.

S. exc^a. o dr. Cunha Vasconcellos sahi agradavelmente impressionado, bem como todos os presentes, pela belleza do film – ‘Phantasma de Medéa’ – que foi exhibido naquella noite.²¹²

Um film nacional no Eden

A “Fundação Anuario da Amazonia”, que é uma instituição de publicidade, propaganda, turismo e educação, incorporada em Belém do Pará por elementos brasileiros, realisou no dia 14 do corrente, a sua apresentação á sociedade e ao publico acreano, com a exhibição do film natural ‘Através do Gram-Pará’ ou ‘A Conquista da Guyana Brasileira’.

A noitada da Fundação foi dedicada a s. exc^a. o sr. dr. Hugo Carneiro, sendo, do seu producto destinada uma percentagem a favor da Santa Casa de Misericordia desta capital.²¹³

Como podemos verificar acima, o Eden promoveu sessões beneficentes no intuito de ajudar instituições como escolas e hospitais. Essas sessões foram sugeridas pelo advogado José Maia, com o intuito de ajudar o hospital *Augusto Monteiro*. Ele aproveitou para fazer uma crítica às acomodações do cinema, revelando o seu relativo desconforto:

²⁰⁹ Toulet, op. cit., p. 50.

²¹⁰ Betton op. cit., p. 47.

²¹¹ ibidem, p. 51.

²¹² O CINEMA, *Folha do Acre*, Rio Branco, 02 de set. de 1920, p. 2, col. 6.

²¹³ UM FILM nacional no Eden, *Folha do Acre*, Rio Branco, 17 de fev. de 1929, p. 6, col. 3.

Eden-Cinema

Em Benefício da Caixa Escola

A pedido do sr. dr. Director da instrucção publica, a empresa Moleiro & Esteves, na sexta-feira, 30 deste mez, às 9 horas da noite realizará uma sessão cinematográfica em beneficio da caixa escolar do grupo escolar “7 de Setembro”. Será focalizado o importante film *Via Crucis*.

A caixa escolar é uma instituição benemerita que tem por principal fim, facilitar a frequencia, fornecendo livros, etc., aos alumnos reconhecidamente pobres.²¹⁴

Para serem completos os louros da Victoria dos srs. Leonel & Mendes, manda a sua generosidade que dêem uma vez por mez uma sessão em beneficio do nosso esquecido hospital e, quanto antes, mudem aquelles bancos duros por umas cadeirinhas macias.²¹⁵

As sessões cinematográficas traziam novos costumes a serem discutidos, novos astros e estrelas a serem falados, novos agitados pontos de (des) encontros, como nos revela uma queixa de um encontro mal-sucedido no Eden:

O Meu Comentario

Senhorita X

Estou sentido. Disse-me que não faltaria á premiere de Ivonne e faltou. Estou sentido e zangado. Não se manga assim de quem passou no Eden momentos, primeiro ancia, depois de aborrecimento, por que a minha amiguinha não appareceu.

Não é que tivesse dejejos de ver os seus divinos olhos, por que esse matam a quem os olha; não é porque ... sei lá o que dizer...

Mas queria que o seu cérebro inteligente e o seu coração suavissimo julgasse da encantadora e sempre delirante Bertini, no seu trabalho delicadissimo e cariciozo na duquezinha, e brutal, amorozo e patético na creada Ivonne.²¹⁶

No item *No écran*, já discorrido, um dado chamou a atenção nas sessões cinematográficas: na primeira sessão do Eden-Cinema, houve a distribuição gratuita dos cigarros Therezita, ou seja, durante as sessões era permitido fumar, mesmo com a casa cheia. Isso foi motivo de uma intervenção por parte da *Intendência Municipal*, em que o próprio Intendente pedia para que os frequentadores do cinema não fumassem durante as apresentações no intuito de disciplinar e higienizar o seu espaço:

²¹⁴ EDEN-CINEMA, *Folha do Acre*, Rio Branco, 27 de set. de 1927, p.5, col. 2.

²¹⁵ MAIA, José. O cinema, *Folha do Acre*, Rio Branco, 22 de jul. de 1920, p. 3, col. 1.

²¹⁶ DANILLO. O meu comentário, *Folha do Acre*, Rio Branco, 04 de nov. de 1920, p. 2, col. 3 e 4.

Intendência Municipal de Rio Branco
Administração do Exmo. Sr. Dr. José Eduardo Freire de Carvalho Junior

Resolução n.º 42

O Dr. José Eduardo Freire de Carvalho
Junior no exercício pleno do cargo de
Intendente Municipal de Rio Branco, etc.,

Attendendo a que o fumar nos theatros constitue um atentado aos preceitos elementares de higiene;

Attendendo a que hoje em todas as cidades civilisadas este habito está estigmatisado nos logares onde há reunião;

Attendendo, além disso, a que nas representações cinematographicas o fumo que se desprende do cigarro, do charuto ou de qualquer outra procedencia perturba a vista dos espectadores precisamente no momento em que a scena se fixa e se projecta no pano de projecção;

Resolve:

Fazer um apello á fina educação dos frequentadores do ‘Eden-Cinema’ e lhes pedir que se abstenham de fumar no salão das projecções.

Gabinete do Intendente Municipal de Rio Branco, 23 de junho de 1920

(A.) Dr. José Eduardo Freire de Carvalho Junior, Intendente

(B.)

Publicada nesta Secretaria aos 23 dias do mez de junho de 1920 (a.) José Lopes de Aguiar, Secretario²¹⁷

Assim, podemos reconstruir as sessões cinematográficas. O poema de Mario de Oliveira, advogado, publicado na imprensa local, revela como ele as representa.²¹⁸ O poeta capta um momento bem marcante: o salão escuro, tendo ao centro a tela, atraindo a atenção dos espectadores, e a platéia. Após o término do espetáculo, destaca alguns personagens típicos do fim de uma sessão:

Instantâneo

Casa ás escuras. Lá na branca téla

²¹⁷ INTENDENCIA Municipal de Rio Branco, *O Futuro*, Rio Branco, 27 de jun. de 1920, p. 3, col. 4.

²¹⁸ OLIVEIRA, Mario de. O cinema, *Folha do Acre*, Rio Branco, 17 de jun. de 1920, p. 2, col. 5.

Se projecta, de luz, um foco albente,
 Para onde a fitar se fica a gente
 Calada e quieta e embasbacada pela

Scena, que surge á vista, de repente: –
 Há guerrase naufragios... Sentinella
 Adiante é Amôr... Ao longe branca vela
 Se ensuma dos galernos á corrente...

Faz-se luz, afinal. Diverso o aspecto
 É da assistencia. – Aqui gordo e rotundo
 Burguez dorme tranquilo e satisfeito...

Ali, sentimental dama, profundo
 Suspiro arranca do intimo do peito...
 Alem um jovem faz se alheia ao mundo...

Mario de Oliveira
 Junho-1920²¹⁹

2.6 Cinema: sensualidade e moda

Algumas propagandas de filmes demonstram a sensualidade das atrizes que protagonizam certas histórias. Isso nos é revelado em anúncios como o da *Princesa de Spinarosa*, que chama a atenção para a atriz Ritta Sachets, a *mulher de olhos seductores*.²²⁰ Esse aspecto também é ressaltado em sonetos, aqui já destacados, por Alfredo Gomes Ferreira:

Ver a Bertini, - a trágica divina,
 Em lances de patheti emoção;
 E Asta Nielsen, a irônica ferina,
 Vivendo a Dor, com arte e paixão.²²¹

O comentário de Juvenal Antunes sobre o cinema e um anúncio também revela o aspecto sensual de certas atrizes:

²¹⁹ idem.

²²⁰ NA TELA e nos salões, *Folha do Acre*, Rio Branco, 03 de abr. de 1920, p. 2, col. 6

²²¹ FERREIRA, Alfredo Gomes. *Folha do Acre*, Rio Branco, 26 de ago. de 1920, p. 3, c. 5.

No cinema ao menos, a gente divisa a pinta das faceiras, a maganice das lindas empoadas e tem a illusão de lobrigar sempre uma ou outra variante de cette femme diabolique; dangereuse et fatal, qui est le “femme noir, lê vase de tristesses” la ninphe tenébreusse et chande...²²²

Diana é irresistível pela arte, sedutora pela graça em – Quando o Amôr Refloresce. Além do imponente e magistral trabalho desta artista nesse film, tudo de “Quando o Amôr Refloresce”, encanta e seduz.²²³

Um outro ponto que os filmes trazem é a sua vinculação com a moda.

A sociedade vinda do século XIX é, no começo do século XX, ainda muito encoberta, as roupas são muito abundantes e não permitem exposição significativa do corpo. Na linguagem do cinema mudo, o vestuário deveria, pois, acentuar as formas, e nesse momento as partes mais evidenciadas eram o pescoço e colo.²²⁴

As atrizes do cinema mudo evidenciavam outras partes do corpo como pontos eróticos: as pernas, os joelhos e os pés. É nessa relação com o corpo que as roupas funcionam como elementos que acentuam as formas e revelam pontos estrategicamente erotizados.²²⁵ *As belíssimas atrizes usavam vestuários justamente adequados a favorecer a exibição de seus dotes plásticos, que eram considerados maravilhosos.*²²⁶

Isso é notado em anúncios de filmes que vinculavam o cinema com a moda usada pelas estrelas, funcionando como um apelo para que o público freqüentasse as sessões. No filme *Quando o Amor Refloresce* isso pode ser observado:

A celebre artista do Theatro Imperial de Moscow – Diana Karene – que pela primeira vez visita a nossa tela, vai ter a consagração, bem merecida, de Rio Branco. Neste trabalho, muito fino e moderníssimo apresenta-nos Karene as melhores modas da actualidade para as senhoras em variados e riquissimas toillets.²²⁷

Para Terezinha Queiroz, a moda no início do século XX²²⁸ é basicamente imitada da européia e as atrizes de cinema funcionam como elementos de transferência de padrões

²²² O CINEMA, *Folha do Acre*, Rio Branco, 20 de maio de 1920, p. 2, col. 5.

²²³ O CINEMA, *Folha do Acre*, Rio Branco, 14 de out. de 1920, p.3, col. 6.

²²⁴ Queiroz, op. cit., p. 198.

²²⁵ idem.

²²⁶ idem.

²²⁷ O CINEMA, *Folha do Acre*, Rio Branco, 14 de out. de 1920, p.3, col. 6.

²²⁸ Queiroz, op. cit., p. 43

culturais. Mas é necessário ressaltar que essa transferência não funciona de forma mecânica. É importante destacar que algumas pessoas resistiram, devido ao conservadorismo, à adoção de novos padrões culturais e modísticos demonstrados pelo cinema. Com essa concepção, Laura, comentarista do jornal *A Capital*, publica um artigo atacando a moda, uma vez que era necessário desenvolver nas mulheres *a nobre emulação de serem mais alguma coisa do que figurinos da moda, livremol-as da phrase, do desejo de brilhar na sociedade*.²²⁹

Mas havia aqueles que discordavam do posicionamento de Laura. Severa, colaboradora do jornal *A Capital*, em resposta ao artigo de Laura, argumenta que:

[...] não tem razão Laura quando se revolta contra a educação moderna. O condenável é o excesso. Tão deplorável é uma mulher exageradamente preocupada dos mundanismos, como aquella que delles se alheia por completo.²³⁰

O cinema, além de ser uma diversão, teve uma grande influência no público com suas imagens. A moda, sempre mutável, é ponto de referência daquilo que é chique e moderno. Estar na moda é estar em destaque, e o cinema, por trazer imagens, vai funcionar como fonte de inspiração desses novos padrões a serem ou não seguidos. Vestir-se conforme as atrizes é uma tentativa de se aproximar, também, dos hábitos europeus.

²²⁹ LAURA, A tyrannia da phrase. *A Capital*, Rio Branco, 11 de set. de 1921, p. 2, col. 1, 2 e 3.

²³⁰ SEVERA, As sutilezas femininas. *A Capital*, Rio Branco, 11 de set. de 1921, p. 2, col. 1, 2 e 3.

3. EDEN-CINEMA: ESPAÇO MÚLTIPLO

3.1 Eden-Cinema

As novidades que iam tomando força na cidade seduziam ou não as pessoas, fazendo do cinema um espaço privilegiado de encontro com a novidade.²³¹ Desde o final do século XIX e início do século XX, a idéia de progresso já estava a pleno vapor. Por volta de 1850, a França vai exportar o modelo de cidade moderna. Essa experiência relativa à capital francesa vai ultrapassar suas fronteiras e se tornar conhecida em várias partes do mundo. O espaço que toma enlevo na cidade é o do encontro, uma vez que a idéia é realizar uma vitrine da modernização. O prefeito Haussmann privilegiava os locais públicos, em que as necessidades locais são constatadas pelas “autoridades públicas” (grifo do autor). O poder municipal era amparado pela lei com autonomia de desapropriar, limpar terrenos, além de abrir ruas.²³² Nesse contexto, várias cidades foram influenciadas por essa concepção.

A crescente necessidade de enfrentar os problemas sociológicos, técnicos, organizacionais e políticos da urbanização foram um dos caminhos que floresceram os movimentos modernistas. Diante de uma reação à crise da organização, toda uma prática de tendência modernista foi moldada. As qualidades no modernismo variavam ao longo das cidades, alcançando uma trajetória particular pelas capitais do mundo, cada qual vibrando como um campo cultural de um gênero particular. O caminho geográfico de Paris a Berlim, Viena, Londres, Moscou, Chicago e Nova Iorque podia ser revertido ou reduzido a depender do tipo de prática modernista que se tivesse em mente.²³³

As cidades foram os palcos dos tempos modernos, elaborando projetos e convivendo com as inúmeras novidades que poderiam oferecer. A sociedade moderna industrial é fundamentalmente urbana e está em constante movimento. A cidade moderna é fragmentada, uma vez que a idéia de aperfeiçoá-la, reconstruí-la, é uma constante. Nessa perspectiva, dois personagens se destacam: o novo e o velho.²³⁴

Mas os caminhos que levam ao moderno não estão estritamente vinculados à industrialização. A modernidade tem ligações com a modernização, alargando os desejos

²³¹ REZENDE, Antonio Paulo. (Des) encantos modernos: histórias da cidade do Recife na década de vinte. Recife: FUNDARPE, 1997. p. 21.

²³² RONCAYOLO, Marcel. Mutações do espaço urbano: a nova estrutura da Paris haussmanniana. Projeto História: espaço e cultura, EDUC, São Paulo, n. 18, p. 92-93, maio 1999.

²³³ HARVEY, David. Modernidade e modernismo. In: Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. SP: Loyola, p. 35.

²³⁴ Rezende, 1997, passim.

progressistas, já que é a idéia de progresso que seduz as pessoas.²³⁵ No Brasil essas idéias podem ser percebidas em várias cidades como Rio de Janeiro, São Paulo e Recife. Suas histórias estão marcadas pela tensão entre o tradicional e o moderno:

O Recife foi daquelas cidades que “continuam ao longo dos anos e das mutações a dar forma aos desejos”. Vivenciou suas alucinações modernistas, não só nos modismos urbanos, mas nos sonhos de alguns moradores em refazer o seu cotidiano político, alimentados por clamores de rebeldia da modernidade que seduziu e encantou os inconformados.²³⁶

É dentro desse contexto de transformação que Rio Branco pode ser



Mercado Municipal – Rel. Hugo Carneiro

mercado municipal, que se destacava por cumprir as normas de higiene (ser em alvenaria, possuir lajotas em suas paredes, banheiros etc.). O antigo quartel, todo em madeira, é demolido e em seu lugar construído uma ampla fortificação em alvenaria. O fluxo de pessoas na rua Epaminondas Jácomes, que margeia o rio Acre em Penápolis, já anunciava os ares de centro movimentado, principalmente devido à instalação da agência do Banco do Brasil, que passou a viabilizar os negócios locais, além de dar uma melhor estrutura ao governo no que se refere ao pagamento de salários dos funcionários e recebimento de verbas federais. Essas transformações também atingiram os hábitos de higiene das pessoas e das instituições.

Assim, o cinema em Rio Branco não foi deixado de lado. Passou por mudanças, ampliando e modernizando o seu espaço, além de ser alvo de fiscalização da Diretoria de Higiene. O Édén, ao longo da década de vinte, foi um lugar de encontros, onde as pessoas se divertiam constantemente, como destacam os jornais da época:

²³⁵ *ibidem*, p. 25.

²³⁶ *idem*.



Na tela e nos salões

O “Eden-Cinema” continua a proporcionar ao público noites agradabilíssimas.²³⁷

O cinema amplia os horários noturnos,²³⁸ tornando-se referência, movimentando o centro comercial da cidade, trazendo mais assuntos a serem discutidos. Era **Rua**

Epaminondas Jácomes-Rel. H.C. mais um ponto de encontro, um ambiente, uma opção de lazer, havendo até quem dissesse que era tudo:

[...] o cinema attrae, distrae, illustra e diverte sempre, pois si não houvesse, das 8 às 10 da noite, antes de abrir-se o Club do Vavá, uma sessãozinha no Eden, era fatal: eu, senão outros, liquidava em bispo, morando na Igreja do Pratygy!²³⁹

Aqui em Rio Branco, o Cinema era quase nada: agora sob a gerencia do endiabrado Alfredo Mendes, é quase tudo...

Salvo melhor juizo.²⁴⁰

O ato de ir ao cinema é um evento e tem papel fundamental como integrador social, uma vez que os prazeres da noite não se esgotam com a experiência de assistir a um filme. No mais das vezes se trata de uma atividade em grupo, sendo pouco provável as pessoas irem sozinhas.²⁴¹ Mesmo aqueles filmes de que as pessoas não gostam muito, dão uma sensação de liberdade e distanciamento do mundo. Essa idéia é percebida devido ao sentimento de separação com o mundo lá fora, realçado quando se sai da sala escura de projeção.²⁴² Na sala, as pessoas fazem parte de um grupo, mas estão separadas umas das outras, pois elas não são muito visíveis; sentadas em poltronas, sente-se a necessidade de se concentrar no filme; a própria estrutura física da sala indica o desejo do público de consumir sons e imagens projetadas à sua frente²⁴³

²³⁷ NA TELA e nos salões, *Folha do Acre*, Rio Branco, 15 de jun. de 1922, p.3, col. 4.

²³⁸ Rezende, op. cit., p. 78.

²³⁹ O CINEMA, *Folha do Acre*, Rio Branco, 20 de maio de 1920, p. 2, col. 5.

²⁴⁰ ANTUNES, Juvenal. O cinema, *Folha do Acre*, Rio Branco, 13 de maio de 1920, p.3, col. 1.

²⁴¹ GRAEME, Turner. Cinema como prática social. SP: Summus, 1997, p. 110.

²⁴² idem.

²⁴³ ibidem, p. 111.

Apesar de ser um salão que dominou o cenário cinematográfico da década de vinte, o Eden-Cinema não foi o único a instalar-se na cidade, mesmo sendo o único a funcionar regularmente, com as suas programações publicadas periodicamente nos jornais locais.

Segundo Mauricélia Barrozo A. de Sousa, em 1917, o Cinema Olympia abre suas portas como casa exibidora de filmes.²⁴⁴ Mas na década de vinte não foi encontrada uma programação regular, fechando suas atividades em 1921. Nessa ocasião, os proprietários do Eden-Cinema compraram sua aparelhagem.

O Cinema Olympia foi Vendido

O srs. Leonel & Mendes, proprietários do Eden e da A Moda desta capital, compraram o material que constituia o antigo cinema Olympia.²⁴⁵

Em 1922, a imprensa anuncia a criação de um cinema no bairro de Penápolis, por José Martin:

É uma boa idéia na qual de certo será bem sucedido o seu autor pois o Iº districto [Penápolis] desta cidade está necessitando de uma casa desse genero attendendo ali morarem muitas familias que não frequentam o cinema do bairro Empreza.²⁴⁶

É um empreendimento louvavel, que muita vida irá trazer ao bairro burocrático da capital, onde familias não têm distração outra, a não ser a retreta aos domingos e quintas na Praça Tavares de Lyra.²⁴⁷

Mas não foram encontrados elementos que nos permitissem aprofundar sobre esse empreendimento. No final da década de vinte, começaram a surgir anúncios do *Iris-Cine-Theatro*. A escassez de informações também foi um empecilho de aprofundamento, não sendo possível saber se existe alguma relação entre o Iris e o cinema construído em Penápolis.

Iris-Cine-Theatro – Hoje – Soirrée chic – A Hyena de Ouro – Em 6 actos e 1 prologo.²⁴⁸

²⁴⁴ SOUSA, Mauricélia B. A. de. Os primórdios do cinema em Rio Branco: 1912-1930. Rio Branco: UFAC, 1988, p. 14.

²⁴⁵ O CINEMA Olympia foi vendido. *Folha do Acre*, Rio Branco, 03 de fev. 1921, p. 3, col. 2

²⁴⁶ CINEMA em Pennapolis, *Folha do Acre*, Rio Branco, 26 de out. de 1922, p. 2, col. 2

²⁴⁷ UM CINEMA em Pennapolis. *A Capital*, Rio Branco, 02 de jul. de 1922, p. 4, col. 4.

²⁴⁸ IRIS- CINE-THEATRO. *Folha do Acre*, Rio Branco, 17 de fev. de 1929, p. 1, col. 6.

O Éden é um ponto de lazer e um empreendimento muito significativo para os seus sucessivos proprietários. Ele foi adquirido do proprietário do Ideal-Cinema pela firma Leonel & Cia., composta por Leonel Vinagre, Alfredo Mendes e Domingos Mirão.²⁴⁹ Ficamos atentos à mudança de nomes da firma proprietária, talvez reflexo de mudanças na composição da empresa, uma vez que, depois de algum tempo, passou a denominar-se Leonel & Mendes:

A Moda, estabelecimento e agencia comercial que tudo se encarrega e a tudo attende.

Responde a todas as cartas.

Theatro e Eden-Cinema

Director-Gerente: – Alfredo Mendes

Centro familiar de diversões, que apresenta as mais sensacionaes novidades no Territorio.

Empreza proprietaria: – Leonel & Mendes, agentes do Parc Royal do Rio de Janeiro e dos inigualaveis cigarros “Therezita”.

Caixa Postal 26 – Endereço telegraphico – Moda

Rio Branco – Alto Acre.²⁵⁰

Posteriormente, era comum encontrar apenas a denominação de Leonel Vinagre,²⁵¹ que em 1925 vende o Eden-Cinema à firma *Moleiro & Esteves*, como deixa transparecer o requerimento publicado no *Jornal Oficial*:

Requerimentos despachados

Dia 8

N. 255 – Leonel Vinagre, comunicando haver transferido a Moleiro & Esteves, em data de 1º do corrente o “Eden-Cinema”, de sua propriedade, situada á rua João Luiz Alves nesta cidade. – Façam-se as devidas anotações pagando o interessado previamente os emolumentos devido.²⁵²

Assim como a sua loja “A Moda”, para a firma A. Leitão & Cia.

Leonel Vinagre, comunicando haver transferido em data de 1º do corrente mez aos srs. A. Leitão & Cia. o seu estabelecimento commercial “A Moda”, situado á rua João Luiz Alves

²⁴⁹ NA TELA e nos salões, *Folha do Acre*, Rio Branco, 03 de abr. de 1920, p. 2, col. 6

²⁵⁰ A MODA. *Folha do Acre*, Rio Branco, 02 de set. de 1920, p. 2, col. 3.

²⁵¹ CORREIO do Acre, Rio Branco, 20 de jan. de 1924, p. 1, col. 6.

²⁵² REQUERIMENTOS despachados. *Jornal Oficial*, Rio Branco, 23 de ago. de 1925, p. 3, col. 4.

desta cidade. – Pagando o interessado o emolumento a que está sujeito, façam-se as devidas anotações.²⁵³

Talvez o comércio de distribuição de filmes tenha parecido mais rentável ao então empresário Leonel Vinagre, como se pode verificar no item *O longo percurso do filme para a tela*. Desde o início da década de vinte, *Nemezio Moleiros* era dono do Hotel Fleury, não podendo se precisar quando ele se associa a *Avelino Esteves* e adquire o Eden-Cinema.

Hotel Fleury
de
Nemezio Moleiros
Ex-socio do Hotel Madrid
Tendo adquirido o Hotel Ciccarelli
Reformou-o, aparelhando-o para receber hospedes e fornecer comidas a domicilio e ter boa freguezia para o que dispõe de magnifico serviço de meza
A' Praça Municipal Rio Branco.²⁵⁴

A aquisição do Eden-Cinema vai fazer parte dos anúncios da firma na imprensa local:

Moleiro & Esteves
Proprietario do Hotel Madrid e do Eden-Cinema
Rio Branco-Territorio do Acre
Luz Electrica propria
Grande deposito de bebidas estrangeiras – Cerveja gelada a toda hora.²⁵⁵

Mas esses anúncios vão desaparecer no início da década de trinta, apesar de a firma Moleiro & Esteves ainda persistir no ramo de hotelaria, não se podendo dizer do cinematográfico:

Moleiro & Esteves
Proprietarios do
Hotel Madrid
Cosinha e primeira ordem
Bem sortido Botequim
Charutos, cigarros, bebidas geladas, nacionaes e estrangeiras.

²⁵³ JORNAL Official, Rio Branco, 17 de maio de 1925, p.3, col. 4.

²⁵⁴ HOTEL Fleury. *O Futuro*, Rio Branco, 13 de mar. de 1921, p. 4, col. 4.

²⁵⁵ MOLEIRO & Esteves, *Folha do Acre*, Rio Branco, 31 de jan. de 1927, p. 4, col. 2.

Quatro Otimos Bilhares
 Rua João Luiz Alves n. 77
 Rio Branco – Territorio do Acre.²⁵⁶

O Eden, sob a administração de Moleiro & Esteves, é arrendado à Bolivar M. Leite, representante de várias firmas nacionais e estrangeiras,²⁵⁷ a partir de 1929:

Desde ante-hontem o Eden-Cine-Theatro passou á direção de Bolivar M. leite, o activo e diligente propagandista de nossa praça, que arrendou da Empreza Moleiro & Esteves a elegante casa de espetáculos, propondo-se a fazer verdadeira revolução theatral em nosso meio.²⁵⁸

Diante do exposto, nota-se que havia muita dificuldade de se manter funcionando regularmente os salões cinematográficos em Rio Branco. Mesmo nos países desenvolvidos, manter os grandes palácios de cinema, onde se acreditava terem uma maior rentabilidade, representava uma enorme dificuldade, até nos períodos de prosperidade econômica.²⁵⁹ Havia uma fraqueza econômica nesses palácios, tendo como um dos principais motivos os conflitos que as indústrias cinematográficas desencadearam para controlar e se apropriar dos lucros. Mas um dado de Sam Katz, exibidor em Chicago na década de vinte, revela que os filmes produzidos não tinham o poder de atração para encher os cinemas na maioria das suas sessões e não havia filmes excepcionais o suficiente – grandes produções – para solucionar o problema e atrair o público em massa.²⁶⁰

Apesar de os salões pequenos reagirem melhor com as produções de menor qualidade, isso não significava que também não enfrentassem dificuldades com os custos de sua manutenção. Assim, era comum alguns cinemas se voltarem para artistas que faziam espetáculos ao vivo, como os números de variedades, para que estes pudessem atrair um número maior de espectadores e aumentar os lucros. A maior parte da renda dos cinemas da década de vinte era gasta com despesas que variavam entre o aluguel do estabelecimento,

²⁵⁶ MOLEIRO & Esteves, *Folha do Acre*, Rio Branco, 20 de set. de 1931, p. 4, col. 6.

²⁵⁷ FOLHA do Acre, Rio Branco, 03 de fev. de 1929, p. 1, col. 6.

²⁵⁸ O EDEN-CINE-THEATRO passa a nova direção, *Folha do Acre*, Rio Branco, 13 de jan. de 1929, p. 6, col. 4.

²⁵⁹ SKLAR, Robert. A casa que Adolph Zukor Construiu. In: História social do cinema americano. SP: Cultrix, 1978, p.176.

²⁶⁰ idem.

artistas, filmes, bandas ou orquestras, além de despesas fixas como o fornecimento de energia elétrica, pagamento de salário de funcionários.²⁶¹

Entre 1914 e 1916, foi estabelecido um complicado sistema de classes para os cinemas nos EUA. As prerrogativas consistiam em que a permanência de um filme em cartaz poderia ser estendida se fosse exibido com exclusividade nos cinemas de maior prestígio a preços maiores e depois de um período conveniente de tempo, colocado à disposição de cinemas menores e mais baratos.²⁶²

Assim, os filmes de maior sucesso permaneciam com altos preços para o mercado exibidor, impedindo o acesso de salões pequenos às grandes produções.²⁶³ Portanto, cinemas como o Édén não tinham a oportunidade de apresentar grandes produções norte-americanas na década de vinte, devido aos altos preços do aluguel, conseguindo exibir, apenas, produções mais baratas e antigas. Isso pode ser percebido em nota no jornal “Folha do Acre” ao citar o filme italiano *Ivonne e O Condemnado das Guianas*:

[...] são dois trabalhos que só a empresa do Édén, por seu esforço de bem nos servir, podia fazer(sic!) ao Acre, dado o custo caríssimo dos alugueis, que de films como esses, quase nunca são compensados pela receita, por maior que seja.²⁶⁴

No período em que o Édén foi administrado por Leonel Vinagre, o salão passou por reformas que possibilitaram a sua ampliação:

Devido aos esforços do sr. Leonel Vinagre, proprietário dessa casa de diversões, provavelmente por todo este mez está de parabens a população de Rio Branco (e nós também) por já se achar quase adaptado o novo predio em que vai funcionar o Eden-Cinema.

Em visita que fizemos, verificamos estar sendo o predio ampliado com todas as necessidades que se fazem precisas para uma casa desse gênero, constando das acomodações tres frisas especiaes, destinadas, respectivamente, ao Governo do Território, á Polícia e á Imprensa.²⁶⁵

Sua inauguração foi marcada um mês depois, com estréia de um novo filme:

²⁶¹ ibidem, p. 178.

²⁶² ibidem, p. 171.

²⁶³ idem.

²⁶⁴ O CINEMA, *Folha do Acre*, Rio Branco, 15 de nov. de 1920, p. 3, col. 4.

²⁶⁵ EDEN-CINEMA, *Correio do Acre*, Rio Branco, 15 de jun. de 1924, p. 4, col. 6.

Será inaugurado no dia 14 do corrente, o novo prédio dessa casa de diversões, com estréia do monumental film Atlantis.²⁶⁶

Atlantis, um filme dinamarquês produzido nas vésperas da primeira guerra, fazia parte da geração que superou a fase inicial de temas, composta por aristocratas e acrobatas. Mas não abandonou os temas catastróficos, tão comuns, que nesse filme assumiam grandes proporções. *Auguste Blom* reconstituiu em estúdio o naufrágio do *Titanic*, cujo roteiro adaptava um romance do escritor alemão Gerhardt Hauptmann.²⁶⁷

Com a reforma, a quantidade de freqüentadores era bem maior do que os cento revelados numa sessão popular no início da década de vinte, onde já destacamos no item “As sessões”.²⁶⁸ Agora o número de freqüentadores aumentou, sendo isso notado num artigo sobre uma sessão beneficente para a caixa escolar do grupo escolar “7 de Setembro”, onde foram vendidos 255 ingressos, dos quaes 12 camarotes, 62 cadeiras e 181 geraes.²⁶⁹

Percebe-se que, com a reforma do Édén, surgiram acomodações especiais para as autoridades máximas do Território, como o Governo e a Polícia, e para a Imprensa, colaboradora do Édén através da publicação de anúncios e artigos sobre os filmes. A reforma diferenciou o público freqüentador.

Agora, com os camarotes, as pessoas de maior poder econômico não se misturavam com as de menor poder aquisitivo. O que antes era um espaço compartilhado por todos, sem muita distinção de lugares, a partir de então, torna-se seletivo.

Mesmo com a ausência de elementos, podemos perceber que as “cadeiras” poderiam representar um grupo intermediário, uma vez que os freqüentadores gozavam do conforto de apreciar as apresentações sentadas. Já as gerais, era destinada para aquele grupo que viam os espetáculos em pé ou sentados no chão. Essa prática de assistir-se em pé ou sentado no chão, vai ser constantemente usada nos espetáculos em que havia uma lotação acima da quantidade que a casa pudesse suportar. Esse acontecimento perdurou nos cinemas de Rio Branco até os anos oitenta.

Sob a direção de Moleiro & Esteves, no final da década de vinte, o Eden é novamente reformado:

²⁶⁶ EDEN-CINEMA, *Correio do Acre*, Rio Branco, 06 de jul. de 1924, p. 3, col. 2.

²⁶⁷ Sadoul, Georges. História do cinema mundial: das origens a nossos dias, Vol. 1., SP: Martins, 1963, p. 84.

²⁶⁸ O CINEMA, *Folha do Acre*, Rio Branco, 21 de out. de 1920, p. 3, col. 5.

²⁶⁹ O CINEMA em benefício da caixa escolar, *Jornal Oficial*, Rio Branco, 21 de jun. de 1925, p. 1, col. 5.

Eden-Cinema

*Este salão cinematographico vae passar por uma grande reforma.*²⁷⁰

Reabre um mês depois, quando:

Avelino Esteves, há pouco chegado do passeio feito á Hespanha, o Eden-Cinema hontem reabriu o seu salão ao publico, completamente remodelado, conseguindo, por isso, uma assistência selecta e numerosa. Agora o Eden está parecendo um cinema de cidade. Parabens aos srs. Moleiro & Esteves.²⁷¹

Para começar a funcionar legalmente, o Eden precisava ser inspecionado pela *Directoria Geral de Hygiene e Saude Publica do Territorio*:

Requerimentos e despachos

Julho

Dia 20

N. 329 – Moleiro & Esteves, – requerendo a visita de praxe no Eden-Cinema a fim de ser reaberto à frequencia do publico – Ao encarregado dr. Bento Ghiglione para verificar, – A’ vista do laudo junto permitto a reabertura.²⁷²

Às vezes, era necessário cumprir exigências que esta Diretoria determinava, necessitando de prazos para efetivar-se:

Dia 25

N. 468 – Moleiro & Esteves – Requerendo praso para cumprir a intimação da comissão de higyene, de accordo com a determinação do sr. dr. Intendente Municipal. A’ fiscalisação – como pedem.²⁷³

Ou para pedir licença de concertos ou acréscimos na estrutura do prédio:

N. 456 – Moleiro e Esteves, requerendo licença para fazer concertos e accrescimo no predio onde funciona o Eden-Cinema, á Rua João Luiz Alves, desta cidade. A’ secretaria. Faça-se o concerto pago o devido imposto. ²⁷⁴

²⁷⁰ EDEN-CINEMA, *Folha do Acre*, Rio Branco, 26 de jun. de 1927, p. 1, col. 1.

²⁷¹ EDEN-CINEMA, *Folha do Acre*, Rio Branco, 24 de jul. de 1927, p. 1, col. 4.

²⁷² INTENDENCIA Municipal de Rio Branco, *Folha do Acre*, Rio Branco, 28 de ago.de 1927, p.3, col. 5.

²⁷³ FOLHA do Acre, Rio Branco, 16 de out. de 1927, p. 3, col. 6.

²⁷⁴ FOLHA do Acre, Rio Branco, 24 de jun. de 1928, p. 2, col. 6.

O pedido de requisição de prazo da firma Moleiro & Esteves para o cumprimento de intimação da comissão de higiene de acordo com as determinações da Intendência, dava-se quando eram necessárias providências urgentes, executadas pelo Intendente. As medidas que pudessem ser feitas num prazo maior era necessária a intimação de um médico da municipalidade de acordo com o Código de Posturas, que assim determinava:

Art. 89 – Durante as visitas sanitarias, as providencias de carater urgente serão executadas imediatamente pela Intendencia e para as que se poderem fazer em um praso maior de 12 horas, o responsavel será intimado por escripto em documento visado pelo medico da municipalidade.²⁷⁵

Existente desde a instituição do governo geral, à *Directoria de Hygiene e Saúde Publica* cabia grandes atribuições de acordo com o art. 8º, do decreto n. 14.383, de 1 de outubro de 1920, no qual ficam esclarecidos os motivos que a levavam às constantes fiscalizações no Eden-Cinema:

A Directoria Geral de Hygiene e Saude Publica do Territorio, abrangendo a hygiene publica urbana e domiciliaria, assistencia medica, policia sanitaria dos domicilios, logares e logradouros publicos, comprehende:

1º. Os serviços de hygiene e saúde publica do Territorio, prophylaxia geral e especifica das moletias transmissiveis, a policia das fabricas, officinas, collegios, estabelecimentos comerciais e industriaes, dos hospitaes, casas de saude, maternidades, mercados, hoteis e restaurantes.

.....
11. A prescrição de preceitos hygienicos na construcção das habitações.²⁷⁶

A Diretoria, órgão do Governo do Território, juntamente com a Intendência Municipal, promoviam fiscalização de gêneros alimentícios, além de visitas às casas particulares e comerciais como hotéis, botequins, padarias²⁷⁷ e cinemas. Mas essa Diretoria só passou a fiscalizar com maior rigor no governo de Hugo Carneiro (1927-1930). Este promoveu muitas mudanças na cidade, a começar por maiores investimentos nos serviços públicos. Investir era um grande problema para os governos da década de vinte, pois a carência de verbas e as dificuldades para estas chegarem ao Acre, era um dos principais

²⁷⁵ FOLHA do Acre, Rio Branco, 17 de mar. de 1929, p. 4, col. 1, 2, 3, 4, 5 e 6.

²⁷⁶ CARNEIRO, Hugo Ribeiro. Relatório apresentado ao Ministro da Justiça e Negócios Interiores Exmo. Augusto de Vianna do Castello, (1928-1929). Imprensa Nacional, Rio de Janeiro. 1930. 286p., p. 211.

²⁷⁷ ibidem, p. 215.

fatores para a sua falta de autonomia e uma das primeiras queixas de Hugo Carneiro ao assumir o governo:

Distribuídas á Delegacia Fiscal do Thesouro Nacional no Amazonas quasi (sic!) tão distante do Acre quanto da Capital Federal, e submetida a sua applicação ao contrôlle oppressivo desta repartição e da Delegação do Tribunal de Contas em Manáos, as verbas destinadas ás despesas com a administração deste territorio rarissimamente chegavam ao seu destino por adeantamentos, não obstante expressa autorização das leis orçamentárias da Republica. Quando outros obstaculos se não apresentavam por parte destas duas repartições, havia sempre o da allegada insuficiencia de numerario para attender ás requisições de qualquer adeantamento trimestral.

.....

Os pagamentos das despesas da administração, que, assim, eram feitos, de ordinario, pela Delegacia Fiscal do Amazonas, soffriam retardamentos tão longos, que já não era surpresa o cahirem em exercicio findo...

A economia publica soffria, desta sorte, incalculaveis prejuizos e os diversos serviços da administração ficavam sem andamento ou eram constantemente interrompidos pelas insuperáveis difficuldades que semelhante situação lhes creava.²⁷⁸

Para o governador esta situação prejudicava os seus planos de investir no Território, assim como havia interferido em “todas as administrações passadas”,²⁷⁹ já que estas não tinham feito obras de grande significação:

Aqui, Exmo. Sr. Presidente, tudo está por fazer, nada, absolutamente nada, de vulto ou de segura permanencia se fez até agora com os muitos milhares de contos que o Governo Federal, depois da annexação do Acre ao Brasil, tem dispendido com a sua administração.²⁸⁰

Posteriormente, de posse de suas verbas e com o poder de burlar as Delegacias do Amazonas, prestando contas diretamente ao Tribunal de Contas, o governo de Hugo Carneiro começa uma série de investimentos na área de higiene, educação, policiamento dentre outras. É na área de saúde pública, que este governo vai fazer uma série de modificações e melhorias.

²⁷⁸ ibidem, p. 21.

²⁷⁹ idem.

²⁸⁰ ibidem, p. 24.

Para ele, um dos principais problemas do Acre era o “higienico”. Tinha como base de seu governo, o combate às “endemias regionaes”, pois nos anos anteriores pouco se havia feito neste setor, devido a uma série de dificuldades, que o governador destaca:²⁸¹

Em materia de prophylaxia rural, nada, porém, de feito encontrei no territorio e o pouco, que neste sentido tenho podido realizar, constitue um simples arremedo desse serviço, devido á ausência de pessoal tecnico, á falta de aparelhamento e de material e á insuficiencia de verba para o seu custeio.²⁸²

Ao assumir a chefia do Território, propõe amenizar o problema da higiene, tendo como primeira medida isolar os “leprosos” em suas casas, pois estes andavam pelas ruas da cidade.²⁸³ Constrói, posteriormente, um Leprozário distante da cidade, onde as pessoas infectadas pela “Lepra”, pudessem ser internadas e tratadas. Funda a Liga de Defesa Sanitaria, instituição privada, que tinha como objetivo suprir a deficiência dos recursos oficiais. Com a ajuda desta instituição, constrói os pavilhões do Leprozário e dos tuberculosos, instala a maternidade Pró-Matre Acreana e transforma o “Hospital Augusto Monteiro” em Santa Casa de Misericórdia.²⁸⁴

Antes de seu governo, era grande a carência de verbas, o “abandono” dos serviços e a indiferença dos poderes locais, sendo altos os índices de “paludismo” e “leishmaniose”.²⁸⁵ Para amenizar este quadro em Rio Branco, foram adotadas medidas de visitas domiciliares regulares, chefiadas pelo diretor da Directoria de Higiene. Este era acompanhado por funcionários de sua repartição, com o intuito de sanear, de fiscalizar e instruir tecnicamente os seus auxiliares. Adotou a inspeção médico-escolar e a assistência dentário-escolar gratuita, além de fazer a fiscalização semanal do meretrício, com o seu cadastramento, objetivando evitar-se a propagação de doenças transmitidas pelas meretrizes.²⁸⁶

A fiscalização de casas comerciais promovida pela Directoria de Hygiene e Saude Publica feita conjuntamente com a Intendencia Municipal, tornou a sua atuação mais precisa a partir de 1928, devido à reforma do Codigo de Posturas Municipaes.²⁸⁷ Antes de entrar em funcionamento, era necessário a inspeção médica de casas comerciais para verificar-se as condições de uso dos estabelecimentos, como podemos ver abaixo:

²⁸¹ *ibidem*, p. 52.

²⁸² *idem*

²⁸³ *idem*

²⁸⁴ *idem*

²⁸⁵ *idem*

²⁸⁶ *ibidem*, p. 58.

²⁸⁷ CODIGO de Posturas Municipaes, *Folha do Acre*, Rio Branco, 20 de jan. de 1929, p. 4, col. 1, 2, 3 e 4.

Capitulo I

Visitas sanitarias

Art. 83 – Todos os predios novos ou reparados e os de aluguel, que vagarem, não poderão ser habitados senão depois de examinados pelo medico da municipalidade ...²⁸⁸

Era também lícito fazer visitas periódicas ou quando necessárias aos estabelecimentos ou residências, não se podendo obstruir essas visitas, pois isso estaria sujeito às devidas penas previstas em lei.²⁸⁹

Art. 87 – A autoridade sanitaria pessoalmente, quando julgar necessario, ou por intermedio de seus fiscaes, fará visitas systhematicas a todas as habitações particulares ou collectivas, estabelecimentos de qualquer natureza, terrenos cultivados ou não, logares ou logradouros publicos, exercendo a policia sanitaria de todas as partes e dependencias das casas e terrenos, de accordo com as disposições attinentes a cada especie.²⁹⁰

O novo Código de Posturas Municipais dedicava um capítulo especial ao cinema, no qual este não poderia escapar das condições de higiene, saúde e lotação, sendo obrigatório o emprego de materiais não-combustíveis e não se permitindo a super-lotação:

Capitulo XV

Dos edificios destinados a reuniões, assembleias, espectaculo e cinemas.

Art. 215 – Nenhum edificio destinado a reuniões, assembleias, espectaculos e cinema, poderá ser construido e franqueado à concorrência publica, sem que a secção technica da Intendencia tenha verificado as suas condições de hygiene, saude e lotação.

.....
Art. 216 – Nas construcções destes edificios empregar-se-á sempre que for possivel materiaes incombustiveis.

Art. 217 – Em nenhum dos edificios a que se refere, este capitulo é permittido o ingresso em numero superior ao da sua lotação.²⁹¹

Esses espaços públicos deveriam cumprir certas exigências como o emprego de materiais não-combustíveis na estrutura do prédio, saídas e entradas que facilitassem o acesso ao público e o não impedimento, por parte dos proprietários, da inspeção do estabelecimento:

²⁸⁸ CAPITULO I, *Folha do Acre*, Rio Branco, 17 de mar. de 1929, p. 4, col. 1, 2, 3, 4, 5 e 6.

²⁸⁹ idem

²⁹⁰ idem.

²⁹¹ CAPITULO XV, *Folha do Acre*, Rio Branco, 26 de maio de 1929, p. 3, col. 1, 2, 3, 4, 5 e 6.

Art. 41 – Nas construções destinadas a diversões publicas fica determinado:

O emprego de material incombustivel em toda a sua construção exceptuando-se apenas os assoalhos, portas, janelas e divisões de camarotes;

Que tenha em diversos pontos saídas faceis para o publico, abrindo-se as portas indifferentemente, do mesmo modo para qualquer lado;

Os proprietarios e empresarios de taes casas nunca poderão impedir o exame por parte das autoridades municipaes.²⁹²

Apesar das medidas acima, percebemos que a sua maior parte não foram cumpridas pelo Eden-Cinema. A primeira é quanto ao item lotação: podemos verificar na prática, através da venda de ingressos, que em uma sessão foram vendidos 255 ingressos, distribuídos em 12 camarotes, 62 cadeiras e 181 gerais.²⁹³ Note que o item gerais não está definido com



Cine Theatro Recreio (ao centro) – Dez vezes seis
Código de Posturas.

um espaço específico no Eden, ou seja, não está classificado em seu interior, podendo ser, portanto, denominado como aquele em que as pessoas ficavam em pé ou sentados no chão, verificando-se, assim, a super-lotação proibida pelo

Um outro ponto que infringia o Código de Posturas Municipais era aquele que tratava de sua estrutura física. Ele determinava que as construções voltadas para diversões públicas não poderiam utilizar materiais de fácil combustão. O antigo Eden-Cinema era uma construção em madeira, tendo adquirido, posteriormente, não se sabendo precisar quando, uma fachada em alvenaria com duas portas largas ao centro e duas estreitas nas laterais, sendo esta a sua aparência atual. Mesmo com as vantagens dos prédios em alvenaria, tão defendidos pelo governador Hugo Carneiro, que tentou acabar *com o processo rotineiro das construções de madeira, de má aparência e pouca duração*,²⁹⁴ o Eden-Cinema permaneceu seguindo a tradição regional. As casas em madeira eram suspensas por estacas e menos propícias à

²⁹² Folha do Acre, Rio Branco, 24 de fev. de 1929, p. 4.

²⁹³ O CINEMA em beneficio da caixa escolar, *Jornal Oficial*, Rio Branco, 21 de jun. de 1925, p. 1, col. 5.

²⁹⁴ Carneiro, op. cit., p. 29.

umidade, um dos grandes problemas das casas modernas na região, pois estas eram construídas próximas ao chão, o que ocasionava o surgimento de mofo e, com o tempo, o caimento do reboco.

3.2 Espaço múltiplo

O espaço do Eden-Cinema não foi unicamente um espaço voltado só para o lazer. Vários eventos foram realizados no seu interior. Essa característica de multiplicidade dos salões cinematográficos esteve presente desde os seus primórdios, não apresentando a exclusividade de exhibições de filmes tão marcante nos dias de hoje.²⁹⁵ Rio Branco, uma cidade com aproximadamente dez mil habitantes, não possuía auditórios, teatros ou locais de encontros coletivos para reuniões esportivas, festas, conferências, reuniões partidárias, propiciando, assim, a sua utilização como uma espaço variado.

Isso pode ser percebido logo que o Éden foi colocado em funcionamento. O jornal “Folha do Acre”, anunciou uma conferência do “*confrade Theodoro d’Albuquerque*”:

Conferencia

Realizou em noite no 19, no Eden-Cinema, a muito anunciada, o nosso talentoso confrade Theodoro d’Albuquerque.²⁹⁶

A conferência tratou do recenseamento do Território e da carência e de problemas relativos à educação no vale do Acre.²⁹⁷

Regorgiava de ouvintes o Eden-Cinema e por espaço de uma hora o conferencista nos deleitou com a logica da sua palavra vigorosa e eloquente.
Nossos parabens.²⁹⁸

Outra conferência foi pronunciada por Coelho de Olinda no Eden-Cinema:

Para 15 do corrente o Sr. Coelho de Olinda anuncia um comicio popular em que dissertará sobre o thema ‘O espiritismo é uma lei.’²⁹⁹

O Eden foi um espaço para reuniões partidárias como demonstra a nota abaixo:

²⁹⁵ MACHADO, Arlindo. Pré-cinemas e pós-cinemas. Campinas, SP: Papyrus, 1997, p. 76.

²⁹⁶ Folha do Acre, Rio Branco, 26 de ago. de 1920, Conferencia, p. 2, col. 2.

²⁹⁷ idem

²⁹⁸ idem.

²⁹⁹ Folha do Acre, Rio Branco, 08 de maio de 1927, p. 1, col. 2.

Secção Paga

P. R. A. F.

São convidados todos os membros e correligionários do partido Republicano do Acre Federal para uma reunião que se effectuará hoje, ás 9 horas da manhã, no edificio do Eden-Cinema.

N'esta reunião, serão tratados assumptos relativos a economia interna do Partido, inclusive da eleição de novos directores.³⁰⁰

O salão cinematográfico era utilizado para encontros institucionais como a da fundação do Banco do Acre, do qual fazia parte o futuro arrendatário do Eden, Bolivar M. Leite. Nessa ocasião, o dono do estabelecimento, Leonel Vinagre, foi muito aclamado por ceder o espaço para os encontros como nos mostra a ata do evento:

Aos cinco dias do mez de Agosto de mil novecentos e vinte e quatro, ás nove horas no edificio do “Eden-Cinema” á Rua João Luiz Alves, desta cidade de Rio Branco, capital do Território do Acre, effectuou-se a Assembléa geral extraordinária de instalação do “Banco do Acre” [...]. Presentes accionistas representando a quase totalidade do subscripto de Rs. 64:000\$000, excedendo, portanto, ao minimo de cinquenta contos, fixado pelos estatutos foi aberta a sessão, sendo aclamado para presidil-a o accionista Dr. Marcilio Fernandes Bastos, que convidou para secretarios os accionista Bolivar Mourão Leite e Luis da Cunha Mendes. (...). Ainda com a palavra o Senr. Presidente, depois de expressar os sinceros agradecimentos da sociedade ao Senr. Leonel Vinagre, pela gentileza com que tem cedido o Eden-Cinema, de sua propriedade para nelle se realizarem as sessões de assembleia geral iniciaes do nosso Banco, determinou que se consignasse em acta esses agradecimentos e finalizando convidou os accionistas presentes a erguerem um viva unisono á prosperidade do “Banco do Acre”.³⁰¹

Reuniões esportivas foram marcantes no Eden-Cinema, como a assembléa da L. A. S. T. (Liga Acreana de Sports Terrestres), que desenvolveu diversas atividades, e as do Rio Branco Futebol Clube:

Desportos

A grande reunião da Assembleia Geral da L. A. S. T. no Eden-Cinema – O relatorio do sr. Presidente Provisorio – O Conselho Superior – Eleição da Directoria – Varias Notas

³⁰⁰ A Capital, Rio Branco, 04 de set. de 1921, p. 4, col. 6.

³⁰¹ Acta da Assembléa Geral Extraordinária de instalação do “Banco do Acre”, sociedade coperativa de responsabilidade limitada.

Conforme fôra anunciado reuniu-se sabbado, 21 do corrente, ás 19 ½ horas, no amplo salão do ‘Eden-Cinema’ cedido pela empreza Leonel & Mendes a Assembléia Geral da ‘Liga Acreana de Sports Terrestres’, para a apresentação das credenciaes dos delegados dos varios clubs sportivos já filiados aquella fucturosa instituição, constituição do ‘Conselho Superior’ e outras deliberações.

Precisamente á hora marcada, repleto o salão do ‘Eden’ de sportsmens e torcedores ranzinzas e moderados, abriu a sessão o distincto presidente provisório da ‘Liga’, sr. dr. Mario de Oliveira

A casa acolheu com vibrantes salvas de palmas os delegados, srs. Olavo Rocha, pelo R. B. F. C. [Rio Branco Futebol Clube]; Obed Barreto, Y. S. C. e Waldemar Nunes pelo A. S. C. [Atlético Esporte Clube].³⁰²

Rio Branco Foot-Ball Club

Realisou-se quinta-feira ultima, no Eden, uma reunião desse club, tendo comparecido grande numero de socios. Cuidou-se na mesma de palpitantes interesses sociaes.³⁰³

O Éden foi local de festas. Numa cidade onde havia poucos clubes ou lugares em que as pessoas pudessem se reunir, principalmente, as famílias conservadoras, ele se tornava um ambiente que preenchia esta lacuna.

Um espaço de festas na década de vinte era a *Sociedade Recreativa Tentamen*, o clube mais famoso da cidade, onde as “famílias tradicionais” freqüentavam. Era constituída por seringalistas³⁰⁴, autoridades locais, funcionários públicos e comerciantes, sendo necessário oito anos de tentativas e esclarecimentos, junto às pessoas que dispunham de recursos financeiros, da necessidade de se implantar um clube para as pessoas se divertirem. Daí o nome *Tentamen*, que significa tentativa.³⁰⁵ O projeto foi encabeçado pelo advogado Mario de Oliveira e foi concretizado em 1924, tendo como principal característica ser uma associação integrada por pessoas de grande poder aquisitivo, altos funcionários públicos e autoridades locais. Possuía um variado número de festas como: o baile chinês, chocolate-tango, chá-dançante, aniversários, baile do chitão (caipira), bailes oficiais e festas carnavalescas.³⁰⁶

As festas na cidade também aconteciam em navios, animadas ao som da banda da Força Policial, prolongando-se madrugada a dentro:

³⁰² Folha do Acre, Rio Branco, 26 de maio de 1921, Desportos, p. 3, col. 4.

³⁰³ A Capital, Rio Branco, 27 de ago. de 1922, p. 1, col. 6.

³⁰⁴ Seringalista: o proprietário do seringal

³⁰⁵ Tentamen – 64 anos. Texto de apoio do ciclo de palestra na campanha de reconstituição da memória social da Sociedade Recreativa Tentamen. Coordenadoria de Patrimônio Cultural, Fundação Cultural do Acre, outubro de 1988.

³⁰⁶ idem

Folha Social

Festa

Domingo, 26, a bordo do elegante navio 'Cidade de Teffé', (...), gentilmente cedido pelo seu commandante Sr. Francisco Lopes (Bigodinho), diversos rapazes de nossa elite, promoveram uma elegante soírrée dansante, com o concurso das gentis senhorinhas Mercedes e Dulce Silveira, Bellita e Corina Cravo, Laura Neves, Enerzilia Leite, Rachel Dourado e Jovina Maciel.³⁰⁷

Algumas destas festas eram beneficentes:

Rabiscos

A minha columna dedico-a hoje á palida descripção da festa, talvez a mais sympathica que se tenha realisado nesta cidade.

No momento em que o numero dos sem pão e sem abrigo elevou-se aproximadamente a um terço da população deste Território, é soberanamente agradável registrar factos dos moldes do que se segue.

Como fez no anno passado, tambem este anno a empreza Leonel & Mendes, proprietaria d'A Moda e do Eden-Cinema, festejou o aniversario do seu director-gerente Alfredo Mendes, que passou a 10 do corrente, com um espectáculo cinematographico cujo producto fez reverter em beneficio da indigencia da cidade.³⁰⁸

Nesta ocasião, compareceu cerca de setenta e oito espectadores e o representante do governador do Território, o ajudante de ordens, capitão Alcides Cicero da Silva, enviou vinte mil réis, junto com um cartão que dizia:

felicitando e applaudindo o anniversariante pelo louvavel gesto, com que festejou sua data natalicia.³⁰⁹

O evento foi animado por uma orquestra composta por Nito Moreira, Manoel Ferreira e Aguiar, que se dispuseram a tocar sem remuneração.³¹⁰ Distribuiu-se postais como brindes, cigarros aos espectadores, além de bebidas aos componentes da orquestra. Na ocasião, foram arrecadados cento e quarenta e nove mil e cem réis.³¹¹

³⁰⁷ Folha do Acre, Rio Branco, 30 de mar. de 1922, p. 2, col. 6.

³⁰⁸ Folha do Acre, Rio Branco, 15 de set. 1921, Rabiscos, p. 2, col. 5.

³⁰⁹ idem.

³¹⁰ idem.

³¹¹ idem.

É importante destacar a maneira de se repassar esses donativos aos menos favorecidos:

Até a terça-feira ultima, foram distribuidas esportulas de 2, 3, 4, 5\$000 a vinte e quatro indigentes, continuando a entrega n'A Moda aos que ainda não foram beneficiados.

O director-gerente do "Eden" foi na terça-feira a Pennapolis, onde fez distribuição de importancias a indigentes doentes impossibilitados de andar.

Quantos quadros de dôr e miseria, cidade em fôra...

Danillo.³¹²

Festas em comemoração a datas cívicas, também foram destaque no Eden, sendo inserido em programas:

7 de Setembro

A' noite no "Eden-Cinema", realizou-se um baile popular, dedicado ao operariado e agricultores pela municipalidade de Rio Branco.

Dansou-se animadamente até meia-noite, ao som da Força Publica.³¹³

O carnaval esteve presente nos salões do Eden-Cinema. O pedido de licença junto à Intendência nos revela que até blocos carnavalescos, como o "Flor dos Filhos do Barranco", fizeram parte dessas animadas reuniões:

Requerimentos e despachos

Dia 16

N. 90 – Leonel Vinagre, pedindo licença para funcionar no Eden-Cinema, nos quatros dias de carnaval a sociedade recreativa carnavalesca, dançante 'Flôr dos Filhos do Barranco'. – Como pede, pagando o devido imposto.³¹⁴

No Eden

No salão de projecções do Eden-Cinema realisaram-se diversos bailes publicos em homenagem ao Momo.

A ordem não soffreu alteração.³¹⁵

³¹² idem.

³¹³ Folha do Acre, Rio Branco, 13 de set. de 1928, 7 de setembro, p. 1, col. 5.

³¹⁴ JORNAL Official, Rio Branco, 15 de mar. de 1925, p. 2, col. 2.

³¹⁵ NO EDEN, *Folha do Acre*, Rio Branco, 02 de mar. de 1927, p.1, col. 4.

3.3 O teatro no Eden

Desde os seus primórdios, o cinema se concentrou em casas de espetáculos de variedades (*vaudevilles*) nos países desenvolvidos, onde se podia comer, beber e dançar.³¹⁶ A própria duração dos filmes, no início do século XX, impedia que se pensassem em sessões exclusivas, tornando-se atrações curiosas ou peças de entreato nos intervalos de apresentações ao vivo.³¹⁷

Em 1902, existem poucos cinemas fixos no mundo, sobressaindo-se apenas o *Gaumont Palace*, pois a maioria das exibições era direcionada as projeções nas feiras. A partir das exigências do público, alguns museus de cera, palácios de eletricidade, transformaram os seus estabelecimentos em cinemas. Esse movimento surgiu na Inglaterra e se espalhou pelo mundo. Então, surgiu os *Music-Hall* ingleses, os *cafés-concerto* franceses, e os *Vaudevilles* ou *Smoking Concerts* americanos, que passaram a utilizar os filmes para compor as suas programações.³¹⁸

Surgem nos Estados Unidos os *Nickels Odeons*, salas de cinema que surgiram na primeira década do século XX, cobrando um preço ínfimo para as sessões cinematográficas (níquel: moeda de cinco centavos). Esses estabelecimentos logo se espalharam, recrutando uma clientela das camadas sociais de menor poder econômico. Logo, alguns *Vaudevilles* se transformaram em *Nickels Odeons*.³¹⁹

Com a instalação desses salões, o filme se tornou uma atração exclusiva. Isso aconteceu em virtude da melhoria da qualidade do filme narrativo, pois se introduziu a longa duração³²⁰ e técnicas de identificação,³²¹ que melhor envolvessem a platéia, tornando-o mais emotivo.³²²

Percebe-se que o Eden mantém algumas características (apresentações teatrais, espetáculos de variedades e sessões exclusivamente cinematográficas) que se faziam presente nos salões dos primeiros anos do cinema. O Eden-Cinema, posteriormente chamado de *Eden-Cine-Theatro*, também apresentou números de variedades que, às vezes, mesclavam-se com

³¹⁶ MACHADO, Arlindo. *Pré-cinemas & pós-cinemas*. Campinas, SP: Papyrus, 1997. p. 78.

³¹⁷ idem.

³¹⁸ idem.

³¹⁹ idem.

³²⁰ O filme, que antes era apresentado com uma margem de tempo de minutos, passou a ter uma duração de horas.

³²¹ A aproximação da câmera para os rostos dos atores, por exemplo, melhorava a percepção da platéia em identificar o estado emocional do personagem.

³²² Machado, op. cit., p. 79.

projeções de filmes e peças teatrais. Ainda apresentou recitais de canto, luta, e tudo que pudesse atrair o público para o seu ambiente.

Ao contrário dos vaudevilles do início do século XX, locais abominados pelas platéias sofisticadas e de “boa família”, freqüentados principalmente por populares,³²³ a platéia do Eden era diversa, integrada por autoridades, comerciantes, funcionários públicos, e demais pessoas que se escondiam sob a anônima denominação de famílias de “boa índole”.

Algumas pessoas eram excluídas de freqüentar o seu espaço, principalmente, as prostitutas, que não tinham “boa índole” e eram vigiadas pela polícia, sob “*o pretexto de zelar os bons costumes*”:

A policia sem nenhum acto anterior prohibe formalmente, sob pena de prisão, que a meretriz ande nas ruas da cidade das 5 horas da tarde ás 9 e meia da noite. Faz executar esta ordem pela força armada, e, ella propria, em pessôa, fiscalisa o cumprimento da ordem dada. A propria informação policial a Fls. 9 diz, a pretexto de salvar a moral ter extendido a medida prohibitoria ‘ás salas de refeições dos hoteis; aos botiquins e aos cinemas.’³²⁴

A modificação de público que se verificou no cinema na primeira década do século XX, substituição do popular pelo sofisticado e familiar, foi acontecendo aos poucos.³²⁵ Com a possibilidade da introdução de um público mais exigente, o ambiente cinematográfico rapidamente mudou. É esse espectador transformado que vai assistir aos espetáculos teatrais e a exibições de filmes que desfilaram no Eden-Cinema na década de vinte.

As apresentações que os freqüentadores do Eden assistiram, eram as mais variadas. As pessoas que produziram esses espetáculos e percorreram o seu palco, devem ser conhecidas como os precursores do teatro em Rio Branco. A maior parte desses eventos eram números de variedades que, às vezes, se mesclavam com filmes em badaladas noites. No início da década de vinte os nomes que mais se destacavam como promotores dessas apresentações teatrais foram Alfredo Mendes, Francisco Coringa, Scipião e as irmãs Graça e Branca Scipião.:

Eden Theatro

Realisou-se terça-feira um lindo **espectaculo cinematographico e theatral** [grifo nosso] no “Eden”, constante de tres importantes peliculas cinematographicas e de varios numeros de variedades pelos irmãos Scipião.

³²³ ibidem, p. 78.

³²⁴ O ACRE, Rio Branco, 15 de fev. de 1931, p. 6, col. 4 e 5.

³²⁵ Machado, op. cit., p. 84.

Agradou muitíssimo a impagável cançoneta acreana – “A Verba e A Reforma”, que Scipião Filho disse entre a hilariedade da Platéia, sendo calorosamente aplaudido.

Branca e Graça, como sempre, estiveram graciosas, cantando com arte e sentimento.

O Alfredo fez uma surpresa que agradou.³²⁶

Um outro artigo sobre o espetáculo promovido pelo “maestro J. Scipião”, vai ser mais específico, pois ele nos mostra que estas apresentações contavam histórias mescladas com musicais, constituídas com doses de humor:

O programma, executado rigorosamente, constou da comedia O Bigamo, da hilariante revista Delegacia Encrencada e de um acto de variedades.

.....
Branca Scipião é uma verdadeira revelação para a scena. Encantadora na advogada Léa e maravilhosa na cançoneta Pois Sim.

Graça Scipião, a meiga Gracinha, como sua irmão, sahio-se admiravelmente no fado Passagens da vida e no Vencedor, lindo tango que dedicou ao Rio Branco F. C.

Gracinha tem uma linda voz.

José Scipião, sahio-se muito bem em todos os papeis, podendo-se dizer que muito salientou-se, mas o fado Ganga que cantou bem a valer, deu-lhe a primazia inter pares.

Alfredo Mendes. Que dizer do Alfredo? Temol-o como amator consagrado e achamos sempre poucas as palmas que o publico lhe dá.

Xico Coringa esteve magnifico em toda linha e desopilou o figado de muita gente quando cantou O Barateiro.³²⁷

Alguns desses eventos promovidos no palco do Eden-Cinema, eram apresentados em comemoração a datas históricas especiais como o 13 de maio, dia da libertação dos escravos:

Theatrinho do Eden – Hoje, em homenagem a data aurea que é o 13 de Maio, será levado nesse theatrinho um espectáculo organizado e ensaiado pelo festejado maestro J. Scipião, que nos promete um programma chic, familiar e desopilante!³²⁸

É importante destacar o espetáculo acima, pois ele revela que havia produções de temas regionais, subindo à cena duas peças acreanas: Amor em Xapury e A Volta do Seringueiro e um outro ato de variedades.³²⁹ Segundo um artigo do jornal Folha do Acre, o

³²⁶ EDEN-THEATRO, Na tela e nos salões, *Folha do Acre*, Rio Branco, 27 de abr. de 1920, p. 3, col. 4.

³²⁷ NA TELA nos salões, *Folha do Acre*, Rio Branco, 01 de maio de 1920, p. 2, col. 6.

³²⁸ NA TELA e nos salões, *Folha do Acre*, Rio Branco, 13 de maio de 1920, p. 2, col. 6.

³²⁹ *idem*.

salão estava repleto, contando com a presença de autoridades como o *Exmo.sr.dr. Cunha Vasconcellos, Prefeito e exma. familia.*³³⁰

Apesar dos elogios aos esforços dos artistas, o artigo critica alguns pontos como a gesticulação, a frieza dos atores e o tema da peça “Amor em Xapury”:

Graça, a outra estrelinha, tem linda vóz e agradou, mau grado um nervôsozinho natural em uma menina, de frente a uma platéa numerosa. Fatinha Guedes, estreiante, foi bem recendo muitos applausos. Faltam-lhe gestos. José Scipião e Coringa, como sempre, agradaram, se bem que estiveram um pouco mais frios que quando do primeiro espectáculo. Amor em Xapury está bem escrita e a musica é attrahente, mas não é de nosso modo agradar á nossa platéa. Escripta especialmente para ser levada á scena na visinha cidade que lhe ajudou o nome [Xapuri], perde muito, aqui, do sabôr que terá tido para os xapurienses. Contudo agradou e o publico applaudiu com calôr a troupe Scipião....³³¹

Um outro artigo nos faz perceber como eram alguns desses espetáculos. O programa destacado logo a seguir, era composto de três atrações: *a burlata Casamento Secundario, do vaudeville, Trumpho é Pau, e (...) um acto de variedades.*³³² O artigo destaca Trumpho é Pau, como uma crítica aos costumes das pessoas da cidade onde *a scena passa-se no Café da Hora, entre um soldado, um seringueiro, a caixeira, um farrista e uma mulher do barranco.*³³³

A peça, segundo o artigo, procurou destacar “em Rio Branco, a fraternidade”, como sendo uma cidade “essencialmente democratica e fraternal” fruto da ausência de preconceitos de outros lugares em que *a mais alta auctoridade aperta a mão calosa do mais humilde homem do povo, troca com elle idéas sobre política e indaga lhe da saude da familia.*³³⁴

O artigo revela que era comum as pessoas de maior poder econômico confraternizarem-se nos hotéis ou nos cafés e clubes com carregadores, cozinheiros, marujos dos barcos, não sendo raro encontrar-se *gente fina, cocainando serenatas com borboletas do barranco.*³³⁵

A frase acima faz uma alusão ao envolvimento de homens da alta sociedade, com prostitutas. O espetáculo apresentou algumas falhas, que qualquer leigo poderia identificar:

³³⁰ EDEN THEATRO, *Folha do Acre*, Rio Branco, 20 de maio de 1920, p. 2, col. 5.

³³¹ idem.

³³² NA TELA e nos salões, *Folha do Acre*, Rio Branco, 08 de jul. de 1920, p. 3, col. 1 e 2.

³³³ idem.

³³⁴ idem.

³³⁵ idem.

Por exemplo: Maroca Trumpho, mulher da zona encrocada do Pará, bulhenta do Reducto e do Ver-o peso, e frequentadora assidua do xadrex policial, jamais poderá apresentar-se com aquella elegancia da senhora Azevêdo. No Pará, como aqui, gente do barranco e da classe da Maroca Trumpho, anda de chinellos, tem o braço todo cheio de tatuagens e tresanda a cachaça.

Aquelle Zê Cangúlo não é o typo do nosso seringueiro, que quase sempre tem a ingenuidade dos nossos caipiras e não aquelle geitão de Bicheiro ou apache.

No entanto, Chico Braúna – o soldado, e d. Marocas – a caixeira, são typos perfeitos, bem representados.

O acto de variedades – optimo

Os amadores – sahiram-se muito bem.

A orchestra – soffrivel.³³⁶

Um outro nome que se fez conhecer no meio artístico sob a efigie do Eden-Cinema é o de Antonia Brandão, uma cantora, que despontou para o público local, numa homenagem ao governador do Território Epaminondas Jácome:

Conforme a nossa promessa do numero p.p., descrevemos hoje o que foi a brilhante serata (sic!) que no “Eden-Theatro”, na noite de 15 do corrente, levou a effeito a cantora Antonia Brandão, em homenagem ao Sr. Dr. Epaminondas Jácome, governador do Território.³³⁷

Antes de começar o espetáculo a banda de música da Força Policial Territorial tocou em frente ao Eden, cedida pelo comandante Duarte de Menezes.³³⁸ Segundo o jornal, Antonia Brandão era uma pessoa voltada para a arte cênica de mímica e canto.³³⁹ Mesmo com algumas falhas de desenvoltura e da orchestra, a cantora interpretou música lírica e fados:

Na romanzza “Santuzza”, da “Cavalleria Rusticana”, notamos que não foi mais feliz Antonia por motivo da morosidade do acompanhamento da Musica, que, aliás... torelou-se.³⁴⁰

Este espetáculo contou com a participação de F. Coringa, cantando Olhos de Veludo e Martha, além do clássico Cicciliana da Cavalleria Rusticana; Coringa, com a canção O

³³⁶ idem.

³³⁷ FESTIVAL Antonia Brandão, *Folha do Acre*, Rio Branco, 23 de jun. de 1921, p. 2, col. 4 e 5.

³³⁸ idem.

³³⁹ idem.

³⁴⁰ idem.

Barateiro, uma crítica aos vendedores ambulantes árabes, numerosos na cidade, e Alfredo Mendes, que apresentou o monólogo *O meu Casamento*.³⁴¹

No palco do Eden passaram artistas de outros lugares. É o caso do tenor Frontino Santiago, que promoveu dois espetáculos líricos, com pequenas doses de humores intercalados:

O tenor Santiago tem recurso de voz, jogo de scena e é um comico de optimas qualidades. Na valsa “Dorme”, no fado “Mãos Pequenas”, muito agradou, satisfazendo ás exigencias da platéa, que o applaudiu grandemente.

Provocou verdadeiras scenas de hilariedade o numero excentrico “Viagem ao Tyrol”, em que revelou qualidades apreciáveis de comico, tendo que repetil-o no segundo espectaculo a pedido da assistencia.

E assim o tenor Santiago justificou plenamente o êxito que alcançou no Eden-Cinema, com seus números de cantos, tendo a casa cheia nas duas noites em que se exhibiu, não obstante o preço salgado das entradas.³⁴²

Uma outra apresentação foi promovida por um artista estrangeiro, o peruano Dario Letona, executor de músicas clássicas e lutador de boxe:

As sessões do Eden-Cinema decorreram animadíssimas na semana passada. É que os programmas tiveram o concurso do Sr. Dario Letona, de nacionalidade peruana, eximio executor de musica classica em um serrote de carpinteiro e campeão de box.³⁴³

Peças teatrais foram apresentadas no espaço do Eden, possuindo um “grande elenco”, como *Fogo de Bengala*, que contava com doze artistas. Sua estréia foi marcada para compor as comemorações do dia do soldado, sendo o major Djalma Dias Ribeiro, comandante da Força Policial, o homenageado.³⁴⁴

Fogo de Bengala

Foi, não há negar um acontecimento theatral de retumbante sucesso, a primière do “Fogo de Bengala”, feèrie moderna, encantadora de graça brejeira, com que estreou, no palco do já agora Cine-Theatro-Eden, um grupo de amadores locaes

Tendo recebido a mais carinhosa das interpretações por parte dos elementos que a desempenharam, “Fogo de Bengala” não podia deixar de impressionar agradavelmente,

³⁴¹ idem.

³⁴² TENOR Frontino Santiago, *Jornal Official*, Rio Branco, 29 de nov. de 1925, p. 1, col. 5.

³⁴³ EDEN-CINEMA, *Folha do Acre*, Rio Branco, 18 de set. de 1927, p.4, col. 3.

³⁴⁴ FOGO de Bengala, *Folha do Acre*, Rio Branco, 24 de maio de 1928, p. 1, col. 4.

como impressionou o nosso meio. Não há em “Fogo de Bengala” um papel que não esteja bem desempenhado. A prova disso, é o empenho com que têm sido procurados os ingressos para a sessão de hoje, que já está com a casa quase toda passada.³⁴⁵

O sucesso de Fogo de Bengala fez com que a peça se apresentasse várias vezes, inclusive fazendo espetáculos beneficentes:

Hontem, no “Eden-Cine-Theatro” realisou mais uma representação da espetaculosa feerie “Fogo de Bengala”, em beneficio do leprosario. A casa estava cheia. Os artista sahiram-se magnificamente.³⁴⁶

Surgiu, então, a primeira companhia de teatro acreana, Os Filhos de Thalma, sob o comando de Grijalva Antony:

Está definitivamente de parabens a capital do Acre, com a construção de um elegante palco e a fundação de uma companhia de amadores locais – “Filhos de Thalma” criação magnífica do applaudido theatrologo dr. Grijalva Antony.³⁴⁷

Além de Fogo de Bengala, uma outra encenação sob a produção de Grijalva Antony, foi a representação carnavalesca Tá na Hora:

Logo ao inicio, Hely Corrêa e Pedro Santos, respectivamente nos papéis de Bacuráo e Gororoba, dominaram a platéa, arrancando gostosas gargalhadas.

.....
 Interessantissimo e lindo esteve o ranchinho carnavalesco “Pingo de Ouro”, constituido por garrulas creanças, merecendo as honras de um fervoroso bis. Lasthenia Taboada e Lucia Rola, duas meigas pretinhas, acompanhadas pelo marinheiro B. Piani, arrebataram a assistencia nos requebros de um bisado charleston ensurdecador. Mereceu especial destaque, pela finura e larga inspiração de arte, o magistral numero de phantasia “Apache” e “Gigolette”, representado com funda emoção artistica pelo jovem dr. Roberto Cardoso e sta. Maria Julia Mascarenhas, sob magnifico effeito de luz polychroma, numero que teve de ser bisado por insistencia da platéa.³⁴⁸

³⁴⁵ FOGO de Bengala, *Folha do Acre*, Rio Branco, 27 de maio de 1928, p. 4, col. 3.

³⁴⁶ FOGO de Bengala, *Folha do Acre*, Rio Branco, 03 de jun. de 1928, p. 4, col. 4.

³⁴⁷ DE QUANDO em vez..., *Folha do Acre*, Rio Branco, 07 de jun. de 1928, p. 4, col. 1.

³⁴⁸ TÁ na hora, *Folha do Acre*, Rio Branco, 27 de jan. de 1929, p. 6, col. 2.

A Associação Athletica Acreana surge no cenário teatral como promotora de eventos, não só teatrais, mas esportivos. Realizou uma tarde esportiva com jogos entre os times: A. A. A. (Associação Athletica Acreana), R. B. F. C. (Rio Branco Futebol Clube) e T. M. (Time Militar). À noite, em meio às comemorações aos 21 de Abril e homenageando o Intendente Alberto Martin, houve entrega de prêmios.

Abriu a festa, uma ouverture pela orchestra, sob a direção da eximia professora senhorita Hilda Leite, coadjuvada pelos amadores J. Placido, Pedro Soares e violinista Piedade e Didi.³⁴⁹

Nesta ocasião, houve uma palestra sobre a importância da data, proferida por Paulino de Brito Filho, presidente da A. A. A., e depois apresentação musical, recital de poesias e dança:

Em seguida, o talentoso academico Ruy Barreto, declamou a poesia ‘Contradições’, de Paulino de Brito. Com muita delicadeza de sentimento e emoção, espiritualizou o ambiente a prendada e gentilissima madame Grijalva Antony, cantando um trecho da opereta – Saudades do Sertão.

.....
Em bizarro charleston á Jamaica, se exhibiu o irrestivel dançarino Benjamin Piani.³⁵⁰

A Associação Atlética Acreana promoveu outros espetáculos e alguns desses foram repetidos várias vezes, sendo atuante até a década de trinta.

É importante situar, também, as apresentações artísticas no Eden-Cinema como mais uma opção de lucratividade para que a casa exibidora se mantivesse em funcionamento. A maior parte desses espetáculos eram números de variedades e musicais. Posteriormente, a música lírica toma espaço, principalmente, com a figura de Antonia Brandão e só surgindo peças teatrais no final da década de vinte.

³⁴⁹ FOLHA do Acre, Rio Branco, 29 de abr. de 1928, Sports & Artes, p. 6, col. 3 e 4.
³⁵⁰ idem.

3.4 O Éden no final da década de vinte

Em 1929, o Éden passa chamar-se *Popular-Cinema* sob a administração de Bolívar M. Leite, que o arrendou da firma Moleiro & Esteves. Propondo fazer uma “revolução theatral”,³⁵¹ ele contava levar a cada semana a estréia de um bom filme, firmando contrato com fornecedores de Manaus. A idéia de Bolivar Leite era popularizar o cinema, tornando-o mais acessível ao público, baixando o preço do ingresso e reservando o direito de aumentá-lo conforme o custo do filme:

Certo de que esse valioso auxílio lhe não faltará, antes lhe será o melhor incentivo, tenciona mesmo tornar mais acessível ao público o preço do ingresso, reduzindo-o para 2\$000 nas estréas e reprises, que se realizarão nas Sessões Elegantes das quintas e domingos, conservando o preço de 1\$000 para as sessões populares das terças e sabbados, salvo o direito de alteração nessa tabela, conforme o maior ou menor custo do aluguer (sic!) dos films que vierem, como, aliás, succede em toda parte.³⁵²

Mas não foi possível baixar o preço do ingresso nas sessões elegantes, devido ao imposto cobrado pela Intendência Municipal:

Nota: – a fracção de 200 réis dos ingressos para as sessões elegantes, corresponde ao impostos de caridade, taxado pela Intendencia Municipal.³⁵³

Seu arrendatário contava para os próximos dias a veiculação de novos filmes:

Dentro de breves dias, com a proxima chegada da primeira remessa de films novos, será o Eden-Cine-Theatro reaberto ao publico, com uma brilhante estréa.³⁵⁴

Porém, no final do mês, depois da aquisição do cinematógrafo, os filmes ainda não haviam chegado:

Eden-Cinema

³⁵¹ O EDEN-CINE-THEATRO passa a nova direção, *Folha do Acre*, Rio Branco, 13 de jan. De 1929, p. 6, col. 4.

³⁵² idem.

³⁵³ idem.

³⁵⁴ idem.

Aguardem os novos films chegados pela chata Uruguayana..³⁵⁵

A primeira apresentação de filme do Popular-Cinema, só foi anunciada ao público sete meses depois de sua aquisição. Nesse intervalo, dois filmes naturais e a peça teatral *Tá na Hora* se apresentaram. Sua primeira sessão de cinema não foi um programa inédito, mas uma reprise:

Hoje, no Popular-Cinema, reprise do film de aventuras e policiaes – O Rei dos Corsários – em 5 longas partes.³⁵⁶

Ao longo da década de vinte, o Eden-Cinema foi o único cinematógrafo funcionando regularmente perante o fisco da cidade. Analisando o Imposto de Indústria e Profissão da década, não foram encontrados outros salões. Mesmo o Olympia, fechado em 1921 ou Iris-Cine-Theatro, que concorreu com o Popular-Cinema no intervalo em que este deixou de apresentar filmes, esses dois cinemas não constavam na lista do Imposto de Indústria e Profissão. Dos filmes veiculados no Iris-Cine-Theatro, apenas dois foram detectados na imprensa local:

Iris-Cine-Theatro – Hoje – Soirée Chic – A Hyena de Ouro – Em 6 actos e 1 prologo.³⁵⁷

Iris-Cine-Theatro – Matinée Elegante: Hoje – O Preço do Sangue – Film Scientifico.³⁵⁸

Em 1930, o Popular-Cinema encontrava-se sob a responsabilidade de José Ferrante, como nos revela o Imposto de Indústria e Profissão deste ano:

Intendencia Municipal de Rio Branco

Edital

Lançamento do Imposto de Indústria e Profissão

Em observancia ao que preceitua o art. 10º da lei n.º170, de 22 de outubro de 1929, faço publica que, pela comissão lançadora do imposto de Industria e Profissão, nesta cidade e seus suburbios, relativo ao actual primeiro semestre do vigente exercício

³⁵⁵ EDEN-CINEMA, *Folha do Acre*, Rio Branco, 27 de jan. de 1929, p. , col. 6.

³⁵⁶ HOJE, *Folha do Acre*, Rio Branco, 21 de jul. de 1929, p. 1, col. 6.

³⁵⁷ IRIS-CINE-THEATRO, *Folha do Acre*, Rio Branco, 17 de fev. de 1929, p. 1, col. 6.

³⁵⁸ *ibidem.*, p. 8, col. 2.

financeiro, foi apresentado o competente mappa, o qual examinado pela comissão revisora, suggeriu esta as corrigendas que lhe pareceram justas e julgadas pelo exmo. sr. dr. Intendente, mandou este que se publicasse, sendo os lançamentos feitos, com as corrigendas seggeridas, os seguintes:

Exercicio de 1930

N.º de Ordem	Nome do Contribuinte	Local	Classificação do Imposto	N.º do Talão	Imposto			
					Est. Comer- cial	Taxa Sanitária	Total	Taxa Hospita- lar
197	José Ferrante	R. J. L. Alves n.º 79	Cinematographo	81	150\$000	7\$500	157\$000	15\$000

Fonte: Jornal O Acre, Rio Branco, 23 de fev. de 1930, p. 7.

É importante destacar a figura de José Ferrante como responsável pelo cinematógrafo, pois ele foi o antigo responsável pela parte técnica do Ideal Cinema na década de dez, continuando na função na década de vinte, com o Eden-Cinema (verifique o item “O surgimento do Eden-Cinema”). Em 1930, seu nome aparece como arrendatário do Popular-Cinema, lugar ocupado até o início de 1931, como fica demonstrado no Imposto deste ano.³⁵⁹ Ainda em 1931, uma nota nos chama a atenção:

O salão cinematographico cerrou as suas portas

Em consequencia da crise o salão cinematographico dos srs. Moleiro & Esteves, o único que funcionava de quando a quando nesta capital, cerrou definitivamente as suas portas.³⁶⁰

É significativo ressaltar que a crise no Popular-Cinema veio se manifestar em 1930, pois no ano anterior notamos várias atividades. Foram apresentados vinte e quatro filmes mudos, a peça *Tá na Hora*, apresentação de variedades e a celebração da escolha da *Miss Rio Branco*.

No Popular-Cinema

O Festival dos “Pípiras”

.....

O programma em sua mór parte, foi executado a contento da platéa, que não regateou os merecidos applausos ás senhorinhas Maria Julia e Elza Mendes; e aos jovens Germano Bezerra e Conde Filho.

³⁵⁹ PREFEITURA Municipal de Rio Branco, *O Acre*, Rio Branco, 01 de mar. de 1931, p. 7.

³⁶⁰ O SALÃO cinematográfico cerrou as suas portas, *Folha do Acre*, Rio Branco, 24 de abr. de 1931, p.4, col. 6.

A orchestra, confiada á musicista Hilda Leite, esteve a altura da selecta reunião.

A comedia “A Carceragem”, porem muito deixou a desejar. O Rachid nada fez. PedroSantos e dr. Fuzarca exageraram os papeis. Germano foi annullado por elles.³⁶¹

No Popular-Cinema

A féerie Miss Rio Branco

.....
 Constou o espectáculo de 18 optimos numeros da interessante féerie “Miss Rio Branco”, um conjunto de musica alegre, poesia lyrica e prosa brejeira, de par com a sympathia e intelligencia dos amadores...

A apotheose ás homenageadas, senhoritas Palmyra Fecury, Leonor Campos Silva e Anayde Araujo, foi consagrada com vibrantes e sinceras ovações.³⁶²

Em 1930, as atividades no Popular-Cinema caíram muito. As apresentações de filmes reduziram-se a seis. Quanto às apresentações de palco, as atenções se voltaram para o artista Barreto Sobrinho e a peça "Quando a Cidade se Ilumina”:

Uma festa de Barreto Sobrinho

Barreto Sobrinho, o moderno e fulgurante aêdo (sic!) nordestino que Rio Branco hospeda satisfeita, há mezes, realiza realiza hoje uma dessas suas lindas noitadas de arte pura, com que tem presenteado, quando em vez, a sociedade riobranquense.

O elegante festival que Barreto dedica á Excia. o Dr. Assis Vasconcelos, digno Interventor federal do Acre, tem magnifico e interessante programma e auspicia-se encantador, fazendo advinhar uma casa repleta no Theatro Popular.³⁶³

Quando a cidade se illumina

Em comemoração aos 6 de agosto, data tão cara aos acreanos, a “Associação Athletica Acreana” levou em reprise, “Quando a cidade se illumina...”, como homenagem ao soldado acreano.

O “Cine-Theatro-Popular” recebeu toda uma sociedade de elite, altas autoridades militares, etc., circumstancia que só por si mostra como agradou essa mimosa féerie.

.....
 Todos do grupo revelaram admiraveis qualidades de artistas e assim “Quando a cidade se illumina...”. Conseguiu ser bem recebida pelo publico, se o thermometro de ve ser o das manifestações, que se fizeram nos finaes dos actos.³⁶⁴

³⁶¹ KONDER, No Popular-Cinema, *Folha do Acre*, Rio Branco, 24 de out. de 1929, p. 4, col. 4.

³⁶² NO POPULAR-CINEMA, *Folha do Acre*, Rio Branco, 15 de nov. de 1929, p. 8, col.4

³⁶³ UMA FESTA de Barreto Sobrinho, *O Acre*, Rio Branco, 14 de dez. de 1930, p. 4, col. 5.

³⁶⁴ QUANDO a cidade se illumina, *O Acre*, Rio Branco, 10 de ago. de 1930, p. 6, col. 2.

Em 1931, até o mês de abril, quando foi anunciado na imprensa local o fechamento do Popular-Cinema, nenhuma atividade foi registrada no seu interior. O setor cinematográfico da região não escapara da crise de 29. Embora nos Estados Unidos a situação da crise cinematográfica fosse bem diversa da encontrada em Rio Branco, podemos perceber um elemento em comum: a crise não foi sentida de forma imediata. O cinema falado era um fato consumado nos Estados Unidos e, a princípio, a novidade adiou o impacto da crise: a frequência às casas exibidoras foi maior em 30 que em 29.³⁶⁵

Mas em 1931 os lucros caíram em relação ao ano anterior, apesar das operações em estúdios e salões exibidores continuarem lucrativos. No ano seguinte, os estúdios e casas exibidoras tiveram pouco lucro e, em 33, quase um terço dos cinemas tinham fechado. Quatro das oito companhias estavam enfrentando dificuldades financeiras: a Paramount, a RKO, a Fox e a Universal. Apenas em 1934, o mercado cinematográfico começou a reagir, propiciando lucros com a reabertura de cinemas. Muitos estúdios de cinemas foram assistidos de perto por “sindicatos de massas falidas”,³⁶⁶ já que estes (Paramount, Fox, Loew’s – MGM – e a Warner Bros.) adquiriram capitais dos banqueiros de Wall Street. Os banqueiros, credores dos estúdios, não tiveram escrúpulo nenhum em cobrar dos estúdios os empréstimos que lhes haviam feito depois do craque da bolsa de valores, impossibilitando-os de honrarem suas obrigações.

Assim, lentamente, a crise de 29 alcançou o cinema em Rio Branco, uma vez que ele dependia da importação de filmes, mesmo que não veiculasse as produções dos grandes estúdios norte-americanos. A crise provocou o fechamento de diversas casas exibidoras nos EUA e, apesar de não ter cerrado suas portas definitivamente, o Popular-Cinema não divulgou nenhuma nota na imprensa local sobre apresentações cinematográficas, a partir de 1931. O seu espaço era referido, apenas, para apresentações de Barreto Sobrinho e uma festa infantil. Em junho do corrente, passa a denominar-se Theatro Recreio:

A Hora da Arte, que constitui a segunda parte do programma, se realizará no “Theatro Recreio” e é promovida pela “Associação Athletica Acreana” sob os auspícios da comissão official. O producto do espectáculo é destinado a subscrição popular para a encomenda do busto em bronze de João Pessoa.³⁶⁷

³⁶⁵ Sklar, op. cit., p. 189-190.

³⁶⁶ Pessoas designadas a administrar as empresas.

³⁶⁷ JOÃO Pessoa, *O Acre*, Rio Branco, 26 de jun. de 1931, p. 1, col. 2 e 3.

No Imposto de Indústria e Profissão de 1932, conhecemos o seu novo responsável: José Cardoso Sobrinho.³⁶⁸ No ano anterior, ele surge na tabela do imposto como dono de uma alfaiataria situada na rua Cunha Mattos, n.º 89.³⁶⁹ O Teatro Recreio só passa a ter a denominação atual de Cine-Theatro Recreio em junho de 1948, quando fica sob a responsabilidade da Sociedade Recreativa Tentamen:

Com efeito, será, definitivamente, domingo, 13 de Junho, às 20, 30 horas em sessão especial de alta distinção e apurado relevo social a festiva inauguração do “Cine-Theatro Recreio”, a nova e confortável casa de espetáculos com que a cidade acaba de ser enriquecida, e que constitui uma eloquente e exemplar demonstração de espírito de iniciativa particular e tenacidade edificante, por parte de meia dúzia de cidadãos vontadosos e amigos da terra, tendo a encabeçar o feliz empreendimento a já tradicional e benemerita Sociedade Recreativa Tentamen e uma e outros encorajados, assistidos e ajudados pelo precioso estímulo e cooperação indefectível do major José Guiomard dos Santos, Governador do Território, o grande benemerito do Acre.³⁷⁰

Um ponto importante no cinema em Rio Branco é que, mesmo com o surgimento do cinema falado nos Estados Unidos em 1927, com o filme *The Jazz Singer*, da Warner Brothers,³⁷¹ o cinema falado só chega nesta cidade em 1939 com a criação do *Cine Rio Branco*,³⁷² a partir da iniciativa de Nilo Bezerra, dirigente da Santa Casa de Misericórdia, sua proprietária:

A nossa capital vai possuir dentro de breves dias essa maravilha do engenho humano, que é o cinema sonoro. Tal empreendimento, que muito entusiasmo vem despertando no mundo social rio-branquense, foi incentivado pelo Governador Epaminondas Martins, no interesse de elevar, sempre, o nível da civilização acreana, para o que tem emprestado o seu valioso apóio á atuação do dr. Nilo Bezerra, operoso dirigente da Santa Casa de Misericórdia, a quem pertence o moderno centro de diversões com que vai ser dotada a nossa capital.³⁷³

³⁶⁸ PREFEITURA Municipal de Rio Branco, *O Acre*, Rio Branco, 28 de fev. de 1932, p. 4.

³⁶⁹ PREFEITURA Municipal de Rio Branco, *O Acre*, Rio Branco, 23 de fev. de 1930, p. 7.

³⁷⁰ INAUGURA-SE hoje, o Cine-Theatro-Recreio, *O Acre*, Rio Branco, 13 de jun. de 1948, p. 8, col. 4 e 5.

³⁷¹ CATANI, Afrânio M. et. al. A chanchada no cinema brasileiro. SP: Brasiliense, Tudo é história, p. 20.

³⁷² CINE Rio Branco, *O Acre*, Rio Branco, 29 de out. de 1939, p. 1, col. 4.

³⁷³ UM CINEMA sonoro, *O Acre*, Rio Branco, A 08 de out. de 1939, p. 8, col. 4.

4. O CINEMA ALÉM DO CINEMA: AO AR LIVRE

4.1 Cinema ambulante e cinema ao ar livre

Nem todo cinema ambulante é ao ar livre e nem todo cinema ao ar livre é ambulante. É necessário esclarecer esses pontos para entendermos o cinema ao ar livre em Rio Branco na década de vinte, e para que não corramos o risco de criarmos, entre ambos, um vínculo fechado, sem que possamos perceber as suas peculiaridades.

O *cinema ambulante* é uma forma de exploração do mercado exibidor muito difundido no final século XIX e início do século XX. Em Manaus, desde 1857, têm-se notícias de *vistas* ou *quadros dissolventes* em seus teatrinhos.³⁷⁴ Nesse ano teria passado o *cosmorama*, aparelho que seria apresentado também em novembro e dezembro de 1862³⁷⁵ e, no anterior, o *polyorama*,³⁷⁶ antes do surgimento do cinematógrafo.

A primeira década do século XX será caracterizada como a época dos empresários ambulantes, viajantes brasileiros e estrangeiros, que se deslocavam de cidade em cidade com seu aparelho, vendendo ilusões com seus filmes [adquiridos] na França, Estados Unidos, Alemanha e Itália.³⁷⁷

Assim, quando se esgotava o estoque e o público se cansava das apresentações, os empresários ambulantes partiam para outros lugares. Mal um saía, logo outro chegava, instalando-se em cafés ou teatrinhos.³⁷⁸ Nos seus primórdios, o cinema não era visto como um investimento lucrativo capaz de impulsionar a construção de casas específicas de exibição.³⁷⁹ O filme era um espetáculo curto, não conseguindo ainda contar histórias longas e envolventes, e logo o público fadava-se. Até então, a palavra cinema não significava a casa de espetáculos, mas *o tipo de projetor, sua origem, a firma do inventor ou do proprietário*.³⁸⁰

Com a instalação dos grandes produtores e trustes no circuito exibidor, a partir de 1907, e com a substituição da venda pelo aluguel de películas cinematográficas, passou-se a exigir que os filmes retornassem aos fabricantes após quatro meses de exploração.³⁸¹ Isso fez

³⁷⁴ COSTA, Selda Vale da. Eldorado das ilusões, cinema e sociedade: Manaus (1897/1935). SP: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1988, p. 60.

³⁷⁵ idem.

³⁷⁶ ibidem, p. 61.

³⁷⁷ ibidem, p. 67.

³⁷⁸ idem.

³⁷⁹ idem.

³⁸⁰ SILVEIRA, Walter da. apud Costa, p. 16.

³⁸¹ SADOUL, Georges. História do cinema mundial: das origens aos nossos dias, Vol. I, SP: Martins, 1963. p. 51.

com que se apressasse a morte do cinema ambulante.³⁸² Não sendo mais o proprietário do filme, juntamente com a necessidade de sua devolução, o espaço de trabalho desse empresário se restringiu, não se tornando mais lucrativo para o exibidor nômade as suas viagens de cidade em cidade. Mas essa forma de espetáculo perdura ainda por um bom tempo, já que o ambulante é dono de suas fitas.

Além dos aspectos citados acima, um outro elemento a ser destacado para o fim do cinema ambulante é o desenvolvimento da qualidade do filme, que cada vez mais se tornava um espetáculo longo, com o advento dos cines-romances e os filmes d'Arte.³⁸³ O cinema aprende a contar histórias, atraindo um público mais exigente para as salas, daí a necessidade de modificar o espaço de projeções. O que antes era projetado em barracas de pano nas feiras européias passa, então, a ser exibido em um *Cinema-Teatro*.³⁸⁴ Nos primeiros anos do cinema, muitas platéias se sujeitavam a precárias e improvisadas salas de exibições, sem condições de segurança ou higiene, e eram chamadas pela imprensa de verdadeiros *rendez-vous do que há de mais chic na nossa sociedade*.³⁸⁵

A maior parte das casas de teatro de variedades passou a adotar o cinema como seu principal espetáculo, havendo, portanto, a substituição de atrações ao vivo pelo filme. Os *Nickels Odeons*, casas que apresentavam exclusivamente filmes, espalharam-se com muita velocidade para várias partes do mundo, cobrando ingressos a um preço muito reduzido (o níquel equivale a cinco centavos) para suas sessões. Muitos dos Nickels Odeons haviam sido teatro de variedades e caracterizavam-se por serem casas onde todos os tipos de pessoas freqüentavam principalmente as de menor poder econômico.³⁸⁶ Assim, com o aluguel de filmes, as fitas permaneciam durante um maior tempo no mercado e, a partir de 1910, a sua generalização tornou possível a multiplicação de salas exibidoras, em que se poderia preparar programas semanais.³⁸⁷

É importante notar que, nos primórdios, os empresários do cinema ambulante alugavam salas de projeções ou exibiam seus filmes animados em teatros, cafés ou em estabelecimentos que já atuavam no ramo do entretenimento, como os teatros de variedades. Estes últimos, por sua vez, apropriaram-se do cinema como mais um espetáculo inserido em suas programações e, posteriormente, em algumas casas, o único.

³⁸² Costa, op. cit., p. 95.

³⁸³ Sadoul, op. cit., p. 56.

³⁸⁴ idem.

³⁸⁵ MACIEL, Laura Antunes. A nação por um fio: práticas e imagens da "Comissão Rondon". SP: EDUC, 1998, p. 251.

³⁸⁶ Sadoul op. cit., p. 67.

³⁸⁷ ibidem, p. 74.

O exibidor nômade, em alguns casos, instalou-se como cinema fixo, uma vez que sua área de atuação como ambulante ficou restrita com a substituição da compra do filme pelo aluguel. Pode-se verificar isso no trabalho de Mauricélia B. A. de Sousa, ao destacar o Cinema Olympia, que chega a Rio Branco em 1913 e instala-se como cinema fixo em 1917, fechando as suas portas em 1921.³⁸⁸

Nesse contexto, percebe-se que o *cinema ao ar livre* era utilizado por exibidores ambulantes e, posteriormente, por empresários de casas fixas. Era mais uma forma que se somava às outras para apresentar ao público o entretenimento cinematográfico, podendo ser apreciado em ruas ou em praças.

O cinema ambulante caracterizava-se pelo seu nomadismo, presente apenas no final do século XIX e nas primeiras décadas do século XX, lançando mão de casas alugadas temporariamente ou de apresentações ao ar livre. Tanto na forma de exibição nômade como na fixa, a prática do cinema ao ar livre está presente na sua fase muda, sendo manifestada dependendo da lucratividade do exibidor. Essa prática desaparece com o surgimento da fala nos filmes, que prioriza o espaço do salão, principalmente devido ao recurso sonoro para compreensão de sua linguagem.

O cinema ao ar livre foi uma forma de espetáculo que em Rio Branco persistiu durante muito tempo, mesmo quando já era um empreendimento fixo, com regularidade em programações. Durante certo tempo, assistir a filmes ao ar livre foi típico do cinema ambulante, mas com a sua superação, alguns salões, conjuntamente com o governo ou comerciantes, ainda o utilizavam para se promover e constituir a cidade de mais uma alternativa de lazer.

4.2 A praça: o espaço privilegiado do cinema ao ar livre

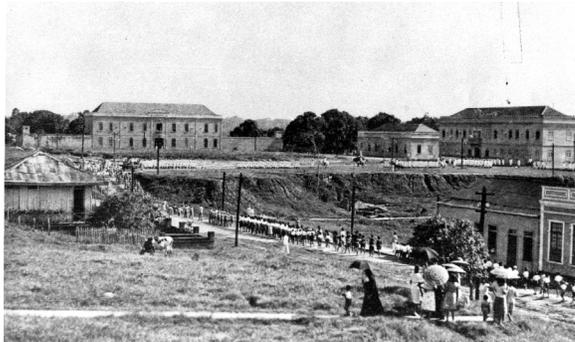
As cidades são os cenários da modernidade, encontrando nelas um lugar de expansão e convivendo com seus deslumbramentos.³⁸⁹ Nas cidades os homens percorrem caminhos que redefinem a sua maneira de se relacionar socialmente, criando novos hábitos. O leque de novidades oferecido, como o cinema, deixa homens, mulheres e crianças atônitos.

O espaço urbano pode ser visto como um cenário em constante transformação, fazendo parte da vida das pessoas, que reinventam novas práticas. A modernidade não pode

³⁸⁸ SOUSA, Mauricélia Barrozo Alves de. Et al. Os primórdios do cinema em Rio Branco: 1912-1930. 1988. 48f. Monografia – Departamento de História, Universidade Federal do Acre, Rio Branco, f.12.

³⁸⁹ REZENDE, Antonio Paulo. (Des) encantos modernos: histórias da cidade do Recife na década de vinte. Recife: FUNDARPE, 1997. p. 21.

se concretizar sem o processo de modernização que requer mudanças, fazendo com que o Estado atue como ator principal nesse cenário.³⁹⁰ O espaço público possui maior ênfase na cidade: as ruas, as praças, a fachada das casas, sendo o lugar privilegiado da intervenção e do interesse público³⁹¹ e onde as relações sociais se desenrolam.



A cidade de Rio Branco, na década de vinte, passa por sucessivas transformações. É construído o Palácio do Governo em estilo clássico e um prédio para a Polícia Militar, bem como olarias numa tentativa de acabar com as tradicionais construções em madeira, e também

Penitenciária e Força Policial - Museu da Borracha

melhoria no fornecimento de energia pública.

Juntamente com a Intendência, a cidade recebe outros benefícios, como a construção de bueiros e aterros na rua Alagoas e rua Rio Grande do Norte, reforma na ponte do bairro Quinze, limpeza e arborização da cidade, reabertura da avenida Ceará, entre outros.³⁹² Assim, o espaço urbano é transformado em um local que facilite a mobilidade e que a rua e



os prédios tornem-se um lugar de intensa vida social. A dilatação do espaço público em praças e cruzamentos anuncia uma concepção mais aberta, de *espaços livres*.³⁹³

Em Rio Branco, a praça principal da cidade que fica em frente ao Palácio do Governo, em Penápolis, passa

Praça Tavares de Lyra – Rel. H. Carneiro

por um processo de ajardinamento. É construído, posteriormente, *um artístico chafariz, que deu muita elegância ao local*.³⁹⁴ É remodelado, o que contribuiu para seu embelezamento.

³⁹⁰ ibidem, p. 18.

³⁹¹ RONCAYOLO, Marcel. Mutações do espaço urbano: a nova estrutura da Paris haussmannia. Projeto História: espaço e cultura, EDUC, São Paulo, n° 18, p. 92, maio 1999.

³⁹² CARNEIRO, Hugo Ribeiro. Relatório apresentado ao Ministro da Justiça e Negócios Interiores Exm°. Augusto de Vianna do Castello, (1928-1929). Imprensa Nacional, Rio de Janeiro. 1930. p. 283.

³⁹³ Ronayolo, op. cit., p. 95.

³⁹⁴ Carneiro, op. cit., p. 281.

Esse era o espaço privilegiado de reunião das famílias de Rio Branco, o local público em que as pessoas se encontravam, flertavam, conversavam, passeavam. Aos domingos e feriados elas se dirigiam à praça para ouvir as *retretas* da banda de música da Força Policial.³⁹⁵

Neste espaço de lazer, as crianças, mulheres e moças casadoiras, vestidas à moda da época, ficavam passeando enquanto os homens e rapazes, às vezes de paletó e gravata, sempre de chapéu, aproveitavam para lançar seus olhares e galanteios àquelas que mais tarde poderiam ser suas namoradas, noivas e esposas.³⁹⁶

A Praça *Tavares de Lyra*, posterior Getúlio Vargas e atual Eurico Dutra, estão situados no bairro de Penápolis, hoje centro.³⁹⁷

Domingo ultimo a Praça Tavares de Lyra – ou Praça Major Menezes, como já chamam alguns, esteve repleta de pessoas que, no jardim em construção, foram gozar o luar e a musica.³⁹⁸

Durante esses momentos de lazer, algumas autoridades contemplavam o movimento da sacada do palácio, como nos revela o artigo de *Kiang*, do jornal *A Capital*. É importante destacar como ele capta e reconstrói esse espaço, onde as pessoas circulavam ao som da banda de música da Polícia.

O major Duarte de Menezes, incançável e habil director das obras que alli se estão effectuando, contemplava da sacada do Palacio, ladeado pelos drs. Jácome Conde, Pinheiro Chagas e desembargador Fleury, o exito prematuro e inesperado, que coroava a sua obra firmando assim, definitivamente, o ponto chic de Rio Branco.

.....

Ao som da banda policial passeiavam pelo plateáu lindamente ajardinado, grupos gracis de moças de nossa melhor sociedade – nymphas donairosas, num oceano de luz... que palestravam animadamente³⁹⁹

³⁹⁵ BEZERRA, 1993, passim.

³⁹⁶ ibidem, p. 43-44.

³⁹⁷ GUERRA, Antonio Teixeira. Estudo geográfico do território do Acre. RJ: IBGE, 1955, p. 88-89

³⁹⁸ KIANG, Binoculo, *A Capital*, Rio Branco, 18 de set. de 1921, p. 1, col. 3.

³⁹⁹ idem.

Destacamos como o colunista Kiang percebe, de maneira irônica, a movimentação e as conversas dos freqüentadores da praça em sua crônica:

A senhorita Rachel protesta energicamente contra a falta de gosto pela dança, o melhor dos sports; certamente que se estivesse em suas mãos teríamos danças semanaes, ou quem sabe, diarias.

Era de Vera⁴⁰⁰ (sic!) indignação da senhorita Laura, verbando contra a sua chará da A capital [jornal], que lhe viera trazer appellidos, d'antes nunca sonhados, enquanto o coronel Neves a fingir de Mané Chique-chique, nos fazia rir immenso no seu desespero contra o Zé Zidóro, que nem ao menos discute em lingua de gente.

No meio desse rir galhofeiro e franco, destacava-se a merencoria tristeza da senhorita Nenezinha, que a sonhar talvez com algum filho da encantadora terra de Al-bem-Hamed, recordava o baile de 7 de setembro.

No meio d'ellas, dominando tudo de cima da sua altura, destacava-se a senhorita Dalila que por estar mais perto da lua parecia gozar melhor que as outras as suas suavíssimas doçuras...

Chega à senhorita Mercedes consternada pelo atrazo que lhe fez perder tão deliciosos momentos desse prazer calmo que só se gosa junto aos campos.

Não sei por que razão o Dr. Porto equilibrando-se no alto das suas interminaveis pernas, repetia: – A senhorita Mercedes está se militarizando...

Perguntam pelo Dr. Rezende que de uns tempos para cá, anda enfurnado...⁴⁰¹

– Está lendo, ao clarão da lua, “O mal da vida...” respondendo uma voz convicta, enquanto que ali o Dr. Mario de Oliveira, com ares de elegante de Avenida...

Um outro grupo gentilissimo palestra á luz esplendente do luar. Formam-no, as senhoras, drs. Marcilio Bastos e Porto da Silveira.

Discute-se o assumpto escabroso – A moral dos homens – e podemos affirmar que os dois talentosos bachareis viram-se, por vezes, atarantados ante a logica e o ‘savair dire’, das inteligentes senhoras, que poderiam discutir ante Balzac ou Mantegazza.

Estão ainda presentes Sr. e Sra. Francisco Manoel, sr. Praxedes da Sylva e familia, srs. Coroneis João Donato e Napoleão Dourado, tenentes Costa Pereira e Laudelino Campos, Arlindo de S. Moraes, sr. Chaves, Miguel Bader, o grupo avassalador da Meza de Rendas, os gurys Roberto, Paulo e Mario, Yeda, Neuza e outras.

⁴⁰⁰ Verdadeira, real.

⁴⁰¹ Acabrunhado, melancólico, envergonhado, abatido.

Da sacada o major continuava a contar os que chegavam, rindo para a lua, essa lua que nos occultava discretamente os “comps de Foudre” de nossa ‘juventude radiosa’, como lhe chamou a distinta m.me Olavo Machado.

E certo, monologava, satisfeito o digno official:

Quantas bellas almas, quantas lindas flores...

Que desabrochar de novas esperanças

Neste ramallete não existe dores...

Só neste recanto póde haver bonanças!⁴⁰²

A partir da representação acima, nota-se como podia ser a circulação na praça, revelando novos personagens. Havia aqueles que criticavam as retretas, achando que a banda não deveria tocar só nos fins de semana. O repertório apresentava vários estilos de música:

A Retreta de Domingo

A afinada banda musical da Força Policial do Territorio, executou na retreta de Domingo passado um programma que foi applaudido.

Valsas, tangos, one-steppes e tanguinhos escolhidos, deliciaram os ouvidos exigentes de senhoras, senhoritas e cavalheiros que faziam o footing, nas alamedas do lindo jardim Major Menezes, da Praça Tavares de Lyra.

Diante das palmas que rebentavam após cada execução, o maestrino Pedro Vasconcellos Filho, jurava trazer couza melhor ainda para amanhã.⁴⁰³

Os conflitos entre Severa e Laura, colaboradoras do jornal *A Capital*, que ganharam as páginas do periódico – a primeira defendendo a emancipação feminina e a outra achando que o verdadeiro papel da mulher era voltado exclusivamente para o lar (ver o item Cinema: sensualidade e moda) –, foram percebidos por Kiang nos passeios pela praça. As discussões entre o coronel Honório Alves das Neves e a gente de menor poder econômico (Zé Zidoro) são descritas com ironia, pois mesmo o coronel, *a fingir de Mané Chique-chique*, e Zé Zidoro revelavam suas origens humildes.

⁴⁰² KIANG, op. cit., p. 1, col. 3..

⁴⁰³ A RETRETA de domingo, *A Capital*, Rio Branco, 01 de out. de 1921, p. 2, col. 1 e 2.

Os sentimentos não correspondidos, destacados pelo colunista de *A Capital*, fazem surgir personagens como o de Nenezinha, que se encontrava melancólica desde o baile da independência, e Rezende, ausente da praça. Além das conversas entre os grupos juvenis, os adultos também discutem. O artigo revela que um dos grupos, composto por homens e mulheres, debatia a moral e o comportamento dos homens.

Observa-se que a praça foi vista por Kiang como um ponto freqüentado por pessoas de maior poder econômico: seringalistas,⁴⁰⁴ funcionários públicos, advogados, comerciantes, militares. As de menor padrão financeiro, além de Zé Zidoro, não foram destacadas em seu artigo. A escrita incisiva do colunista é criticada pelos personagens, como fica demonstrado sua indignação em outra crônica:

Será possível, será crível, será razoavel que se zangue alguém com as innocentes bisbilhotices de Kiang? Certamente que não, pois os meus bonissimos leitores, quer do sexo gentil quer d outro sexo, não deverão vêr nessas escaramuças de chronista curioso, senão o ávido desejo de tornar, de alguma fôrma, menos monotona a concorrencia de gente chic á praça Tavares de Lyra. Kiang vê com verdadeiro prazer augmentar de domingo para domingo, a brilhante e selecta frequencia desse centro de reunião...⁴⁰⁵

Esse é o principal cenário do cinema ao ar livre: a praça, um espaço muito freqüentado, sendo ponto de encontro de diversos grupos da sociedade de Rio Branco e palco de comemorações que a cidade elege em ocasiões especiais. É o local privilegiado do cinema ao ar livre, mas não o único.

⁴⁰⁴ *Seringalista*, proprietário do *seringal*, que é formado pelo *barracão* (sede do seringal) e pelas várias *colocações de seringa* (local onde mora o *seringueiro*, extrator do *látex* da seringueira, leite em que se faz a borracha). As colocações são compostas por várias *estradas de seringa* exploradas pelo seringueiro.

⁴⁰⁵ KIANG, Binoculo, *A Capital*, Rio Branco, 01 de out. de 1921, p. 2, col. 1.

4.3 O cinema ao ar livre

O cinema ao ar livre participa de momentos especiais no cotidiano da cidade de Rio Branco e o Eden-Cinema é um dos elementos importantes para esse acontecimento. Em algumas ocasiões, é o cinematógrafo do Édén que faz parte de vários eventos, como festas beneficentes, comemorações de datas cívicas, posse de governadores, aniversários de governo e do presidente da República. Essas são ocasiões a serem comemoradas com cinema ao ar livre na praça Tavares de Lyra:

Haverá, no domingo, uma sessão de cinema, ao ar livre, na Praça Tavares de Lyra, em homenagem ao natalício do sr. dr. Epitacio Pessôa, para o que será alli transportado o aparelho do Édén.⁴⁰⁶

No dia da comemoração do aniversário do presidente da República, Epitácio Pessoa, boa parte da população comparece à praça, proveniente dos lugares mais afastados, para assistir o cinema ao ar livre. O transporte entre os bairros Empreza e Penápolis, separados pelo rio Acre, é feito por pequenas embarcações chamadas de catraias e nesses eventos, onde havia grande afluência de pessoas, essas embarcações tinham muito trabalho. Assim, todos assistiam, prazerosamente, aos filmes que se desenrolavam, rindo ou se comovendo, ao som da banda de música da Força Policial:

Á noite

Ao cair da noite, a canôa “Jaboty” e os outros expressos, em continua viagens não deram vencimento ao transporte dos populares que vinham, curiosos, assistir ás exhibições cinematographicas. E’ que as Colonias e o Quinze [bairro] despejavam gente a valer...

A Praça Tavares de Lyra ficou movimentada como nunca. A illuminação esplendeu farta nas cercanias da Prefeitura e ali no alto, dominando a massa popular e as casas apinhadas de familias, o écran do cinematographo desenrolou suas dez fitas attrahentes, applaudidas nos seus aspectos comicos pela meninada folgazã.

No corêto a banda regional, em retreta, deliciava a multidão.

⁴⁰⁶ EDEN-CINEMA, *Folha do Acre*, Rio Branco, 20 de maio de 1920, p. 2, col. 5.

No alto, envolvendo a cidade toda e a floresta e o rio sinuoso, a infinita doçura de uma noite estival salpintada de lumes.⁴⁰⁷

Uma outra ocasião em que esteve presente o cinema ao ar livre é a festa beneficente do hospital Augusto Monteiro, amplamente divulgada na imprensa local:

Como vínhamos informando foi levado a efeito, domingo 22, esplendido festival á Praça Tavares de Lyra, em Penápolis, com cinema ao ar livre, leilão de prendas, tombola⁴⁰⁸ etc., revertendo o producto do leilão e tombola em beneficio da sympathica instituição de caridade Hospital “Augusto Monteiro”, que muitos e inextimaveis serviços vão prestando aos que recorrem ao seu agasalho consolador.⁴⁰⁹



Hospital Augusto Monteiro – Rel. H. C.

A noite, segundo o periódico Folha do Acre, foi um sucesso, sendo o produto total arrecadado de Rs 2:016\$000 (dois contos ou dois milhões e desesseis mil réis). O evento contou com a presença do prefeito do Departamento, Cunha Vasconcellos, e várias autoridades civis e militares, além de muitas famílias.⁴¹⁰ *A sessão cinematographica, a cargo da empresa do Éden agradou geralmente!*⁴¹¹ O evento foi dirigido por Alfredo Mendes, um

⁴⁰⁷ O ANNIVERSARIO natalicio do dr. Epitacio Pessôa, *O Futuro*, Rio Branco, 30 de maio de 1920, p. 4, col. 1

⁴⁰⁸ Tômbola: espécie de loteria, em que é necessário encher-se um cartão para ganhar; loteria de sociedade para fins beneficentes, com prêmios em espécie.

⁴⁰⁹ FESTIVAL em beneficio do hospital, *Folha do Acre*, Rio Branco, 26 de ago. de 1920, p. 2, col. 5.

⁴¹⁰ idem.

⁴¹¹ idem.

dos proprietários do Édén, que *serviu de leiloeiro e recebeu muitos elogios pela forma agradável e divertida*.⁴¹² O leilão transcorreu da seguinte forma:

Uma flôr oferecida por Mlle. Eliza Karan foi arrematada por 200\$000.

Também Mlles. Evangelina Vasconcellos, Rizoleta e Alice Valverde ofertaram flores que attingiram sommas consideraveis.

Também deu 200\$ a da senhorita Rizoleta.

A da senhorita Evangelina, arrematada duas vezes, por o primeiro arremate a ter oferecido também ao hospital, rendeu nas duas arrematações 265\$000.

Muitas outras prendas foram disputadissimas, reinando muita alegria e entusiasmo durante o leilão.

Felicitemos a distincta commissão promotora, a cuja frente se achava a exma. Senhora Da. Evangelina Cunha Vasconcellos, pello exito feliz do magnifico festival que tão gratas recordações deixou a todos que o assistiram e que para elle concorreram.⁴¹³



Grupo Escolar 7 de Setembro – CDIH

As comemorações de datas cívicas tiveram a presença do cinema ao ar livre de forma muito significativa, sendo uma prática presente até o final da década de trinta. Nessas ocasiões, as pessoas enfeitavam as fachadas das casas para as festividades:

O aspecto da cidade

Durante todo o dia, apresentou a cidade aspectos festivo. Diversas casas commerciaes do 1º e 2º districtos ornamentaram as fachadas, dando assim um aspecto de gala á nossa capital.⁴¹⁴

⁴¹² idem.

⁴¹³ idem.

⁴¹⁴ 7 DE SETEMBRO, *A capital*, Rio Branco, 11 de set. de 1921, p.1, col. 5.

Nesses eventos, a programação era vasta e às vezes levava-se dias para o seu término, como a do centenário da Independência. As festividades iniciaram com a banda de música da Força Policial percorrendo as ruas da cidade, quando o dia amanheceu. Houve missa na Praça Tavares de Lyra, desfiles militares e estudantis. A maior parte dessas comemorações terminava à noite, com cinema ao ar livre na praça. As pessoas participavam aplaudindo e vibrando:

Festejos

Dia 7

As 4 ½ horas – Alvorada pela Banda de musica da força policial do Territorio a qual percorrerá nas primeiras horas da manhã, ao som de varias marchas e dobrados, diversas ruas da cidade.

Distribuição de carne verde aos pobres pela Intendencia municipal.

As 7 horas – Missa , no coreto da Praça Tavares de Lyra, assistindo alem das altas autoridades, a Força em formatura e as escolas incorporadas.

As 8 ½ horas – Cerimonia do lançamento da pedra fundamental do ‘Obelisco’ commemorativo das festas, erigido no jardim da Praça Tavares de Lyra.

As 9 horas – Inauguração do edificio do Grupo Escolar “7 de Setembro”.

As 9 ½ horas – Recepção no Palacio dos Despachos.

As 16 horas – Assalto de esgrima á baioneta pela 1ª Companhia da Força Policial e exercicio de gymnastica ainda pela mesma companhia e um pelotão de alumnos do Grupo Escolar.

As 19 ½ horas – Cinema ao ar livre.

As 20 horas – Sessão civica e sarau dansante promovido pela Loja Maçonica.

Dia 8

Marcha aux-flambeaux promovida pela intendencia

Dia 9

Grande baile oferecido pela Colonia Syria e realizado no salão do Grupo Escolar 24 de Janeiro cedido pelo Governo.

Dia 10

Concerto musical, pela senhorinha Hilda Leite, intercalado por varios outros numeros artisticos, sportivos, constantes de cançonetas, etc.

Dia 11

Baile no Grupo Escolar “7 de Setembro”, em comemoração á inauguração do grande templo

Dias 12, 13, 14, 15

Festejos Sportivos e populares, cujos programmas serão distribuídos na ocasião.⁴¹⁵

Como se percebe na programação acima, é importante destacar um dado: a distribuição de *carne verde* aos pobres. A nota não é específica, mas é possível ressaltar que o abastecimento de carne e leite bovino em Rio Branco era muito problemático. Feito praticamente pelo abatedouro do coronel Honório Alves das Neves e pela fazenda *Nemaia*, que tinha como proprietários Neutel Maia e Guilhermino Teixeira Bastos,⁴¹⁶ o gado era proveniente da Bolívia, já que se tornava onerosa a importação de outros Estados brasileiros.⁴¹⁷ A viagem do rebanho, composta por uma ou duas centenas de cabeças, era feita pelos varadouros.⁴¹⁸ Essas dificuldades encareciam o produto, fazendo com que a maior parte da população não tivesse acesso a esse tipo de alimentação.⁴¹⁹

Para a maior parte das pessoas da cidade, era comum comer carne de animais encontrados em maior abundância na região e transformados em deliciosos pratos, como o pato-no-tucupí, pato ao molho pardo e galinha cozida. A carne de caça era, e ainda é, muito apreciada como jabuti ao leite da castanha, veado, paca, inambu, tatu. Outros pratos típicos da culinária nordestina estão presentes na acreana devido ao fato de a maior parte da população se originar daquela região. Além dos relacionados acima, há o tacacá, peixes como curimatã, tambaqui, pirarucu e tucunaré, muito consumido, além de outros.

Ainda em relação à programação citada, um outro ponto a ser destacado é o monumento erguido em comemoração ao centenário: o Obelisco construído em frente ao palácio. Atualmente, o Obelisco foi ressignificado e a idéia do centenário foi substituída por um monumento aos heróis da Revolução Acreana.

Por fim, um outro aspecto que deve ser ressaltado é a escassez de espaços para a população se reunir. Essa carência é revelada em virtude de as festas acontecerem em escolas

⁴¹⁵ COMEMORAÇÃO do Centenario, *Folha do Acre*, Rio Branco, 31 de ago. de 1922, p. 1, col. 5.

⁴¹⁶ BEZERRA, Maria José. (coord.). Et. al. Cidade de Rio Branco – a marca de um tempo: história, povo e cultura. Rio Branco: Globo, 1993. p. 39-37.

⁴¹⁷ idem.

⁴¹⁸ idem.

⁴¹⁹ idem.

(24 de Janeiro e 7 de Setembro) ou em órgãos públicos (Palácio dos Despachos), percebendo-se, assim, a ausência de clubes para esse fim no início da década.

Datas de grande significação local são comemoradas com cinema ao ar livre. O *6 de Agosto*, dia da Revolução Acreana, é festejado pelo Grupo Escolar 24 de Janeiro, contando com a participação de alunos, professores e autoridades. A comemoração é animada pela banda de música da Polícia, sendo proferidos discursos e palestras pelo diretor da escola, além de teatro, música e poesia, com a participação de alunos da instituição de ensino. A festa é encerrada com um número de ginástica sueca na praça e, logo em seguida, há uma sessão de cinema ao ar livre ao som da banda da Polícia.⁴²⁰

Quarta e ultima parte

A festa terminará com um numero de Gymnastica Sueca, ao ar livre, sob a direcção do Instructor do Grupo, sargento Fernandes, da Força Policial, desfilando com a canção Brasil. A banda de musica da Força Policial tocará, em seguida, escolhidas peças do seu repertorio.

À noite haverá na praça, em frente ao Palacio, que se conservará aberto e franqueado ás familias e cavalheiros da sociedade acreana, cinema ao ar livre.

Não haverá convites especiaes.

Esperam-se o comparecimento das autoridades, escolas municipaes e familias desta capital.⁴²¹

Os aniversários de governo também contam com o cinema ao ar livre, como pode ser notado na administração Hugo Carneiro, nos anos de 1928 e 1929:

Assumi o carater de uma verdadeira apotheose glorificada a grandiosa manifestação prestada, ao Exmo.Sr.Dr. Hugo Carneiro, pelo povo de Rio Branco em commemoração á passagem do Iº aniversario de sua administração, e promovida por elementos representativos das diversas classes sociaes, componentes da população de todo o municipio.⁴²²

⁴²⁰ 6 DE AGOSTO, *Folha do Acre*, Rio Branco, 04 de ago. de 1921, p. 3, col. 2, 3, 4 e 5.

⁴²¹ idem.

⁴²² FOLHA do Acre, Rio Branco, 21 de jun. de 1928, p. 1, col. 1.

À noite, a festa contou com retreta da banda de música da Polícia, queima de fogos de artifício e cinema ao ar livre. Em seguida, as pessoas se dirigiram em passeata à casa do governador, onde as comemorações se encerraram com discursos:

Passeata Cívica – Sua impressionante imponência

Às 7 horas da noite, começou a retreta na Praça Tavares de Lyra, sendo já quase incomputável a multidão que àquella hora, alli se comprimia aguardando a occasião de levar ao sr. dr. Hugo Carneiro a prova eloquente de sua solidariedade e de seu applauso pelo governo de realizações que vem fazendo para a felicidade do Acre.

Às 9 horas, queimados os fogos de artifício, e termina a Iª parte do cinema ao ar livre, organizou-se o prestito cívico, que, guiado pela banda de música da Força Policial, se encaminhou para a residencia do Exmo.Sr.Dr. Hugo Carneiro, saudado pelo povo, numa compacta multidão calculada em 5.000 pessoas, com estrondosos vivas.

A' tribuna adrede preparada, falou, primeiramente, o sr. dr. Mario de Oliveira, procurador da Republica, especialmente convidados pelas classes conservadoras.⁴²³



Residência Oficial – CDIH

Palácio do Governo. Nesse ano, houve competições entre barcos no rio Acre, no trecho que se dava, segundo Maria José Bezerra, entre a Gameleira e a Rua da África, atual 1º de Maio, no bairro 6 de Agosto:

No ano seguinte, as festividades contam com inaugurações como o Mercado Municipal e o início de outras obras importantes, que modificariam o aspecto da cidade, como, por exemplo, o

⁴²³ ibidem, col. 5.

O segundo aniversario da administração Hugo Carneiro

As diversas classes sociaes, reunidas em duas sessões realizadas na séde da Sociedade Recreativa Tentamen, organisaram o seguinte programma para solemnizar a commemoração do segundo aniversario da administração Hugo Carneiro, no proximo sabbado:

No dia 15 – alvorada e salva de 21 tiros ás 5 horas – A’s 9 horas missa campal na Avenida Epaminondas Jacome, nas proximidades do mercado novo – A’s 10 horas inauguração do mercado municipal e distribuição de bombons ás creanças – Parada infantil – A’s 11 horas lançamento da pedra fundamental do edificio o Palácio do Governo – A’s 21 horas baile no ‘Grupo Escolar 7 de Setembro’.

No dia 16 – A’s 8 horas regatas com premios aos vencedores, dois pareos – A’s 12 horas almoço de 200 talheres no saguão do mercado novo – A’s 15 horas, tarde esportiva no stadium do Rio Branco F. C. – A’s 19 horas cinema ao ar livre na praça Tavares de Lyra – A’s 20 horas marche aux flambeau – A’s 21 horas baile popular no mercado velho.⁴²⁴

Sabe-se, portanto, que o Eden-Cinema não foi o único promotor de cinema ao ar livre em toda a década de vinte. Percebe-se a presença de *José Facre*, electricista e proprietário da Casa Sapeca, que se situava na esquina da Rua São Paulo e vendia vários produtos:

Casa Sapeca de José Facre

Rua Rio Grande do Sul, esq. Da Rua São Paulo

Completo sortimento de estivas e bebidas nacionaes e estrangeiras

Ponto predileto do Pessoal que gosta de sapecar á bessa.

Purissima gororoba da afamada marca Jararaca

Compra e vende todos os productos do território

Rio Branco – Acre⁴²⁵

O *Cine-Facre* promovia sessões ao ar livre, não podendo Jose Facre ser caracterizado como um empresário do cinema ambulante, pois não se encontram elementos que certifique que ele saía de cidade em cidade vendendo ilusões. Seu cinematógrafo funcionava, talvez,

⁴²⁴ O SEGUNDO aniversário da administração Hugo Carneiro, *Folha do Acre*, Rio Branco, 09 de jun. de 1929, p. 1.

⁴²⁵ CASA Sapeca, *Jornal Oficial*, Rio Branco, 14 de jun. de 1925, p. 3, col. 6.

como mais uma alternativa de renda, uma vez que o negócio com a eletricidade é sua especialidade, como se percebe no anúncio: *O cavalheiro precisa de trabalhos de electricidade, feitos com perfeição? Procurai o popular José Facre, a Rua João Luiz Alves.*⁴²⁶

Pouco se sabe sobre a figura de José Facre e suas atividades com o cinema ao ar livre. Apenas uma pequena nota dá uma noção de dois eventos promovidos por ele: uma homenagem aos jogadores de futebol e a comemoração de seu próprio aniversário.

Cine-Facre

Com o seu aparelho Pathé Baby, realiso o Cine-Facre, a 16 deste, uma sessão ao ar livre em homenagens aos jogadores de foot-ball. Na noite de 24 haverá nova sessão em frente ao estabelecimento “A Reformadora”, em regosijo pela passagem do anniversario natalício do seu proprietario, Sr. José Facre.⁴²⁷

O cinema ao ar livre nas primeiras décadas do século XX em Rio Branco é uma forma de lazer muito importante, pois participa de vários momentos na vida das pessoas que se deliciavam com suas imagens. Esteve presente ao longo de toda a década de trinta, tendo suas atividades desaparecido com o surgimento do *Cine Rio Branco* e o cinema falado, em 1939.⁴²⁸

Cine Rio Branco

Equipamento Philisonor

Emprêsa da Santa Casa de Misericórdia do Acre.⁴²⁹

Isso pode ser compreendido, pois o cinema ao ar livre mudo não precisava de todo o aparato técnico para que suas sessões fossem realizadas na praça ou na rua. O cinema falado é diferente: além da tela, do aparelho projetor e do filme, necessita de caixas de som para que se compreenda sua a narrativa. Sem esse último recurso é muito difícil entender a mensagem que ele veicula. O cinema ao ar livre mudo tornava-se muito mais acessível ao público devido a sua linguagem, já que a fala não era um fator preponderante.

⁴²⁶ Folha do Acre, Rio Branco, 14 de set. de 1927, p. 4, col. 4.

⁴²⁷ CINE-FACRE, *Folha do Acre*, Rio Branco, 21 de ago. de 1927, p. 4, col. 2.

⁴²⁸ CINE RIO BRANCO, *O Acre*, Rio Branco, 03 de nov. de 1939, p. 1, col. 4 e 5.

⁴²⁹ CINE Rio Branco, *O Acre*, Rio Branco, 01 de set. de 1940, p. 6, col. 4.

O Cine Rio Branco coloca-se no espaço antes reservado ao cinema ao ar livre, abrindo as suas portas com sessões gratuitas nas festividades da cidade. Esse acontecimento pode ser percebido nas programações:

As Comemorações da “Semana da Pátria”

Às 5 horas – Alvorada pela banda de música da Polícia Militar. A banda de clarins, a cavalo percorrerá as ruas da cidade. Salva de morteiros.

Às 7 horas – Missa no Altar da Pátria.

Às 8 horas – Hasteamento da Bandeira Nacional no Palácio Rio Branco. O Batalhão da Polícia militar prestará as homenagens de estilo. Formatura da Juventude Brasileira, instituições escolares e esportivas. Parada da Raça. Comício popular na Praça “Getúlio Vargas” [antiga Tavares de Lyra, atual Eurico Dutra]

Às 10 horas – Recepção Oficial no Palácio Rio Branco.

Às 15 horas – Competições esportivas e demonstrações de ginástica escolar no Campo do Rio Branco F. C.

Às 18 horas – Arriamento do Pavilhão Nacional

Às 20 horas – **Sessão gratuita no Cine Rio Branco.** (grifo nosso)

Às 22 horas – Soirée dansante na Sociedade Recreativa “Tentamen”.⁴³⁰

Mas, apesar da substituição do cinema ao ar livre pelas sessões do Cine Rio Branco, ainda se pode encontrá-lo em apenas uma ocasião (1949), na programação para as festividades do Dia do Trabalho. Nota-se, na figura a seguir, a Praça Getúlio Vargas (ex-Tavares de Lyra) sob novo aspecto, destacando-se o coreto utilizado pela banda de música e o chafariz. Ao fundo, o bairro Empreza e, mais adiante, a fazenda Nemaia.

Programa

De festividades publicas comemorativas do

Dia do Trabalho

A 1º de Maio de 1949

Às 8,00 hs – Hasteamento da Bandeira, no palácio rio Branco.

⁴³⁰ AS COMEMORAÇÕES da “Semana da Pátria”, O Acre, Rio Branco, Anno XII, N. 553, 07 de setembro de 1940, p. 1, col. 1 e 2.

Às 9,00 hs – Comemoração do 1º aniversário do ‘Núcleo Central de Melhoramento da Borracha’.

Às 10,00 hs – Inauguração da Escola Rural do ‘Bairro Quinze’.

Às 15,00 hs – Tarde esportiva no Estádio José de Melo”: Torneio Initium da F. A. D.

Às 17,30 hs – Arreamento da Bandeira.

Às 18,00 hs – Inauguração da nova séde da Radio Difusora Acreana.

Às 19,00 hs – Saudação ao operariado pelo professor Humberto Soares da Costa, pela Radio Difusora Acreana.

Às 19,30 hs – **Sessão cinematográfica ao ar livre.** (grifo nosso)

Às 20,30 horas – Baile popular na Praça Getúlio Vargas.⁴³¹



Praça Getúlio Vargas - CDIH

⁴³¹ PROGRAMA, *O Acre*, Rio Branco, 01 de maio de 1949, p. 8, col. 5.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conhecer e discutir o cinema em Rio Branco na década de vinte não deixa de ser uma agradável viagem a uma época em que a cidade recebia os primeiros ventos da modernização. O espaço urbano é alvo de mudanças que marcam profundamente a sua paisagem. O Eden-Cinema, um salão cinematográfico que se faz presente ao longo de todo esse período, não escapa dessas novas concepções.

O espaço do cinema passa a ter uma significativa importância dentro da cidade como mais um lugar aonde ir, mais uma opção de lazer, onde as pessoas se deslumbram, emocionam-se e se divertem. Ao frequentá-lo, entram em contato com imagens que veiculam novas idéias, hábitos e costumes, e que são ou não assimilados. Esses filmes mostram tanto na sua forma de produção como na projeção, traços marcantes que denunciam a influência do teatro.

É pensando nos aspectos de modernização que a estrutura física do Eden-Cinema vai ser atingida pelas novas modificações. Sendo um lugar de aglomeração, passa a ser observado com a instituição de regras específicas referentes à segurança e à higiene. Mas, apesar disso, é um espaço que transgrediu algumas dessas medidas. Sua utilização é diversificada, não se restringindo exclusivamente à projeção de filmes. É um espaço de reuniões, palestras ou festividades oficiais, populares, refinadas, beneficentes, além de ser um local de apresentações teatrais, canto, dança e poesia.

Mas o Eden-Cinema não se limita só ao salão, ele vai além. Integra-se aos espaços públicos, fazendo-se presente na rua e na praça. O cinema ao ar livre participa de momentos especiais em comemorações cívicas, oficiais e beneficentes, acompanhado da banda de música. A propósito, essa combinação – cinema, banda e praça – foi uma prática que persistiu ao longo de toda a década.

Assim, o cinema deve ser pensado de maneira múltipla e diversa. Amado ou combatido, ele transgrediu, alterou e construiu hábitos e costumes na sociedade de Rio Branco da década de vinte.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- ARAÚJO, Vicente de P. **A bela época do cinema brasileiro**. SP: Perspectiva, 1976. 418p.
- BENJAMIN, Walter. A obra de arte na sua reprodutibilidade técnica. In: **Obras escolhidas**. SP: Brasiliense. 1994. 165-196p.
- BERGSON, Henri. **Matéria e memória**. Lisboa: Martins Fontes. 1998.
- BERMAN, Marshal. **Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade**. SP: Cia. das Letras. 1986.
- BERNADET, Jean-Claude. **O que é cinema**. SP: Brasiliense, 1981. 117p.(Coleção Primeiros Passos).
- BETTON, Gérard. **Estética do cinema**. SP: Martins Fontes, 1987. 121p.
- BUENO, Francisco da Silveira. Et al. **Dicionário escolar da língua portuguesa**. 11^a ed. RJ: FAE, 1994. 1263p.
- BURKE, Peter. Unidade e variedade na História Cultural. In: **Variedades da História Cultural**. RJ: Civilização Brasileira, 2000. 233-267p.
- _____. (org.) **A escrita da história**. SP: UNESP, 1992.
- _____. **A escola dos annales (1929-1989): a revolução francesa da historiografia**. SP: UNESP. 1997. 154p.
- CATANI, Afrânio M. et. al. **A chanchada no cinema brasileiro**. SP: Brasiliense. 97p. (Tudo é história).
- CHOYA, Françoise. O reino do urbano e a morte da cidade. **Projeto História: espaço e cultura**, EDUC, São Paulo, n. 18, p. 67-89, maio 1999.
- FARIA, Octavio de. **A história do cinema: uma pequena introdução**. Tecnoprint (Ediouro), 1998. 115p.
- FERREIRA, Jurandir Pires. **Enciclopédia dos Municípios Brasileiros**, Vol. XIV. RJ: IBGE, 1957. p. 64-74
- FIGUEIRÔA, Alexandre. **Cinema Pernambucano: uma história em ciclos**. Recife: Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 2000. 122p. (Coleção Malungo).
- GUERRA, Antonio Teixeira. **Estudo Geográfico do Território do Acre**. RJ: IBGE, 1955. 294p.
- GOMES, Paulo Emílio Sales. **Cinema: trajetória no subdesenvolvimento**. SP: Paz e Terra. 1996. 111p. (Coleção Leitura)

- HALBWACHS, Maurice. **Memória Coletiva**. SP: Vértice. 1990. 18-187p.
- HARVEY, David. Modernidade e modernismo. In: **Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. SP: Loyola, p.p. 21-43.
- XAVIER, Ismail (org.). **O cinema no século**. RJ: Imago. 1996. 384p.
- KAEL, Pauline. **1001 noites de cinema**. SP: Cia. das Letras. 1994. 567p.
- MACHADO, Arlindo. **Pré-cinemas & pós-cinemas**. Campinas, SP: Papirus, 1997. 303p.
- MACIEL, Laura Antunes. **A nação por um fio: caminhos, práticas e imagens da “Comissão Rondon”**. SP: EDUC, 1998. 319p.
- MARTINELLO, Pedro. Formação e expansão da empresa gumífera e importância da borracha amazônica na segunda guerra mundial. In: Souza, Carlos Alberto Alves de. (org.). **15 textos de história da amazônia**. Rio Branco: UFAC/Pró-Reitoria de Assuntos Comunitários, 1995. p.139-167.
- MACHADO, Roberto. **Foucault, a filosofia e a literatura**. RJ: Jorge Zahar. 2000. 187p.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. SP: Edições Loyola. 2000. 79p. (Leituras Filosóficas)
- _____. **Microfísica do poder**. RJ: Edições Graal. 1999. 295p.
- _____. **A arqueologia do saber**. RJ: Vozes. 1972. 169-256p.
- _____. **As palavras e as coisas**. Lisboa: Portugália Editora. 1966.
- GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. SP: Cia. das Letras. 1989. 143-179p.
- MONTENEGRO, Antonio Torres. **História e memória: a cultura popular revisitada**. SP: Contexto. 1994. 153p.
- MUNSTERBERG, Hugo. As emoções. In: XAVIER, Ismail. **A experiência do cinema**. RJ: Graal: Embrafilme, 1983. p. 46-54.
- QUEIROZ, Terezinha de J. M. Cinema, invenção do diabo? In: **História, literatura, sociabilidades**. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1998. 41-53p.
- REIS, José Carlos. **A história: entre a filosofia e a ciência**. SP: Ática. 1996. 96p. (Série Fundamentos)
- REZENDE, Antonio Paulo. **(Des) encantos modernos: histórias da cidade do Recife na década de vinte**. Recife: FUNDARPE, 1997. 204p.
- RONCAYOLO, Marcel. Mutações do espaço urbano: a nova estrutura da Paris haussmannia. **Projeto História: espaço e cultura**, EDUC, São Paulo, n. 18, p. 91-96, maio 1999.

- SADOUL, Georges. **História do cinema mundial: das origens aos nossos dias**, Vol. I SP: Martins, 1963. 314p.
- SKLAR, Robert. Os filmes mudos e a vida apaixonada. In: **História social de cinema americano**. SP: Editora Cultrix, 1978. p.106-125.
- _____. A casa que Adolph Zukor Construiu. In: **História social de cinema americano**. SP: Cultrix, 1978, p.167-185.
- TOULET, Emmanuelle. **O cinema, invenção do século**. s/l Objetivas, 1988. 176p. (Descobertas).
- TURNER, Graeme. **Cinema como prático social**. SP: Summus, 1997. 174p.
- VEYNE, Paul. Foucault revoluciona a história. In: **Como se escreve a história**. Brasília: EDUNB. 1982. 149-183p.
- VIANY, Alex. **Introdução do Cinema Brasileiro**. Biblioteca de Divulgação Cultural /Série B – IV MEC/Instituto Nacional do Livro, RJ: 1959. 487p.
- WEHLING, Arno. **A invenção da história**. RJ: Ed. Gama Filho/UFPE. 1994. 93-136p.
- WHITE, Hayden. **Trópicos do Discurso: ensaios sobre a crítica da cultura**. SP: Editora da Universidade de São Paulo. 1994. 13-151p.

MONOGRAFIAS, DISSERTAÇÕES E TESES.

- COSTA, Selda V. da. **Eldorado das ilusões, cinema e sociedade: Manaus (1897/1935)**. 1988. 412f. Tese – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.
- SANTIAGO, Roberval da Silva. **Cinematógrafo pernambucano: a jornada da transgressão, do sonho e da sedução**. 1995.134f. Dissertação – Universidade Federal de Pernambuco, Recife.
- SOUSA, Mauricélia Barrozo Alves de. Et al. **Os primórdios do cinema em Rio Branco: 1912-1930**. 1988. 48f. Monografia – Departamento de História, Universidade Federal do Acre, Rio Branco.
- SOUZA, Carlos Alberto Alves de. **Varadouros da liberdade: empates no modo de vida dos seringueiros em Brasiléia – Acre**. 1996. Tese – PUC/SP, São Paulo.

RELATÓRIOS, DOSSIÊS, CATÁLOGOS, ALBUNS.

BEZERRA, Maria José. (coord.). **Dossiê – Acervo: Guiomard Santos (Acre) – Elevação do Acre à Estado** – Rio Branco: Gráfica Globo, 1992.

_____. et al. (coord.) **Cidade de Rio Branco – a marca de um tempo: história, povo e cultura**. Rio Branco: Globo, 1993.

CARNEIRO, Hugo Ribeiro. **Relatório apresentado ao Ministro da Justiça e Negócios Interiores Exmo. Augusto de Vianna do Castello, (1928-1929)**. Imprensa Nacional, Rio de Janeiro. 1930. 286p.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA. N.1, **Sinopse Estatística do Território**. República dos Estados Unidos do Brasil – Território do Acre. (Separata, com acréscimo do anuário estatístico do Brasil, Ano II – 1936).

NEVES, Marcos Vinícius S. et al. **Catálogo da exposição dez vezes seis: imagens de dez décadas da rua seis de agosto**. Rio Branco: FGB/Bobgraf. 1996. 86p.

PERIÓDICOS

Folha do Acre

NA TELA e nos salões, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno X, N. 305, 20 de março de 1920, p.2, col. 3.

NA TELA e nos salões. **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno X, N. 307, 03 de abril de 1920, p. 2, col. 6

KONDE, Na tela e nos salões, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno X, N. 307, 03 de abril de 1920, p. 2, col. 6.

KONDE. Na tela e nos salões, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno, X, N. 308, 10 de abril de 1920, p. 3, col. 1.

NA TELA e nos salões, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno X, N. 310, 24 de abril, de 1920, p. 3, col. 3.

KONDE. Na tela e nos salões, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno X, N. 311, 01 de maio de 1920, p. 2, col. 6.

NA TELA nos salões, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno X, N. 311, 01 de maio de 1920, p. 2, col. 6.

ANTUNES, Juvenal. O cinema, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno X, N. 312, 13 de maio de 1920, p. 3, col. 1.

NA TELA e nos salões, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno X, N. 312, 13 de maio de 1920, p. 2, col. 6.

- EDEN-CINEMA, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno X, N. 313, 20 de maio de 1920, p. 2, col. 5.
- KONDE. Eden Theatro, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno X, N. 313, 20 de maio de 1920, p. 2, col. 5.
- O CINEMA, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno X, N. 313, 20 de maio de 1920, p. 2, col. 5.
- ARAÚJO, Amanajós. O cinema, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno X, N. 313, 20 de maio de 1920, p. 2, col. 5.
- KONDE. **Na tela e nos salões**, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno X, N. 313, 20 de maio de 1920, p. 2, col. 5.
- EDEN-THEATRO, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno X, N. 314, 27 de abril de 1920, p. 3, col. 4.
- KONDE. Na tela e nos salões, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno X, N. 316, 17 de junho de 1920, p. 2, col. 4.
- OLIVEIRA, Mario. Parecer, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno X, N. 316, 17 de junho de 1920, p.2, col. 4
- OLIVEIRA, Mario de. O cinema, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno X, N. 316, 17 de junho de 1920, p. 2, col. 5.
- NA TELA e nos salões, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno X, N. 318, 01 de julho de 1920, p. 2, col. 5.
- O CINEMA. **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno X, N. 318, 01 de julho de 1920, p. 2, col. 4.
- KONDE. Na tela e nos salões, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno X, N. 319, 08 de julho de 1920, p. 3, col. 1 e 2.
- NA TELA e nos salões, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno X, N. 319, 08 de julho de 1920, p. 3, col. 1 e 2.
- O CINEMA, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno X, N. 320, 05 de agosto de 1920, p. 4, col. 1.
- MAIA, José. O cinema, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno X, N. 321, 22 de julho de 1920, p. 3, col. 1.
- O CINEMA, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno X, N. 322, 05 de agosto de 1920, p. 4, col. 1.
- O CINEMA, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno X, N. 323, 12 de agosto de 1920, p. 2, col. 4.
- O CINEMA, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno XI, N. 324, 19 de agosto de 1920, p. 2, col. 4.
- FERREIRA, Alfredo Gomes. O cinema, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno XI, N. 325, 26 de agosto de 1920, p. 3, col. 5.

- FESTIVAL em beneficio do hospital, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno XI, N. 325, 26 de agosto de 1920, p. 2, col. 5.
- O CINEMA, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno XI, N. 325, 26 de agosto de 1920, p. 3, col. 5.
- A MODA. **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno XI, N. 326, 02 de setembro de 1920, p. 2, col. 3.
- O CINEMA, **Folha do Acre**, Rio Branco Anno XI, N. 326, , 02 de setembro de 1920, p. 2, col. 6.
- O CINEMA, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno XI, N. 328, 23 de setembro de 1920, p. 2, col. 6.
- O CINEMA, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno XI, N. 329, 14 de outubro de 1920, p. 3, col. 6.
- O CINEMA, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno X, N. 330, 21 de outubro de 1920, p. 3, col. 5.
- O CINEMA, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno XI, N. 331, 28 de outubro de 1920, p. 3, col. 2 e 3.
- DANILLO, O meu comentario, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno XI, N. 332, 04 de novembro de 1920, p. 2, col. 3 e 4.
- O CINEMA, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno XI, N. 333, 15 de novembro de 1920, p. 3, col. 4.
- O CINEMA, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno X, N. 334, 20 de novembro de 1920, p. 3, col. 4.
- O CINEMA, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno XI, N. 335, 25 de novembro de 1920, p. 3, col. 6.
- O CINEMA, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno XI, N. 336, 02 de dezembro de 1920, p. 3, col. 6.
- O CINEMA, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno XI, N. 337, 9 de dezembro de 1920, p. 3, col. 3.
- EDEN-CINEMA, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno XI, N. 343, 20 de janeiro de 1921, p. 3, col. 4 e 5.
- EDEN-CINEMA, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno XI, N. 344, 27 de janeiro de 1921, p. 3, col. 5 e 6.
- O CINEMA Olympia foi vendido. **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno XI, N. 345, 03 de fevereiro 1921, p. 3, col. 2
- EDEN-CINEMA, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno XI, N. 348, 24 de fevereiro de 1921, p. 3, col. 3 e 4.

- A ARTE do Silencio, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno XI, N. 355, 14 de abril de 1921, p. 3, col. 3.
- FESTIVAL Antonia Scipião, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno XI, N. 365, 23 de junho de 1921, p. 2, col. 4 e 5.
- O “EDEN” exhibe um film sensacional, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno XI, N. 366, 30 de junho de 1921, p. 3, col. 1.
- DIVERSÕES e Arte, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno XI, N. 368, 14 de julho de 1921, p. 3, col. 6.
- NO MUNDO do silencio, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno XI, N. 369, 21 de julho de 1921, p. 3, col. 2.
- NO MUNDO do silencio, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno XI, N. 370, 27 de julho de 1921, p. 3, col. 4.
- 6 DE AGOSTO, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno XI, N. 371, 04 de agosto de 1921, p. 3, col. 2, 3, 4 e 5.
- NO MUNDO do silencio, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno XI, N. 371, 04 de agosto de 1921, p. 2, col. 6.
- FOLHA do Acre**, Rio Branco, Anno XII, N. 373, 18 de agosto de 1921, p. 3, col. 1.
- RABISCOS, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno XII, N. 376, 15 de setembro de 1921, p. 2, col. 5.
- EDEN-CINEMA, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno XVI, N. 378, 22 de setembro de 1921, p. 1, col. 6
- A SESSÃO, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno XII, N. 380, 06 de outubro, de 1921, p. 2, col. 5.
- EDEN-CINEMA, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno XII, N. 381, 13 de outubro de 1921, p. 3, col. 5.
- NA TELA e nos salões, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno XII, N. 416, 15 de junho de 1922, p.3, col. 4.
- FESTAS, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno XII, N. 423, 03 de agosto de 1922, p.2, col. 6.
- COMMEMORAÇÃO do Centenario, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno XII, N. 427, 31 de agosto de 1922, p. 1, col. 5.
- O CENTENARIO no Acre: como foi festejado, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno XII, N. 429, 14 de setembro de 1922, p. 1, col. 2.

- CINEMA em Pennapolis. **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno XII, N. 435, 26 de outubro de 1922, p. 2, col. 2.
- A LUZ continua pessima. **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno XIII, N. 447, 11 de janeiro de 1923, p. 2, col. 5 e 6.
- EDEN-CINEMA, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno XV, N. 510, 03 de janeiro de 1926, p. 1, col. 5.
- EDEN-CINEMA, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno XV, N. 511, 10 de janeiro de 1926, p. 1, col. 6.
- EDEN-CINEMA, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno XV, N. 514, 31 de janeiro de 1926, p. 1, col. 6.
- EDEN-CINEMA, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno XV, N. 515, 07 de fevereiro de 1926, p. 1, col. 5.
- EDEN-CINEMA, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno XV, N. 516, 14 de fevereiro de 1926, p. 1, col. 4.
- EDEN-CINEMA, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno XV, N. 517, 21 de fevereiro de 1926, p. 1, col. 5.
- EDEN-CINEMA, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno XVI, N. 518, 24 de julho de 1927, p. 1, col. 4.
- EDEN-CINEMA, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno XV, N. 519, 07 de março de 1926, p. 1, col. 5.
- EDEN-CINEMA, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno XV, N. 520, 14 de março de 1926, p. 4, col. 5.
- EDEN-CINEMA, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno XV, N. 521, 25 de março de 1926, p. 4, col. 5.
- EDEN-CINEMA, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno XV N. 522, 04 de abril de 1926, p. 1, col. 6.
- EDEN-CINEMA, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno XV, N. 524, 18 de abril de 1926, p. 4, col. 5 e 6.
- EDEN-CINEMA, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno XV, N. 527, 09 de maio de 1926, p. 1, col. 6.
- AGENCIA Cinematographica, **Folha do Acre**, Anno XV, N. 527, Rio Branco, 09 de maio de 1926, p.3, col. 1
- FOLHA do Acre**, Rio Branco, Anno XVI, N. 540, 22 de agosto de 1926, p. 4, col. 6.

- FOLHA do Acre**, Rio Branco, Anno XVI, N. 543, 17 de outubro de 1926, p. 1, col. 1.
- EDEN-CINEMA, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno, XVI, N. 545, 31 de outubro de 1926, p. 1, col. 4.
- EDEN-CINEMA, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno XVI, N. 554, 10 de janeiro de 1927, p. 1, col. 6.
- MOLEIRO & Esteves, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno XVI, N. 557, 31 de janeiro de 1927, p. 4, col. 2.
- FOLHA do Acre**, Rio Branco, Anno XVI, N. 557, 31 de janeiro de 1927, p. 1.
- NO EDEN, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno XVI, N. 561, 02 de março de 1927, p.1, col. 4.
- HOJE, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno XVI, N. 565, 27 de março de 1927, p. 1, col. 6.
- NO EDEN, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno XVI, N. 565, 02 de março de 1927, p. 1, col. 4.
- EDEN-CINEMA, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno XVIII. 576, 26 de junho de 1927, p. 1, col. 1.
- EDEN-CINEMA, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno XVI, N. 584, 14 de agosto de 1927, p. 6, col. 6.
- CINE-FACRE, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno XVI, N. 585, 21 de agosto de 1927, p. 4, col. 2.
- INTENDENCIA Municipal de Rio Branco, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno XVI, N. 586, 28 de agosto de 1927, p.3, col. 5
- EDEN-CINEMA, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno XVI, N. 586, 28 de agosto de 1927, p. 1, col. 5.
- Folha do Acre**, Rio Branco, Anno XVI, N. 588, 14 de setembro de 1927, p. 4, col. 4.
- EDEN-CINEMA, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno XVI, N. 589, 18 de setembro de 1927, p. 4, col. 3.
- EDEN-CINEMA, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno XVI, N. 590, 27 de setembro de 1927, p. 5, col. 2.
- EDEN-CINEMA, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno XVII, N. 591, 02 de outubro de 1927, p. 4, col. 3.
- EDEN-CINEMA, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno XVI, N. 592, 09 de outubro de 1927, p. 4, col. 6
- FOLHA do Acre**, Rio Branco, Anno XVI, N. 593, 16 de outubro de 1927, p. 3, col. 6.

- EDEN-CINEMA, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno XVII, N. 596, 30 de outubro de 1927, p. 1, col. 6.
- EDEN-CINEMA, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno XVII, N. 599, 15 de novembro de 1927, p. 4, col. 6.
- MEU AMANTE, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno XVII, N. 600, 20 de novembro de 1927, p. 4, col. 5.
- EDEN-CINEMA, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno XVII, N. 602, 04 de dezembro de 1927, p. 4, col. 6.
- HOJE, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno XVII, N. 604, 11 de dezembro de 1927, p. 1, col. 6.
- EDEN-CINEMA, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno XVII, N. 612, 26 de fevereiro de 1928, p. 4, col. 3.
- HOJE, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno XVII, N. 619, 08 de abril de 1928, p. 1, col. 2.
- SPORTS & ARTES, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno XVI, N. 622, 29 de abril de 1928, p. 6, col. 3 e 4.
- EDEN-CINEMA, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno XVII, N. 622, 15 de abril de 1928, p. 6, col. 4.
- HOJE, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno XVII, N. 623, 03 de maio de 1928, p. 4, col. 2.
- NO OITEIRO de guiz, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno XVII, N. 627, 17 de maio de 1928, p. 1, col. 6.
- FOGO de Bengala, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno XVI, N. 628, 20 de maio de 1928, p. 4, col. 3.
- FOLHA do Acre**, Anno XVI, N. 629, Rio Branco, 24 de maio de 1928, p. 1, col. 4.
- FOGO de Bengala, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno XVI, N. 629, 24 de maio de 1928, p. 1, col. 4.
- FOGO de Bengala, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno XVI, N. 630, 27 de maio de 1928, p. 4, col. 3.
- HOJE, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno XVII, N. 631, 31 de maio de 1928, p. 4, col. 6.
- FOGO de Bengala, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno XVI, N. 632, 03 de junho de 1928, p. 4, col. 4.
- De quando em vez..., **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno XVI, N. 634, 07 de junho de 1928, p. 4, col. 1.

- O POLICIA Secreta, **Folha do Acre**, Anno XVII, N. 633, Rio Branco, 07 de junho de 1928, p. 1, col. 6.
- FOLHA do Acre**, Rio Branco, Anno XVI, N. 636, 21 de junho de 1928, p. 1, col. 1.
- FOLHA do Acre**, Rio Branco, Anno XVI, N. 637, 24 de junho de 1928, p. 2, col. 6.
- AVENTURAS no oriente, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno XVII, N. 639, 01 de julho de 1928, p. 1, col.
- DISPUTANDO um trono, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno XVII, N. 642, 12 de julho de 1928, p. 4, col. 6.
- A CAÇADA do homem, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno XVII, N. 644, 19 de julho de 1928, p. 4, col. 6.
- NO EDEN-CINEMA, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno XVII, N. 646, 26 de julho de 1928, p. 1, col. 5.
- HISTORIA de um pierrot, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno XVII, N. 648, 05 de agosto de 1928, p. 4, col. 6.
- NO EDEN-CINEMA, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno XVII, N. 650, 12 de agosto de 1928, p. 4, col. 6
- DAMA de Monsereau, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno XVII, N. 652, 23 de agosto de 1928, p. 4, col. 6
- HOJE, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno XVII, N. 654, 30 de agosto de 1928, p. 4, col. 6.
- NO EDEN-CINEMA, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno XVIII, N. 663, 07 de outubro de 1928, p. 1, col. 6.
- EMIR, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno XVIII, N. 664, 14 de outubro de 1928, p. 4, col. 1.
- HOJE, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno XVIII, N. 666, 28 de outubro de 1928, p. 1, col. 5.
- NINCHE, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno XVIII, N. 668, 11 de novembro de 1928, p. 4, col. 6.
- EDEN-CINEMA, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno XVIII, N. 676, 23 de novembro de 1928, p. 6, col. 6.
- O EDEN-CINE-THEATRO passa a nova direção, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno XVIII, N. 679, 13 de janeiro de 1929, p. 6, col. 4.
- CODIGO de Posturas Municipaes, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno XVIII, N. 680, 20 de janeiro de 1929, p. 4, col. 1, 2, 3 e 4.
- EDEN-CINEMA, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno XVIII, N. 681, 27 de janeiro de 1929, p. , col. 6.

TÁ na hora, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno XVIII, N. 681, 27 de janeiro de 1929, p. 6, col. 2.

FOLHA do Acre, Rio Branco, Anno XVIII, N. 682, 03 de fevereiro de 1929, p. 1, col. 6.

IRIS- CINE-THEATRO. **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno XVIII, N. 684, 17 de fevereiro de 1929, p. 1, col. 6.

UM FILM nacional no Eden, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno XVIII, N. 684, 17 de fevereiro de 1929, p. 6, col. 3.

CAPITULO I, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno XVII, N. 688, 17 de março de 1929, p. 4, col. 1, 2, 3, 4, 5 e 6.

FOLHA do Acre, Rio Branco, Anno XVII, N. 688, 17 de março de 1929, p. 4, col. 1, 2, 3, 4, 5 e 6.

CAPITULO XV, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno XVIII, N. 701, 26 de maio de 1929, p. 3, col. 1, 2, 3, 4, 5 e 6.

O SEGUNDO aniversario da adimnistração Hugo Carneiro, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno XVIII, N. 704, 09 de junho de 1929, p. 1.

HOJE, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno XVIII, N. 713, 21 de julho de 1929, p. 1, col. 6.

KONDER, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno XIX, N.732, 24 de outubro de 1929, p. 4, col. 4.

HOJE, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno XIX, N. 734, 31 de outubro de 1929, p.4, col. 2.

NO POPULAR-CINEMA, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno, XIX, N.737, 15 de novembro de 1929, p. 8, col. 4.

O SALÃO cinematográfico cerrou as suas portas, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno XX, N. 816, 24 de abril de 1931, p.4, col. 6.

MOLEIRO & Esteves, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno XX, N. 824, 20 de setembro de 1931, p. 4, col. 6.

O Acre

INTENDENCIA Municipal de Rio Branco, **O Acre**, Rio Branco, Anno II, N. 28, 23 de fevereiro de 1930, p. 7, col. 1, 2, 3, 4.

PREFEITURA Municipal de Rio Branco, **O Acre**, Rio Branco, Anno II, N. 28, 23 de fevereiro de 1930, p. 7.

QUANDO a cidade se illumina, **O Acre**, Rio Branco, Anno II, N. 52, 10 de agosto de 1930, p. 6, col. 2.

- UMA FESTA de Barreto Sobrinho, **O Acre**, Rio Branco, Anno II, N. 70, 14 de dezembro de 1930, p. 4, col. 5.
- O ACRE**, Rio Branco, Anno III, N. 79, 15 de fevereiro de 1931, p. 6, col. 4 e 5.
- PREFEITURA Municipal de Rio Branco, **O Acre**, Rio Branco, Anno III, N. 81, 01 de março de 1931, p. 7.
- JOÃO Pessoa, **O Acre**, Rio Branco, Anno III, N. 99, 26 de junho de 1931, p. 1, col. 2 e 3.
- PREFEITURA Municipal de Rio Branco, **O Acre**, Rio Branco, Anno III, N. 122, 28 de fevereiro de 1932, p. 4.
- UM CINEMA sonoro, **O Acre**, Rio Branco, Ano XI, N. 505, 08 de outubro de 1939, p. 8, col. 4.
- CINE Rio Branco, **O Acre**, Rio Branco, Ano XI, N. 508, 29 de outubro de 1939, p. 1, col. 4.
- CINE RIO BRANCO, **O Acre**, Rio Branco, Anno XI, N. 509, 03 de novembro de 1939, p. 1, col. 4 e 5.
- CINE Rio Branco, **O Acre**, Rio Branco, Anno XII, N. 552, 01 de setembro de 1940, p. 6, col. 4.
- AS COMEMORAÇÕES da “Semana da Pátria”, **O Acre**, Rio Branco, Anno XII, N. 553, 07 de setembro de 1940, p. 1, col. 1 e 2.
- INAUGURA-SE hoje, o Cine-Theatro-Recreio, **O Acre**, Rio Branco, Anno XVIII, N. 876, 13 de junho de 1948, p. 8, col. 4 e 5.
- PROGRAMA, **O Acre**, Rio Branco, Ano XII, N. 920, 01 de maio de 1949, p. 8, col. 5.

A Capital

- LAURA. A tyrannia da phrase, **A Capital**, Rio Branco, Anno I, N. 07, 11 de setembro de 1921, p. 2, col. 1, 2 e 3.
- SEVERA. As sutilezas femininas, **A Capital**, Rio Branco, Anno I, N. 07, 11 de setembro de 1921, p. 2, col. 1, 2 e 3.
- 7 DE SETEMBRO, **A capital**, Rio Branco, Anno I, N. 07, 11 de setembro de 1921, p.1, col. 5.
- KIANG, Binoculo, **A Capital**, Rio Branco, Anno I, N. 08, 18 de setembro de 1921, p. 1, col. 3.
- A RETRETA de domingo, **A Capital**, Rio Branco, Anno I, N. 10, 01 de outubro de 1921, , p. 2, col. 1 e 2.
- KIANG, Binoculo, **A Capital**, Rio Branco, Anno I, N. 10, 01 de outubro de 1921, p. 2, col. 1.

CONCERTO Scipião, **A Capital**, Rio Branco, Anno I, N. 33, 02 de abril de 1922, p. 1, col. 6.

HOJE, no Eden, **A Capital**, Rio Branco, Anno I, N. 43, 18 de junho de 1922, p. 1, col. 4.

HOJE, no Eden, **A Capital**, Rio Branco, Anno I, N. 45, 02 de julho de 1922, p. 1, col. 2.

UM CINEMA em Pennapolis. **A Capital**, Rio Branco, Anno I, N. 45, 02 de julho de 1922, p. 4, col. 4.

O Futuro

INTENDENCIA Municipal de Rio Branco, **O Futuro**, Rio Branco, Anno I, N. 18, 04 de abril de 1920, p. 3, col. 4 e 5.

EDEN THEATRO, **O Futuro**, Rio Branco, Anno I, N. 24, 16 de maio de 1920, p. 1, col. 4.

O ANIVERSARIO natalicio do dr. Epitacio Pessôa, **O Futuro**, Rio Branco, Anno I, N. 26, 30 de maio de 1920, p. 4, col. 1

O FESTIVAL de Branca Scipião, **O Futuro**, Rio Branco, Anno I, N. 28, 13 de junho de 1920, p. 1, col. 5.

INTENDENCIA Municipal de Rio Branco, **O Futuro**, Anno I, N. 30, Rio Branco, 27 de junho de 1920, p. 3, col. 4.

HOTEL Fleury. **O Futuro**, Rio Branco, Anno II, N. 67, 13 de março de 1921, p. 4, col. 4.

Jornal Oficial

EDEN-CINEMA, **Jornal Oficial**, Rio Branco, Anno I, N. 01, 13 de janeiro de 1925, p. 4, col. 6.

INTENDENCIA Municipal de Rio Branco, **Jornal Oficial**, Rio Branco, Anno I, N. 06, 15 de fevereiro de 1925, p. 3.

JORNAL Oficial, Rio Branco, Anno I, N. 10, 15 de março de 1925, p. 2, col. 2.

EDEN-CINEMA, **Jornal Oficial**, Rio Branco, Anno I, N. 16, 10 de maio de 1925, p. 1, col. 1.

JORNAL Oficial, Rio Branco, Anno I, N. 17, 17 de maio de 1925, p.3, col. 4.

EDEN-CINEMA, **Jornal Oficial**, Rio Branco, Anno I, N. 17, 17 de maio de 1925, p. 4, col. 1.

EDEN-CINEMA, **Jornal Oficial**, Rio Branco, Anno I, N. 20, 07 de junho de 1925, p. 1, col. 6.

CASA Sapeca, **Jornal Oficial**, Rio Branco, Anno I, N. 21, 14 de junho de 1925, p. 3, col. 6.

O CINEMA em beneficio da caixa escolar, **Jornal Oficial**, Rio Branco, Anno I, N. 22, 21 de junho de 1925, p. 1, col. 5.

HOJE, **Jornal Oficial**, Rio Branco, Anno I, N. 22, 21 de junho de 1925, p.1, col. 6.

EDEN-CINEMA, **Jornal Oficial**, Rio Branco, Anno I, N. 30, 16 de agosto de 1925, p. 4, col. 6.

REQUERIMENTOS despachados. **Jornal Oficial**, Rio Branco, Anno I, N. 31, 23 de agosto de 1925, p. 3, col. 4.

EDEN-CINEMA, **Jornal Oficial**, Rio Branco, Anno I, N. 31, 23 de agosto de 1925, p. 1, col. 2.

EDEN-CINEMA, **Jornal Oficial**, Rio Branco, Anno I, N. 34, 13 de setembro de 1925, p. 3, col. 6.

TENOR Frontino Santiago, **Jornal Oficial**, Rio Branco, Anno I, N. 45, 29 de novembro de 1925, p. 1, col. 5

DEMOSTHENES, Eden-Cinema, **Jornal Oficial**, Rio Branco, Anno I, N. 48, 20 de dezembro de 1920, p.

EDEN-CINEMA, **Jornal Oficial**, Rio Branco, Anno I, N. 49, 27 de dezembro de 1925, p. 1, col. 4.

EDEN-CINEMA, **Jornal Oficial**, Rio Branco, Anno II, N. 53, 24 de janeiro de 1926, p.1, col. 3.

Correio do Acre

CORREIO do Acre, Rio Branco, Anno I, N. 44, 20 de janeiro de 1924, p. 1, col. 6.

CORREIO do Acre, Rio Branco, Anno I, N. 46, 24 de fevereiro de 1924, p. 2, col. 6.

ATLANTE, **Correio do Acre**, Rio Branco, Anno II, N. 54, 27 de abril de 1924, p. 3, col. 1.

MEMORIAS de um criminoso, **Correio do Acre**, Rio Branco, Anno II, N. 56, 11 de maio de 1924, p. 1, col. 6.

NOITES de angustia, **Correio do Acre**, Rio Branco, Anno 57, N. 57, 18 de maio de 1924, p. 3, col. 2.

ESPOSA na morte, **Correio do Acre**, Rio Branco, Anno, II, N. 58, 25 de maio de 1924, p. 1, col. 1 e 2.

EDEN-CINEMA, **Correio do Acre**, Rio Branco, Anno II, N. 61, 15 de junho de 1924, p. 4, col. 6.

EDEN-CINEMA, **Correio do Acre**, Rio Branco, Anno II, N. 64, 06 de julho de 1924, p. 3, col. 2.

EDEN-CINEMA, **Correio do Acre**, Rio Branco, Anno II, N. 66, 20 de junho de 1924, p.2, col. 2.

EDEN-CINEMA, **Correio do Acre**, Rio Branco, Anno II, N. 69, 10 de agosto de 1924, p. 3, col. 2.

EDEN-CINEMA, **Correio do Acre**, Rio Branco, Anno II, N. 71, 24 de agosto de 1924, p. 3, col. 2.

A Noticia

AS FESTAS do dia 13, **A Noticia**, Rio Branco, Anno I, N. 09, 19 de maio de 1918, p. 2, col. 2.

INSTITUIÇÕES

CDIH/UFAC – Centro de Documentação e Informação Histórica da Universidade Federal do Acre.

Arquivo Geral do Estado do Acre.

Museu da Borracha.

Patrimônio Histórico do Estado do Acre.

Biblioteca do SESC/AC.

INTERNET

– [www. Cineneclick. com. br/cinehistoria](http://www.Cineneclick.com.br/cinehistoria) Acessado em março de 2002 às 10:hs

ANEXOS

I - FILMES APRESENTADOS NO EDEN-CINEMA

1920

Abril

Título: **A Princesa de Spinarosa**⁴³²

Com: Ritta Sachets

Partes: 6

Título: **Um Sujeito Águia**⁴³³

Partes: 4

Título: **O Rei dos Bandidos**⁴³⁴

Partes: 4

Título: **Sacrifício de Mãe**⁴³⁵

Título: **Na Hellag**⁴³⁶

Obs.: colorido

Produtora: Pathé Frères

Título: **Entre Irmãos**⁴³⁷

Título: **Esfinge**⁴³⁸

Gênero: romance policial

Partes: 4

Junho

Título: **Entre as Fileiras Inimigas**⁴³⁹

Gênero: guerra

⁴³² NA TELA e nos salões, *Folha do Acre*, Rio Branco, 03 de abr. de 1920, p. 2, col. 6

⁴³³ NA TELA e nos salões, *Folha do Acre*, Rio Branco, , 10 de abr. de 1920, p. 3, col. 1.

⁴³⁴ idem.

⁴³⁵ NA TELA e nos salões, *Folha do Acre*, Rio Branco, 24 de abr. de 1920, p. 3, col. 3.

⁴³⁶ idem.

⁴³⁷ idem.

⁴³⁸ idem.

⁴³⁹ O CINEMA, *Folha do Acre*, Rio Branco, 01 de jul. de 1920, p. 2, col. 4.

Título: **Mistérios da Noite**⁴⁴⁰

Série: 2

Partes: 8

Com: Divina Hesperia

Procedência: Itália

Título: **Martha**⁴⁴¹

Partes: 5

Título: **Na Revolução Francesa**⁴⁴²

Partes: 6

Com: Waldhemar Psillander e Betty Nansem

Agosto

Título: **Enock Arder**⁴⁴³

Proveniência: Norte-americano

Título: **A Queda de Tróia**⁴⁴⁴

Procedência: Itália

Título: **A Bailarina**⁴⁴⁵

Produtora: Nordisk

Título: **Malombra**⁴⁴⁶

Com: Lida Borelli

Procedência: Itália

Título: **Phantasma de Medéa**⁴⁴⁷

Partes: 6

Procedência: Itália

Com: Maria Lacticia Celio

⁴⁴⁰ idem.

⁴⁴¹ idem.

⁴⁴² idem.

⁴⁴³ O CINEMA, *Folha do Acre*, Rio Branco, 05 de ago. de 1920, p. 4, col. 1.

⁴⁴⁴ idem.

⁴⁴⁵ idem.

⁴⁴⁶ idem.

⁴⁴⁷ O CINEMA, *Folha do Acre*, Rio Branco, 12 de ago. de 1920, p. 2, col. 4.

Título: **Uma de Tantas**⁴⁴⁸

Partes: 3

Procedência: Alemanha

Setembro

Título: **Athalaia**⁴⁴⁹

Partes: 2

Obs.: colorido

Título: **Denunciada pela Impressão das Mãos**⁴⁵⁰

Procedência: Norte-americano

Título: **Almas Perdidas**⁴⁵¹

Partes: 4

Procedência: Alemanha

Com: Artistas do Teatro de Berlim

Título: **Ivone**⁴⁵²

Com: Francesca Bertini e Gustavo Serena

Partes: 7

Produtora: Caesar

Procedência: Itália

Título: **O Condenado das Guianas**⁴⁵³

Partes: 6

Gênero: policial

Produtora: Aquila Film

Título: **São Jorge**⁴⁵⁴

Partes: 3

Outubro

Título: **Quando o Amor Refloresce**⁴⁵⁵

⁴⁴⁸ idem.

⁴⁴⁹ O CINEMA, *Folha do Acre*, Rio Branco, 02 de set. de 1920, p. 2, col. 3.

⁴⁵⁰ O CINEMA, *Folha do Acre*, Rio Branco, 16 de set. de 1920, p. 2, col. 6.

⁴⁵¹ idem.

⁴⁵² idem.

⁴⁵³ idem.

⁴⁵⁴ O CINEMA, *Folha do Acre*, Rio Branco, 23 de set. de 1920, p. 2, col. 6.

⁴⁵⁵ O CINEMA, *Folha do Acre*, Rio Branco, 14 de out. de 1920, p. 3, col. 6.

Procedência: Itália
 Produtora: Pasquali & Cia
 Partes: 6
 Metragem: 3.000m
 Gênero: romance
 Com: Diana de Karene do Teatro Imperial de Moscou

Título: **História de Nero**⁴⁵⁶
 Gênero: histórico

Novembro

Título: **Episódio da Grande Guerra**⁴⁵⁷
 Gênero: guerra

Título: **Fala do Coração**⁴⁵⁸
 Partes: 3

Dezembro

Título: **A Filha Perdida**⁴⁵⁹

Título: **A Morte em Sevilha**⁴⁶⁰
 Com: Asta Nielsen
 Partes: 6

Título: **O Furacão**⁴⁶¹
 Obs.: obteve sucesso no cine Royal do Recife

Título: **Sacrifício de uma Noiva**⁴⁶²

Título: **A Mulher Francesa na Guerra**⁴⁶³
 Partes: 4

⁴⁵⁶ O CINEMA, *Folha do Acre*, Rio Branco, , 21 de out. de 1920, p. 3, col. 5.
⁴⁵⁷ O CINEMA, *Folha do Acre*, Rio Branco, 20 de nov. de 1920, p. 3, col. 4.
⁴⁵⁸ O CINEMA, *Folha do Acre*, Rio Branco, 25 de nov. de 1920, p., col. 6.
⁴⁵⁹ O CINEMA, *Folha do Acre*, Rio Branco, 02 de dez. de 1920, p. 3, col. 6.
⁴⁶⁰ idem.
⁴⁶¹ O CINEMA, *Folha do Acre*, Rio Branco, 09 de dez. de 1920, p. 3, col. 3.
⁴⁶² idem
⁴⁶³ idem

1921**Janeiro**

Título: **Entre os Horrores da Mata Virgem**⁴⁶⁴

Partes: 3

Metragem: 1.500m

Gênero: aventura

Título: **O Duque Ruivo**⁴⁶⁵

Partes: 4

Fevereiro

Título: **A Escrava Branca**⁴⁶⁶

Título: **Jerusalém Libertada**⁴⁶⁷

Abril

Título: **Amor e Arte**⁴⁶⁸

Produtora: Roma-Film

Partes: 4

Procedência: Itália

Gênero: romance

Título: **O Amor Sob o Céu Oriental**⁴⁶⁹

Junho

Título: **Alma do Demi Monde**⁴⁷⁰

Com: Francesca Bertini e Alberto Cóllo

Procedência: Itália

Julho

⁴⁶⁴ EDEN-CINEMA, *Folha do Acre*, Rio Branco, 20 de jan. de 1921, p. 3, col. 4 e 5.

⁴⁶⁵ EDEN-CINEMA, *Folha do Acre*, Rio Branco, 27 de jan. de 1921, p. 3, col. 5 e 6.

⁴⁶⁶ EDEN-CINEMA, *Folha do Acre*, Rio Branco, 24 de fev. de 1921, p. 3, col. 3 e 4.

⁴⁶⁷ idem.

⁴⁶⁸ A ARTE do Silencio, *Folha do Acre*, Rio Branco, 14 de abr. de 1921, p. 3, col. 3.

⁴⁶⁹ idem.

⁴⁷⁰ O “EDEN” exhibe um film sensacional, *Folha do Acre*, Rio Branco, 30 de jun. de 1921, p. 3, col. 1.

Título: **Diamante de Buda**⁴⁷¹

Título: **Sedução**⁴⁷²

Partes: 3

Gênero: romance

Procedência: Itália

Título: **O Véu da Felicidade**⁴⁷³

Título: **Revolta de Redwood**⁴⁷⁴

Gênero: Aventura

Procedência: Norte-americana

Título: **Redenção de uma Alma**⁴⁷⁵

Título: **O Filho de Locusta**⁴⁷⁶

Obs.: colorido

Produtora: Pathé

Título: **O Irreparável**⁴⁷⁷

Partes: 4

Título: **Sansão e Dalila**⁴⁷⁸

Obs.: colorido

Título: **Tudo se Arranja**⁴⁷⁹

Agosto

Título: **A Boêmia**⁴⁸⁰

Partes: 4

Com: Mme. Révonne da comédia Francesa

Título: **Perdidos no Mar**⁴⁸¹

⁴⁷¹ DIVERSÕES e Arte, *Folha do Acre*, Rio Branco, 14 de jul. de 1921, p. 3, col. 6.

⁴⁷² idem.

⁴⁷³ idem.

⁴⁷⁴ NO MUNDO do silencio, *Folha do Acre*, Rio Branco, 21 de jul. de 1921, p. 3, col. 2.

⁴⁷⁵ idem.

⁴⁷⁶ idem.

⁴⁷⁷ idem.

⁴⁷⁸ NO MUNDO do silencio, *Folha do Acre*, Rio Branco, 27 de jul. de 1921, p. 3, col. 4.

⁴⁷⁹ idem.

⁴⁸⁰ NO MUNDO do silencio, *Folha do Acre*, Rio Branco, 04 de ago. de 1921, p. 2, col. 6.

⁴⁸¹ idem.

Partes: 4

Produtora: Aquila-Film

Título: **Para a Felicidade**⁴⁸²

Partes: 4

Com: Francesca Bertini

Produtora: Celio

Procedência: Itália

Gênero: romance

Título: **O Espião da Fortaleza**⁴⁸³

Partes: 4

Título: **A Caverna dos Lobos**⁴⁸⁴

Título: **Tentações das Grandes Cidades**⁴⁸⁵

Gênero: aventura

Setembro

Título: **A Greve**⁴⁸⁶

Outubro

Título: **O Conquistador**⁴⁸⁷

Título: **Bebé Namorapo**⁴⁸⁸

1922

Título: **Os Forçados**⁴⁸⁹

Título: **A Filha Perdida**⁴⁹⁰

1924

⁴⁸² NO MUNDO do silêncio, *Folha do Acre*, Rio Branco, 18 de ago. de 1921, p. 3, col. 1.

⁴⁸³ idem.

⁴⁸⁴ idem.

⁴⁸⁵ ibidem, p. 3, col. 5.

⁴⁸⁶ RABISCOS, *Folha do Acre*, Rio Branco, 15 de set. de 1921, p. 2, col. 5.

⁴⁸⁷ A SESSÃO, *Folha do Acre*, Rio Branco, 06 de out. de 1921, p. 2, col. 5.

⁴⁸⁸ EDEN-CINEMA, *Folha do Acre*, Rio Branco, 13 de out. de 1921, p. 3, col. 5.

⁴⁸⁹ HOJE, no Eden, *A Capital*, Rio Branco, 18 de jun. de 1922, p. 1, col. 4.

⁴⁹⁰ HOJE, no Eden, *A Capital*, Rio Branco, 02 de jul. de 1922, p. 1, col. 2.

Janeiro

Título: **Invenção Fatal**⁴⁹¹

Partes: 5

Título: **Abandono Desesperado**⁴⁹²

Partes: 6

Fevereiro

Título: **Torquato Tasso**⁴⁹³

Abril

Título: **Atlantis**⁴⁹⁴

Procedência: Dinamarca

Produtora Nordisk

Partes: 8

Mai

Título: **Memórias de um Criminoso**⁴⁹⁵

Título: **Noites de Angústias**⁴⁹⁶

Título: **Esposa na Morte**⁴⁹⁷

Junho

Título: **A Filha do Faroleiro**⁴⁹⁸

Partes: 8

Procedência: Dinamarca

⁴⁹¹ CORREIO do Acre, Rio Branco, 20 de jan. de 1924, p.1, col. 6.

⁴⁹² idem.

⁴⁹³ CORREIO do Acre, Rio Branco, 24 de fev. de 1924, p. 2, col. 6.

⁴⁹⁴ ATLANTE, *Correio do Acre*, Rio Branco, 27 de abr. de 1924, p. 3, col. 1.

⁴⁹⁵ MEMORIAS de um criminoso, *Correio do Acre*, Rio Branco, 11 de maio de 1924, p. 1, col. 6.

⁴⁹⁶ NOITES de angustia, *Correio do Acre*, Rio Branco, 18 de maio de 1924, p. 3, col. 2.

⁴⁹⁷ ESPOSA na morte, *Correio do Acre*, Rio Branco, 25 de maio de 1924, p. 1, col. 1 e 2.

⁴⁹⁸ EDEN-CINEMA, *Correio do Acre*, Rio Branco, 15 de jun. de 1924, p. 4, col. 6.

Título: **Fuga Entre as Nuvens**⁴⁹⁹

Partes: 4

Agosto

Título: **Sentença de Morte**⁵⁰⁰

Partes: 4

Título: **Sacrifício Inutil**⁵⁰¹

Partes: 5

Título: **Mãe Desconhecida**⁵⁰²

Partes: 4

1925

Janeiro

Título: **Gatuno Hipnotizador**⁵⁰³

Gênero: policial

Mai

Título: **Flor de Lotus**⁵⁰⁴

Título: **Os Dois Rivais**⁵⁰⁵

Junho

Título: **Galaor**⁵⁰⁶

Título: **Entre Irmãos**⁵⁰⁷

⁴⁹⁹ idem.

⁵⁰⁰ EDEN-CINEMA, *Correio do Acre*, Rio Branco, 10 de ago. de 1924, p. 3, col. 2.

⁵⁰¹ EDEN-CINEMA, *Correio do Acre*, Rio Branco, 24 de ago. de 1924, p. 3, col. 2.

⁵⁰² EDEN-CINEMA, *Correio do Acre*, Rio Branco, 15 de jun. de 1924, p. 4, col. 6.

⁵⁰³ EDEN-CINEMA, *Jornal Oficial*, Rio Branco, 13 de jan. de 1925, p. 4, col. 6.

⁵⁰⁴ EDEN-CINEMA, *Jornal Oficial*, Rio Branco, 10 de maio de 1925, p. 1, col. 1.

⁵⁰⁵ EDEN-CINEMA, *Jornal Oficial*, Rio Branco, 17 de maio de 1925, p. 4, col. 1.

⁵⁰⁶ HOJE, *Jornal Oficial*, Rio Branco, 21 de jun. de 1925, p.1, col. 6.

⁵⁰⁷ EDEN-CINEMA, *Jornal Oficial*, Rio Branco, 07 de jun. de 1925, p. 1, col. 6.

Título: **Velha História**⁵⁰⁸

Agosto

Título: **Vingança da Bailarina**⁵⁰⁹

Título: **Satanita**⁵¹⁰

Setembro

Título: **Protegido de Satanás**⁵¹¹

Dezembro

Título: **Viva o Rei**⁵¹²

Partes: 5

Procedência: Alemanha

Com: Olga Verner

Título: **A Jovem Indiana**⁵¹³

Título: **Pudor no Anno de 2500**⁵¹⁴

Gênero: comédia

Título:

Produtora: Pathé⁵¹⁵

Gênero: Jornal (natural)

Título: **Milionário de um Dia**⁵¹⁶

Título: **Dois Corações num Só**⁵¹⁷

Gênero: cômica

⁵⁰⁸ idem.

⁵⁰⁹ EDEN-CINEMA, *Jornal Oficial*, Rio Branco, 16 de ago. de 1925, p. 4, col. 6.

⁵¹⁰ EDEN-CINEMA, *Jornal Oficial*, Rio Branco, 23 de ago. de 1925, p. 1, col. 2.

⁵¹¹ EDEN-CINEMA, *Jornal Oficial*, Rio Branco, 13 de set. de 1925, p. 3, col. 6.

⁵¹² EDEN-CINEMA, *Jornal Oficial*, Rio Branco, 27 de dez. de 1925, p. 1, col. 4.

⁵¹³ idem.

⁵¹⁴ idem.

⁵¹⁵ idem.

⁵¹⁶ idem.

⁵¹⁷ idem.

Título: **Os Fidalgos da Casa Mourisca**⁵¹⁸

Procedência: Portugal

Produtora: Invicta Film

1926

Janeiro

Título: **Um Conselheiro Farrista**⁵¹⁹

Procedência: Portugal

Produtora: Invicta Film

Partes: 5

Título: **Quando o Amor Fala**⁵²⁰

Procedência: Portugal

Produtora: Invicta Film

Partes: 5

Gênero: comédia

Título: **Salvador**⁵²¹

Título: **Segredo da Velha Secretária**⁵²²

Partes: 5

Título: **Amor à Moderna**⁵²³

Partes: 2

Título: **Fio da Vida**⁵²⁴

Título: **A Rua**⁵²⁵

Fevereiro

Título: **Prevenir a Morte**⁵²⁶

⁵¹⁸ idem.

⁵¹⁹ idem.

⁵²⁰ idem.

⁵²¹ EDEN-CINEMA, *Folha do Acre*, Rio Branco, 03 de jan. de 1926, p. 1, col. 5.

⁵²² EDEN-CINEMA, *Folha do Acre*, Rio Branco, 10 de jan. de 1926, p. 1, col. 6.

⁵²³ idem.

⁵²⁴ idem.

⁵²⁵ EDEN-CINEMA, *Folha do Acre*, Rio Branco, 31 de jan. de 1926, p. 1, col. 6.

⁵²⁶ EDEN-CINEMA, *Folha do Acre*, Rio Branco, 07 de fev. de 1926, p. 1, col. 5.

Título: **Os Quatro Diabos**⁵²⁷

Partes: 4

Título: **Carnaval no Rio**⁵²⁸

Procedência: Brasil

Título: **A Sombra da Coroa**⁵²⁹

Título: **Ouro é Nosso**⁵³⁰

Título: **Décima Sinfonia**⁵³¹

Partes: 6

Título: **Ultima Vontade do Rei do Aço**⁵³²

Título: **Filho de Lagarde**⁵³³

Partes: 5

Título: **Alva com Vida**⁵³⁴

Partes: 4

Março

Título: **A Bêbeda**⁵³⁵

Título: **Custe o que Custar**⁵³⁶

Título: **Sob o Domínio de Sonho**⁵³⁷

Título: **Homem Fenomenal**⁵³⁸

Gênero: drama

⁵²⁷ EDEN-CINEMA, *Folha do Acre*, Rio Branco, , 14 de fev. de 1926, p. 1, col. 4.

⁵²⁸ idem.

⁵²⁹ idem.

⁵³⁰ idem.

⁵³¹ idem.

⁵³² EDEN-CINEMA, *Folha do Acre*, Rio Branco, 21 de fev. de 1926, p. 1, col. 5.

⁵³³ idem.

⁵³⁴ idem.

⁵³⁵ EDEN-CINEMA, *Folha do Acre*, Rio Branco, 07 de mar. de 1926, p. 1, col. 5.

⁵³⁶ EDEN-CINEMA, *Folha do Acre*, Rio Branco, 14 de mar. de 1926, p. 4, col. 5.

⁵³⁷ EDEN-CINEMA, *Folha do Acre*, Rio Branco, 25 de mar. de 1926, p. 4, col. 5.

⁵³⁸ idem.

Abril

Título: **Dilema Fatal**⁵³⁹

Título: **Caprichos de um Bilionário**⁵⁴⁰

Procedência: Alemanha

Produtora: Lutz Film

Com: Lya Mara

Partes: 8

Título: **Joguete do Destino**⁵⁴¹

Produtora: Seuznick

Partes: 6 e 1 prolongo

Com: atriz russa Alla Nowa

Título: **A Bella Miss Lilian**⁵⁴²

Procedência: Alemanha

Produtora: National

Com: Leontine Norumberg

Gênero: drama

Partes: 5

Título: **A Sombra da Mentira**⁵⁴³

Procedência: Norte-americana

Com: Emmy Weley

Gênero: far west

Partes: 6

Título: **Satanás**⁵⁴⁴

Partes: 6

Com: Conrado Veidt

Procedência: Alemanha

Título: **Não te Recordas?**⁵⁴⁵

Procedência: Norte-americana

Com: Emily Steves

⁵³⁹ EDEN-CINEMA, *Folha do Acre*, Rio Branco, 04 de abr. de 1926, p. 1, col. 6.

⁵⁴⁰ EDEN-CINEMA, *Folha do Acre*, Rio Branco, 18 de abr. de 1926, p. 4, col. 5 e 6.

⁵⁴¹ idem.

⁵⁴² idem.

⁵⁴³ idem.

⁵⁴⁴ idem.

⁵⁴⁵ idem.

Título: **Como é Fácil Ganhar Dinheiro**⁵⁴⁶

Gênero: aventuras

Partes: 5

Com: Bery Lyteli

Título: **Drama em Classow**⁵⁴⁷

Procedência: Alemanha

Partes: 6

Com: Rosa Porter

Título: **Na Escola da Vida**⁵⁴⁸

Gênero: drama

Partes: 5

Com: May Allysson

Título: **Um Demônio**⁵⁴⁹

Com: artistas da Escandinávia

Título: **Sem Pátria**⁵⁵⁰

Partes: 5

Procedência: Alemanha

Título: **Inspiração**⁵⁵¹

Partes: 5

Com: Andréa Musson

Título: **A Revoltada**⁵⁵²

Produtora: Pathé

Procedência: Nova Iorque

Título: **O Pequeno Sacerdote**⁵⁵³

Gênero: drama

Partes: 5

⁵⁴⁶ idem.

⁵⁴⁷ idem.

⁵⁴⁸ idem.

⁵⁴⁹ idem.

⁵⁵⁰ idem.

⁵⁵¹ idem.

⁵⁵² idem.

⁵⁵³ idem.

Com: Clara Kimbol Young

Título: **Amor aos 17 Anos**⁵⁵⁴

Partes: 6

Maio

Título: **Joquete de um Destino**⁵⁵⁵

Partes: 6

Outubro

Título: **Para Salvar seu Irmão**⁵⁵⁶

Título: **Os Miseráveis**⁵⁵⁷

Título: **Desiludida**⁵⁵⁸

Título: **Torpedeamento da Oceania**⁵⁵⁹

Dezembro

Título: **O Caminho do Perdão**⁵⁶⁰

1927

Janeiro

Título: **Martelada do Leiloeiro**⁵⁶¹

Título: **No Paiz das Amazonas**⁵⁶²

Procedência: Brasil

Gênero: atualidades

⁵⁵⁴ idem.

⁵⁵⁵ EDEN-CINEMA, *Folha do Acre*, Rio Branco, 09 de maio de 1926, p. 1, col. 6.

⁵⁵⁶ PARA SALVAR seu irmão, *Folha do Acre*, Rio Branco, 17 d out. de 1926, p. 1, col. 1.

⁵⁵⁷ idem.

⁵⁵⁸ EDEN-CINEMA, *Folha do Acre*, Rio Branco, 31 de out. de 1926, p. 1, col. 4.

⁵⁵⁹ idem.

⁵⁶⁰ EDEN-CINEMA, *Folha do Acre*, Rio Branco, 22 de set. de 1921, p. 1, col. 6

⁵⁶¹ EDEN-CINEMA, *Folha do Acre*, Rio Branco, 10 de jan. de 1927, p. 1, col. 6.

⁵⁶² FOLHA do Acre, Rio Branco, 31 de jan. de 1927, p. 1.

Título: **Coração de Criança**⁵⁶³

Partes: 4

Março

Título: **Os Três Mosqueteiros**⁵⁶⁴

Partes: 6

Agosto

Título: **Uma Prisão no Fundo do Mar**⁵⁶⁵

Partes: 12

Título: **Pelo Bem Amado**⁵⁶⁶

Título: **A Vida de Moisés**⁵⁶⁷

Título: **A Borboleta Azul**⁵⁶⁸

Setembro

Título: **Via Crucis**⁵⁶⁹

Outubro

Título: **Auto Volante**⁵⁷⁰

Gênero: policial

Partes: 12

Título: **Traição de Amor**⁵⁷¹

Partes: 5

Novembro

⁵⁶³ Ibidem, p. 1, col. 6.

⁵⁶⁴ NO EDEN, *Folha do Acre*, Rio Branco, 02 de mar. de 1927, p. 1, col. 4.

⁵⁶⁵ EDEN-CINEMA, *Folha do Acre*, Rio Branco, 14 de ago. de 1927, p. 6, col. 6.

⁵⁶⁶ EDEN-CINEMA, *Folha do Acre*, Rio Branco, 28 de ago. de 1927, p. 1, col. 5.

⁵⁶⁷ idem.

⁵⁶⁸ idem.

⁵⁶⁹ EDEN-CINEMA, *Folha do Acre*, Rio Branco, 27 de set. de 1927, p. 5, col. 2.

⁵⁷⁰ EDEN-CINEMA, *Folha do Acre*, Rio Branco, 02 de out. de 1927, p. 4, col. 3.

⁵⁷¹ EDEN-CINEMA, *Folha do Acre*, Rio Branco, 30 de out. de 1927, p. 1, col. 6.

Título: **Meu Amante**⁵⁷²

Partes: 5

Título: **Amor Vitorioso**⁵⁷³

Partes: 6

Dezembro

Título: **Combate Mortal no Ar**⁵⁷⁴

Partes: 7

Título: **O Homem que Despreza a Morte**⁵⁷⁵

Partes: 12

Título: **O Soberano da Vida**⁵⁷⁶

1928

Fevereiro

Título: **Um Anjo de Luz**⁵⁷⁷

Partes: 5

Abril

Título: **Amor e Destino**⁵⁷⁸

Título: **Culpa dos Pais**⁵⁷⁹

Título: **Loucura de Amor**⁵⁸⁰

Partes: 9

Maiο

Título: **Por Teu Amor Minha Vida**⁵⁸¹

⁵⁷² EDEN-CINEMA, *Folha do Acre*, Rio Branco, 15 de nov. de 1927, p. 4, col. 6.

⁵⁷³ MEU AMANTE, *Folha do Acre*, Rio Branco, 20 de nov. de 1927, p. 4, col. 5.

⁵⁷⁴ EDEN-CINEMA, *Folha do Acre*, Rio Branco, 04 de dez. de 1927, p. 4, col. 6.

⁵⁷⁵ idem.

⁵⁷⁶ HOJE, *Folha do Acre*, Rio Branco, 11 de dez. de 1927, p. 1, col. 6.

⁵⁷⁷ EDEN-CINEMA, *Folha do Acre*, Rio Branco, 26 de fev. de 1928, p. 4, col. 3.

⁵⁷⁸ HOJE, *Folha do Acre*, Rio Branco, 08 de abr. de 1928, p. 1, col. 2.

⁵⁷⁹ EDEN-CINEMA, *Folha do Acre*, Rio Branco, 15 de abr. de 1928, p. 6, col. 4.

⁵⁸⁰ idem.

⁵⁸¹ HOJE, *Folha do Acre*, Rio Branco, 03 de maio de 1928, p. 4, col. 2.

Partes: 5

Título: **No Oiteiro de Guiz**⁵⁸²

Partes: 5

Título: **Dançarina da Morte**⁵⁸³

Partes: 7

Junho

Título: **O Policia Secreta**⁵⁸⁴

Julho

Título: **Aventuras no Oriente**⁵⁸⁵

Partes: 5

Título: **Disputando um Trono**⁵⁸⁶

Partes: 10

Título: **A Caçada do Homem**⁵⁸⁷

Agosto

Título: **Entre Homens e Feras**⁵⁸⁸

Título: **História de um Pierrot**⁵⁸⁹

Título: **Beleza Ingênuas**⁵⁹⁰

Título: **Engana a Morte**⁵⁹¹

Título: **Dama de Monsereau**⁵⁹²

⁵⁸² NO OITEIRO de guiz, *Folha do Acre*, Rio Branco, 17 de maio de 1928, p. 1, col. 6.

⁵⁸³ HOJE, *Folha do Acre*, Rio Branco, 31 de maio de 1928, p. 4, col. 6.

⁵⁸⁴ O POLICIA Secreta, *Folha do Acre*, Rio Branco, 07 de jun. de 1928, p. 1, col. 6.

⁵⁸⁵ AVENTURAS no oriente, *Folha do Acre*, Rio Branco, 01 de jul. de 1928, p. 1, col. 2.

⁵⁸⁶ DISPUTANDO um trono, *Folha do Acre*, Rio Branco, 12 de jul. de 1928, p. 4, col. 6.

⁵⁸⁷ A CAÇADA do homem, *Folha do Acre*, Rio Branco, 19 de jul. de 1928, p. 4, col. 6.

⁵⁸⁸ NO EDEN-CINEMA, *Folha do Acre*, Rio Branco, 26 de jul. de 1928, p. 1, col. 5.

⁵⁸⁹ HISTORIA de um pierrot, *Folha do Acre*, Rio Branco, 05 de ago. de 1928, p. 4, col. 6.

⁵⁹⁰ NO EDEN-CINEMA, *Folha do Acre*, Rio Branco, 12 de ago. de 1928, p. 4, col. 6

⁵⁹¹ idem.

⁵⁹² DAMA de Monsereau, *Folha do Acre*, Rio Branco, 23 de ago. de 1928, p. 4, col. 6

Partes: 6

Título: **Rainhazinha Izota**⁵⁹³

Partes: 7

Outubro

Título: **Disputando um Trono**⁵⁹⁴

Título: **Emir**⁵⁹⁵

Título: **O Cavalo Sábio**⁵⁹⁶

Título: **A Vida de Cristo**⁵⁹⁷

Novembro

Título: **Niniche**⁵⁹⁸

Partes: 10

Título: **O Abutre**⁵⁹⁹

Título: **A Redentora**⁶⁰⁰

Procedência: Norte-americana

1929

Janeiro

Título: **Vertigem**⁶⁰¹

Fevereiro

⁵⁹³ HOJE, *Folha do Acre*, Rio Branco, 30 de ago. de 1928, p. 4, col. 6.

⁵⁹⁴ NO EDEN-CINEMA, *Folha do Acre*, Rio Branco, 07 de out. de 1928, p. 1, col. 6.

⁵⁹⁵ EMIR, *Folha do Acre*, Rio Branco, 14 de out. de 1928, p. 4, col. 1.

⁵⁹⁶ HOJE, *Folha do Acre*, Rio Branco, 8 de out. de 1928, p. 1, col. 5.

⁵⁹⁷ idem.

⁵⁹⁸ NINCHE, *Folha do Acre*, Rio Branco, 11 de nov. de 1928, p. 4, col. 6.

⁵⁹⁹ EDEN-CINEMA, *Folha do Acre*, Rio Branco, 23 de nov. de 1928, p. 6, col. 6.

⁶⁰⁰ *Folha do Acre*, Rio Branco, 16 de dez. de 1928, Eden-Cinema, p. 1, col. 3.

⁶⁰¹ *Folha do Acre*, Rio Branco, 06 de jan. de 1929, Eden-Cinema, p. 6, col. 4.

Título: **Senhora das Rosas**⁶⁰²

Título: **A Conquista da Guiana Brasileira**

Procedência: Brasil

Gênero: natural

Título: **Através do Gram-Pará**

Procedência: Brasil

Gênero: natural

II – ESPETÁCULOS TEATRAIS APRESENTADOS NO EDEN-CINEMA

1920

Espectáculo: variedades⁶⁰³

Números: **Um Padre Sacudido**

Músicas: Xico Coringa: O Barateiro

Com: irmãos Coringa, Alfredo Mendes.

Espectáculo: variedades com apresentação cinematográfica⁶⁰⁴

Números: **O Bígamo** (Delegacia Encrencada – Frestan Bernard)

Músicas Scipião Filho: A Verba e A Reforma; Branca Scipião: Pois Sim; Graça Scipião: Passagens da Vida (tango); José Scipião: Ganga (fado): Xico Coringa: O Barateiro.⁶⁰⁵

Com: Graça e Branca Scipião, José Scipião, Alfredo Mendes e Xico Coringa.

Espectáculo: variedades⁶⁰⁶

Números: **Amor em Xapury**⁶⁰⁷

Com: J. Scipião, Graça e Branca Scipião, Fatinha Guedes e Xico Coringa.

Espectáculo: musical e variedades⁶⁰⁸

Números: **Delegacia Encrencada**

Músicas: Branca Scipião: Sól, Lá, Si, Dó; Passagens da Vida⁶⁰⁹

Com: Branca Scipião, Xico Coringa e Alfredo Mendes.

⁶⁰² Folha do Acre, Rio Branco, 03 de fev. de 1929, p. 1, col. 6.

⁶⁰³ KONDE. Na tela e nos salões, *Folha do Acre*, Rio Branco, 10 de abr. de 1920, p. 3, col. 1.

⁶⁰⁴ EDEN-THEATRO, *Folha do Acre*, Rio Branco, 27 de abr. de 1920, p. 3, col. 4.

⁶⁰⁵ KONDE. Na tela e nos salões, *Folha do Acre*, Rio Branco, 01 de maio de 1920, p. 2, col. 6.

⁶⁰⁶ KONDE. Eden Theatro, *Folha do Acre*, Rio Branco, 20 de maio de 1920, p. 2, col. 5.

⁶⁰⁷ EDEN THEATRO, *O Futuro*, Rio Branco, 16 de maio de 1920, p. 1, col. 4.

⁶⁰⁸ O FESTIVAL de Branca Scipião, *O Futuro*, Rio Branco, 13 de jun. de 1920, p. 1, col. 5.

⁶⁰⁹ KONDE. Na tela e nos salões, *Folha do Acre*, Rio Branco, 17 de jun. de 1920, p. 2, col. 4.

Espetáculo: variedades⁶¹⁰

Números: **Trumpho é Pau!**⁶¹¹

Músicas: Casamento Secundário

Com: Xico Coringa e Zé Scipião.

1921

Espetáculo: lírico e variedades⁶¹²

Números: Alfredo Mendes: **O meu Casamento** (monólogo)

Músicas: Antonia Brandão: Habanera (Carmen de Bizet), Saudade (fado), Madame Botterfly (Puccini), Santuzza (Cavalleria Rusticana), No la sospira la nostra casetta (Tosca), Vissi d'Arte (Tosca); F. Coringa: Olhos de Veludos, Martha, Cicciliana (Cavalleria Rusticana); Coringa: O Barateiro.

Com Antonia Brandão e Francisco Coringa.

1922

Espetáculo: variedades⁶¹³

Números: **Enfim Sós** (comédia)

Com Antonia Brandão, Roberto Scipião e Josephina Lima.

Espetáculo: musical⁶¹⁴

Músicas: J. Scipião: A Napolião (Romance sans paroles – violino), F. Thomé (Melodia para violino), G. Silvestri (Serenata D'Autrejois – violino); Antonia Brandão: C. Zeller (Canzone dell'Usinuolo – valsa), serenata, Leon Bard (La Duchesa del Bal-Tabarin – Tempo de valsa), G. Benencase (Valsa sentimental em portuguez).

Com: Antonia Brandão e J. Scipião.

1925

Espetáculo: musical⁶¹⁵

Músicas: 1ª apresentação: Primeira Parte: Symphonia (piano), Canzoine del Aventurero (Guarany), O Marinheiro (Sinos de Corneville), El-Rey que rabió (aria hespanhola), Sole-mio (canção napolitana); Segunda Parte: Brilhantes Variações (piano), Cigano (Fox-Trol) Dorme (valsa lyrica nacional) Mãos Pequenas (fado portuguez), Uma Viagem ao Tyrol (excentrica). 2ª apresentação: Symphonia (piano e piston), Caballero de la Gracia (La Gran Via), Risos e Lagrimas (nacional), La Donna é Mobile (Rigolletto), Barcarola brasileira

⁶¹⁰ NA TELA e nos salões, *Folha do Acre*, Rio Branco, 01 de jul. de 1920, p. 2, col. 5.

⁶¹¹ KONDE. Na tela e nos salões, *Folha do Acre*, Rio Branco, 08 de jul. de 1920, p. 3, col. 1 e 2.

⁶¹² FESTIVAL Antonia Scipião, *Folha do Acre*, Rio Branco, 23 de jun. de 1921, p. 2, col 4 e 5.

⁶¹³ FESTAS, *Folha do Acre*, Rio Branco, 03 de ago. de 1922, p.2, col. 6.

⁶¹⁴ CONCERTO Scipião, *A Capital*, Rio Branco, 02 de abr. de 1922, p. 1, col. 6.

⁶¹⁵ TENOR Frontino Santiago, *Jornal Oficial*, Rio Branco, 29 de nov. de 1925, p. 1, col. 5

(Rayol); Segunda Parte: Brillhantes Variações (piano e piston), Oh! Costureirinha (cômica), Amor, Amor! (canção), Franqueza rude (Olegario Marianno), Vae-te embora, vae.. (cômica).

Com: Frontino Santiago

1927

Espetáculo: variedades⁶¹⁶

Números: execução de música clássica num serrote de carpinteiro, apresentação de boxe.

Com: Dario Letona, Tuler e Pedro Pereira.

1928

Espetáculo: litero-musical⁶¹⁷

Músicas Stella Feitosa: Creadinha; Esmeralda Vieira: Tatuy; Madame Grijalva Antony: Saudades do Sertão; Perola Vieira: Flor de Maracujá.

Poesias: Ruy Barreto: Contradições (Paulino de Brito); Corina Cravo: Virgens Mortas (Bilac)

Dança: Benjamin Piani: charleston

Com: Stella Feitosa, Esmeralda Vieira, Madame Grijalva Antony, Perola Vieira, Ruy Barreto, Corina Cravo e Benjamin Piani.

Espetáculo: peça teatral⁶¹⁸

Título: **Fogo de Bengala**

De: Juca Mulato⁶¹⁹

Com: Perola Vieira, Leonor Silva, Odisséa Silva, Esmeralda Vieira, Stella Feitosa, Maria Julia Mascarenhas, Henrique Rêgo, Mariano Sá Ribeiro, Fellipe Pereira, Benjamin Piani, Possidonio Cunha e Raymundo Nonato.⁶²⁰

1929

Espetáculo: peça teatral e variedades⁶²¹

Título: **Tá na Hora**

Números: Apache e Gigolette.

Com: Hely Corrêa, Pedro Santos, Sá Ribeiro, Jorge Lavocat, Waldemar Nobre, Benjamin Piani, Maria Julia, Leonor de Campos Silva, Risoleta Vianna, Araripina Araripe, Luzanira Martins, Carmenzinha Lima, Lasthenia Taboada, Lucia Rola e Roberto Cardoso

⁶¹⁶ EDEN-CINEMA, *Folha do Acre*, Rio Branco, 18 de set. de 1927, p. 4, col. 3.

⁶¹⁷ SPORTS & ARTES, *Folha do Acre*, Rio Branco, 29 de abr. de 1928, p. 6, col. 3 e 4.

⁶¹⁸ FOGO de Bengala, *Folha do Acre*, Rio Branco, 20 de maio de 1928, p. 4, col. 3.

⁶¹⁹ FOGO de Bengala, *Folha do Acre*, Rio Branco, 27 de maio de 1928, p. 4, col. 3.

⁶²⁰ FOLHA do Acre, Rio Branco, 24 de maio de 1928, p. 1, col. 4.

⁶²¹ TÁ na Hora, *Folha do Acre*, Rio Branco, 27 de jan. de 1929, p.6, col. 2.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
MESTRADO EM HISTÓRIA**

MICHELINE NEVES PEREIRA

NO ESCURINHO DO CINEMA?
Uma abordagem sobre o cinema em Rio Branco na década de vinte

**Recife
2002**

MICHELINE NEVES PEREIRA

NO ESCURINHO DO CINEMA?

Uma abordagem sobre o cinema em Rio Branco na década de vinte

Dissertação apresentada como exigência parcial para a obtenção do título de Mestre em História à Comissão Julgadora do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco.

Orientador: Prof. Dr. Antonio Torres Montenegro

Recife
2002

Pereira, Micheline neves

No escurinho do cinema? : Uma abordagem sobre o cinema em Rio Branco na década de vinte / Micheline Neves Pereira. – Recife: O Autor, 2002.

148 folhas : il., fig.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco. CFCH. História, 2002.

Inclui: bibliografia e anexos.

1. História. 2. Cinema. 3. Cinema acreano – Década de vinte. 4. Cinema – Rio Branco. I. Título.

**981.34
981**

**CDU (2. ed.)
CDD (22. ed.)**

**UFPE
BCFCH2008/51**

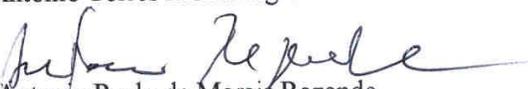


ATA DA DEFESA DA DISSERTAÇÃO DA ALUNA MICHELINE NEVES PEREIRA

Às 9:00 do dia 02 (dois) de maio de 2002 (dois mil e dois), no Curso de Mestrado em História da Universidade Federal de Pernambuco, a Comissão Examinadora da Dissertação para obtenção do grau de Mestre apresentada pela aluna *Micheline Neves Pereira* intitulada: “*NO ESCURINHO DO CINEMA? uma abordagem sobre o cinema em Rio Branco na década de vinte*” em ato público, após arguição feita de acordo com o Regimento do referido Curso, decidiu conceder à mesma o conceito “**APROVADA COM DISTINÇÃO**” em resultado à atribuição dos conceitos dos professores: *Antonio Torres Montenegro (orientador), Antonio Paulo de Moraes Rezende e Maria Aparecida Lopes Nogueira*. Assinam também a presente ata a Coordenadora, Profª Maria do Socorro Ferraz Barbosa e a secretária Luciane Costa Borba para os devidos efeitos legais.

Recife, 02 de maio de 2002


Prof. Dr. Antonio Torres Montenegro


Prof. Dr. Antonio Paulo de Moraes Rezende


Profª Dra. Maria Aparecida Lopes Nogueira


Profª Dra. Maria do Socorro Ferraz Barbosa


Luciane Costa Borba

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho as duas pessoas mais importantes de minha vida: meu pai, Francisco Lopes Pereira, e minha mãe, Terezinha de J. Neves Pereira. Sem as suas orientações, apoio financeiro e incentivo, este trabalho jamais teria sido realizado.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Prof. Dr. Carlos Alberto por ter me ajudado na elaboração do projeto e aos seus conselhos, sempre vindos em boa hora, e, principalmente, ao meu orientador Prof. Dr. Antonio Torres Montenegro pela paciência, cobrança e excelentes críticas. À Maria Rodrigues (Nilda), Tereza Almeida Cruz, Sérgio Roberto, Chico Bento, Geórgia, colegas desta empreitada. À Anilza Leoni, Sandra Neves Brito e Daniela Pereira Santos, pela ajuda nas pesquisas. Aos amigos Cil Farney, Marcelo e Neibio Régio, por terem cedido os computadores do escritório de contabilidade e ao amigo Richardson Constantino, pela arte e diagramação. À Prontotec, especialmente à Lana Kelly e Marcos Steiner, pelos computadores e acesso à internet. Ao CDIH (Centro de Documentação e Informação Histórica) da UFAC na figura do Prof. Dr. Gerson Albuquerque e estagiários (Alessandra e Leila), ao Arquivo Geral do Estado (Maria do Perpétuo Socorro Costa Gomes e funcionários), ao Museu da Borracha (Elisa), ao Patrimônio Histórico Estadual, na pessoa de Marcos Vinícius e (*in memoriam*) a Mauricélia Barrozo A. de Sousa, a primeira pessoa que deu credibilidade ao meu projeto na época da graduação. Às amigas Célia, Luci e Jânia pelo incentivo. E um agradecimento muito especial à Kenned Kaccio Rodrigues Constantino pelo apoio e compreensão.

RESUMO

Este estudo (No Escurinho do Cinema? Uma abordagem sobre o cinema em Rio Branco na década de vinte) é uma tentativa de análise e compreensão do cinema na sociedade de Rio Branco na década de vinte, como prática social (lazer, hábitos, costumes, comportamentos), a partir do salão cinematográfico Eden-Cinema. Tem como base de pesquisa artigos, anúncios e crônicas jornalísticas. Este trabalho está alicerçado sob a inspiração da História Sócio-Cultural.

Palavra chave: Cinema, Rio Branco.

ABSTRACT

This study (In Escurinho of Cinema? An approach on the cinema in Rio Branco in the decade of the twenty) is an attempt of analysis and understanding of cinema in the company of Rio Branco in the decade of twenty, as social practice (leisure, habits, customs, behavior), from the cinema hall-Eden Cinema. It builds on research articles, advertisements and journalistic essays. This work is based on the inspiration of the Socio-Cultural History.

Keyword: Film, Rio Branco.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Embarcações no rio Acre,	p. 15
Figura 2 – Mapa de Rio Branco,	p. 16
Figura 3 – Porto de Rio Branco,	p. 17
Figura 4 – Catraias,	p. 18
Figura 5 – Centro comercial,	p. 19
Figura 6 – Palácio do Governo,	p. 20
Figura 7 – Mapa do Estado do Acre,	p. 23
Figura 8 – Rua João Luiz Alves,	p. 27
Figura 9 – Atrizes do cinema mudo italiano,	p. 32
Figura 10 – Asta Nielsen, atriz do cinema dinamarquês,	p. 33
Figura 11 – D. W. Griffith, diretor do cinema norte-americano,	p. 36
Figura 12 – Mercado Municipal,	p. 58
Figura 13 – Rua Epaminondas Jácomes,	p. 59
Figura 14 – Cine-Theatro Recreio,	p. 71
Figura 15 – Penitenciária e Polícia Militar,	p. 94
Figura 16 – Praça Tavares de Lyra,	p. 94
Figura 17 – Hospital Augusto Monteiro,	p. 100
Figura 18 – Grupo Escolar 7 de Setembro,	p. 101
Figura 19 – Residência Oficial,	p. 105
Figura 20 – Praça Getúlio Vargas,	p. 109

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
1. EDEN-CINEMA: “El Dorado de arte e bom gosto”	
1.1 O cinema.....	12
1.2 Rio Branco: a construção de um cenário.....	15
1.3 O surgimento do Eden-Cinema.....	24
2. NO “ÉCRAN” DO EDEN-CINEMA	
2.1 O longo percurso do filme para a tela	28
2.2 No “écran”	30
2.3 A influência do teatro no cinema	41
2.4 Em relação ao cinema	43
2.5 As sessões.....	49
2.6 Cinema: sensualidade e moda.....	54
3. EDEN-CINEMA: ESPAÇO MÚLTIPLO	
3.1 Eden-Cinema	57
3.2 Espaço múltiplo	72
3.3 O teatro no Éden	77
3.4 O Eden no final da década de vinte.....	85
4. O CINEMA ALÉM DO CINEMA: AO AR LIVRE	
4.1 Cinema ambulante e cinema ao ar livre	91
4.2 A praça: o espaço privilegiado do cinema ao ar livre	93
4.3 O cinema ao ar livre	99
CONSIDERAÇÕES FINAIS	110
REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA	111
ANEXOS	
I – FILMES APRESENTADOS NO EDEN-CINEMA	127
II – ESPETÁCULOS TEATRAIS APRESENTADOS NO EDEN-CINEMA	146

INTRODUÇÃO

A idéia de estudar o cinema em Rio Branco surgiu de um antigo sentimento de curiosidade e atração em relação ao atual Cine-Theatro Recreio. Esse salão cinematográfico a muito se encontra fechado para sessões, sendo apenas utilizado para eventos esporádicos.

Num primeiro momento, o projeto de pesquisar o cinema estava centrado na década de trinta, mas notava-se uma grande ausência de fontes. Apenas nos anos posteriores é que se verifica a intensa veiculação de filmes, todavia, relacionados ao Cine Rio Branco. Contudo, notamos na década de vinte uma grande atividade centralizada no salão cinematográfico Eden-Cinema, atual Cine-Theatro Recreio.

Um dos maiores problemas enfrentados no decorrer da pesquisa foi a escassez de fontes. Basicamente este trabalho foi desenvolvido a partir de crônicas, artigos e anúncios de jornais, não havendo a possibilidade de analisar filmes da época, uma vez que os que se mostravam mais freqüentes na imprensa não foram encontrados em casas especializadas, apenas em bibliografias.

A perspectiva desse estudo é tentar perceber o cinema e como ele se articula no cotidiano das pessoas, ressaltando sua importância como fonte de lazer e evento cultural, seus prazeres e significados na cidade de Rio Branco. Tendo essa visão, alguns autores como Maurice Halbwachs, Walter Benjamin, Michel Foucault e Hayden White, entre outros, foram utilizados como fonte de inspiração.

É importante notar o cinema como elemento de grande relevância cultural, uma vez que ele pode ser visto como um ponto fundamental para reconstruir os hábitos e costumes de uma sociedade: seus sistemas de produção de significados, sentidos ou consciência, particularmente os sistemas e meios de representação que dão às imagens sua significação.¹

Neste estudo, a idéia de cinema é pensada de forma ampla, sendo vista como um processo.² O cinema em Rio Branco possui suas peculiaridades, fazendo-se presente não só no interior da casa exibidora, mas também nas ruas, nas praças, nas festas. Eis porque o título é uma interrogação (No escurinho do cinema?), uma vez que ele vai além do espaço escuro da casa exibidora, estando também presente em outros lugares da cidade, em outras ocasiões, e não só o filme como um espetáculo exclusivo. O salão cinematográfico aqui é pensado de

¹ TURNER, Graeme. Cinema como prática social. SP: Summus, 1997. p. 48.

² BERNADET, Jean-Claude. O que é cinema. SP: Brasiliense, 1981. p. 09.

forma plural, como espaço de múltiplas atividades, já que um dos pontos importantes neste estudo é *revelar uma unidade subjacente sem negar a diversidade do passado*.³

É na relação com o lazer que o cinema será visto como ponto fundamental na constituição de novos hábitos e costumes, num espaço urbano em constante transformação. É pensando o espaço público e o lazer que os habitantes de uma cidade vão reconstruir novas práticas sociais. O entendimento de espaço urbano não se limita só ao aspecto físico, mas é *todo o cenário múltiplo da cidade que toma conta de seus habitantes na construção do seu cotidiano*.⁴

Pouco se sabe acerca do cinema em Rio Branco na década de vinte. Apenas um estudo que trata das suas origens e do estabelecimento de casas exibidoras fixas, de Mauricélia Barrozo A. de Sousa, e pequenos textos que se baseiam nesse trabalho. Isso nos dá a dimensão de que o tema foi timidamente mencionado.

Num primeiro momento desta análise, fazemos uma reflexão sobre a idéia de cinema. Depois analisamos a cidade de Rio Branco, como o Eden-Cinema se situava nesse contexto urbano e como ele surgiu nesse espaço.

A partir daí, enfatizamos o filme como objeto de espetáculo, começando com o seu percurso para a tela do Eden-Cinema. Ressaltamos as suas escolas cinematográficas e características de acordo com a origem do país a que pertenciam. Em seguida, destacamos a influência do teatro no cinema e depois mostramos como algumas pessoas da época percebiam a “sétima arte”. Tentamos, também, reconstruir as sessões cinematográficas a partir de alguns fragmentos encontrados na imprensa. Finalizamos com uma reflexão sobre a relação entre o cinema, a moda e a sensualidade.

Num terceiro momento, analisamos o Eden-Cinema como um espaço de múltiplos eventos na cidade de Rio Branco. Iniciamos traçando um panorama de como poderia ser essa casa exibidora, revelando seus proprietários, suas mudanças físicas e sua relação com a questão higiênica. Percebemos, então, que o cinema não está dissociado da concepção de moderno, trazendo uma idéia de novidade. Depois, analisamos a sua multiplicidade e, assim, destacamos o teatro como um dos seus principais eventos, além do filme. Um outro aspecto revelado é como este cinema chega ao final da década de vinte.

Por fim, destacamos o cinema ao ar livre na cidade, revelando a praça como seu espaço privilegiado em eventos comemorados pela sociedade de Rio Branco. O cinema ao ar

³ BURKE, Peter. Unidade e variedade na História Cultural. In: Variedades da História Cultural. RJ: Civilização Brasileira, 2000, p. 254-255

⁴ REZENDE, Antonio Paulo. (Des) encantos modernos: histórias da cidade do Recife na década de vinte. Recife: FUNDARPE, 1997. p. 14

livre tem um papel fundamental, funcionando como elemento importante nos mais destacados momentos, como comemorações de datas cívicas, aniversários de governo e uma série de outros eventos públicos.

O nosso desejo é que este estudo venha mostrar uma outra maneira de pensar o cinema em Rio Branco na década de vinte e a sua relevância como prática social, nos hábitos e nos comportamentos. A intenção é revisitar o cinema na década de vinte e tentar perceber, a partir de alguns pontos de vista, como ele poderia ser sentido e vivido.

1. EDEN-CINEMA: El Dorado de arte e bom gosto⁵

1.1 O cinema

Antes de iniciarmos este estudo, vamos fazer uma reflexão sobre o cinema. Para isso, partimos de uma pesquisa elementar que qualquer pessoa poderia fazer desde que tenha um dicionário. Utilizamos duas obras: o Dicionário Escolar da Língua Portuguesa, de Francisco da Silveira Bueno,⁶ e o conhecido Dicionário de Aurélio Buarque de Holanda. Em Bueno, encontra-se:

CINEMA, s. m. Cinematógrafo; a arte cinematográfica (invenção dos irmãos franceses Lumière, em 1895); estabelecimento ou sala de projeções cinematográficas.

Em Aurélio Buarque de Holanda, diz-se o seguinte:

CINEMA, sm. **1.** Arte de compor e realizar filmes cinematográficos. **2.** Cinematografia. **3.** Sala de espetáculos onde se projetam filmes cinematográficos.

Percebemos que em apenas um ponto as definições convergem: quando se referem ao cinema como um estabelecimento ou sala de projeções cinematográficas. Mas vamos continuar com a nossa pesquisa. Para uma pessoa que procura saber o que é cinema, uma dúvida que poderia surgir seria: o que é cinematógrafo? O que é cinematografia?

No que diz respeito ao cinematógrafo, os dois autores se aproximam quanto às idéias. Em Bueno:

CINEMATÓGRAFO, s.m. Aparelho cronofotográfico, que permite projetar cenas animadas numa tela; cine; cinema.

Em Aurélio:

CINEMATÓGRAFO sm. Aparelho que reproduz numa tela o movimento, mediante uma seqüência de fotografias.

Mas, e cinematografia? Em Bueno:

⁵ O CINEMA. *Folha do Acre*, Rio Branco, 01 jul. 1920. Col. 4, p. 2.

⁶ BUENO, Francisco da Silveira. et al. *Dicionário escolar da língua portuguesa*. 11ª ed. Rio de Janeiro: FAE, 1994.

CINEMATOGRAFIA, s.f. Processo ou prática do cinematógrafo, arte do cinema.

Em Aurélio:

CINEMATOGRAFIA sf. Conjunto de métodos e processos para registros e projeção fotográfica de cenas animadas; cinema. **Cinematográfico** adj.

Será que as explicações acima nos dão uma idéia consistente do que é cinema? Para alguém que queira conhecer o que dizem os dicionários sobre o cinema e os termos que lhes são derivados, ele teria que, também, tomar nota de: cine, cineasta, cinegrafista, cinemascopo, cinemateca, cinemeiro, cinerama, cinematografar...

Mas para aqueles que, mesmo com as explicações acima, ainda não têm uma compreensão clara do que é cinema, não há problema. Esse é o caminho que qualquer pessoa poderia tomar para entender e, depois, se sentir um pouco frustrada.

O que fica demonstrado é que a idéia de cinema é um tanto diversa, variando de autor para autor. Nem os dicionários apresentam o que poderia ser uma definição mais positiva. Talvez isto sirva até como um alerta para se verificar como as palavras são definidas nesses compêndios.

Definir o cinema, assim como representar qualquer conceito é algo complexo. As coisas não devem se constituir em representações fechadas, pois o sentido das palavras mudam com o tempo e o espaço e, portanto, a idéia de cinema também.

Assim, podemos pensar o cinema de forma ampla. Ao abordar o tema *O que é cinema*, Jean-Claude Bernadet, revela que o cinema continua como uma mercadoria:

Depois do filme pronto e antes do espectador estar na sala e o filme na tela, um longo percurso deve ser cumprido: é necessário que o distribuidor se interesse pelo filme do produtor, que o exibidor se interesse pelo filme do distribuidor, que o espectador potencial se interesse pelo filme do exibidor. Antes de se tornar objeto de fruição (o espectador vendo o filme), o filme tem que percorrer todo o trajeto como mercadoria que deverá ter características que assegurem a série de operações necessárias até a compra do ingresso que possibilita o lucro.⁷

Vimos, então, a trajetória que o filme percorre e como ele se relaciona com os demais componentes. Mas só o filme não define cinema, ele é apenas um elemento do cinema, pois

⁷ BERNADET, Jean-Claude. *O que é cinema*. São Paulo: Brasiliense, 1981. p. 61.

este envolve toda uma cadeia que o faz repercutir, abrangendo também padrões culturais. O espectador não compra um filme, ele compra o direito de se sentar numa poltrona e assistir ao filme.⁸ É uma mercadoria abstrata. Talvez a questão seja que verbo utilizar antes da palavra cinema: ir ao cinema, fazer cinema etc. O que deve ficar entendido é que o cinema pode ser pensado de forma complexa e dizer que ir a um salão cinematográfico ou produzir um filme são componentes daquilo que chamamos de cinema. Continuando com Bernadet, ele analisa o cinema e sua ampla rede:

[...] um complexo ritual [...] e que envolve mil e um elementos diferentes, a começar pelo seu gosto para este tipo de espetáculo, a publicidade, as pessoas e firmas estrangeiras e nacionais que fazem e investem dinheiro em filmes, firmas distribuidoras que encaminham os filmes aos donos das salas e, finalmente, estes, os exibidores que os projetam para os espectadores que pagaram para sentar numa poltrona e ficar olhando as imagens na tela. Envolve também a censura, processos da adaptação do filme aos espectadores que não falam a língua original. Mas em geral não pensamos nesta complexa máquina internacional da indústria, do comércio e controle cinematográfico; para nós, cinema é apenas essa estória que vimos na tela, de que gostamos ou não, cujas brigas e lances amorosos nos emocionaram ou não.⁹

É pensando assim que podemos perceber este estudo como uma análise sobre o cinema, já que ele aborda seus diversos segmentos: o salão cinematográfico, o filme, o público etc.

⁸ idem.

⁹ ibidem. p. 9

1. Rio Branco: a construção de um cenário

No início da década de vinte, Rio Branco possuía aproximadamente 10.000 habitantes.¹⁰ Constituíam-se de uma pequena infra-estrutura, tendo como único meio de acesso a morosa via fluvial com uma durabilidade de quase 47 dias entre esta e a então capital federal, o Rio de Janeiro¹¹. As pessoas circulavam muito a pé, devido aos poucos meios de



transportes, sendo na sua maior parte de tração animal. Apenas em 1926 e 1927 surgiram os primeiros automóveis e bicicletas.¹² A cidade já contava com uma rede de energia elétrica,¹³ proveniente de uma precária usina a vapor que a abastecia.¹⁴ Não havia rede de esgoto ou águaencanada com fornecimento domiciliar.¹⁵ As ruas não tinham calçamento e a floresta lambia as

Embarcações no rio Acre: gaiolas e chatinhas – CDIH

casas e os barrancos.¹⁶ Nesse quadro, o rio tornava-se parte importante da vida dos cidadãos. No período de cheia fazia das *gaiolas* e *chatinhas*¹⁷ o lazer e o ponto de encontro com o restante do país.¹⁸ A cidade dividia-se em duas partes pelo rio Acre, como demonstra o mapa a seguir. A margem esquerda se chamava *Penápolis* como podemos visualizar na figura, destacando-se o prédio do Mercado Municipal e escadaria do porto, cercada por pequenas embarcações. Já a margem direita, *Empreza* (ex-seringal Volta da Empreza, fundado por Neutel Maia), alcançou um maior desenvolvimento, principalmente, a partir de 1903 com a instalação do 15º Batalhão de Infantaria, que daria nome ao bairro *Quinze*. Em virtude disso, houve o desenvolvimento de grande número de *bodegas*¹⁹,

¹⁰ INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA. *Sinopse Estatística do Território*, n.1., República dos Estados Unidos do Brasil – Território do Acre (Separata, com acréscimo do anuário estatístico do Brasil, v. 2 – 1936), p. 15

¹¹ CARNEIRO, Hugo Ribeiro. *Relatório apresentado ao Ministro da Justiça e Negócios Interiores Exmo. Augusto de Vianna do Castello, (1928-1929)*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1930. p.16

¹² SINOPSE Estatística do Território, op. cit., p. 23

¹³ idem.

¹⁴ A LUZ continua péssima. *Folha do Acre*, Rio Branco, 11 jan. 1923. Col. 5 e 6, p. 2.

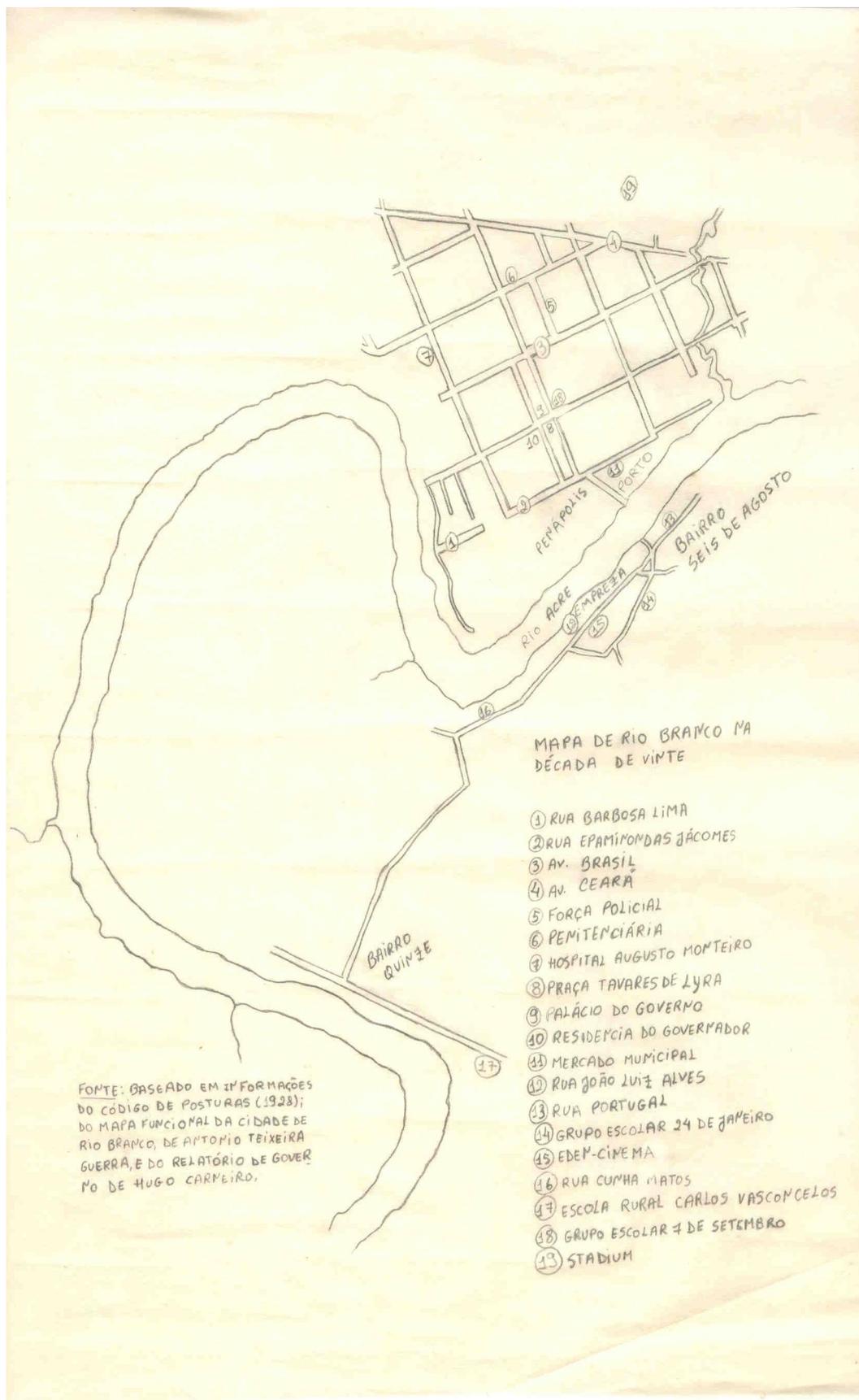
¹⁵ SINOPSE Estatística do Território, op. cit., p. 23

¹⁶ BEZERRA, Maria José. et al. (coord.). *Cidade de Rio Branco – a marca de um tempo: história, povo e cultura*. Rio Branco: Globo, 1993, p. 45

¹⁷ Embarcações que percorriam os rios.

¹⁸ ibidem, p. 45.

¹⁹ GUERRA, Antonio Teixeira. *Estudo Geográfico do Território do Acre*. Rio de Janeiro: IBGE, 1955, p.88



localizando-se aí o centro comercial.²⁰ A presença do Batalhão de Infantaria se devia aos conflitos entre o Brasil e a Bolívia para garantir a posse da região em 1902, promovendo, assim, a ocupação militar brasileira no Acre. O evento ficou conhecido como *Revolução Acreana* e as tropas ficaram de prontidão no território ocupado, enquanto não se concluíam as negociações no Rio de Janeiro sobre a área em litígio.²¹



Porto: destacando-se as escadarias e o Mercado Municipal – CDIH

É necessário ressaltar que a divisão da cidade em Penápolis e Empreza só foi efetivada a partir de 1909, quando o então prefeito *Gabino Besouro* apossou-se da margem esquerda do seringal Empreza. Fundou a vila Penápolis, dividindo as terras em lotes e fazendo o *arruamento da futura cidade*.²²

Apesar de seu relativo desenvolvimento, Empreza estava mais propícia às constantes enchentes que o rio ocasionava no inverno amazônico,²³ por ser esta margem mais baixa. Isso fez com que em Penápolis (uma homenagem ao presidente Afonso Pena), mais alta e não sujeita às inundações, fossem instalados os principais órgãos oficiais do *Território Federal do Acre*,²⁴ além de ser um bairro residencial, onde as famílias de maior poder econômico se instalaram.²⁵ Assim, o banco, o mercado municipal, órgãos de comunicação, o estádio, o hospital, os centros administrativos foram ali estabelecidos, induzindo a sua maior expansão em detrimento da outra margem. Contudo, durante muito tempo, houve uma grande resistência dos comerciantes da margem direita que permaneceram no local até a década de 50, tornando insignificante o comércio à esquerda, em Penápolis.²⁶

Na margem direita, Empreza, a cidade teve um crescimento ao longo do rio Acre, com suas ruas de traçado irregular, constituídas de casas de madeira cobertas de palmeira, zinco e

²⁰ BEZERRA, Maria José. et al. (coord.). *Cidade de Rio Branco – a marca de um tempo: história, povo e cultura*. Rio Branco: Globo, 1993, p.37

²¹ FERREIRA, Jurandir Pires. *Enciclopédia dos Municípios Brasileiros*. Rio de Janeiro: IBGE, 1957. v. 19. p. 65.

²² GUERRA, op. cit., p. 87.

²³ Pelo fato de nosso verão ser chuvoso e o inverno seco, convencionou-se inverter as estações: o verão passou a ser chamado de inverno e o inverno de verão.

²⁴ BEZERRA, op. cit., p. 30-31

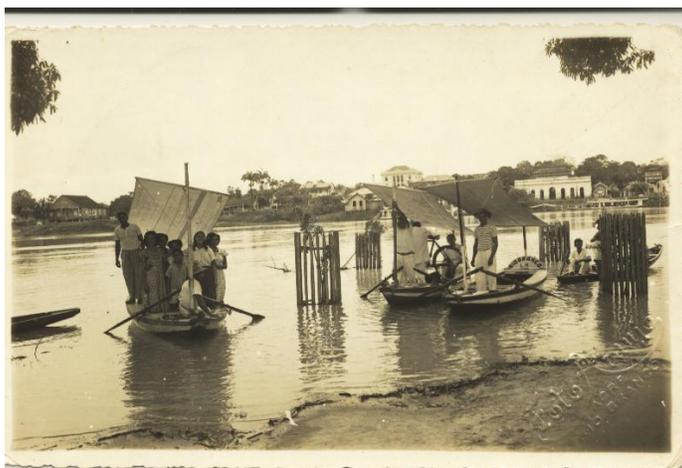
²⁵ GUERRA, op. cit., p. 95.

²⁶ BEZERRA, op. cit., p.31

cavaco.²⁷ As ligações entre os bairros Empreza e Penápolis, se faziam por pequenos barcos, chamados de *catraias*, que funcionavam, e ainda funcionam, apesar das duas pontes que ligam as suas margens hoje, durante todo o dia e parte da noite.²⁸ Na figura, observa-se catraias lotadas conduzidas por *catraieiros* no período de enchente. Essa atividade se torna perigosa durante o inverno amazônico devido aos constantes pedaços de galhos e árvores inteiras (chamados *balseiros*) que o rio arrasta de suas margens, juntamente com o fenômeno de desbarrancamento. Ao fundo, destaca-se o prédio do Mercado Municipal, em Penápolis.

Percebe-se pela sua planta, no mapa anteriormente demonstrado, dois aspectos de uma mesma cidade: enquanto a região do bairro Empreza tinha um traçado irregular, Penápolis possuía um traçado urbano realizado por uma ocupação mais ordenada.²⁹

No início da década de vinte, existiam apenas duas construções inacabadas em



alvenaria: a cadeia pública e um pavilhão do Hospital Augusto Monteiro.³⁰ Segundo a historiadora Maria José Bezerra, até a década de vinte as construções em alvenaria são raras, uma vez que os pioneiros utilizavam a madeira, abundante na região, ao invés de materiais de construção como tijolos, telhas, cimento, que tinham

de ser adquiridos em Manaus e Belém

Catraias no período de cheia – CDIH

e por isso possuíam altos preços.³¹

A partir do governo de Hugo Carneiro (1927-1930), essa tradição, de uma certa maneira, começou a ser modificada, pois, como ele mesmo afirmava:

[...] acabei com o processo rotineiro das construções de madeira, de má aparência e pouca duração, pondo em movimento, subvencionando ou custeando administrativamente, olarias, serrarias e oficinas mecânicas, mantidas para effectivo levantamento de obras permanentes de alvenaria.³²

²⁷ BEZERRA, op. cit., p.31

²⁸ GUERRA, op. cit., p. 102

²⁹ ibidem, p. 81.

³⁰ CARNEIRO, op. cit., p. 68.

³¹ BEZERRA, op. cit., p.31

³² CARNEIRO, op. cit., p. 29.

Empreza (centro comercial de Rio Branco) praticava quase todo comércio no varejo e atacado, sendo este último dirigido, na sua maior parte, para o abastecimento dos seringais,



enquanto o primeiro voltava-se para os habitantes da cidade.³³ Ao lado, vemos a rua principal do centro comercial que margeava o rio, destacando-se embarcações atracadas para o embarque e desembarque de mercadorias ou passageiros.

As casas comerciais pertenciam, principalmente, a sírios, libaneses e portugueses, além de brasileiros. Devido ao

Empreza: centro comercial – CDIH

sistema de aviamento (*aviar*: fornecer mercadoria a alguém, a crédito), essas casas eram abastecidas pelos centros de Manaus e Belém, para onde se escoava a produção de borracha e castanha. Entre elas destacavam-se a Casa Assmar, Casa Araripe, O Ganha Pouco etc.³⁴

No que se refere ao lazer, os moradores de Rio Branco freqüentavam a *praça* aos domingos e feriados, animada ao som da banda de música da Força Policial, havendo também o Hotel Madrid, onde funcionava uma sorveteria e o jogo de bilhar. A igreja estava presente através dos arraiais que aconteciam, principalmente, em dias santificados. As rezas e novenas que se realizavam, geralmente, no mês de maio, eram motivo de comemoração. Havia outros divertimentos como as casas de prostituição, sendo a mais famosa a do italiano Chicarelli, que se localizava no bairro *Seis de Agosto*.³⁵

Quem estava acostumado à paisagem urbana dos grandes centros, com seus prédios e ruas planejadas, estranhava e achava desolador o aspecto de Rio Branco. Isso pode ser sentido no discurso do governador Hugo Carneiro, ao assumir o Território Federal do Acre, indicado pelo governo federal:

No discurso proferido pelo meu antecessor, ao me passar, em 15 de junho de 1927, o exercício do cargo de Governador do Território, uma frase feliz definiu com exatidão precisa o estado do progresso material do Acre.

³³ BEZERRA, op. cit., p.37

³⁴ ibidem, p. 37-38

³⁵ ibidem, p. 43-45

No Acre, dizia o 1º vice-governador, então em exercício, tudo está por fazer: esta casa [referia-se ao palácio do governo], reflecte o lastimável estado em que se encontra todo o Território’.

Dura verdade!³⁶



Posse de Hugo Carneiro – Museu da Borracha

sofriam uma séria crise:

No governo de Hugo Carneiro, a cidade passa por um período de transformação, quando a idéia de progresso é discutida e onde se tenta implantá-la. A princípio, para o governador, a visão da máquina administrativa não era das melhores. As dificuldades do distante Acre se faziam visíveis, uma vez que as instituições públicas

Havia ausência absoluta do material mais elementar, desde a ferramenta, que desaparecera criminosamente, desviada, ou que apenas existira em phantasticas facturas, ao tijolo rudimentar, de cujo fabrico, industrialmente falando, se não cogitara, mandando-se vir pendulariamente das praças de Manáos e Belém, ou ainda a mais simples taboa. Julgada impraticável por sua onerosa manufactura, embora a vizinhança seductora das mais preciosas madeiras de lei, de que as nossas florestas se podem orgulhar e máo grado o thesouro de custosas serrarias pertencentes ao patrimônio da União, aqui abandonadas à corrosiva acção do tempo.³⁷

O estado de crise sentido no Acre se explica pela queda na produção de seu principal produto: a borracha. Isso aconteceu devido à concorrência com os seringais de cultivo do Oriente,³⁸ que ultrapassaram a produção amazônica a partir da década de dez. Sobre este assunto, Antonio Teixeira Guerra cita o *Relatório de 1951 do Banco de Crédito da Amazônia S. A.*, que nos revela:

³⁶ CARNEIRO, op. cit., p. 66.

³⁷ ibidem, p. 68

³⁸ Principalmente os seringais da Malásia.

Desde 1910 a Amazônia compreende e clama em congressos, conferências e planos [...], mas tudo isso serviu apenas para literatura repetida e locupletação burocrática. Enquanto isso, a Planície, 'habitat' da hévea, via anulado o seu secular privilégio de extração e comércio da borracha por diversas regiões estrangeiras, com sementes nossas e práticas suas de crescente aperfeiçoamento de cultura da goma elástica. (p. 41)³⁹

Para explicar melhor esse acontecimento, é importante esclarecermos a forma de ocupação da região. Sua população na época é predominantemente constituída por nordestinos, que adentraram as terras bolivianas em busca da extração de borracha no final do século XIX.⁴⁰ O que era uma simples *droga do sertão* nos séculos XVIII e início do XIX passou a integrar e a configurar a paisagem econômica e social da maior parte da Amazônia.⁴¹ Essa ocupação é descrita por Arthur César Ferreira Reis:

[...] o povoamento da Amazônia não se processou dentro de um planejamento como sucedeu com a colonização do sul onde os estabelecimentos montados para receber os contingentes europeus foram selecionados, os grupos foram localizados sob a garantia e as atenções oficiais. Na Amazônia os nordestinos chegaram para uma empresa que se caracterizava pelo aventureirismo. Eles significam mão-de-obra necessária de colonização visando demográfica e politicamente o futuro.⁴²

Apesar das discordâncias numéricas entre os diversos autores (Ferreira Reis, Celso Furtado, Roberto Santos, C. Wagley etc.) que estudam a questão ocupacional da Amazônia e do Acre no final do século XIX e início do XX, existe um consenso de que houve um grande fluxo migratório para esta região. Entre 1920 e 1940 notou-se uma desaceleração, ocasionada pelo freamento parcial da atividade extrativa da borracha, tendo o acréscimo populacional não indo além de 0,2%.⁴³

A borracha tornou-se um dos principais produtos de geração de riqueza, exercendo uma *fascinação quase mítica sobre milhares de brasileiros ou alienígenas que para cá demandaram*⁴³. Esse período trouxe para a Amazônia uma maior expressão política, cultural e

³⁹ GUERRA, op. cit., p. 188.

⁴⁰ idem.

⁴¹ MARTINELLO, Pedro. Formação e expansão da empresa gumífera e importância da borracha amazônica na segunda guerra mundial. In: SOUZA, Carlos Alberto Alves de. (org.). *15 textos de história da Amazônia*. Rio Branco: UFAC/Pró-Reitoria de Assuntos Comunitários, 1995. p. 139

⁴² REIS apud Martinello, p. 156.

⁴³ MARTINELLO, op. cit., p. 139

sócio-econômica, propiciando novas condições materiais e de vida até então não experimentadas na região.⁴⁴

Mas é na década de vinte que Rio Branco passa a ter uma significativa importância em relação às demais cidades do território acreano. No ano de 1920 é extinta a administração departamental, ou *regimen prefetural*, isto é, no Território do Acre, que antes era dividido em departamentos (Alto Acre, Alto Juruá, Alto Tarauacá e Alto Purus) e administrado cada um por um respectivo prefeito, indicado pelo presidente da República e geralmente proveniente de outros Estados, é instituído um governo centralizado e com uma capital: *Rio Branco*.⁴⁵

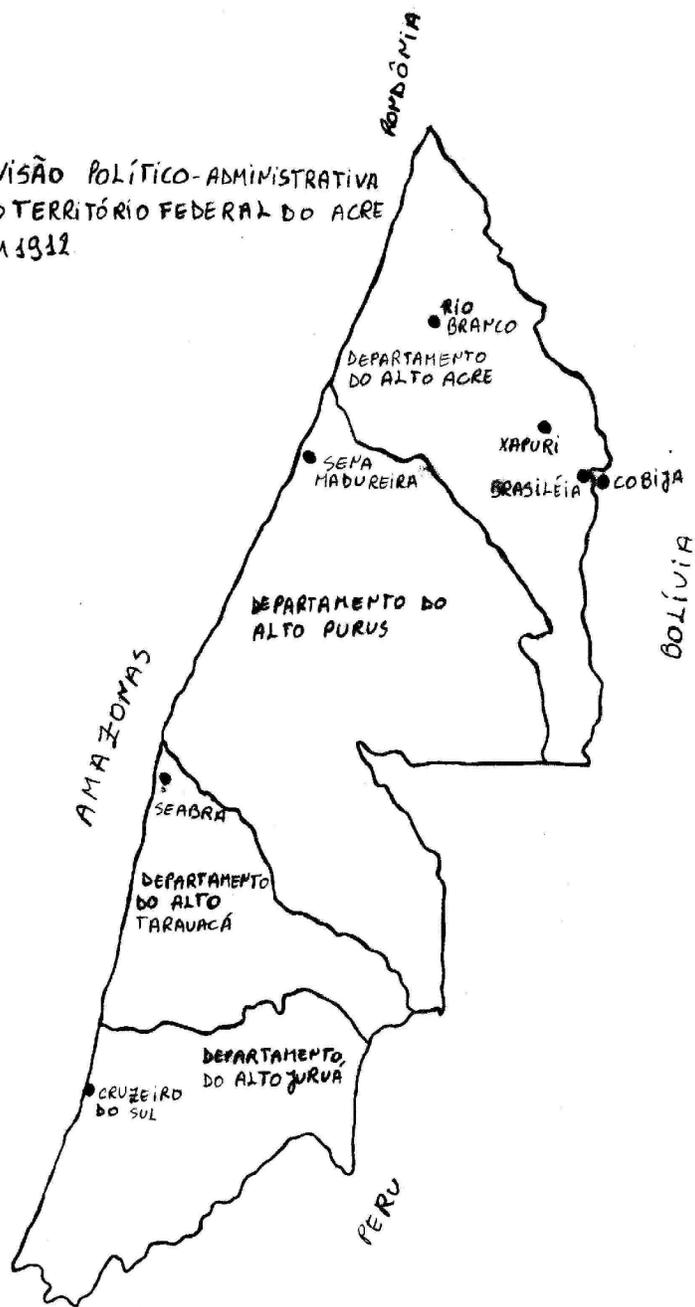
No final da década de vinte, no governo de Hugo Carneiro, a cidade vai adotar novas idéias no que diz respeito à sua forma de organização. As concepções de uma cidade ordenada e higiênica tomam enlevo, modificando o espaço urbano e, em alguns aspectos, o comportamento dos cidadãos. O cinema, dentro desse contexto, está situado como elemento importante na constituição de novos hábitos e costumes, num espaço urbano em constante transformação, reconstruindo novas práticas sociais.

É nesse quadro de mudanças que se insere o cinema em Rio Branco na década de vinte, criando novas maneiras de viver o cotidiano das cidades, propiciando novas relações sociais. Além do hábito de ir a festas e praças, criou-se o hábito de ir ao cinema, no intuito de conhecer coisas novas e emocionantes. O cinema terá uma grande importância no cotidiano da maior parte dos moradores e será uma atração de grande relevância nos momentos de destaque da cidade.

⁴⁴ idem.

⁴⁵ BEZERRA, Maria José. (coord.). *Dossiê – Acervo: Guiomard Santos (Acre) – Elevação do Acre à Estado*. Rio Branco: Gráfica Globo, 1992. p. 35

DIVISÃO POLÍTICO-ADMINISTRATIVA
DO TERRITÓRIO FEDERAL DO ACRE
EM 1912



FONTE: SOUZA, CARLOS A. ALVES DE. HISTÓRIA DO ACRE. RIO BRANCO: PAIM, 1993. 103p.

1.3 O surgimento do Eden-Cinema

O cinema, desde o final do século XIX, fez-se presente não só nos grandes centros do Brasil, mas também no Norte, na Amazônia. Segundo Selda Vale da Costa, o período áureo da extração da borracha (1880-1910) criou os mecanismos necessários para a transformação não só de Manaus, capital do Amazonas, como conseguiu penetrar nos recantos mais remotos do interior da Amazônia brasileira e estrangeira.⁴⁶

A implantação e exploração constante de seringais,⁴⁷ a ida cada vez mais abundante de mão-de-obra nordestina, a intensificação da navegação fluvial, o surgimento de vilas e centros comerciais nas margens dos rios dão uma dimensão do período de expansão da borracha.⁴⁸ Manaus, juntamente com Belém, torna-se o grande centro irradiador dessa região. É nesse cenário que o cinema chega a Manaus, por meio de *empresários ambulantes* brasileiros ou estrangeiros que se deslocavam de cidade em cidade com seus aparelhos e filmes.

Em Manaus, a crise da borracha e a diminuição de sua produção, ao invés de retraindo o ritmo dos divertimentos, parece tê-los estimulados. Tanto a elite como as camadas populares continuaram a freqüentar o cinema, deixando de lado outras formas de lazer como o teatro e a música lírica. O cinema alimentava as ilusões nas salas escuras com documentários, comédias, seriados de aventuras, policiais e filmes históricos.

No Acre, na cidade de Rio Branco, segundo Mauricélia B. A. de Sousa, o cinema chega no início da década de dez, por volta de 1912, através de empresários ambulantes.⁴⁹ Operado por estrangeiros, alugavam salas ou eram contratados por comerciantes para passar suas *vistas animadas* ao ar livre para a população.⁵⁰ Em 1912, chega o *Cinema Elo de Ouro*, da empresa *Oliveira & Irmãos*; em 1913, o *Cinema Olympia* e em 1916 o *Polytheama*.⁵¹

É nesse período, segundo a autora, que se instalam os primeiros salões cinematográficos. Em 1916, é inaugurado o *Ideal Cinema* e, um ano depois, o *Cinema Olympia*.⁵² Mas esses salões tiveram pouca durabilidade, fechando no início da década de

⁴⁶ COSTA, Selda V. da. *Eldorado das ilusões, cinema e sociedade: Manaus (1897/1935)*. 1988. 412f. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. f.51

⁴⁷ *Seringal*: eram geralmente instalados nas margens dos rios nas partes mais altas para se evitar as constantes enchentes. Propriedade do *seringalista* era formada pelo *barracão* (sede do seringal) e pelas várias *colocações de seringa* (local onde mora o *seringueiro*, extrator do látex da seringueira, leite em que se faz a borracha). As colocações são compostas por várias *estradas de seringa*, exploradas pelo seringueiro.

⁴⁸ COSTA, op. cit. f.51

⁴⁹ SOUSA, Mauricélia Barrozo Alves de. et al. *Os primórdios do cinema em Rio Branco: 1912-1930*. 1988. 48f. Monografia (Graduação) – Departamento de História, Universidade Federal do Acre, Rio Branco, f. 12

⁵⁰ idem.

⁵¹ idem.

⁵² idem.

vinte.⁵³ Nessa época, tem-se notícia, apenas, de dois filmes que foram projetados: *Os Quatro Diabos*, da produtora Pathé Frères, e *Herança de Ódio*.⁵⁴

A cidade de Rio Branco, no início da década de vinte, contava com apenas um único cinema em funcionamento, publicando periodicamente sua programação no jornal *Folha do Acre*. O Ideal Cinema, em março de 1920, projetou apenas um filme, *O Rei dos Salteadores*, tendo a perspectiva de ser apresentado ao final daquele mês *As Aventuras de um Jornalista*, em seis partes.⁵⁵ Segundo Mauricélia B. A. de Sousa,⁵⁶ o Ideal Cinema foi a primeira casa exibidora de filmes a instalar-se em Rio Branco, pertencendo aos empresários *Ligeiro & Makiner*. Possuía um salão de exibição e uma sala de espera, onde estavam instalados, respectivamente, quatro e dois ventiladores.⁵⁷

O jornal *Folha do Acre* registra que o público, na década de vinte, estava um pouco afastado das sessões cinematográficas, não só *por falta de novidades*⁵⁸, mas também *pela falta de cortesia que a cada dia, ia se patenteando por parte dos freqüentadores para com as famílias e pessoas de destaque que o freqüentavam*.⁵⁹

Antes de o filme *As Aventuras de um Jornalista* ser exibido, o Ideal Cinema é vendido para a firma *Leonel & Cia.*, constituída por Leonel Vinagre, Alfredo Mendes e Domingos Mirão, denominando-se *Eden-Cinema*.⁶⁰ Não foi possível precisar a quem pertencia o Ideal Cinema, pois o Imposto de Indústria e Profissão cobrado pela Intendência Municipal de Rio Branco revelava o nome de José de Abreu, o responsável pelo *cinematographo*.⁶¹ Mas a escrita de José Maia, ao abordar sobre o cinema, apresenta um outro nome: *eu de mim já não sou o mesmo doutrora que ferrava o somno logo na primeira projecção das velharias que nos deixou o Carlos Norberto*.⁶²

O Eden-Cinema propunha ser um espaço de variados tipos de diversão, não só o filme como fonte de espetáculo, mas também apresentações teatrais, recitais de canto e poesia, reuniões de interesse do público, festas carnavalescas, como fica explícito no artigo de sua apresentação ao público:

Os srs. Leonel & Cia. segundo nos informou um dos sócios pretendem dotar o Eden de toda a sorte de diversões, tendo já entrado em negociações, para a realização de um

⁵³ idem.

⁵⁴ ibidem, f. 14

⁵⁵ NA TELA e nos salões. *Folha do Acre*, Rio Branco, 20 mar. 1920. Col. 3, p.2.

⁵⁶ Souza, op. cit., f. 13

⁵⁷ ibidem, f. 14

⁵⁸ NA TELA e nos salões. *Folha do Acre*, Rio Branco, 03 abr. 1920. Col. 6, p. 2.

⁵⁹ idem.

⁶⁰ idem.

⁶¹ INTENDENCIA Municipal de Rio Branco. *O Futuro*, Rio Branco, 04 abr. 1920. Col. 4 e 5, p. 3.

⁶² MAIA, José. O cinema. *Folha do Acre*, Rio Branco, 22 jul. 1920. Col. 1, p. 3.

contracto que lhes garante a recepção aqui, das mais modernas e importantes produções cinematográficas.⁶³

Constituir o Eden-Cinema como espaço de múltiplas atividades não era uma característica exclusivamente sua. O espaço do Ideal Cinema também era diverso, uma vez que a cidade era carente de lugares para grandes reuniões. O Ideal, como o Eden, foi utilizado para comemorações de datas cívicas, como nos revela um artigo do periódico *A Notícia* sobre os festejos do dia 13 de maio, quando se comemora o fim da escravidão no Brasil:

A' noite, houve no Ideal Cinema espetáculos de gala, com a presença de s. exmo. O Sr. Dr. Prefeito do Departamento, Dezembargadores do Tribunal de Appellação, representantes da Justiça Federal e local, Intendentes de Rio Branco e Xapury, innumeradas famílias e muitas pessoas gradas, além de grande affluencia de povo.⁶⁴

No final do artigo, um dado importante nos chama a atenção: uma *representação* naquele evento, deixando o detalhamento para a *crônica theatral* do jornal. A crônica não foi encontrada, mas esta pequena referência já nos dá margem para perceber que o Ideal também era um espaço de apresentações teatrais e comemorações cívicas, não sendo uma exclusividade do Eden.

No início do século vinte, tornam-se comuns salões cinematográficos adotarem a prática de espetáculos variados, não tendo o sentido que temos hoje.⁶⁵ Reunia várias modalidades de atrações derivadas de formas populares de cultura como o circo, o carnaval, a magia.⁶⁶

As salas de exibição dedicadas exclusivamente à difusão de filmes é um fenômeno mais recente. Durante certo tempo, os filmes foram exibidos como curiosidades ou peças de entreto nos intervalos de apresentações ao vivo [...]. O cinema era então uma das atrações entre as outras tantas oferecidas [...], [mas nem sempre a exclusiva ou a principal].⁶⁷

Constituir o Éden como um espaço de múltiplas atividades era também uma forma de atrair o público, visando o sucesso de um empreendimento. O seu espaço foi utilizado como um local onde as pessoas se encontravam para realizar reuniões de clubes, partidos políticos,

⁶³ KONDE. Na tela e nos salões. *Folha do Acre*, Rio Branco, 3 abr. 1920. Col. 6, p. 2.

⁶⁴ AS FESTAS do dia 13. *A Notícia*, Rio Branco, 19 maio 1918. Col. 2, p. 2.

⁶⁵ MACHADO, Arlindo. *Pré-cinemas & pós-cinemas*. Campinas, SP: Papirus, 1997, p. 78

⁶⁶ idem.

⁶⁷ ibidem, p. 78.

uma vez que a cidade não dispunha de espaços como auditórios, teatros e outros ambientes públicos.

A direção geral do Éden estava sob a responsabilidade de Alfredo Mendes, apreciador das *belas-artes*, dentre elas o teatro, a poesia e a pintura.⁶⁸ Ele sentia a necessidade de instituir na cidade um espaço para desenvolver algumas dessas atividades. Além disso, era comerciante, proprietário da loja *A Moda* e colaborador do jornal *Folha do Acre*,⁶⁹ não sendo por mero acaso que esse periódico desse maior ênfase ao cinema em suas colunas. A parte técnica do salão estava a cargo de *José Ferrante*, o antigo operador do Ideal Cinema e que continuava a manipular a máquina projetora.⁷⁰

Nessa época o Eden situava-se à rua João Luís Alves,⁷¹ n.º 79,⁷² em Empreza (como se pode ver na figura a seguir), atual Eduardo Assmar, 2º Distrito, às margens do rio Acre, em



pleno centro comercial da cidade.

O salão foi construído todo em madeira, como a grande maioria das casas da cidade no início da década de vinte, tendo, posteriormente, adquirido uma fachada em alvenaria, não se podendo precisar quando, mas até hoje possui este aspecto.

Empreza: Rua João Luiz Alves - CDIH

⁶⁸ KONDE. Na tela e nos salões. *Folha do Acre*, Rio Branco, 3 abr. 1920. col. 6, p. 2.

⁶⁹ FOLHA do Acre, Rio Branco, 16 set. 1920. Col. 2, p.3.

⁷⁰ KONDE, Na tela e nos salões. *Folha do Acre*, Rio Branco, 3 abr. 1920. col. 6, p. 2.

⁷¹ INTENDENCIA Municipal de Rio Branco. *Jornal Oficial*, Rio Branco, 15 fev. 1925. p. 3.

⁷² INTENDENCIA Municipal de Rio Branco. *O Acre*, Rio Branco, 23 fev. 1930. col. 1-4, p. 7.

2. NO ÉCRAN DO EDEN-CINEMA

2.1 O longo percurso do filme para a tela

Os caminhos que os filmes percorriam para a tela do Eden eram vários. Quando a firma Leonel & Cia. assumiu sua administração, teve que ir buscar na vizinha cidade de Cobija, na Bolívia as suas fitas.⁷³

Seguiu para Cobija⁷⁴, Bolívia, com o fim de adquirir films que serão focados no écran do Eden, o nosso amigo Sr. Alfredo Mendes, co proprietário d'A Moda e gerente da empresa proprietária do Éden⁷⁵

Nessa época os proprietários alugavam os seus filmes, já que não existiam agências responsáveis pela sua distribuição no Território. Além da Bolívia, as cidades de Belém e Rio de Janeiro também se caracterizavam como um lugar onde se podia adquirir filmes, cujo transporte dava-se por via fluvial em embarcações denominadas *chatas*.⁷⁶

O proprietário do “Eden-Cinema”, Sr. Leonel Vinagre, actualmente em Belém do Pará, acaba de communicar ao seu representante nesta cidade, haver adquirido vários films de grande metragem, alguns dos quaes já se acham em viagem para esta capital. Dentre elles destacam-se os intitulos – Invenção Fatal, em 5 longas partes, e Abandono Desesperado, em 6, que são verdadeiras obras de arte da cinematographia moderna.⁷⁷

A pedidos de todos os habitués do “Eden”, resolveu a empreza levar domingo o film policial – Condemnado da Guyana – em 6 partes e lances arrebatadores, pela primeira vez, por devolve-lo para o Rio.⁷⁸

Devido ao crescente interesse do público em relação aos filmes, o mercado de distribuição instalou-se. Não tarda para que a firma Leonel & Cia. procure entrar nesse negócio, desejo revelado desde o surgimento do Eden-Cinema, como nos dá a entender o artigo de sua criação:

⁷³ KONDE, Na tela e nos salões, *Folha do Acre*, Rio Branco, 10 de abr. de 1920, p.3, col. 1.

⁷⁴ Cidade boliviana que faz fronteira com a cidade acreana de Brasiléia.

⁷⁵ KONDE, Na tela e nos salões, *Folha do Acre*, Rio Branco, 10 de abr. de 1920, p.3, col. 1.

⁷⁶ O CINEMA, *Folha do Acre*, Rio Branco, 9 de dez. de 1920, p. 3, col. 3.

⁷⁷ *Correio do Acre*, Rio Branco, 20 de jan. de 1924, p. 1, col. 6.

⁷⁸ O CINEMA, *Folha do Acre*, Rio Branco, 25 de nov. de 1920, p. 3, col. 6.

Os srs. Leonel & Cia. segundo nos informou um dos socios pretendem (...) [realizar] um contracto que lhes garante a recepção aqui, das mais modernas e importantes producções cinematographicas.⁷⁹

Mas só depois de algum tempo, quando o Éden é transferido para a firma *Moleiro & Esteves*, em 1925, é que Leonel Vinagre abre uma agência distribuidora que mandava buscar filmes em Portugal, via Pernambuco:⁸⁰

Agencia Cinematographica

O Sr. agente Leonel Vinagre, já recebeu de Pernambuco o grande stock de films cinematographicos que estavam esperando. Agora está habilitado a alugar-os mediante contracto, com o respectivo deposito, para as cidades do Territorio Nacional e da visinha Bolivia.⁸¹

O setor de distribuição começa a atrair concorrentes, sendo isso percebido com o surgimento de dois personagens: Carlos Lopes e o coronel Raymundo Vieira de Lima. Em relação ao último, não encontramos muitas informações, apenas uma nota no periódico anunciando que trouxera filmes para Rio Branco.⁸² Quanto ao primeiro, era representante da Empresa *Invicta-Film*, firma da cidade do Porto (Portugal), e fez bons negócios com aluguel de filmes.⁸³

Disse-nos o sr. Lopes que estreará, quinta-feira, 31, com a primeira época do magnífico film portuguez – Os Fidalgos da Casa Mourisca, adaptação cinematographica do festejado romance de Julio Diniz.

Na sexta-feira, 1º de janeiro, será exhibida a 2ª e ultima época deste importante film. No dia 2 será apresentada a alta comedia portugueza – ‘Um Conselheiro Farrista’ em 5 longas partes e no domingo, 3, a fina comedia, tambem portugueza, ‘Quando o Amor Fala.

⁷⁹ KONDE, Na tela e nos salões, *Folha do Acre*, Rio Branco, 03 de abr. de 1920, p. 2, col. 6.

⁸⁰ Agencia Cinematographica, *Folha do Acre*, Rio Branco, 09 de maio de 1926, p.3, col. 1

⁸¹ *FOLHA do Acre*, Rio Branco, 22 de ago. de 1926, p. 4, col. 6.

⁸² EDEN-CINEMA, *Jornal Oficial*, Rio Branco, 24 de jan. de 1926, p.1, col. 3.

⁸³ EDEN-CINEMA, *Jornal Oficial*, Rio Branco, 27 de dez. de 1925, p. 1, col. 4.

2.2 No écran

Os filmes veiculados na tela do Eden-Cinema são os mais diversos. Produzidos em diferentes países (Alemanha, França, Itália, Suécia, Portugal e Estados Unidos) e de diferentes gêneros (faroeste, drama, cômicos, românticos, policiais), mostram que o Eden investe em uma cinematografia variada.

O filme mudo de longa-metragem surge a partir de 1912 e é uma arte de entretenimento de massa.⁸⁴ Os filmes, exibidos nos cinemas e em outras casas de espetáculos, mostram que apenas um número muito pequeno deles eram produzidos e não tinham a esperança de lucro desejado pelos produtores. A exemplo disso, no mercado americano, era produzida uma média de dois filmes ao dia no final das décadas de dez e de vinte.⁸⁵ Isso tornou o cinema uma arte especial entre as outras manifestações artísticas (literatura, pintura, escultura, artes gráficas, música, dança teatro), já que os outros artistas colocavam a sua obra à venda ou a expunham com a esperança de obter lucro ou de não perder o dinheiro empregado.⁸⁶

O filme mudo, por ser um entretenimento de massa com a possibilidade de grandes retornos lucrativos, diferenciava-se das outras artes devido a sua forma de reprodutibilidade. Os filmes veiculados no Eden-Cinema em Rio Branco são exatamente aqueles apresentados em outras partes do mundo. Sobre essa questão, Walter Benjamin nos revela que, na sua essência, toda obra de arte sempre foi reprodutível, o que os homens faziam sempre podia ser imitado por discípulos, mestres ou por terceiros para a difusão de suas obras. É só pensarmos nos estilos que marcaram as obras de arte de alguns períodos na história da humanidade.⁸⁷

A reprodução técnica, na qual se insere o cinema, é um processo novo que liberou a mão das responsabilidades artísticas mais importantes, cabendo agora ao olho.⁸⁸ Há um distanciamento do domínio da tradição, já que o objeto reproduzido, à medida que vem ao encontro do espectador, resulta num abalo dessa tradição, pois a reprodutibilidade técnica se relaciona diretamente com as massas.⁸⁹ A necessidade de as coisas ficarem mais próximas é

⁸⁴ SKLAR, Robert. Os filmes mudos e a vida apaixonada. In: História social de cinema americano. SP: Editora Cultrix, 1978, p. 106.

⁸⁵ *ibidem*, p. 107.

⁸⁶ *idem*.

⁸⁷ BENJAMIN, Walter. A obra de arte na sua reprodutibilidade técnica. In: Obras escolhidas. SP: Brasiliense, 1994, p. 165.

⁸⁸ *ibidem*, p. 167

⁸⁹ *idem*.

uma preocupação das massas modernas, como a superação do caráter único por meio da reprodutibilidade.⁹⁰

Portanto, o cinema, como uma arte liberta da idéia de tradição, torna-se mais acessível, uma vez que a obra está ao alcance do espectador, e é na relação com esse espectador que essa obra tem o seu fim. É pensando nessa acessibilidade que o cinema se torna uma arte vista em várias partes do mundo, nos recantos inimagináveis, desde grandes aglomerados urbanos na Europa, até pequenas cidades localizadas no meio da Amazônia, como em Rio Branco.

Assim, o primeiro filme a ser apresentado no *écran* (que significa *tela*, em francês) do Eden-Cinema foi a reprise da fita dinamarquesa *A Princesa de Spinarosa*, tendo como protagonista Ritta Sachets, *a mulher dos olhos sedutores*.⁹¹ Apesar de o filme já ser conhecido, um grande público compareceu à sua reapresentação e *o salão do Eden, regorgitou de espectadores notando-se entre esses, representantes das mais altas camadas sociais e algumas famílias*.⁹² Para atrair o público que estava um pouco ausente das sessões, houve a distribuição gratuita do *affamados cigarros Therezita*.⁹³

A diversidade de filmes de diferentes nacionalidades, principalmente europeus e norte-americanos, é uma característica dos primeiros anos do cinema. Na década de vinte, houve uma predominância do cinema norte-americano sentida desde 1915, quando começou a prevalecer no mercado nacional com maior força, substituindo a produção européia, enfraquecida nos anos da Primeira Guerra Mundial.⁹⁴

Mas essa mudança não é sentida de forma imediata no cinema em Rio Branco. Os filmes variam muito de procedência, sabendo-se que as principais produtoras do mundo são objeto de espetáculo. Quanto à sua origem, o que mais prevalece é o cinema mudo italiano:

Para a Felicidade, também em 4 magistraes actos, interpretados pela incomparável Bertini, da fabrica “Célio” de Roma.⁹⁵

Phantasma de Medéa – É o grande film que vai no Eden, em estreia, domingo cujas 6 partes maravilhosas, são divinamente interpretadas pela famosa artista italiana Maria Lacticia Celio, ainda desconhecida de nosso publico.

Celio, foi considerada em concurso, em Roma, a mais bella artista da arte silenciosa da Itália.⁹⁶

⁹⁰ *ibidem*, p. 169.

⁹¹ NA TELA e nos salões, *Folha do Acre*, Rio Branco, 03 de abr. de 1920, p. 2, col. 6.

⁹² NA TELA e nos salões, *Folha do Acre*, Rio Branco, 10 de abr. de 1920, p.3, col.1.

⁹³ *idem*.

⁹⁴ VIANY, Alex. Introdução do Cinema Brasileiro. Biblioteca de Divulgação Cultural /Série B – IV, MEC/Instituto Nacional do Livro, RJ: 1959. 487 p.

⁹⁵ *FOLHA do Acre*, Rio Branco, 18 de ago. de 1921, p. 3, col. 1.

⁹⁶ O CINEMA, *Folha do Acre*, Rio Branco, 12 de ago. de 1920, p. 2, col. 4.



Atrizes do cinema italiano – www. Cineneclick. com. br/cinehistoria

Nomes como Francesca Bertini (ao centro), Lyda Borelli (à direita) e Bella Hesperia são conhecidos do público freqüentador do Eden-Cinema. Mesmo sendo muito conhecida do público italiano, Pina Menichelli (à esquerda) não foi percebida na imprensa local. As atrizes protagonizavam dramas vividos por mulheres fatais, lindas, que interpretavam com uma abundância de gestos incontidos de sedução e desespero amoroso:

[...] correndo descontroladas por alamedas enluaradas, arrastando-se languidamente ao longo de corredores infundáveis em castelos desertos e arruinados, atirando-se seminuas ao mar do alto de varandas batidas pelo sol do Mediterrâneo, assassinadas diante de nossos ingênuos olhares por maridos enganados ou por descabelados poetas que por elas haviam abandonado, noiva, mãe, ideal, posição, fortuna. Destinos tremendos, quase sempre ensangüentados, transcorrendo todos eles à sombra da traição, do pecado, da loucura, da paixão, do engodo [...]. Pouco importava, por que o que se buscava, acima de tudo, era um “grande espetáculo”.⁹⁷

Esse era o cinema de espetáculo de gestos e montagens imponentes,⁹⁸ onde as pessoas se deslumbravam com suas imagens. Um dos filmes italianos de grande sucesso apresentado em comemoração à Revolução Acreana foi *A Queda de Tróia* (1912), da produtora *Ítala*, uma tentativa bem sucedida de abordar grandes realizações.⁹⁹ *Para amanhã, 6 de agosto, em homenagem a data, anuncia o Eden o colossal trabalho histórico, grande epopéia cinematographica “A Queda da Troya”.*¹⁰⁰ Mario de Oliveira, advogado em Rio Branco, ao publicar um comentário sobre o cinema revela a importância desses filmes históricos como

⁹⁷ FARIA, Octavio de. A história do cinema: uma pequena introdução. Tecnoprint (Ediouro), 1998. p. 35.

⁹⁸ idem.

⁹⁹ SADOUL, Georges. História do cinema mundial: das origens aos nossos dias. Vol. I, SP: Martins, 1963, p. 93

¹⁰⁰ O CINEMA, *Folha do Acre*, Rio Branco, 05 de ago. de 1920, p. 4, col. 1

sendo uma “...*grande encyclopédia das gerações porvindouras, por isso que é a reivivescência do passado, o comentário do presente e a previsão do futuro...*”¹⁰¹

Dramas mundanos, com ênfase na gesticulação, começam a ter importância na Itália a partir de 1914.¹⁰² Os astros e estrelas dominavam o cinema italiano, ocasionando uma publicidade intensa.¹⁰³ Menos que o roteiro ou que um atrativo sensacional, o que passou a ter uma maior importância foi a presença da *diva*. Segura do seu valor tinha todo um grupo de roteiristas e realizadores que estavam ligados a sua produtora, criando um mundo de delírio e paixão refletido nos roteiros extravagantes e ingênuos.¹⁰⁴



O cinema escandinavo é, também, conhecido do público do Eden:

Um Demônio – Drama da vida real com quadros empolgantes. Interpretação notável de célebres artistas escandinavos.¹⁰⁵

Domingo – Em estreia, vai o famoso drama de ‘Nordisk’ A Bailarina.¹⁰⁶

Apesar das dificuldades de ortografia do jornal Asta Nielsen – SESC/AC Folha do Acre, a *Nordisk*, na década de dez, foi uma grande produtora da Dinamarca, tendo como seu principal expoente a atriz Asta Nielsen, a primeira estrela daquele país a obter fama mundial.¹⁰⁷ Interpretava quase sempre dramas mundanos como adultérios, crimes, perdões, em que a paixão sempre dominava, devastando a sua face trágica, cujos traços eram muito expressivos.¹⁰⁸

Domingo vai – A Morte em Sevilha, grande trabalho de Asta Nielsen em 6 grandes partes.

O rei Afonso XIII de Espanha premiou Asta Nielsen pelo sublime desempenho que dá a este trabalho da vida real do pai de Cervantes.

No último acto vê-se neste filme uma perfeita tourada em Sevilha, puramente realista, com assistência de mais de 200.000 espectadores.

¹⁰¹ OLIVEIRA, Mario. Parecer, *Folha do Acre*, Rio Branco, 17 de jun. de 1920, p.2, col.4.

¹⁰² Sadoul, op. cit., p. 93.

¹⁰³ idem.

¹⁰⁴ idem.

¹⁰⁵ EDEN-CINEMA, *Folha do Acre*, Rio Branco, 18 de abr. de 1926, p. 4, col. 5 e 6.

¹⁰⁶ O CINEMA, *Folha do Acre*, Rio Branco, 05 de ago. de 1920, p. 4, col. 1

¹⁰⁷ Sadoul, op. cit., p. 82-83.

¹⁰⁸ idem.

E' um espetáculo retumbante e arrebatador.¹⁰⁹

Assim, um grande elenco tornou-se conhecido, além de Asta Nielsen, para compor seus dramas, como Valdemar Psilander, Betty Nansen, Lily Beckn entre outros:

Na Revolução Franceza em 6 partes. Dizem-nos ser o melhor trabalho que vindo ao Rio Branco, no qual trabalham dois admiráveis artistas Waldhemar Psillander e Betty Nansen.¹¹⁰

Os enredos desses filmes podiam ser os seguintes:

[...] apaixonados por uma dançarina, de corda bamba, oficiais engalanados batiam-se em duelo, enquanto um milionário amnésio se tornava acrobata; ...os automobilistas esmagavam contra uma árvore a esposa adúltera; o raio fulminava o conde e sua amante no salão do castelo; [...] o conde, após ter seduzido **a filha do faroleiro** (grifo nosso), parecia tragado pelas areias movediças; a jovem baronesa que se tornara mergulhadora conseguia realizar um salto mortal, enquanto o seu velho pai morria de emoção...¹¹¹

Entre os enredos acima, *A Filha do Faroleiro* se destaca com expectativa para a sua estréia no Eden-Cinema, causando grande impressão:

Quinta-feira – Em estreia, o monumental film “A Filha do Pharoleiro”, em 8 partes de grande sucesso.

A convite do sympathico proprietário do Eden, assistimos a experiência desta extensa película, que, pôde (sic!) se dizer, é um dos melhores trabalhos cinemtographicos que têm vindo a esta capital.

Lances commoventes, scenas arrebatadoras e estupendas, quadros soberbos onde o mar apparece em sua furia louca, eis pallidamente o que é “A Filha do Pharoleiro”.

Quinta-feira podemos afiançar, o Eden será pequeno para conter a numerosa concurrencia que a elle affluirá para assistir a estréa desse artístico drama.¹¹²

O mundo dos filmes escandinavos era povoado por ociosos, criados e acrobatas e estava sempre ameaçado por catástrofes, fornecendo dois elementos indispensáveis: a *Vamp* e

¹⁰⁹ O CINEMA, *Folha do Acre*, Rio Branco, 02 de dez. de 1920, p. 3, col. 6.

¹¹⁰ O CINEMA, *Folha do Acre*, Rio Branco, 01 de jul. de 1920, p. 2, col. 4.

¹¹¹ Sadoul, op. cit. p. 83

¹¹² EDEN-CINEMA, *Correio do Acre*, Rio Branco, 15 de jun. de 1924, p. 4, col. 6.

o *Beijo*.¹¹³ A Vamp é a *mulher fatal* (grifo do autor), bela e perversa, tirânica e adorada. Descendia do romantismo na melhor e pior literatura, na qual os italianos a haviam levado à tela em 1908. Mas foram os dinamarqueses que a tornaram uma figura tipicamente cinematográfica. Os beijos causavam escândalos na Europa, sendo lascivos, ousados e chocantes. Quanto ao final feliz, não é, portanto, uma especialidade do cinema nórdico, preferindo o final trágico envolvido por pessimismo negro com muitos cadáveres.

O cinema alemão deixou suas marcas ao longo da década de vinte, como podemos notar nas publicações da imprensa local:

Para a semana vai a monumental pagina da vida real: “Uma de Tantas”, drama allemão em 3 partes longas, commovente odysseá de uma dama da alta aristocracia allemã, que seduzida, é obrigada a resvalar á desgraça e a miseria, voltando á virtude e grandeza, pela sua nobreza de alma e sentimentos.¹¹⁴

Quinta-feira, 24, do andante, foi focada na tela do Eden a soberba pellicula – Viva o Rei – em 5 actos, de constantes emoções, desenvolvendo um episódio

Para breve:

Caprichos de um Billionario – Grandiosa super-produção allemã em 8 actos, da Lutz Film, tendo no principal papel a famosa “estrela” Lya Mara.¹¹⁵

Nomes, como Pola Negri e Conrad Veidt, são referência deste cinema. O cinema alemão forneceu filmes como *Safo*, tendo Ernest Lubitsch como seu idealizador e manejador de figurações,¹¹⁶ foi apresentado no final da década de vinte no *Popular-Cinema* em Rio Branco (nome que foi dado posteriormente ao Eden-Cinema). Nos primeiros anos o cinema alemão se aproxima muito do italiano: *as grandes encenações chamaram a Alemanha à sucessão de uma Itália decadente*.¹¹⁷ Posteriormente, adotaram o estilo da pequena história para explicar as guerras e as revoluções, através da sexualidade e os segredos de alcova.¹¹⁸

O cinema americano repercutiu no *écran* do Eden:

A Sombra da mentira – Drama genero far west, em 6 actos, tendo como interprete a linda atriz americana Emmy Weley.¹¹⁹

¹¹³ Sadoul, op. cit., p. 84

¹¹⁴ O CINEMA, *Folha do Acre*, Rio Branco, 19 de ago. de 1920, p. 2, col. 4.

¹¹⁵ EDEN-CINEMA, *Folha do Acre*, Rio Branco, 18 de abr. de 1926, p. 4, col. 5 e 6.

¹¹⁶ Sadoul, op. cit., p. 142-143.

¹¹⁷ ibidem, p. 143.

¹¹⁸ idem.

¹¹⁹ EDEN-CINEMA, *Folha do Acre*, Rio Branco, 18 de abr. de 1926, p. 4, col. 5 e 6.

Não te Recordas? – Produção americana em 6 actos. Interprete principal a artista Emily Steves.¹²⁰

Em relação ao cinema americano mudo, destaca-se o diretor *D. W. Griffith*, que teve



um dos seus filmes apresentado. A imprensa local não fez comentários de maior significação, apenas uma pequena nota: *Leva hoje á tela o soberbo trabalho Enock Arden, film americano de grande sucesso em estréia.*¹²¹

Griffith é um dos mais importantes diretores do cinema americano mudo e contribuiu para o seu progresso técnico. O filme acima foi um dos que realizou no início de sua carreira, na produtora *Biograph*.¹²² *Enock Arden*, baseado no poema de Tennyson, trouxe alguns progressos técnicos para o fazer cinematográfico,

D.W. Griffith – SESC/AC

como o *plano americano*. Esse plano consistia em aproximar

a câmara para dar maior ênfase nos filmes dramáticos e *intimistas*, necessário para observar os protagonistas de perto, isolando uma face transtornada pela dor ou tornando visível uma mão contorcida pelo nervosismo.¹²³ O filme consistia no seguinte:

Um marido arruinado financeiramente (Enock Arden) deixa a esposa (Annie Lee) e os dois filhos e vai tentar arrumar a vida em outro continente. Durante a viagem, porém, seu navio naufraga e ele é o único sobrevivente que consegue alcançar uma ilha deserta. A partir do naufrágio, o filme passa a jogar com as alternâncias dos espaços respectivos da mulher (que fica na praia esperando pela volta de Arden) e do marido (que fica preso na ilha por vários anos) [...]. No final, Arden consegue safar-se da ilha, ser salvo por um navio e retornar à terra natal na esperança de reencontrar a mulher. Annie Lee, porém, convencida de que o marido já estaria morto, deixa-se cativar por um novo pretendente (Philip Ray) e acaba se casando com ele. Nos últimos planos do filme, quando o náufrago finalmente reencontra a mulher, ele a vê pela janela, embalando o novo filho (cujo pai agora é Ray) e percebe que tudo está então perdido. A mulher nem chega a notar sua presença.¹²⁴

Esse filme, segundo Arlindo Machado, pode-se dizer que foi produzido para ser *lido* na face dos atores. Essa proximidade faz o espectador partilhar os dramas mais íntimos dos

¹²⁰ *idem*.

¹²¹ O CINEMA, *Folha do Acre*, Rio Branco, 05 de ago. de 1920, p. 4, col. 1.

¹²² FARIA, Octavio de. A história do cinema: uma pequena introdução. Tecnoprint (Ediouro), 1998, p.56.

¹²³ MACHADO, Arlindo. Pré-cinemas e pós-cinemas. Campinas, SP: Papirus, 1997, p. 110-111.

¹²⁴ *ibidem*, p. 143.

personagens (rir, chorar), como se a tela tivesse uma densidade *humana*.¹²⁵ A proximidade da câmera junto aos objetos e aos atores, caracteriza de forma mais profunda os estados emocionais que a cena deseja revelar. Assim, o espectador pode sentir de forma mais emotiva, compartilhando a cena e sentido com mais profundidade a trama.¹²⁶

No que diz respeito ao cinema francês, este é visto, principalmente, através da produtora *Pathé Frères*, exibindo filmes coloridos:

Amanhã em estréia se focalizará – Na Hellag – film colorido, da fabrica Pathé.¹²⁷

A Revoltada – Film da Pathé, de New York, interpretado por artistas de fama francezes.¹²⁸

Esse cinema possui semelhanças, nos seus primórdios, com alguns elementos do cinema italiano: influências literárias, dramaticidade teatral, além da abundância de letreiros e a predominância dos atores de teatro a brilharem na tela.¹²⁹ A maior parte dos filmes franceses identificados foi produzido pela *Pathé Frères*, pioneira na cinematografia francesa. Após 1915, a firma de Charles Pathé encontrava-se em plena dificuldade financeira e, no fim da Primeira Guerra Mundial, começa a liquidar suas sociedades de produção, distribuição, fábricas etc.¹³⁰ Isso permitiu observar que os filmes da Pathé, veiculados no Eden, são produções bem anteriores à década de vinte.

Entre 1903 e 1909, a Pathé Frères transformou o empreendimento cinematográfico em indústria. O negócio iniciado no rastro das feiras continuava vitoriosamente em cinco continentes. Em 1908, a metragem da película vendida nos Estados Unidos ultrapassava em muito a venda total de todos os grandes produtores locais.¹³¹

Em 1907, Charles Pathé passou a alugar películas ao invés de vendê-las, concedendo a exclusividade de explorar seus filmes a cinco grandes monopólios que dividiam entre si a França, a Bélgica, a Holanda e a África do Norte em cinco regiões. Os monopólios controlavam os circuitos de salas que ele começara a inaugurar, ainda pouco desenvolvida, pois o cinema fixo apenas estava em seu embrião. Assim, eles se tornaram distribuidores, que alugavam os seus espetáculos no momento da representação.¹³²

¹²⁵ ibidem, p. 111.

¹²⁶ idem.

¹²⁷ NA TELA e nos salões, *Folha do Acre*, Rio Branco, 24 de abr. de 1920, p. 3, col. 3.

¹²⁸ EDEN-CINEMA, *Folha do Acre*, Rio Branco, 18 de abr. de 1926, p. 4, col. 5 e 6.

¹²⁹ Faria, op. cit., p. 44.

¹³⁰ Sadoul, op. cit., p. 156.

¹³¹ idem.

¹³² idem.

O mercado cinematográfico se constituiu em três ramos: a produção de filmes (indústria), a distribuição ou aluguel (comércio por atacado) e a exibição (dirigida ao público, sendo um comércio varejista). A Pathé Frères detinha o êxito na produção, controlava o comércio varejista e atacadista e integrava a fabricação dos aparelhos e das matérias-primas. Em seis anos nasceu um truste que se estendia por quase todo o planeta.¹³³

Um filme francês, apresentado na tela do Eden, que pertencia à *S. C. A. G. L.* (Sociedade Cinematográfica de Autores e Homens de Letras), dirigida pela Pathé, colocava no mercado uma produção por semana.¹³⁴ *Brevemente: Os Miseráveis.*¹³⁵ Em 1912, o diretor Albert Capellani dirigiu *Os Miseráveis*, dividido em nove partes, medindo mais de cinco mil metros, que correspondia a cinco horas de projeção e custando cerca de duzentos mil francos.¹³⁶ Desde 1912, a Pathé nunca deixou de explorar as versões do romance de Victor Hugo, sendo os seus episódios projetados separadamente ou reunidos.¹³⁷

Um aspecto que se destaca na produção cinematográfica nessa época é a cor nos filmes. É possível filmes coloridos em plena era do cinema mudo. Desde o final do século XIX, as tentativas de se colorir películas foram uma constante. Utilizavam-se dois métodos – o *manual* ou o *mecânico* –, podendo os exibidores optar pelas versões coloridas, mais cara, ou preto-e-branco. Algumas produtoras contavam com ateliês próprios para coloração, com centenas de empregados.¹³⁸ Em Rio Branco, o Eden-Cinema apresentou alguns filmes coloridos:

No próximo domingo leva o Eden, em estreia, o gran-sucesso histórico, colorido – Athalaia – em 2 partes grandes.¹³⁹

Para domingo está anunciado o formoso drama histórico – Sansão e Dalila – colorido, em longas partes.¹⁴⁰

O gênero dos filmes é uma peça importante na sua veiculação. *Gênero* é um termo apropriado, proveniente dos estudos literários e empregado para descrever o modo como grupos de convenções narrativas (trama, personagens, locais ou cenário) se organizam em tipos reconhecíveis de entretenimento narrativo (faroeste, musicais, terror etc.), sendo esses

¹³³ idem.

¹³⁴ ibidem, p. 75.

¹³⁵ *Folha do Acre*, Rio Branco, 17 de out. de 1926, p. 1, col. 1.

¹³⁶ ibidem, p. 76.

¹³⁷ idem.

¹³⁸ TOULET, Emmanuelle. O cinema, invenção do século. s/l Objetivas, 1988, (Descobertas), p. 44.

¹³⁹ O CINEMA, *Folha do Acre*, Rio Branco, 02 de set. de 1920, p. 2, col. 6.

¹⁴⁰ NO MUNDO do silêncio, *Folha do Acre*, Rio Branco, 27 de jul. de 1921, p. 3, col. 4.

conjuntos de cenas muito utilizados pelo público e pelos cineastas.¹⁴¹ A definição do gênero revela o seu dinamismo, como mudam, modulam e redefinem a si próprios continuamente. O gênero surge como produto de uma tripla negociação entre o público, cineasta e produtores, levantando uma questão do cinema enquanto mercadoria: um produto comercializável, vendido ao público, entre outras coisas, por meio de seu gênero.¹⁴² Os filmes apresentados no Eden-Cinema variam muito quanto ao gênero, desde drama, policial, aventura, guerra, comédia ou cômico e até o filme natural, o nosso moderno documentário.

Condemnado da ‘Guyana’ o mais admirável trabalho policial, em 6 partes, da fabrica ‘Águila Film’, será apresentado no principio de novembro, no Éden.¹⁴³

Na semana passada exhibiu se ali o grande film Entre as Fileiras Inimigas, episodio da grande guerra européa, quando da invasão austríaca á pobre, mas heróica Servia.

Foram três noitadas esplendidas para a empreza do ‘Eden’ e para o nosso publico, ávido que estava por falta de film do grande conflito.¹⁴⁴

Hontem correram fitas – Pathé Journal (natural).¹⁴⁵

Vejamos um pouco o filme natural. *Vistas* ou *assuntos naturais* eram filmes que não tinham enredo, ou seja, não contavam uma determinada história.¹⁴⁶ Depois, esses filmes passaram a ser denominados de *atualidades*, a chamada *cavação*, que o cinegrafista podia realizar sob encomenda, captando cerimônias políticas, exposições, inaugurações e outros eventos.¹⁴⁷ As câmeras iam atrás do acontecimento como as competições esportivas, os desfiles, os conflitos internacionais. Mas ao registrar a saída das salas ou as feiras, este cinema podia ser um espelho do cotidiano familiar.¹⁴⁸

Havia dois tipos de atualidades: as *autênticas* e as *trucadas*.¹⁴⁹ As primeiras são filmagens no local do evento com cenas deste, enquanto as segundas são reconstituições feitas ao ar livre ou em estúdios utilizando até atores. A idéia é se aproximar ao máximo do

¹⁴¹ TURNER, Graeme. Cinema como prático social. SP: Summus, 1997, p. 45

¹⁴² ibidem, p. 46.

¹⁴³ O CINEMA, *Folha do Acre*, Rio Branco, 28 de out. de 1920, p. 3, col. 2 e 3.

¹⁴⁴ O CINEMA, *Folha do Acre*, Rio Branco, 01 de jul. de 1920, p. 2, col. 4.

¹⁴⁵ EDEN-CINEMA, *Jornal Oficial*, Rio Branco, 27 de dez. de 1925, p. 1, col. 4

¹⁴⁶ MACIEL, Laura Antunes. A nação por um fio: caminhos, práticas e imagens da “Comissão Rondon”. SP: EDUC, 1998, p. 249

¹⁴⁷ idem.

¹⁴⁸ Toulet, op. cit., p. 100

¹⁴⁹ idem

acontecimento.¹⁵⁰ Os filmes de atualidades foram os precursores das reportagens cinematográficas e dos cine-jornais.¹⁵¹

Entre os filmes apresentados no Eden não podemos deixar de citar o cinema brasileiro. Estava representado por quatro filmes, sendo dois deles naturais (*A Conquista da Guiana Brasileira* e *Através do Gram-Pará*) e o terceiro abordava o carnaval: *Hoje – Os Quatro Diabos em 4 partes e Carnaval no Rio*.¹⁵² O quarto filme brasileiro, *No Paiz das Amazonas*, teve o seu anúncio prejudicado pela má conservação da fonte:

Hoje! No Eden-Cinema Hoje!

_____ cidade risonha, film da serie monumental do “no paiz das amazonas”. 138
exibições _____ Belém e Manáos – No Rio [de Janeiro] teve a assistido o actual
presidente da Republica, que não poupou elogios ao _____ G. Araújo & Comp. Ltda. –
Hoje no Eden. Entrada 5\$000 – Sucesso! Sucesso!¹⁵³

Esse filme possui grande importância no cenário amazônico, sendo uma das grandes obras de *Silvino Santos*, seu idealizador. Desde 1917, devido à queda da produção da borracha, principal produto de exportação da região amazônica, o Estado do Amazonas descobriu no cinema um mecanismo eficaz de propaganda para atrair capitais.¹⁵⁴ O governo, então, passa a incentivar filmagens e a montagem da primeira produtora cinematográfica amazonense, a *Amazônia Cine-Film*. É nessa empresa que Silvino firma sua técnica e arte com a realização de doze *atualidades*, registrando acontecimentos sociais, políticos e esportivos. Mas é na *J. G. Araújo e Comp.* que Silvino filmou as suas principais obras: *No Paiz das Amazonas*, *No Rastro do Eldorado*, *Terra Encantada* e *Miss Portugal*, entre outros.¹⁵⁵

No Paiz das Amazonas, é o primeiro documentário de longa-metragem filmado totalmente no Amazonas, sendo o mais expressivo documento visual da Amazônia nos anos vinte. Suas filmagens datam de 1920 a 1922 e registraram Manaus, Maués, Manacapuru, rio Madeira, rio Purus no Amazonas, Rondônia e Roraima. A visão deslumbrante da região é muito evidenciada num momento de crise da borracha. Seu objetivo é ser um veículo de

¹⁵⁰ ibidem, p. 101

¹⁵¹ idem.

¹⁵² EDEN-CINEMA, *Folha do Acre*, Rio Branco, 07 de fev. de 1926, p. 1, col. 4.

¹⁵³ HOJE!, *Folha do Acre*, Rio Branco, 31 de jan. de 1927, p. 1.

¹⁵⁴ COSTA, Selda V. da. *Eldorado das ilusões, cinema e sociedade: Manaus (1897/1935)*. 1988. Tese – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, f. 149.

¹⁵⁵ ibidem, f. 150-155.

propaganda das potencialidades econômicas da região no Sul do país, por ocasião da Exposição do Centenário de Independência, no Rio de Janeiro.¹⁵⁶

Esse filme viajou pela maior parte do Brasil e pelo estrangeiro (Portugal, França) durante toda a década de vinte. Num momento de euforia nacionalista, em decorrência das comemorações do Centenário e da Semana de Arte Moderna, o filme foi visto pela imprensa como um *orgulho nacional* (grifo da autora). Enquanto o Amazonas se preocupava em mostrar as potencialidades econômicas e culturais da região, no intuito de estimular o interesse financeiro dos empresários sulistas e estrangeiros, a crítica do Sul, por outro lado, passou a destacar os aspectos que evidenciavam a tentativa de identificar a região como o paraíso perdido, fonte das raízes nacionais, em que o homem, antes selvagem e preguiçoso, transformara-se no heróico *valente do norte* (grifo da autora).

2.3 A influência do teatro no cinema

A divisão do filme em partes ou em *actos*, com intervalos entre uma parte e outra, como alguns anúncios de jornais deixam transparecer, ainda é uma herança do teatro:¹⁵⁷ *O Eden faz hoje a estréia do famoso drama allemão, de intenso realismo, em 3 actos muito longos, Uma de Tantas que vem precedido de grande fama.*¹⁵⁸

Durante muito tempo, *o cinema foi considerado pelos grandes homens de teatro como arte menor, teatro rebaixado.*¹⁵⁹ No cinema mudo a teatralidade é privilegiada e nos seus primórdios a própria cena lembra um palco onde se desenvolve toda a ação.¹⁶⁰

Isso pode ser observado nos filmes de Georges Méliès, que introduziu no cinema a fórmula *teatral* espetacular: argumento, atores, trajes, maquiagem, cenografia, maquinaria, divisão em cenas ou atos. Dirigia o Teatro Robert Houdin, apresentando shows de ilusionismo, sendo ele próprio um prestidigitador.¹⁶¹ Seus primeiros filmes imitam os de Lumière ou copiam os de Edison. Seu brilhantismo é revelado quando aborda a *trucagem*¹⁶² e constrói um estúdio em 1897. Empregava sempre um truque para surpreender, constituindo sempre um fim, não um meio de expressão.¹⁶³

¹⁵⁶ idem

¹⁵⁷ TOULET, Emmanuelle. op. cit., p.114.

¹⁵⁸ O CINEMA, *Folha do Acre*, Rio Branco, 26 de ago. de 1920, p. 3, col. 5.

¹⁵⁹ BETTON, Gérard. Estética do cinema. SP: Martins Fontes, 1987, p. 108.

¹⁶⁰ idem.

¹⁶¹ Artista que, pela ligeireza das mãos, faz deslocar ou desaparecer objetos.

¹⁶² truque de substituição de imagens com a parada da câmera.

¹⁶³ Sadoul, op. cit., p. 29.

Méliès funda a *Star Film*, que permitiu a utilização de todos os recursos do teatro e sua maquinaria. Ele destaca o palco como ponto fundamental, totalmente filmado, em que a câmera permanece imóvel como o espectador do teatro. Até o fim de sua carreira continua sempre fiel à estética do *teatro filmado*. Seu estilo introduziu no cinema o mundo do fantástico, do poético, do imaginoso.

Além de a própria cena lembrar o teatro, nos seus primeiros anos, o cinema tem como pontos presentes a filmagem de peças ou *sketches* teatrais ou de romances famosos.¹⁶⁴ Isso pode ser visto no Eden-Cinema e, posteriormente, no Popular-Cinema no final da década de vinte, filmes baseados em romances e óperas:

Hoje

O Popular Cinema focalizará: O Filho do Capitão Grant, romance de Julio Verne, em cinco partes.¹⁶⁵

Hoje! No Eden-Cinema os 3 Mosqueteiros em 6 partes.¹⁶⁶

No Mundo do Silencio

A Bohemia, drama extrahido da celebra opera do mesmo nome, da auctoria de Musset, terá a sua estreia domingo no Eden.

Dizem-nos maravilhas desse film, que é dividido em 4 partes e que certamente chamará ao nosso cinema grande numero de espectadores.¹⁶⁷

Não só a forma do cenário ou os temas em questão, mas a própria apresentação desses filmes lembra o teatro. O comentário do colunista Demosthenes sobre uma sessão de cinema no Eden revela a existência de intervalos entre uma parte e outra, típica de peças teatrais longas: *Corria o magnífico film, que tanto agradou, quando há intervalo de minutos.*¹⁶⁸ Nesses intervalos as pessoas, conversavam, riam, cantavam ou acordavam de um bom sono:

O Zezé do Quinze [bairro da cidade de Rio Branco], canta alacremenete, a Victoria do feminismo. O Antonio Godim ri-se e, delicadamente catuca o Mendes Filho.

- Espia o dr. Raulindo dormitando! Será a soberba fita, que o faz dormir assim!

- Qual fita, retruca o Mendes, sisudo, é o piston do Jaime Plácido.¹⁶⁹

¹⁶⁴ FARIA, Octavio de. A história do cinema: uma pequena introdução. Editora Tecnoprint (Ediouro). 1998, p. 18.

¹⁶⁵ HOJE, *Folha do Acre*, Rio Branco, 31 de out. de 1929, p.4, col. 2.

¹⁶⁶ HOJE, *Folha do Acre*, Rio Branco, 27 de mar. de 1927, p. 1, col. 6.

¹⁶⁷ NO MUNDO do silencio, *Folha do Acre*, Rio Branco, 04 de ago. de 1921, p. 2, col. 6.

¹⁶⁸ DEMOSTHENES, Eden-Cinema, *Jornal Official*, Rio Branco, 20 de dez. de 1920, p. 2, col. 5.

¹⁶⁹ idem.

Durante as projeções dos filmes mudos era admitido que o público fizesse comentários sobre a ação que se desenrolava na tela. Apesar de causar aborrecimentos, essa prática tinha um sentido de comunidade, uma vez que era proferida, às vezes, a pessoas estranhas.¹⁷⁰ Nos cinemas de cidades pequenas esses comentários eram muito mais fáceis de ser realizados, pois a probabilidade de as pessoas se conhecerem era muito maior. Com o cinema falado há uma mudança nos hábitos, pois as pessoas que faziam observações em voz alta eram silenciadas por outras no meio do público, uma vez que não queriam perder nada do diálogo. *O público falante dos filmes mudos transformou-se num público mudo dos filmes falados.*¹⁷¹ Sendo o cinema mudo, surge o letreiro nos filmes, fundamental para compreensão de algumas histórias.¹⁷² Portanto, o cinema nos seus primórdios cresceu à sombra do teatro, sendo amparado por ele intelectual e materialmente.

Apesar da “invenção” da imagem, ainda é em pleno domínio da palavra que estamos nesses anos de teatro filmado, de romance ilustrado e, raramente, de filmes reais, legitimamente cinematográficos.¹⁷³

2.4 Em relação ao cinema

Na imprensa local os filmes, de uma maneira geral, têm uma boa receptividade e são muito bem recomendados por anúncios de jornais:

O “Phantasma de Medéa” é drama trágico, com vista deliciosas.

Recomendamo-lo aos intellectuaes de Rio Branco e ás exmas. familias por ser um trabalho puramente moralista e de profundos ensinamentos para o Bem.¹⁷⁴

“Uma de Tantas”, é um trabalho que deve ser visto por todas as exmas. familias, porque encerra uma pagina de bons ensinamentos e todas as scenas são lindas e commoventes.¹⁷⁵

Por meio de pesquisa em jornais, observa-se que em alguns anúncios se recomendava o cinema como uma escola, funcionando como mais uma forma de apelo ao público:

¹⁷⁰ Sklar, Robert, op. cit., p. 181.

¹⁷¹ idem.

¹⁷² Faria, op. cit., p. 17.

¹⁷³ idem.

¹⁷⁴ O CINEMA, *Folha do Acre*, Rio Branco, 12 de ago. de 1920, p. 2, col. 4.

¹⁷⁵ O CINEMA, *Folha do Acre*, Rio Branco, 26 de ago. de 1920, p. 3, col. 5.

*Freqüente o cinema como uma escola. Aprenda-se divertindo. O Eden, agora, tem fitas, lindas, lindíssimas!*¹⁷⁶

Certos filmes marcam as pessoas de uma forma mais profunda, como fica explícito no comentário de *Danillo*, colaborador do jornal *Folha do Acre*, sobre o filme italiano *Ivonne*. Ressalta o personagem de *Francesca Bertini*, uma duquesa, destacando os sentimentos amorosos transmitidos por ela no filme:

Admiravel e majestozo como a maxima estrela da scena muda interpreta o sentir amorozo dos simples, na creada, e o amôr cheio de rodeios, dos grandes, na duquezinha toda maneiroza e gentil! Admiravel!

Se eu não soubesse que a duquezinha da Ivonne era Bertini, como esta, Ivonne o é, eu teria me apaixonado por ella [...] ¹⁷⁷

Outros preferiam abordar as suas impressões sobre o cinema em forma de versos, como Alfredo Gomes Ferreira, secretário do município. Ele aborda alguns momentos importantes dos filmes como as emoções que as atrizes transmitiam, sendo um dos motivos de sua atração e constantes idas às sessões:

Ver a Bertini, – a tragica divina,
 Em lances de patheti emoção;
 E Asta Nielsen, a ironica ferina,
 Vivendo a Dôr, com arte e com paixão;

 Sentir, co'a Duze, a sua immensa magua;
 Com Betty Nansen – todo o sofrimento
 Ao ver seus lindos olhos rasos d'agua
 Nos papeis que ella incarna com talento;

 Equivale a attestar ser o Cinema,
 Do Bello, do Sublime, a pura essencia...

¹⁷⁶ HOJE, *Folha do Acre*, Rio Branco, 27 de mar. de 1927, p. 1, col. 4.

¹⁷⁷ DANILLO, O meu comentário, *Folha do Acre*, Rio Branco, 04 de nov. de 1920, p. 2, col. 3 e 4.

Julgo , portanto, ter vencido o thema;

E, comprovando a minha sympathia,

Has de ter visto a acerrinha frequencia

Com que eu me explico na bilheteria....¹⁷⁸

A constante freqüência das pessoas ao cinema, segundo Terezinha Queiroz, gerou um aumento substancial de despesas como mais uma nova opção de divertimento. Além de um lazer, em alguns casos, torna-se um vício entre crianças e adultos:

Além dos preços altos dos bens necessários à manutenção da família, os gastos exagerados no lazer teriam acentuado o desequilíbrio no orçamento, com crianças e adultos viciados na freqüência ao novo sedutor.¹⁷⁹

Essa idéia de vício é percebida, também, na escrita de José Maia: *Hoje estou quase travestido no velho Zé Augusto que assentiu o Fogo Sagrado vinte e duas vezes!!!*¹⁸⁰ A constante freqüência aos salões gerava uma preocupação devido a sua influência no público. Esse aspecto já era discutido nos jornais da época, ressaltando-o como mecanismo de corrupção ou de virtude, como destaca Amanajós Araújo, advogado em Rio Branco:

O cinema em geral póde ser uma escola de perversão ou de virtude; tudo depende da fita exhibida, opinaria qualquer Accacio desses que, á tarde, costumam doutrinar sobre política e sobre amor nos bancos d'A Brasileira ou nas mezas do Hotel Madrid.¹⁸¹

Para Juvenal Antunes, promotor público, o cinema era o lugar onde as pessoas se transferiam para um mundo diferente e emotivo, em que os sentimentos afloravam:

¹⁷⁸ FERREIRA, Alfredo Gomes. O cinema, *Folha do Acre*, Rio Branco, 26 de ago. de 1920, p. 3, col. 5.

¹⁷⁹ QUEIROZ, Terezinha de J. M. História, literatura, sociabilidades. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1998, p. 49.

¹⁸⁰ MAIA, José. O cinema, *Folha do Acre*, Rio Branco, , 22 de jul. de 1920, p. 3, col. 1.

¹⁸¹ ARAÚJO, Amanajós. O cinema, *Folha do Acre*, Rio Branco, 20 de maio de 1920, p. 2, col. 5.

É transportar-se a gente a um mundo cheio de impressões, ora sensibilizando o coração dos fortes, ora alegrando a alma delicada e triste dos fracos, isso no meio de um silêncio suave e encantador.¹⁸²

Segundo Hugo Munsterberg,¹⁸³ o principal objetivo do cinema deve ser o de retratar as emoções. Os personagens são sujeitos de experiências emocionais (alegria, dor, medo, amor, ódio etc.), conferindo ao filme significados e valores. Basta um rosto para dar sinais de sentimentos, daí a importância do *close-up*. Para ele, no que diz respeito às emoções do espectador, há dois grupos: o primeiro é aquele cujas emoções que nos comunicam são praticadas pelos sentimentos das pessoas que estão no filme, e o segundo é aquele em que as emoções fluem das cenas do filme que suscitam dentro de nós e que podem ser diversas. No primeiro aspecto, imitamos as emoções exibidas, tornando a ação do filme mais nítida e afetiva, ou seja, simpatizamos com quem sofre, tornando a nossa própria dor. Já no segundo, as emoções com as quais a platéia reage às cenas do filme do ponto de vista da sua vida afetiva independente, ou seja, num filme, um canalha perverso, por exemplo, está longe de ser imitado, causando-nos indignação. O entusiasmo, a desaprovação ou a indignação do espectador são por vezes descarregados nas luzes, nas sombras e na composição da paisagem.¹⁸⁴

Essas emoções podem ser sentidas na escrita de José Maia, acreditando que o cinema possui uma grande amplitude, sendo capaz de tocar profundamente as pessoas, tendo a capacidade de nos fazer praticar ações em virtude de sua mensagem:

[...] nos desopila, empolga, alegre, anima, vibra, assusta, meche e remeche todas as fibras do nosso organismo. É uma bella escola para o heroismo de vez em quando, impressionando cada um conforme os seus sentimentos.

A corrente nervosa centripeta recebida por estas impressões ou sensações representa-se em imagens diversas que excitando os elementos cerebraes fazem delles nascer representações capazes de levar o individuo ao stoicismo e heroismo mais completo.¹⁸⁵

¹⁸² ANTUNES, Juvenal. O cinema, *Folha do Acre*, Rio Branco, 13 de maio de 1920, p. 3, col. 1.

¹⁸³ MUNSTERBERG, Hugo. As emoções. In: XAVIER, Ismail. A experiência do cinema. RJ: Embrafilme, 1983. p. 46-54.

¹⁸⁴ *ibidem*, p. 52.

¹⁸⁵ MAIA, José. O cinema, *Folha do Acre*, Rio Branco, 22 de jul. de 1920, p. 3, col. 1.

A força sugestiva das imagens animadas capaz de influenciar o público já era percebida como um perigo e uma ameaça por médicos higienistas e educadores.¹⁸⁶ Ao mesmo tempo, o alcance social do cinema e o seu potencial educativo como elemento vulgarizador de conhecimentos e suas múltiplas aplicações já começavam a ser objeto de interesse por parte de organismos que viam nas telas a possibilidade de educar, de forma agradável, um grande número de pessoas.¹⁸⁷ Uma das primeiras iniciativas foi a utilização do cinema no ensino e na pesquisa científica do Museu Nacional, no Rio de Janeiro, que em 1910 inaugurou a sua filmoteca, enriquecida em 1912, com os primeiros filmes dos índios Nhambiquaras, que Roquette Pinto produziu em Rondônia, e filmes da Comissão Rondon.¹⁸⁸

Desde os seus primórdios, a sugestividade das imagens animadas já era discutida. Com o cinerama,¹⁸⁹ o que mais chama a atenção é a sua capacidade de aparentemente reproduzir com o máximo de precisão possível a experiência com o mundo lá fora.¹⁹⁰ Um passeio de montanha-russa apresenta a percepção com tanta ênfase que alguns espectadores se sentiam mal, criando uma sensação de velocidade, não parecendo que as pessoas estão numa sala projetora, ou seja, o próprio corpo assimila aquele momento como o que está acontecendo.¹⁹¹

Essa dissolução de fronteiras entre o que é percebido e o mundo lá fora faz parte da experiência do cinema. Turner nos chama atenção para Metz, que ressalta o surgimento da representação aparecendo como percepção, como ficou expresso no cinerama.¹⁹² Para o espectador, dois desejos se mesclam: o de que o filme termine, para poder conhecê-lo, e o de que continue, oferecendo seus objetos de desejo.¹⁹³ O espectador gosta quando há uma relação de harmonia e de simpatia entre suas próprias idéias e aquilo que o autor expressa. Para cada filme, existem várias interpretações de acordo com cada espectador. Depois do término de uma projeção, o que acontece? Isso vai depender do filme, dos desejos, dos sonhos do espectador e de sua idade.¹⁹⁴

¹⁸⁶ MACIEL, Laura Antunes. A nação por um fio: práticas e imagens da “comissão Rondon”. SP:EDUC, 1998, p. 252.

¹⁸⁷ *idem*.

¹⁸⁸ *idem*.

¹⁸⁹ processo cinematográfico que utiliza a justaposição de três imagens simultâneas provenientes de três projetores em isocronia.

¹⁹⁰ TURNER, Gaeme. Cinema como prática social. SP: Summus, 1997. p. 111.

¹⁹¹ *idem*.

¹⁹² *ibidem*, p. 112.

¹⁹³ *ibidem*, p. 113.

¹⁹⁴ Betton, *op. cit.*, p. 104.

Nesse contexto, é importante destacar que há na imprensa da Rio Branco da década de vinte aqueles que consideram o cinema como uma ameaça. A comentarista Laura do jornal *A Capital*, critica os novos padrões educacionais femininos da época:

[...] é realmente tempo de se acabar com o abuso da educação superficial do piano, que hoje fere os ouvidos do transeunte em quasi todas as casas. E' tempo de ensinarmos as nossas filhas o valor dos minutos que voam e do trabalho que nobilita, é tempo de lhes fazer compreender que a verdadeira missão da mulher não é no baile, no teatro, no cinema, no "foot-ball", mas no lar domestico.¹⁹⁵

Há quem discorde do ponto de vista de Laura. Para Severa, colaboradora do periódico,

a mulher que sabe entrar num salão de baile e falar francez, executar Mozart, Litz, Carlos Gomes ou Beethoven, não é uma condemnada a infelicidade conjugal e antes dispõe de mais e melhores recursos para fazel-o alegre e venturoso.¹⁹⁶ [Já quanto ao] baile, o teatro, o cinema, o foot-ball são escolas do bem e do mal, conforme nos queiramos conduzir.¹⁹⁷

Para ela é possível encontrar na sociedade de Rio Branco *senhoras e senhoritas finamente educadas, que falam e lêem magnificamente francez, tocam piano, freqüentam reuniões, brilham na sociedade, destacam-se pela sua encantadora causerie e trabalham e são excellentes donas de casa*:

Desde muito cedo, o cinema foi compreendido e interpretado dentro de dois tipos de visões básicas, porém, não as únicas: na primeira, ele é visto como algo ligado à novidade, ao refinamento, ao moderno; na segunda, é tido como elemento de perversão e de rebeldia, que pode ser pernicioso aos *bons costumes*, sempre freqüentado por todo tipo de gente.

Desde o seu surgimento, o espetáculo de luz e sombra cativou seus freqüentadores, havendo, portanto, uma significativa mudança nos hábitos. O cinema é uma diversão que vai se instalar e modificar a forma de fazer apresentações, lançando mão de uma técnica profundamente mecânica, fascinando o público, arrastando multidões às salas exibidoras ou aos espaços ao ar livre.

¹⁹⁵ LAURA. A tyrannia da phrase, *A Capital*, Rio Branco, 11 de set. de 1921, p. 2, col. 1, 2 e 3.

¹⁹⁶ idem.

¹⁹⁷ SEVERA. As sutilezas femininas, *A Capital*, Rio Branco, 11 de set. de 1921, p. 2, col. 1, 2 e 3.

2.5 As sessões

As sessões cinematográficas do Éden aconteciam em vários dias da semana. Anúncios nos jornais locais faziam lembrar as suas agradáveis horas de lazer: *Essa interessante casa de diversões continua a proporcionar ao nosso publico deliciosas horas de prazer com os seus bellissimos films.*¹⁹⁸

As estréias aconteciam aos domingos, com *matinéés* à tarde, dedicadas à *petizada* (criança),¹⁹⁹ e as *sessões populares* ocorriam nas terças, quintas e sábados. O ingresso era vendido a Rs 1\$000 (mil réis), fazendo com que as pessoas de menor poder econômico pudessem ter mais facilidade de ir ao cinema em virtude dos preços baixos. As sessões populares chegavam a abrigar um grande número de espectadores.

No proximo domingo leva o Eden em estreia, o gran-sucesso historico, colorido – Athalaia – em 2 partes grandes.²⁰⁰

O nosso Eden é o assumpto do dia. As sessões das terças, quintas e sabbados, que a empreza Leonel & Mendes resolveu, em bôa hora, offerecer sempre a 1\$000 o ingresso, teem despertado enthusiastico interesse.

As enchentes succedem-se.

Ainda na ultima terça-feira o salão do Eden comportava mais de 150 espectadores.²⁰¹

Nessas sessões, várias pessoas de diferentes grupos sociais se faziam presentes, desde famílias “tradicionais” até as anônimas, que os jornais da época não revelavam as suas origens, referindo-se, apenas, como *algumas famílias*.

Vimos no Eden, na última exibição de “Matombra” as distintas familias Guilhermino Bastos, Miguel Fecury, Julio Maia, senhorita Elisa Karam, dr. João Moraes e Mattos, coronel Honorio Alves²⁰² e algumas familias²⁰³

Algumas sessões, às vezes, eram suspensas para reparos nas máquinas ou em decorrência de alguma programação especial que acontecia na cidade:

¹⁹⁸ O CINEMA, *Folha do Acre*, Rio Branco, 23 de dez. de 1920, p. 3, col. 3.

¹⁹⁹ KONDE. Na tela e nos salões, *Folha do Acre*, Rio Branco, 20 de maio de 1920, p. 2, c. 5.

²⁰⁰ O CINEMA, *Folha do Acre*, Rio Branco, 02 de set. de 1920, p. 2, col. 6.

²⁰¹ O CINEMA, *Folha do Acre*, Rio Branco, 21 de out. de 1920, p. 3, col. 5.

²⁰² O CINEMA, *Folha do Acre*, Rio Branco, 05 de ago. de 1920, p. 4, col. 1

²⁰³ KONDE. Na tela e nos salões, *Folha do Acre*, Rio Branco, 10 de abr. de 1920, p. 3, col. 1.

Eden-Cinema

Este salão cinematographico de propriedade da firma Moleiro & Esteves, suspendem o seu funcionamento por alguns dias, necessarios ao concerto dos seus machinismos.²⁰⁴

Por motivo da grandiosa soirrée que se realizará sabbado, 15, na L. A. S. T.; em justa homenagem ao comandante Olavo Machado e exma. Familia, resolveu a empreza “Eden”, não dár a costumada sessão popular nessa noite, realizando-a amanhã, sexta-feira.²⁰⁵

Mas havia sessões especiais. Às vezes, por causa de algumas datas comemorativas, comuns nas manifestações cívicas, o Eden-Cinema preparava sessões mais caprichadas, com acompanhamento musical nas projeções.

Apezar da chuva que deabou sobre a cidade no dia 5 de outubro, esteve o Eden repleto na sessão d’aquella noite levada a effeito em honra à Proclamação da Republica Portugueza.

A Banda Regional, que abrilhantou o festival, executou o entusiastico hymno “A Portugueza” e a marcha patriotica portugueza “A’s Armas”.²⁰⁶

Em algumas ocasiões, o acompanhamento musical servia para atrair o público e animar o ambiente. Nesses momentos, a banda de música da Força Policial Territorial do Acre ou alguma outra contratada, como os *Voluntários da Lyra* – não se sabe se essa banda tinha alguma relação com a escola de música da capital *Lyra Castro* –, faziam-se presentes nessas sessões:

Hoje, domingo, será exhibido pela segunda vez o mesmo film, a pedido.

A’s quintas e domingos abrilhantara as sessões do Eden, a banda de musica da Força Policial.²⁰⁷

O Eden oferece hoje uma empolgante sessão elegante, com o brilhantismo da orchestra – Voluntarios da Lyra – exibindo em estreia o portentoso film sob o título – Tudo se arranja – em longos actos.²⁰⁸

O acompanhamento musical em fitas cinematográficas mudas é uma característica presente desde os primórdios do cinema. Nas primeiras sessões do *Grand Café*, em Paris, ao apresentar o cinematógrafo, os irmãos Lumière já usavam um piano, que acompanhava a

²⁰⁴ EDEN-CINEMA, *Folha do Acre*, Rio Branco, 09 de out. de 1927, p. 4, col. 6.

²⁰⁵ EDEN-CINEMA, *Folha do Acre*, Rio Branco, 13 de out. de 1921, p. 3, col. 5.

²⁰⁶ O CINEMA, *Folha do Acre*, Rio Branco, 14 de out. de 1920, p. 3, col. 6.

²⁰⁷ EDEN-CINEMA, *Correio do Acre*, Rio Branco, 20 de jun. de 1924, p.2, col. 2.

²⁰⁸ NO MUNDO do silencio, *Folha do Acre*, Rio Branco, 27 de jul. de 1921, p. 3, col. 4.

projeção no intuito de encobrir o barulho do aparelho e realçar os efeitos dos filmes.²⁰⁹ A música tem uma considerável atribuição psicológica no cinema: dá ao espectador a duração efetivamente vivida e *de libertá-lo do terrível peso do silêncio*, além de ter uma função estética e psicológica de altíssimo grau, criando uma atmosfera que exalta a emotividade.²¹⁰

As primeiras orquestras de cinema tocam do lado de fora para chamar a clientela. No Eden-Cinema não foi registrado esse acontecimento em sessões cinematográficas, mas em apresentações teatrais em Rio Branco (ver no item o Teatro no Eden). Esse acompanhamento musical dependia também do nível da sala e não era uma constante nos espetáculos cinematográficos.²¹¹

Algumas dessas sessões realizadas no Eden-Cinema eram utilizadas para homenagear as autoridades, principalmente o governador:

O Cinema

Esteve deveras importante a sessão cinematographica que a empreza deste centro de diversões levou a effeito, domingo, p. passado, em homenagem ao exmo. Sr. Dr. Cunha Vasconcellos e exma. Família, cujas prezenças honraram nesse dia, o salão do Eden.

S. exc^a. o dr. Cunha Vasconcellos sahiu agradavelmente impressionado, bem como todos os presentes, pela belleza do film – ‘Phantasma de Medéa’ – que foi exhibido naquella noite.²¹²

Um film nacional no Eden

A “Fundação Annuario da Amazonia”, que é uma instituição de publicidade, propaganda, turismo e educação, incorporada em Belém do Pará por elementos brasileiros, realisou no dia 14 do corrente, a sua apresentação á sociedade e ao publico acreano, com a exhibição do film natural ‘Através do Gram-Pará’ ou ‘A Conquista da Guyana Brasileira’.

A noitada da Fundação foi dedicada a s. exc^a. o sr. dr. Hugo Carneiro, sendo, do seu producto destinada uma percentagem a favor da Santa Casa de Misericordia desta capital.²¹³

Como podemos verificar acima, o Eden promoveu sessões beneficentes no intuito de ajudar instituições como escolas e hospitais. Essas sessões foram sugeridas pelo advogado José Maia, com o intuito de ajudar o hospital *Augusto Monteiro*. Ele aproveitou para fazer uma crítica às acomodações do cinema, revelando o seu relativo desconforto:

²⁰⁹ Toulet, op. cit., p. 50.

²¹⁰ Betton op. cit., p. 47.

²¹¹ ibidem, p. 51.

²¹² O CINEMA, *Folha do Acre*, Rio Branco, 02 de set. de 1920, p. 2, col. 6.

²¹³ UM FILM nacional no Eden, *Folha do Acre*, Rio Branco, 17 de fev. de 1929, p. 6, col. 3.

Eden-Cinema

Em Benefício da Caixa Escola

A pedido do sr. dr. Director da instrucção publica, a empresa Moleiro & Esteves, na sexta-feira, 30 deste mez, às 9 horas da noite realizará uma sessão cinematográfica em beneficio da caixa escolar do grupo escolar “7 de Setembro”. Será focalizado o importante film *Via Crucis*.

A caixa escolar é uma instituição benemerita que tem por principal fim, facilitar a frequencia, fornecendo livros, etc., aos alumnos reconhecidamente pobres.²¹⁴

Para serem completos os louros da Victoria dos srs. Leonel & Mendes, manda a sua generosidade que dêem uma vez por mez uma sessão em beneficio do nosso esquecido hospital e, quanto antes, mudem aquelles bancos duros por umas cadeirinhas macias.²¹⁵

As sessões cinematográficas traziam novos costumes a serem discutidos, novos astros e estrelas a serem falados, novos agitados pontos de (des) encontros, como nos revela uma queixa de um encontro mal-sucedido no Eden:

O Meu Comentario

Senhorita X

Estou sentido. Disse-me que não faltaria á premiere de Ivonne e faltou. Estou sentido e zangado. Não se manga assim de quem passou no Eden momentos, primeiro ancia, depois de aborrecimento, por que a minha amiguinha não appareceu.

Não é que tivesse dezejos de ver os seus divinos olhos, por que esse matam a quem os olha; não é porque ... sei lá o que dizer...

Mas queria que o seu cérebro inteligente e o seu coração suavissimo julgasse da encantadora e sempre delirante Bertini, no seu trabalho delicadissimo e cariciozo na duquezinha, e brutal, amorozo e patético na creada Ivonne.²¹⁶

No item *No écran*, já discorrido, um dado chamou a atenção nas sessões cinematográficas: na primeira sessão do Eden-Cinema, houve a distribuição gratuita dos cigarros Therezita, ou seja, durante as sessões era permitido fumar, mesmo com a casa cheia. Isso foi motivo de uma intervenção por parte da *Intendência Municipal*, em que o próprio Intendente pedia para que os frequentadores do cinema não fumassem durante as apresentações no intuito de disciplinar e higienizar o seu espaço:

²¹⁴ EDEN-CINEMA, *Folha do Acre*, Rio Branco, 27 de set. de 1927, p.5, col. 2.

²¹⁵ MAIA, José. O cinema, *Folha do Acre*, Rio Branco, 22 de jul. de 1920, p. 3, col. 1.

²¹⁶ DANILLO. O meu comentário, *Folha do Acre*, Rio Branco, 04 de nov. de 1920, p. 2, col. 3 e 4.

Intendência Municipal de Rio Branco
Administração do Exmo. Sr. Dr. José Eduardo Freire de Carvalho Junior

Resolução n.º 42

O Dr. José Eduardo Freire de Carvalho
Junior no exercício pleno do cargo de
Intendente Municipal de Rio Branco, etc.,

Atendendo a que o fumar nos theatros constitue um atentado aos preceitos elementares de higiene;

Atendendo a que hoje em todas as cidades civilisadas este habito está estigmatisado nos logares onde há reunião;

Atendendo, além disso, a que nas representações cinematographicas o fumo que se desprende do cigarro, do charuto ou de qualquer outra procedencia perturba a vista dos espectadores precisamente no momento em que a scena se fixa e se projecta no pano de projecção;

Resolve:

Fazer um apello á fina educação dos frequentadores do ‘Eden-Cinema’ e lhes pedir que se abstenham de fumar no salão das projecções.

Gabinete do Intendente Municipal de Rio Branco, 23 de junho de 1920

(A.) Dr. José Eduardo Freire de Carvalho Junior, Intendente

(B.)

Publicada nesta Secretaria aos 23 dias do mez de junho de 1920 (a.) José Lopes de Aguiar, Secretario²¹⁷

Assim, podemos reconstruir as sessões cinematográficas. O poema de Mario de Oliveira, advogado, publicado na imprensa local, revela como ele as representa.²¹⁸ O poeta capta um momento bem marcante: o salão escuro, tendo ao centro a tela, atraindo a atenção dos espectadores, e a platéia. Após o término do espetáculo, destaca alguns personagens típicos do fim de uma sessão:

Instantâneo

Casa ás escuras. Lá na branca téla

²¹⁷ INTENDENCIA Municipal de Rio Branco, *O Futuro*, Rio Branco, 27 de jun. de 1920, p. 3, col. 4.

²¹⁸ OLIVEIRA, Mario de. O cinema, *Folha do Acre*, Rio Branco, 17 de jun. de 1920, p. 2, col. 5.

Se projecta, de luz, um foco albente,
 Para onde a fitar se fica a gente
 Calada e quieta e embasbacada pela

Scena, que surge á vista, de repente: –
 Há guerrase naufragios... Sentinella
 Adiante é Amôr... Ao longe branca vela
 Se ensuma dos galernos á corrente...

Faz-se luz, afinal. Diverso o aspecto
 É da assistencia. – Aqui gordo e rotundo
 Burguez dorme tranquilo e satisfeito...

Ali, sentimental dama, profundo
 Suspiro arranca do intimo do peito...
 Alem um jovem faz se alheia ao mundo...

Mario de Oliveira
 Junho-1920²¹⁹

2.6 Cinema: sensualidade e moda

Algumas propagandas de filmes demonstram a sensualidade das atrizes que protagonizam certas histórias. Isso nos é revelado em anúncios como o da *Princesa de Spinarosa*, que chama a atenção para a atriz Ritta Sachets, a *mulher de olhos seductores*.²²⁰ Esse aspecto também é ressaltado em sonetos, aqui já destacados, por Alfredo Gomes Ferreira:

Ver a Bertini, - a trágica divina,
 Em lances de patheti emoção;
 E Asta Nielsen, a irônica ferina,
 Vivendo a Dor, com arte e paixão.²²¹

O comentário de Juvenal Antunes sobre o cinema e um anúncio também revela o aspecto sensual de certas atrizes:

²¹⁹ idem.

²²⁰ NA TELA e nos salões, *Folha do Acre*, Rio Branco, 03 de abr. de 1920, p. 2, col. 6

²²¹ FERREIRA, Alfredo Gomes. *Folha do Acre*, Rio Branco, 26 de ago. de 1920, p. 3, c. 5.

No cinema ao menos, a gente divisa a pinta das faceiras, a maganice das lindas empoadas e tem a illusão de lobrigar sempre uma ou outra variante de cette femme diabolique; dangereuse et fatal, qui est le “femme noir, lê vase de tristesses” la ninphe tenébreusse et chande...²²²

Diana é irresistível pela arte, seductora pela graça em – Quando o Amôr Refloresce. Além do imponente e magistral trabalho desta artista nesse film, tudo de “Quando o Amôr Refloresce”, encanta e seduz.²²³

Um outro ponto que os filmes trazem é a sua vinculação com a moda.

A sociedade vinda do século XIX é, no começo do século XX, ainda muito encoberta, as roupas são muito abundantes e não permitem exposição significativa do corpo. Na linguagem do cinema mudo, o vestuário deveria, pois, acentuar as formas, e nesse momento as partes mais evidenciadas eram o pescoço e colo.²²⁴

As atrizes do cinema mudo evidenciavam outras partes do corpo como pontos eróticos: as pernas, os joelhos e os pés. É nessa relação com o corpo que as roupas funcionam como elementos que acentuam as formas e revelam pontos estrategicamente erotizados.²²⁵ *As belíssimas atrizes usavam vestuários justamente adequados a favorecer a exibição de seus dotes plásticos, que eram considerados maravilhosos.*²²⁶

Isso é notado em anúncios de filmes que vinculavam o cinema com a moda usada pelas estrelas, funcionando como um apelo para que o público freqüentasse as sessões. No filme *Quando o Amor Refloresce* isso pode ser observado:

A celebre artista do Theatro Imperial de Moscow – Diana Karene – que pela primeira vez visita a nossa tela, vai ter a consagração, bem merecida, de Rio Branco. Neste trabalho, muito fino e moderníssimo apresenta-nos Karene as melhores modas da actualidade para as senhoras em variados e riquissimas toillets.²²⁷

Para Terezinha Queiroz, a moda no início do século XX²²⁸ é basicamente imitada da européia e as atrizes de cinema funcionam como elementos de transferência de padrões

²²² O CINEMA, *Folha do Acre*, Rio Branco, 20 de maio de 1920, p. 2, col. 5.

²²³ O CINEMA, *Folha do Acre*, Rio Branco, 14 de out. de 1920, p.3, col. 6.

²²⁴ Queiroz, op. cit., p. 198.

²²⁵ idem.

²²⁶ idem.

²²⁷ O CINEMA, *Folha do Acre*, Rio Branco, 14 de out. de 1920, p.3, col. 6.

²²⁸ Queiroz, op. cit., p. 43

culturais. Mas é necessário ressaltar que essa transferência não funciona de forma mecânica. É importante destacar que algumas pessoas resistiram, devido ao conservadorismo, à adoção de novos padrões culturais e modísticos demonstrados pelo cinema. Com essa concepção, Laura, comentarista do jornal *A Capital*, publica um artigo atacando a moda, uma vez que era necessário desenvolver nas mulheres *a nobre emulação de serem mais alguma coisa do que figurinos da moda, livremol-as da phrase, do desejo de brilhar na sociedade*.²²⁹

Mas havia aqueles que discordavam do posicionamento de Laura. Severa, colaboradora do jornal *A Capital*, em resposta ao artigo de Laura, argumenta que:

[...] não tem razão Laura quando se revolta contra a educação moderna. O condenável é o excesso. Tão deplorável é uma mulher exageradamente preocupada dos mundanismos, como aquella que delles se alheia por completo.²³⁰

O cinema, além de ser uma diversão, teve uma grande influência no público com suas imagens. A moda, sempre mutável, é ponto de referência daquilo que é chique e moderno. Estar na moda é estar em destaque, e o cinema, por trazer imagens, vai funcionar como fonte de inspiração desses novos padrões a serem ou não seguidos. Vestir-se conforme as atrizes é uma tentativa de se aproximar, também, dos hábitos europeus.

²²⁹ LAURA, A tyrannia da phrase. *A Capital*, Rio Branco, 11 de set. de 1921, p. 2, col. 1, 2 e 3.

²³⁰ SEVERA, As sutilezas femininas. *A Capital*, Rio Branco, 11 de set. de 1921, p. 2, col. 1, 2 e 3.

3. EDEN-CINEMA: ESPAÇO MÚLTIPLO

3.1 Eden-Cinema

As novidades que iam tomando força na cidade seduziam ou não as pessoas, fazendo do cinema um espaço privilegiado de encontro com a novidade.²³¹ Desde o final do século XIX e início do século XX, a idéia de progresso já estava a pleno vapor. Por volta de 1850, a França vai exportar o modelo de cidade moderna. Essa experiência relativa à capital francesa vai ultrapassar suas fronteiras e se tornar conhecida em várias partes do mundo. O espaço que toma enlevo na cidade é o do encontro, uma vez que a idéia é realizar uma vitrine da modernização. O prefeito Haussmann privilegiava os locais públicos, em que as necessidades locais são constatadas pelas “autoridades públicas” (grifo do autor). O poder municipal era amparado pela lei com autonomia de desapropriar, limpar terrenos, além de abrir ruas.²³² Nesse contexto, várias cidades foram influenciadas por essa concepção.

A crescente necessidade de enfrentar os problemas sociológicos, técnicos, organizacionais e políticos da urbanização foram um dos caminhos que floresceram os movimentos modernistas. Diante de uma reação à crise da organização, toda uma prática de tendência modernista foi moldada. As qualidades no modernismo variavam ao longo das cidades, alcançando uma trajetória particular pelas capitais do mundo, cada qual vibrando como um campo cultural de um gênero particular. O caminho geográfico de Paris a Berlim, Viena, Londres, Moscou, Chicago e Nova Iorque podia ser revertido ou reduzido a depender do tipo de prática modernista que se tivesse em mente.²³³

As cidades foram os palcos dos tempos modernos, elaborando projetos e convivendo com as inúmeras novidades que poderiam oferecer. A sociedade moderna industrial é fundamentalmente urbana e está em constante movimento. A cidade moderna é fragmentada, uma vez que a idéia de aperfeiçoá-la, reconstruí-la, é uma constante. Nessa perspectiva, dois personagens se destacam: o novo e o velho.²³⁴

Mas os caminhos que levam ao moderno não estão estritamente vinculados à industrialização. A modernidade tem ligações com a modernização, alargando os desejos

²³¹ REZENDE, Antonio Paulo. (Des) encantos modernos: histórias da cidade do Recife na década de vinte. Recife: FUNDARPE, 1997. p. 21.

²³² RONCAYOLO, Marcel. Mutações do espaço urbano: a nova estrutura da Paris haussmanniana. Projeto História: espaço e cultura, EDUC, São Paulo, n. 18, p. 92-93, maio 1999.

²³³ HARVEY, David. Modernidade e modernismo. In: Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. SP: Loyola, p. 35.

²³⁴ Rezende, 1997, passim.

progressistas, já que é a idéia de progresso que seduz as pessoas.²³⁵ No Brasil essas idéias podem ser percebidas em várias cidades como Rio de Janeiro, São Paulo e Recife. Suas histórias estão marcadas pela tensão entre o tradicional e o moderno:

O Recife foi daquelas cidades que “continuam ao longo dos anos e das mutações a dar forma aos desejos”. Vivenciou suas alucinações modernistas, não só nos modismos urbanos, mas nos sonhos de alguns moradores em refazer o seu cotidiano político, alimentados por clamores de rebeldia da modernidade que seduziu e encantou os inconformados.²³⁶

É dentro desse contexto de transformação que Rio Branco pode ser



Mercado Municipal – Rel. Hugo Carneiro

mercado Municipal, que se destacava por cumprir as normas de higiene (ser em alvenaria, possuir lajotas em suas paredes, banheiros etc.). O antigo quartel, todo em madeira, é demolido e em seu lugar construído uma ampla fortificação em alvenaria. O fluxo de pessoas na rua Epaminondas Jácomes, que margea o rio Acre em Penápolis, já anunciava os ares de centro movimentado, principalmente devido à instalação da agência do Banco do Brasil, que passou a viabilizar os negócios locais, além de dar uma melhor estrutura ao governo no que se refere ao pagamento de salários dos funcionários e recebimento de verbas federais. Essas transformações também atingiram os hábitos de higiene das pessoas e das instituições.

Assim, o cinema em Rio Branco não foi deixado de lado. Passou por mudanças, ampliando e modernizando o seu espaço, além de ser alvo de fiscalização da Diretoria de Higiene. O Édén, ao longo da década de vinte, foi um lugar de encontros, onde as pessoas se divertiam constantemente, como destacam os jornais da época:

²³⁵ *ibidem*, p. 25.

²³⁶ *idem*.



Na tela e nos salões

O “Eden-Cinema” continua a proporcionar ao público noites agradabilíssimas.²³⁷

O cinema amplia os horários noturnos,²³⁸ tornando-se referência, movimentando o centro comercial da cidade, trazendo mais assuntos a serem discutidos. Era **Rua**

Epaminondas Jácomes-Rel. H.C. mais um ponto de encontro, um ambiente, uma opção de lazer, havendo até quem dissesse que era tudo:

[...] o cinema attrae, distrae, illustra e diverte sempre, pois si não houvesse, das 8 às 10 da noite, antes de abrir-se o Club do Vavá, uma sessãozinha no Eden, era fatal: eu, senão outros, liquidava em bispo, morando na Igreja do Pratygy!²³⁹

Aqui em Rio Branco, o Cinema era quase nada: agora sob a gerencia do endiabrado Alfredo Mendes, é quase tudo...

Salvo melhor juizo.²⁴⁰

O ato de ir ao cinema é um evento e tem papel fundamental como integrador social, uma vez que os prazeres da noite não se esgotam com a experiência de assistir a um filme. No mais das vezes se trata de uma atividade em grupo, sendo pouco provável as pessoas irem sozinhas.²⁴¹ Mesmo aqueles filmes de que as pessoas não gostam muito, dão uma sensação de liberdade e distanciamento do mundo. Essa idéia é percebida devido ao sentimento de separação com o mundo lá fora, realçado quando se sai da sala escura de projeção.²⁴² Na sala, as pessoas fazem parte de um grupo, mas estão separadas umas das outras, pois elas não são muito visíveis; sentadas em poltronas, sente-se a necessidade de se concentrar no filme; a própria estrutura física da sala indica o desejo do público de consumir sons e imagens projetadas à sua frente²⁴³

²³⁷ NA TELA e nos salões, *Folha do Acre*, Rio Branco, 15 de jun. de 1922, p.3, col. 4.

²³⁸ Rezende, op. cit., p. 78.

²³⁹ O CINEMA, *Folha do Acre*, Rio Branco, 20 de maio de 1920, p. 2, col. 5.

²⁴⁰ ANTUNES, Juvenal. O cinema, *Folha do Acre*, Rio Branco, 13 de maio de 1920, p.3, col. 1.

²⁴¹ GRAEME, Turner. Cinema como prática social. SP: Summus, 1997, p. 110.

²⁴² idem.

²⁴³ ibidem, p. 111.

Apesar de ser um salão que dominou o cenário cinematográfico da década de vinte, o Eden-Cinema não foi o único a instalar-se na cidade, mesmo sendo o único a funcionar regularmente, com as suas programações publicadas periodicamente nos jornais locais.

Segundo Mauricélia Barrozo A. de Sousa, em 1917, o Cinema Olympia abre suas portas como casa exibidora de filmes.²⁴⁴ Mas na década de vinte não foi encontrada uma programação regular, fechando suas atividades em 1921. Nessa ocasião, os proprietários do Eden-Cinema compraram sua aparelhagem.

O Cinema Olympia foi Vendido

O srs. Leonel & Mendes, proprietários do Eden e da A Moda desta capital, compraram o material que constituía o antigo cinema Olympia.²⁴⁵

Em 1922, a imprensa anuncia a criação de um cinema no bairro de Penápolis, por José Martin:

É uma boa idéia na qual de certo será bem sucedido o seu autor pois o Iº districto [Penápolis] desta cidade está necessitando de uma casa desse genero attendendo ali morarem muitas familias que não frequentam o cinema do bairro Empreza.²⁴⁶

É um empreendimento louvavel, que muita vida irá trazer ao bairro burocrático da capital, onde familias não têm distração outra, a não ser a retreta aos domingos e quintas na Praça Tavares de Lyra.²⁴⁷

Mas não foram encontrados elementos que nos permitissem aprofundar sobre esse empreendimento. No final da década de vinte, começaram a surgir anúncios do *Iris-Cine-Theatro*. A escassez de informações também foi um empecilho de aprofundamento, não sendo possível saber se existe alguma relação entre o Iris e o cinema construído em Penápolis.

Iris-Cine-Theatro – Hoje – Soirrée chic – A Hyena de Ouro – Em 6 actos e 1 prologo.²⁴⁸

²⁴⁴ SOUSA, Mauricélia B. A. de. Os primórdios do cinema em Rio Branco: 1912-1930. Rio Branco: UFAC, 1988, p. 14.

²⁴⁵ O CINEMA Olympia foi vendido. *Folha do Acre*, Rio Branco, 03 de fev. 1921, p. 3, col. 2

²⁴⁶ CINEMA em Pennapolis, *Folha do Acre*, Rio Branco, 26 de out. de 1922, p. 2, col. 2

²⁴⁷ UM CINEMA em Pennapolis. *A Capital*, Rio Branco, 02 de jul. de 1922, p. 4, col. 4.

²⁴⁸ IRIS- CINE-THEATRO. *Folha do Acre*, Rio Branco, 17 de fev. de 1929, p. 1, col. 6.

O Éden é um ponto de lazer e um empreendimento muito significativo para os seus sucessivos proprietários. Ele foi adquirido do proprietário do Ideal-Cinema pela firma Leonel & Cia., composta por Leonel Vinagre, Alfredo Mendes e Domingos Mirão.²⁴⁹ Ficamos atentos à mudança de nomes da firma proprietária, talvez reflexo de mudanças na composição da empresa, uma vez que, depois de algum tempo, passou a denominar-se Leonel & Mendes:

A Moda, estabelecimento e agencia comercial que tudo se encarrega e a tudo attende.

Responde a todas as cartas.

Theatro e Eden-Cinema

Director-Gerente: – Alfredo Mendes

Centro familiar de diversões, que apresenta as mais sensacionaes novidades no Territorio.

Empreza proprietaria: – Leonel & Mendes, agentes do Parc Royal do Rio de Janeiro e dos inigualaveis cigarros “Therezita”.

Caixa Postal 26 – Endereço telegraphico – Moda

Rio Branco – Alto Acre.²⁵⁰

Posteriormente, era comum encontrar apenas a denominação de Leonel Vinagre,²⁵¹ que em 1925 vende o Eden-Cinema à firma *Moleiro & Esteves*, como deixa transparecer o requerimento publicado no *Jornal Oficial*:

Requerimentos despachados

Dia 8

N. 255 – Leonel Vinagre, comunicando haver transferido a Moleiro & Esteves, em data de 1º do corrente o “Eden-Cinema”, de sua propriedade, situada á rua João Luiz Alves nesta cidade. – Façam-se as devidas anotações pagando o interessado previamente os emolumentos devido.²⁵²

Assim como a sua loja “A Moda”, para a firma A. Leitão & Cia.

Leonel Vinagre, comunicando haver transferido em data de 1º do corrente mez aos srs. A. Leitão & Cia. o seu estabelecimento commercial “A Moda”, situado á rua João Luiz Alves

²⁴⁹ NA TELA e nos salões, *Folha do Acre*, Rio Branco, 03 de abr. de 1920, p. 2, col. 6

²⁵⁰ A MODA. *Folha do Acre*, Rio Branco, 02 de set. de 1920, p. 2, col. 3.

²⁵¹ CORREIO do Acre, Rio Branco, 20 de jan. de 1924, p. 1, col. 6.

²⁵² REQUERIMENTOS despachados. *Jornal Oficial*, Rio Branco, 23 de ago. de 1925, p. 3, col. 4.

desta cidade. – Pagando o interessado o emolumento a que está sujeito, façam-se as devidas anotações.²⁵³

Talvez o comércio de distribuição de filmes tenha parecido mais rentável ao então empresário Leonel Vinagre, como se pode verificar no item *O longo percurso do filme para a tela*. Desde o início da década de vinte, *Nemezio Moleiros* era dono do Hotel Fleury, não podendo se precisar quando ele se associa a *Avelino Esteves* e adquire o Eden-Cinema.

Hotel Fleury
de
Nemezio Moleiros
Ex-socio do Hotel Madrid
Tendo adquirido o Hotel Ciccarelli
Reformou-o, aparelhando-o para receber hospedes e fornecer comidas a domicilio e ter boa freguezia para o que dispõe de magnifico serviço de meza
A' Praça Municipal Rio Branco.²⁵⁴

A aquisição do Eden-Cinema vai fazer parte dos anúncios da firma na imprensa local:

Moleiro & Esteves
Proprietario do Hotel Madrid e do Eden-Cinema
Rio Branco-Territorio do Acre
Luz Electrica propria
Grande deposito de bebidas estrangeiras – Cerveja gelada a toda hora.²⁵⁵

Mas esses anúncios vão desaparecer no início da década de trinta, apesar de a firma Moleiro & Esteves ainda persistir no ramo de hotelaria, não se podendo dizer do cinematográfico:

Moleiro & Esteves
Proprietarios do
Hotel Madrid
Cosinha e primeira ordem
Bem sortido Botequim
Charutos, cigarros, bebidas geladas, nacionaes e estrangeiras.

²⁵³ JORNAL Official, Rio Branco, 17 de maio de 1925, p.3, col. 4.

²⁵⁴ HOTEL Fleury. *O Futuro*, Rio Branco, 13 de mar. de 1921, p. 4, col. 4.

²⁵⁵ MOLEIRO & Esteves, *Folha do Acre*, Rio Branco, 31 de jan. de 1927, p. 4, col. 2.

Quatro Otimos Bilhares
 Rua João Luiz Alves n. 77
 Rio Branco – Territorio do Acre.²⁵⁶

O Eden, sob a administração de Moleiro & Esteves, é arrendado à Bolivar M. Leite, representante de várias firmas nacionais e estrangeiras,²⁵⁷ a partir de 1929:

Desde ante-hontem o Eden-Cine-Theatro passou á direção de Bolivar M. leite, o activo e diligente propagandista de nossa praça, que arrendou da Empreza Moleiro & Esteves a elegante casa de espetáculos, propondo-se a fazer verdadeira revolução theatral em nosso meio.²⁵⁸

Diante do exposto, nota-se que havia muita dificuldade de se manter funcionando regularmente os salões cinematográficos em Rio Branco. Mesmo nos países desenvolvidos, manter os grandes palácios de cinema, onde se acreditava terem uma maior rentabilidade, representava uma enorme dificuldade, até nos períodos de prosperidade econômica.²⁵⁹ Havia uma fraqueza econômica nesses palácios, tendo como um dos principais motivos os conflitos que as indústrias cinematográficas desencadearam para controlar e se apropriar dos lucros. Mas um dado de Sam Katz, exibidor em Chicago na década de vinte, revela que os filmes produzidos não tinham o poder de atração para encher os cinemas na maioria das suas sessões e não havia filmes excepcionais o suficiente – grandes produções – para solucionar o problema e atrair o público em massa.²⁶⁰

Apesar de os salões pequenos reagirem melhor com as produções de menor qualidade, isso não significava que também não enfrentassem dificuldades com os custos de sua manutenção. Assim, era comum alguns cinemas se voltarem para artistas que faziam espetáculos ao vivo, como os números de variedades, para que estes pudessem atrair um número maior de espectadores e aumentar os lucros. A maior parte da renda dos cinemas da década de vinte era gasta com despesas que variavam entre o aluguel do estabelecimento,

²⁵⁶ MOLEIRO & Esteves, *Folha do Acre*, Rio Branco, 20 de set. de 1931, p. 4, col. 6.

²⁵⁷ FOLHA do Acre, Rio Branco, 03 de fev. de 1929, p. 1, col. 6.

²⁵⁸ O EDEN-CINE-THEATRO passa a nova direção, *Folha do Acre*, Rio Branco, 13 de jan. de 1929, p. 6, col. 4.

²⁵⁹ SKLAR, Robert. A casa que Adolph Zukor Construiu. In: História social do cinema americano. SP: Cultrix, 1978, p.176.

²⁶⁰ idem.

artistas, filmes, bandas ou orquestras, além de despesas fixas como o fornecimento de energia elétrica, pagamento de salário de funcionários.²⁶¹

Entre 1914 e 1916, foi estabelecido um complicado sistema de classes para os cinemas nos EUA. As prerrogativas consistiam em que a permanência de um filme em cartaz poderia ser estendida se fosse exibido com exclusividade nos cinemas de maior prestígio a preços maiores e depois de um período conveniente de tempo, colocado à disposição de cinemas menores e mais baratos.²⁶²

Assim, os filmes de maior sucesso permaneciam com altos preços para o mercado exibidor, impedindo o acesso de salões pequenos às grandes produções.²⁶³ Portanto, cinemas como o Édén não tinham a oportunidade de apresentar grandes produções norte-americanas na década de vinte, devido aos altos preços do aluguel, conseguindo exibir, apenas, produções mais baratas e antigas. Isso pode ser percebido em nota no jornal “Folha do Acre” ao citar o filme italiano *Ivonne e O Condemnado das Guianas*:

[...] são dois trabalhos que só a empresa do Édén, por seu esforço de bem nos servir, podia fazer(sic!) ao Acre, dado o custo caríssimo dos alugueis, que de films como esses, quase nunca são compensados pela receita, por maior que seja.²⁶⁴

No período em que o Édén foi administrado por Leonel Vinagre, o salão passou por reformas que possibilitaram a sua ampliação:

Devido aos esforços do sr. Leonel Vinagre, proprietário dessa casa de diversões, provavelmente por todo este mez está de parabens a população de Rio Branco (e nós também) por já se achar quase adaptado o novo predio em que vai funcionar o Eden-Cinema.

Em visita que fizemos, verificamos estar sendo o predio ampliado com todas as necessidades que se fazem precisas para uma casa desse gênero, constando das acomodações tres frisas especiaes, destinadas, respectivamente, ao Governo do Território, á Polícia e á Imprensa.²⁶⁵

Sua inauguração foi marcada um mês depois, com estréia de um novo filme:

²⁶¹ ibidem, p. 178.

²⁶² ibidem, p. 171.

²⁶³ idem.

²⁶⁴ O CINEMA, *Folha do Acre*, Rio Branco, 15 de nov. de 1920, p. 3, col. 4.

²⁶⁵ EDEN-CINEMA, *Correio do Acre*, Rio Branco, 15 de jun. de 1924, p. 4, col. 6.

Será inaugurado no dia 14 do corrente, o novo prédio dessa casa de diversões, com estréia do monumental film Atlantis.²⁶⁶

Atlantis, um filme dinamarquês produzido nas vésperas da primeira guerra, fazia parte da geração que superou a fase inicial de temas, composta por aristocratas e acrobatas. Mas não abandonou os temas catastróficos, tão comuns, que nesse filme assumiam grandes proporções. *Auguste Blom* reconstituiu em estúdio o naufrágio do *Titanic*, cujo roteiro adaptava um romance do escritor alemão Gerhardt Hauptmann.²⁶⁷

Com a reforma, a quantidade de freqüentadores era bem maior do que os cento revelados numa sessão popular no início da década de vinte, onde já destacamos no item “As sessões”.²⁶⁸ Agora o número de freqüentadores aumentou, sendo isso notado num artigo sobre uma sessão beneficente para a caixa escolar do grupo escolar “7 de Setembro”, onde foram vendidos 255 ingressos, dos quaes 12 camarotes, 62 cadeiras e 181 geraes.²⁶⁹

Percebe-se que, com a reforma do Édén, surgiram acomodações especiais para as autoridades máximas do Território, como o Governo e a Polícia, e para a Imprensa, colaboradora do Édén através da publicação de anúncios e artigos sobre os filmes. A reforma diferenciou o público freqüentador.

Agora, com os camarotes, as pessoas de maior poder econômico não se misturavam com as de menor poder aquisitivo. O que antes era um espaço compartilhado por todos, sem muita distinção de lugares, a partir de então, torna-se seletivo.

Mesmo com a ausência de elementos, podemos perceber que as “cadeiras” poderiam representar um grupo intermediário, uma vez que os freqüentadores gozavam do conforto de apreciar as apresentações sentadas. Já as gerais, era destinada para aquele grupo que viam os espetáculos em pé ou sentados no chão. Essa prática de assistir-se em pé ou sentado no chão, vai ser constantemente usada nos espetáculos em que havia uma lotação acima da quantidade que a casa pudesse suportar. Esse acontecimento perdurou nos cinemas de Rio Branco até os anos oitenta.

Sob a direção de Moleiro & Esteves, no final da década de vinte, o Eden é novamente reformado:

²⁶⁶ EDEN-CINEMA, *Correio do Acre*, Rio Branco, 06 de jul. de 1924, p. 3, col. 2.

²⁶⁷ Sadoul, Georges. História do cinema mundial: das origens a nossos dias, Vol. 1., SP: Martins, 1963, p. 84.

²⁶⁸ O CINEMA, *Folha do Acre*, Rio Branco, 21 de out. de 1920, p. 3, col. 5.

²⁶⁹ O CINEMA em benefício da caixa escolar, *Jornal Oficial*, Rio Branco, 21 de jun. de 1925, p. 1, col. 5.

Eden-Cinema

*Este salão cinematographico vae passar por uma grande reforma.*²⁷⁰

Reabre um mês depois, quando:

Avelino Esteves, há pouco chegado do passeio feito á Hespanha, o Eden-Cinema hontem reabriu o seu salão ao publico, completamente remodelado, conseguindo, por isso, uma assistência selecta e numerosa. Agora o Eden está parecendo um cinema de cidade. Parabens aos srs. Moleiro & Esteves.²⁷¹

Para começar a funcionar legalmente, o Eden precisava ser inspecionado pela *Directoria Geral de Hygiene e Saude Publica do Territorio*:

Requerimentos e despachos

Julho

Dia 20

N. 329 – Moleiro & Esteves, – requerendo a visita de praxe no Eden-Cinema a fim de ser reaberto à frequencia do publico – Ao encarregado dr. Bento Ghiglione para verificar, – A’ vista do laudo junto permitto a reabertura.²⁷²

Às vezes, era necessário cumprir exigências que esta Diretoria determinava, necessitando de prazos para efetivar-se:

Dia 25

N. 468 – Moleiro & Esteves – Requerendo praso para cumprir a intimação da comissão de higyene, de accordo com a determinação do sr. dr. Intendente Municipal. A’ fiscalisação – como pedem.²⁷³

Ou para pedir licença de concertos ou acréscimos na estrutura do prédio:

N. 456 – Moleiro e Esteves, requerendo licença para fazer concertos e accrescimo no predio onde funciona o Eden-Cinema, á Rua João Luiz Alves, desta cidade. A’ secretaria. Faça-se o concerto pago o devido imposto. ²⁷⁴

²⁷⁰ EDEN-CINEMA, *Folha do Acre*, Rio Branco, 26 de jun. de 1927, p. 1, col. 1.

²⁷¹ EDEN-CINEMA, *Folha do Acre*, Rio Branco, 24 de jul. de 1927, p. 1, col. 4.

²⁷² INTENDENCIA Municipal de Rio Branco, *Folha do Acre*, Rio Branco, 28 de ago.de 1927, p.3, col. 5.

²⁷³ FOLHA do Acre, Rio Branco, 16 de out. de 1927, p. 3, col. 6.

²⁷⁴ FOLHA do Acre, Rio Branco, 24 de jun. de 1928, p. 2, col. 6.

O pedido de requisição de prazo da firma Moleiro & Esteves para o cumprimento de intimação da comissão de higiene de acordo com as determinações da Intendência, dava-se quando eram necessárias providências urgentes, executadas pelo Intendente. As medidas que pudessem ser feitas num prazo maior era necessária a intimação de um médico da municipalidade de acordo com o Código de Posturas, que assim determinava:

Art. 89 – Durante as visitas sanitarias, as providencias de carater urgente serão executadas imediatamente pela Intendencia e para as que se poderem fazer em um praso maior de 12 horas, o responsavel será intimado por escripto em documento visado pelo medico da municipalidade.²⁷⁵

Existente desde a instituição do governo geral, à *Directoria de Hygiene e Saúde Publica* cabia grandes atribuições de acordo com o art. 8º, do decreto n. 14.383, de 1 de outubro de 1920, no qual ficam esclarecidos os motivos que a levavam às constantes fiscalizações no Eden-Cinema:

A Directoria Geral de Hygiene e Saude Publica do Territorio, abrangendo a hygiene publica urbana e domiciliaria, assistencia medica, policia sanitaria dos domicilios, logares e logradouros publicos, comprehende:

1º. Os serviços de hygiene e saúde publica do Territorio, prophylaxia geral e especifica das moletias transmissiveis, a policia das fabricas, officinas, collegios, estabelecimentos comerciais e industriaes, dos hospitaes, casas de saude, maternidades, mercados, hoteis e restaurantes.

.....
11. A prescrição de preceitos hygienicos na construcção das habitações.²⁷⁶

A Diretoria, órgão do Governo do Território, juntamente com a Intendência Municipal, promoviam fiscalização de gêneros alimentícios, além de visitas às casas particulares e comerciais como hotéis, botequins, padarias²⁷⁷ e cinemas. Mas essa Diretoria só passou a fiscalizar com maior rigor no governo de Hugo Carneiro (1927-1930). Este promoveu muitas mudanças na cidade, a começar por maiores investimentos nos serviços públicos. Investir era um grande problema para os governos da década de vinte, pois a carência de verbas e as dificuldades para estas chegarem ao Acre, era um dos principais

²⁷⁵ FOLHA do Acre, Rio Branco, 17 de mar. de 1929, p. 4, col. 1, 2, 3, 4, 5 e 6.

²⁷⁶ CARNEIRO, Hugo Ribeiro. Relatório apresentado ao Ministro da Justiça e Negócios Interiores Exmo. Augusto de Vianna do Castello, (1928-1929). Imprensa Nacional, Rio de Janeiro. 1930. 286p., p. 211.

²⁷⁷ ibidem, p. 215.

fatores para a sua falta de autonomia e uma das primeiras queixas de Hugo Carneiro ao assumir o governo:

Distribuídas á Delegacia Fiscal do Thesouro Nacional no Amazonas quasi (sic!) tão distante do Acre quanto da Capital Federal, e submetida a sua applicação ao contrôlle oppressivo desta repartição e da Delegação do Tribunal de Contas em Manáos, as verbas destinadas ás despesas com a administração deste territorio rarissimamente chegavam ao seu destino por adeantamentos, não obstante expressa autorização das leis orçamentárias da Republica. Quando outros obstaculos se não apresentavam por parte destas duas repartições, havia sempre o da allegada insuficiencia de numerario para attender ás requisições de qualquer adeantamento trimestral.

.....

Os pagamentos das despesas da administração, que, assim, eram feitos, de ordinario, pela Delegacia Fiscal do Amazonas, soffriam retardamentos tão longos, que já não era surpresa o cahirem em exercicio findo...

A economia publica soffria, desta sorte, incalculaveis prejuizos e os diversos serviços da administração ficavam sem andamento ou eram constantemente interrompidos pelas insuperáveis difficuldades que semelhante situação lhes creava.²⁷⁸

Para o governador esta situação prejudicava os seus planos de investir no Território, assim como havia interferido em “todas as administrações passadas”,²⁷⁹ já que estas não tinham feito obras de grande significação:

Aqui, Exmo. Sr. Presidente, tudo está por fazer, nada, absolutamente nada, de vulto ou de segura permanencia se fez até agora com os muitos milhares de contos que o Governo Federal, depois da annexação do Acre ao Brasil, tem dispendido com a sua administração.²⁸⁰

Posteriormente, de posse de suas verbas e com o poder de burlar as Delegacias do Amazonas, prestando contas diretamente ao Tribunal de Contas, o governo de Hugo Carneiro começa uma série de investimentos na área de higiene, educação, policiamento dentre outras. É na área de saúde pública, que este governo vai fazer uma série de modificações e melhorias.

²⁷⁸ ibidem, p. 21.

²⁷⁹ idem.

²⁸⁰ ibidem, p. 24.

Para ele, um dos principais problemas do Acre era o “higienico”. Tinha como base de seu governo, o combate às “endemias regionaes”, pois nos anos anteriores pouco se havia feito neste setor, devido a uma série de dificuldades, que o governador destaca:²⁸¹

Em materia de prophylaxia rural, nada, porém, de feito encontrei no territorio e o pouco, que neste sentido tenho podido realizar, constitue um simples arremedo desse serviço, devido á ausência de pessoal tecnico, á falta de aparelhamento e de material e á insuficiencia de verba para o seu custeio.²⁸²

Ao assumir a chefia do Território, propõe amenizar o problema da higiene, tendo como primeira medida isolar os “leprosos” em suas casas, pois estes andavam pelas ruas da cidade.²⁸³ Constrói, posteriormente, um Leprozário distante da cidade, onde as pessoas infectadas pela “Lepra”, pudessem ser internadas e tratadas. Funda a Liga de Defesa Sanitaria, instituição privada, que tinha como objetivo suprir a deficiência dos recursos oficiais. Com a ajuda desta instituição, constrói os pavilhões do Leprozário e dos tuberculosos, instala a maternidade Pró-Matre Acreana e transforma o “Hospital Augusto Monteiro” em Santa Casa de Misericórdia.²⁸⁴

Antes de seu governo, era grande a carência de verbas, o “abandono” dos serviços e a indiferença dos poderes locais, sendo altos os índices de “paludismo” e “leishmaniose”.²⁸⁵ Para amenizar este quadro em Rio Branco, foram adotadas medidas de visitas domiciliares regulares, chefiadas pelo diretor da Directoria de Higiene. Este era acompanhado por funcionários de sua repartição, com o intuito de sanear, de fiscalizar e instruir tecnicamente os seus auxiliares. Adotou a inspeção médico-escolar e a assistência dentário-escolar gratuita, além de fazer a fiscalização semanal do meretrício, com o seu cadastramento, objetivando evitar-se a propagação de doenças transmitidas pelas meretrizes.²⁸⁶

A fiscalização de casas comerciais promovida pela Directoria de Hygiene e Saude Publica feita conjuntamente com a Intendencia Municipal, tornou a sua atuação mais precisa a partir de 1928, devido à reforma do Codigo de Posturas Municipaes.²⁸⁷ Antes de entrar em funcionamento, era necessário a inspeção médica de casas comerciais para verificar-se as condições de uso dos estabelecimentos, como podemos ver abaixo:

²⁸¹ ibidem, p. 52.

²⁸² idem

²⁸³ idem

²⁸⁴ idem

²⁸⁵ idem

²⁸⁶ ibidem, p. 58.

²⁸⁷ CODIGO de Posturas Municipaes, *Folha do Acre*, Rio Branco, 20 de jan. de 1929, p. 4, col. 1, 2, 3 e 4.

Capitulo I

Visitas sanitarias

Art. 83 – Todos os predios novos ou reparados e os de aluguel, que vagarem, não poderão ser habitados senão depois de examinados pelo medico da municipalidade ...²⁸⁸

Era também lícito fazer visitas periódicas ou quando necessárias aos estabelecimentos ou residências, não se podendo obstruir essas visitas, pois isso estaria sujeito às devidas penas previstas em lei.²⁸⁹

Art. 87 – A autoridade sanitaria pessoalmente, quando julgar necessario, ou por intermedio de seus fiscaes, fará visitas systhematicas a todas as habitações particulares ou collectivas, estabelecimentos de qualquer natureza, terrenos cultivados ou não, logares ou logradouros publicos, exercendo a policia sanitaria de todas as partes e dependencias das casas e terrenos, de accordo com as disposições attinentes a cada especie.²⁹⁰

O novo Código de Posturas Municipais dedicava um capítulo especial ao cinema, no qual este não poderia escapar das condições de higiene, saúde e lotação, sendo obrigatório o emprego de materiais não-combustíveis e não se permitindo a super-lotação:

Capitulo XV

Dos edificios destinados a reuniões, assembleias, espectaculo e cinemas.

Art. 215 – Nenhum edificio destinado a reuniões, assembleias, espectaculos e cinema, poderá ser construido e franqueado à concorrência publica, sem que a secção technica da Intendencia tenha verificado as suas condições de hygiene, saude e lotação.

.....
Art. 216 – Nas construcções destes edificios empregar-se-á sempre que for possivel materiaes incombustiveis.

Art. 217 – Em nenhum dos edificios a que se refere, este capitulo é permittido o ingresso em numero superior ao da sua lotação.²⁹¹

Esses espaços públicos deveriam cumprir certas exigências como o emprego de materiais não-combustíveis na estrutura do prédio, saídas e entradas que facilitassem o acesso ao público e o não impedimento, por parte dos proprietários, da inspeção do estabelecimento:

²⁸⁸ CAPITULO I, *Folha do Acre*, Rio Branco, 17 de mar. de 1929, p. 4, col. 1, 2, 3, 4, 5 e 6.

²⁸⁹ idem

²⁹⁰ idem.

²⁹¹ CAPITULO XV, *Folha do Acre*, Rio Branco, 26 de maio de 1929, p. 3, col. 1, 2, 3, 4, 5 e 6.

Art. 41 – Nas construções destinadas a diversões publicas fica determinado:

O emprego de material incombustivel em toda a sua construção exceptuando-se apenas os assoalhos, portas, janelas e divisões de camarotes;

Que tenha em diversos pontos saídas faceis para o publico, abrindo-se as portas indifferentemente, do mesmo modo para qualquer lado;

Os proprietarios e empresarios de taes casas nunca poderão impedir o exame por parte das autoridades municipaes.²⁹²

Apesar das medidas acima, percebemos que a sua maior parte não foram cumpridas pelo Eden-Cinema. A primeira é quanto ao item lotação: podemos verificar na prática, através da venda de ingressos, que em uma sessão foram vendidos 255 ingressos, distribuídos em 12 camarotes, 62 cadeiras e 181 gerais.²⁹³ Note que o item gerais não está definido com



Cine Theatro Recreio (ao centro) – Dez vezes seis
Código de Posturas.

um espaço específico no Eden, ou seja, não está classificado em seu interior, podendo ser, portanto, denominado como aquele em que as pessoas ficavam em pé ou sentados no chão, verificando-se, assim, a super-lotação proibida pelo

Um outro ponto que infringia o Código de Posturas Municipais era aquele que tratava de sua estrutura física. Ele determinava que as construções voltadas para diversões públicas não poderiam utilizar materiais de fácil combustão. O antigo Eden-Cinema era uma construção em madeira, tendo adquirido, posteriormente, não se sabendo precisar quando, uma fachada em alvenaria com duas portas largas ao centro e duas estreitas nas laterais, sendo esta a sua aparência atual. Mesmo com as vantagens dos prédios em alvenaria, tão defendidos pelo governador Hugo Carneiro, que tentou acabar *com o processo rotineiro das construções de madeira, de má aparência e pouca duração*,²⁹⁴ o Eden-Cinema permaneceu seguindo a tradição regional. As casas em madeira eram suspensas por estacas e menos propícias à

²⁹² Folha do Acre, Rio Branco, 24 de fev. de 1929, p. 4.

²⁹³ O CINEMA em beneficio da caixa escolar, *Jornal Oficial*, Rio Branco, 21 de jun. de 1925, p. 1, col. 5.

²⁹⁴ Carneiro, op. cit., p. 29.

umidade, um dos grandes problemas das casas modernas na região, pois estas eram construídas próximas ao chão, o que ocasionava o surgimento de mofo e, com o tempo, o caimento do reboco.

3.2 Espaço múltiplo

O espaço do Eden-Cinema não foi unicamente um espaço voltado só para o lazer. Vários eventos foram realizados no seu interior. Essa característica de multiplicidade dos salões cinematográficos esteve presente desde os seus primórdios, não apresentando a exclusividade de exhibições de filmes tão marcante nos dias de hoje.²⁹⁵ Rio Branco, uma cidade com aproximadamente dez mil habitantes, não possuía auditórios, teatros ou locais de encontros coletivos para reuniões esportivas, festas, conferências, reuniões partidárias, propiciando, assim, a sua utilização como uma espaço variado.

Isso pode ser percebido logo que o Éden foi colocado em funcionamento. O jornal “Folha do Acre”, anunciou uma conferência do “*confrade Theodoro d’Albuquerque*”:

Conferencia

Realizou em noite no 19, no Eden-Cinema, a muito anunciada, o nosso talentoso confrade Theodoro d’Albuquerque.²⁹⁶

A conferência tratou do recenseamento do Território e da carência e de problemas relativos à educação no vale do Acre.²⁹⁷

Regorgiava de ouvintes o Eden-Cinema e por espaço de uma hora o conferencista nos deleitou com a logica da sua palavra vigorosa e eloquente.
Nossos parabens.²⁹⁸

Outra conferência foi pronunciada por Coelho de Olinda no Eden-Cinema:

Para 15 do corrente o Sr. Coelho de Olinda anuncia um comicio popular em que dissertará sobre o thema ‘O espiritismo é uma lei.’²⁹⁹

O Eden foi um espaço para reuniões partidárias como demonstra a nota abaixo:

²⁹⁵ MACHADO, Arlindo. Pré-cinemas e pós-cinemas. Campinas, SP: Papyrus, 1997, p. 76.

²⁹⁶ Folha do Acre, Rio Branco, 26 de ago. de 1920, Conferencia, p. 2, col. 2.

²⁹⁷ idem

²⁹⁸ idem.

²⁹⁹ Folha do Acre, Rio Branco, 08 de maio de 1927, p. 1, col. 2.

Secção Paga

P. R. A. F.

São convidados todos os membros e correligionários do partido Republicano do Acre Federal para uma reunião que se effectuará hoje, ás 9 horas da manhã, no edificio do Eden-Cinema.

N'esta reunião, serão tratados assumptos relativos a economia interna do Partido, inclusive da eleição de novos directores.³⁰⁰

O salão cinematográfico era utilizado para encontros institucionais como a da fundação do Banco do Acre, do qual fazia parte o futuro arrendatário do Eden, Bolivar M. Leite. Nessa ocasião, o dono do estabelecimento, Leonel Vinagre, foi muito aclamado por ceder o espaço para os encontros como nos mostra a ata do evento:

Aos cinco dias do mez de Agosto de mil novecentos e vinte e quatro, ás nove horas no edificio do “Eden-Cinema” á Rua João Luiz Alves, desta cidade de Rio Branco, capital do Território do Acre, effectuou-se a Assembléa geral extraordinária de instalação do “Banco do Acre” [...]. Presentes accionistas representando a quase totalidade do subscripto de Rs. 64:000\$000, excedendo, portanto, ao minimo de cincoenta contos, fixado pelos estatutos foi aberta a sessão, sendo aclamado para presidil-a o accionista Dr. Marcilio Fernandes Bastos, que convidou para secretarios os accionista Bolivar Mourão Leite e Luis da Cunha Mendes. (...). Ainda com a palavra o Senr. Presidente, depois de expressar os sinceros agradecimentos da sociedade ao Senr. Leonel Vinagre, pela gentileza com que tem cedido o Eden-Cinema, de sua propriedade para nelle se realizarem as sessões de assembleia geral iniciaes do nosso Banco, determinou que se consignasse em acta esses agradecimentos e finalizando convidou os accionistas presentes a erguerem um viva unisono á prosperidade do “Banco do Acre”.³⁰¹

Reuniões esportivas foram marcantes no Eden-Cinema, como a assembléa da L. A. S. T. (Liga Acreana de Sports Terrestres), que desenvolveu diversas atividades, e as do Rio Branco Futebol Clube:

Desportos

A grande reunião da Assembleia Geral da L. A. S. T. no Eden-Cinema – O relatorio do sr. Presidente Provisorio – O Conselho Superior – Eleição da Directoria – Varias Notas

³⁰⁰ A Capital, Rio Branco, 04 de set. de 1921, p. 4, col. 6.

³⁰¹ Acta da Assembléa Geral Extraordinária de instalação do “Banco do Acre”, sociedade coperativa de responsabilidade limitada.

Conforme fôra anunciado reuniu-se sabbado, 21 do corrente, ás 19 ½ horas, no amplo salão do ‘Eden-Cinema’ cedido pela empreza Leonel & Mendes a Assembléia Geral da ‘Liga Acreana de Sports Terrestres’, para a apresentação das credenciaes dos delegados dos varios clubs sportivos já filiados aquella fucturosa instituição, constituição do ‘Conselho Superior’ e outras deliberações.

Precisamente á hora marcada, repleto o salão do ‘Eden’ de sportsmens e torcedores ranzinzas e moderados, abriu a sessão o distincto presidente provisório da ‘Liga’, sr. dr. Mario de Oliveira

A casa acolheu com vibrantes salvas de palmas os delegados, srs. Olavo Rocha, pelo R. B. F. C. [Rio Branco Futebol Clube]; Obed Barreto, Y. S. C. e Waldemar Nunes pelo A. S. C. [Atlético Esporte Clube].³⁰²

Rio Branco Foot-Ball Club

Realisou-se quinta-feira ultima, no Eden, uma reunião desse club, tendo comparecido grande numero de socios. Cuidou-se na mesma de palpitantes interesses sociaes.³⁰³

O Éden foi local de festas. Numa cidade onde havia poucos clubes ou lugares em que as pessoas pudessem se reunir, principalmente, as famílias conservadoras, ele se tornava um ambiente que preenchia esta lacuna.

Um espaço de festas na década de vinte era a *Sociedade Recreativa Tentamen*, o clube mais famoso da cidade, onde as “famílias tradicionais” freqüentavam. Era constituída por seringalistas³⁰⁴, autoridades locais, funcionários públicos e comerciantes, sendo necessário oito anos de tentativas e esclarecimentos, junto às pessoas que dispunham de recursos financeiros, da necessidade de se implantar um clube para as pessoas se divertirem. Daí o nome *Tentamen*, que significa tentativa.³⁰⁵ O projeto foi encabeçado pelo advogado Mario de Oliveira e foi concretizado em 1924, tendo como principal característica ser uma associação integrada por pessoas de grande poder aquisitivo, altos funcionários públicos e autoridades locais. Possuía um variado número de festas como: o baile chinês, chocolate-tango, chá-dançante, aniversários, baile do chitão (caipira), bailes oficiais e festas carnavalescas.³⁰⁶

As festas na cidade também aconteciam em navios, animadas ao som da banda da Força Policial, prolongando-se madrugada a dentro:

³⁰² Folha do Acre, Rio Branco, 26 de maio de 1921, Desportos, p. 3, col. 4.

³⁰³ A Capital, Rio Branco, 27 de ago. de 1922, p. 1, col. 6.

³⁰⁴ Seringalista: o proprietário do seringal

³⁰⁵ Tentamen – 64 anos. Texto de apoio do ciclo de palestra na campanha de reconstituição da memória social da Sociedade Recreativa Tentamen. Coordenadoria de Patrimônio Cultural, Fundação Cultural do Acre, outubro de 1988.

³⁰⁶ idem

Folha Social

Festa

Domingo, 26, a bordo do elegante navio 'Cidade de Teffé', (...), gentilmente cedido pelo seu commandante Sr. Francisco Lopes (Bigodinho), diversos rapazes de nossa elite, promoveram uma elegante soírrée dansante, com o concurso das gentis senhorinhas Mercedes e Dulce Silveira, Bellita e Corina Cravo, Laura Neves, Enerzilia Leite, Rachel Dourado e Jovina Maciel.³⁰⁷

Algumas destas festas eram beneficentes:

Rabiscos

A minha columna dedico-a hoje á palida descripção da festa, talvez a mais sympathica que se tenha realisado nesta cidade.

No momento em que o numero dos sem pão e sem abrigo elevou-se aproximadamente a um terço da população deste Território, é soberanamente agradável registrar factos dos moldes do que se segue.

Como fez no anno passado, tambem este anno a empreza Leonel & Mendes, proprietaria d'A Moda e do Eden-Cinema, festejou o aniversario do seu director-gerente Alfredo Mendes, que passou a 10 do corrente, com um espectáculo cinematographico cujo producto fez reverter em beneficio da indigencia da cidade.³⁰⁸

Nesta ocasião, compareceu cerca de setenta e oito espectadores e o representante do governador do Território, o ajudante de ordens, capitão Alcides Cicero da Silva, enviou vinte mil réis, junto com um cartão que dizia:

felicitando e applaudindo o anniversariante pelo louvavel gesto, com que festejou sua data natalicia.³⁰⁹

O evento foi animado por uma orquestra composta por Nito Moreira, Manoel Ferreira e Aguiar, que se dispuseram a tocar sem remuneração.³¹⁰ Distribuiu-se postais como brindes, cigarros aos espectadores, além de bebidas aos componentes da orquestra. Na ocasião, foram arrecadados cento e quarenta e nove mil e cem réis.³¹¹

³⁰⁷ Folha do Acre, Rio Branco, 30 de mar. de 1922, p. 2, col. 6.

³⁰⁸ Folha do Acre, Rio Branco, 15 de set. 1921, Rabiscos, p. 2, col. 5.

³⁰⁹ idem.

³¹⁰ idem.

³¹¹ idem.

É importante destacar a maneira de se repassar esses donativos aos menos favorecidos:

Até a terça-feira ultima, foram distribuidas esportulas de 2, 3, 4, 5\$000 a vinte e quatro indigentes, continuando a entrega n'A Moda aos que ainda não foram beneficiados.

O director-gerente do "Eden" foi na terça-feira a Pennapolis, onde fez distribuição de importancias a indigentes doentes impossibilitados de andar.

Quantos quadros de dôr e miseria, cidade em fôra...

Danillo.³¹²

Festas em comemoração a datas cívicas, também foram destaque no Eden, sendo inserido em programas:

7 de Setembro

A' noite no "Eden-Cinema", realizou-se um baile popular, dedicado ao operariado e agricultores pela municipalidade de Rio Branco.

Dansou-se animadamente até meia-noite, ao som da Força Publica.³¹³

O carnaval esteve presente nos salões do Eden-Cinema. O pedido de licença junto à Intendência nos revela que até blocos carnavalescos, como o "Flor dos Filhos do Barranco", fizeram parte dessas animadas reuniões:

Requerimentos e despachos

Dia 16

N. 90 – Leonel Vinagre, pedindo licença para funcionar no Eden-Cinema, nos quatros dias de carnaval a sociedade recreativa carnavalesca, dançante 'Flôr dos Filhos do Barranco'. – Como pede, pagando o devido imposto.³¹⁴

No Eden

No salão de projecções do Eden-Cinema realisaram-se diversos bailes publicos em homenagem ao Momo.

A ordem não soffreu alteração.³¹⁵

³¹² idem.

³¹³ Folha do Acre, Rio Branco, 13 de set. de 1928, 7 de setembro, p. 1, col. 5.

³¹⁴ JORNAL Official, Rio Branco, 15 de mar. de 1925, p. 2, col. 2.

³¹⁵ NO EDEN, *Folha do Acre*, Rio Branco, 02 de mar. de 1927, p.1, col. 4.

3.3 O teatro no Eden

Desde os seus primórdios, o cinema se concentrou em casas de espetáculos de variedades (*vaudevilles*) nos países desenvolvidos, onde se podia comer, beber e dançar.³¹⁶ A própria duração dos filmes, no início do século XX, impedia que se pensassem em sessões exclusivas, tornando-se atrações curiosas ou peças de entreato nos intervalos de apresentações ao vivo.³¹⁷

Em 1902, existem poucos cinemas fixos no mundo, sobressaindo-se apenas o *Gaumont Palace*, pois a maioria das exibições era direcionada as projeções nas feiras. A partir das exigências do público, alguns museus de cera, palácios de eletricidade, transformaram os seus estabelecimentos em cinemas. Esse movimento surgiu na Inglaterra e se espalhou pelo mundo. Então, surgiu os *Music-Hall* ingleses, os *cafés-concerto* franceses, e os *Vaudevilles* ou *Smoking Concerts* americanos, que passaram a utilizar os filmes para compor as suas programações.³¹⁸

Surgem nos Estados Unidos os *Nickels Odeons*, salas de cinema que surgiram na primeira década do século XX, cobrando um preço ínfimo para as sessões cinematográficas (níquel: moeda de cinco centavos). Esses estabelecimentos logo se espalharam, recrutando uma clientela das camadas sociais de menor poder econômico. Logo, alguns *Vaudevilles* se transformaram em *Nickels Odeons*.³¹⁹

Com a instalação desses salões, o filme se tornou uma atração exclusiva. Isso aconteceu em virtude da melhoria da qualidade do filme narrativo, pois se introduziu a longa duração³²⁰ e técnicas de identificação,³²¹ que melhor envolvessem a platéia, tornando-o mais emotivo.³²²

Percebe-se que o Eden mantém algumas características (apresentações teatrais, espetáculos de variedades e sessões exclusivamente cinematográficas) que se faziam presente nos salões dos primeiros anos do cinema. O Eden-Cinema, posteriormente chamado de *Eden-Cine-Theatro*, também apresentou números de variedades que, às vezes, mesclavam-se com

³¹⁶ MACHADO, Arlindo. *Pré-cinemas & pós-cinemas*. Campinas, SP: Papyrus, 1997. p. 78.

³¹⁷ idem.

³¹⁸ idem.

³¹⁹ idem.

³²⁰ O filme, que antes era apresentado com uma margem de tempo de minutos, passou a ter uma duração de horas.

³²¹ A aproximação da câmera para os rostos dos atores, por exemplo, melhorava a percepção da platéia em identificar o estado emocional do personagem.

³²² Machado, op. cit., p. 79.

projeções de filmes e peças teatrais. Ainda apresentou recitais de canto, luta, e tudo que pudesse atrair o público para o seu ambiente.

Ao contrário dos vaudevilles do início do século XX, locais abominados pelas platéias sofisticadas e de “boa família”, freqüentados principalmente por populares,³²³ a platéia do Eden era diversa, integrada por autoridades, comerciantes, funcionários públicos, e demais pessoas que se escondiam sob a anônima denominação de famílias de “boa índole”.

Algumas pessoas eram excluídas de freqüentar o seu espaço, principalmente, as prostitutas, que não tinham “boa índole” e eram vigiadas pela polícia, sob “*o pretexto de zelar os bons costumes*”:

A policia sem nenhum acto anterior prohibe formalmente, sob pena de prisão, que a meretriz ande nas ruas da cidade das 5 horas da tarde ás 9 e meia da noite. Faz executar esta ordem pela força armada, e, ella propria, em pessôa, fiscalisa o cumprimento da ordem dada. A propria informação policial a Fls. 9 diz, a pretexto de salvar a moral ter extendido a medida prohibitoria ‘ás salas de refeições dos hoteis; aos botiquins e aos cinemas.’³²⁴

A modificação de público que se verificou no cinema na primeira década do século XX, substituição do popular pelo sofisticado e familiar, foi acontecendo aos poucos.³²⁵ Com a possibilidade da introdução de um público mais exigente, o ambiente cinematográfico rapidamente mudou. É esse espectador transformado que vai assistir aos espetáculos teatrais e a exibições de filmes que desfilaram no Eden-Cinema na década de vinte.

As apresentações que os freqüentadores do Eden assistiram, eram as mais variadas. As pessoas que produziram esses espetáculos e percorreram o seu palco, devem ser conhecidas como os precursores do teatro em Rio Branco. A maior parte desses eventos eram números de variedades que, às vezes, se mesclavam com filmes em badaladas noites. No início da década de vinte os nomes que mais se destacavam como promotores dessas apresentações teatrais foram Alfredo Mendes, Francisco Coringa, Scipião e as irmãs Graça e Branca Scipião.:

Eden Theatro

Realisou-se terça-feira um lindo **espectaculo cinematographico e theatral** [grifo nosso] no “Eden”, constante de tres importantes peliculas cinematographicas e de varios numeros de variedades pelos irmãos Scipião.

³²³ ibidem, p. 78.

³²⁴ O ACRE, Rio Branco, 15 de fev. de 1931, p. 6, col. 4 e 5.

³²⁵ Machado, op. cit., p. 84.

Agradou muitíssimo a impagável cançoneta acreana – “A Verba e A Reforma”, que Scipião Filho disse entre a hilariedade da Platéia, sendo calorosamente aplaudido.

Branca e Graça, como sempre, estiveram graciosas, cantando com arte e sentimento.

O Alfredo fez uma surpresa que agradou.³²⁶

Um outro artigo sobre o espetáculo promovido pelo “maestro J. Scipião”, vai ser mais específico, pois ele nos mostra que estas apresentações contavam histórias mescladas com musicais, constituídas com doses de humor:

O programma, executado rigorosamente, constou da comedia O Bigamo, da hilariante revista Delegacia Encrencada e de um acto de variedades.

.....
Branca Scipião é uma verdadeira revelação para a scena. Encantadora na advogada Léa e maravilhosa na cançoneta Pois Sim.

Graça Scipião, a meiga Gracinha, como sua irmão, sahio-se admiravelmente no fado Passagens da vida e no Vencedor, lindo tango que dedicou ao Rio Branco F. C.

Gracinha tem uma linda voz.

José Scipião, sahio-se muito bem em todos os papeis, podendo-se dizer que muito salientou-se, mas o fado Ganga que cantou bem a valer, deu-lhe a primazia inter pares.

Alfredo Mendes. Que dizer do Alfredo? Temol-o como amator consagrado e achamos sempre poucas as palmas que o publico lhe dá.

Xico Coringa esteve magnifico em toda linha e desopilou o figado de muita gente quando cantou O Barateiro.³²⁷

Alguns desses eventos promovidos no palco do Eden-Cinema, eram apresentados em comemoração a datas históricas especiais como o 13 de maio, dia da libertação dos escravos:

Theatrinho do Eden – Hoje, em homenagem a data aurea que é o 13 de Maio, será levado nesse theatrinho um espectáculo organizado e ensaiado pelo festejado maestro J. Scipião, que nos promete um programma chic, familiar e desopilante!³²⁸

É importante destacar o espetáculo acima, pois ele revela que havia produções de temas regionais, subindo à cena duas peças acreanas: Amor em Xapury e A Volta do Seringueiro e um outro ato de variedades.³²⁹ Segundo um artigo do jornal Folha do Acre, o

³²⁶ EDEN-THEATRO, Na tela e nos salões, *Folha do Acre*, Rio Branco, 27 de abr. de 1920, p. 3, col. 4.

³²⁷ NA TELA nos salões, *Folha do Acre*, Rio Branco, 01 de maio de 1920, p. 2, col. 6.

³²⁸ NA TELA e nos salões, *Folha do Acre*, Rio Branco, 13 de maio de 1920, p. 2, col. 6.

³²⁹ *idem*.

salão estava repleto, contando com a presença de autoridades como o *Exmo.sr.dr. Cunha Vasconcellos, Prefeito e exma. familia.*³³⁰

Apesar dos elogios aos esforços dos artistas, o artigo critica alguns pontos como a gesticulação, a frieza dos atores e o tema da peça “Amor em Xapury”:

Graça, a outra estrelinha, tem linda vóz e agradou, mau grado um nervôsozinho natural em uma menina, de frente a uma platéa numerosa. Fatinha Guedes, estreiante, foi bem recendo muitos applausos. Faltam-lhe gestos. José Scipião e Coringa, como sempre, agradaram, se bem que estiveram um pouco mais frios que quando do primeiro espectáculo. Amor em Xapury está bem escrita e a musica é attrahente, mas não é de nosso modo agradar á nossa platéa. Escripta especialmente para ser levada á scena na visinha cidade que lhe ajudou o nome [Xapuri], perde muito, aqui, do sabôr que terá tido para os xapurienses. Contudo agradou e o publico applaudiu com calôr a troupe Scipião....³³¹

Um outro artigo nos faz perceber como eram alguns desses espetáculos. O programa destacado logo a seguir, era composto de três atrações: *a burlata Casamento Secundario, do vaudeville, Trumpho é Pau, e (...) um acto de variedades.*³³² O artigo destaca Trumpho é Pau, como uma crítica aos costumes das pessoas da cidade onde *a scena passa-se no Café da Hora, entre um soldado, um seringueiro, a caixeira, um farrista e uma mulher do barranco.*³³³

A peça, segundo o artigo, procurou destacar “em Rio Branco, a fraternidade”, como sendo uma cidade “essencialmente democratica e fraternal” fruto da ausência de preconceitos de outros lugares em que *a mais alta auctoridade aperta a mão calosa do mais humilde homem do povo, troca com elle idéas sobre política e indaga lhe da saude da familia.*³³⁴

O artigo revela que era comum as pessoas de maior poder econômico confraternizarem-se nos hotéis ou nos cafés e clubes com carregadores, cozinheiros, marujos dos barcos, não sendo raro encontrar-se *gente fina, cocainando serenatas com borboletas do barranco.*³³⁵

A frase acima faz uma alusão ao envolvimento de homens da alta sociedade, com prostitutas. O espetáculo apresentou algumas falhas, que qualquer leigo poderia identificar:

³³⁰ EDEN THEATRO, *Folha do Acre*, Rio Branco, 20 de maio de 1920, p. 2, col. 5.

³³¹ idem.

³³² NA TELA e nos salões, *Folha do Acre*, Rio Branco, 08 de jul. de 1920, p. 3, col. 1 e 2.

³³³ idem.

³³⁴ idem.

³³⁵ idem.

Por exemplo: Maroca Trumpho, mulher da zona encrocada do Pará, bulhenta do Reducto e do Ver-o peso, e frequentadora assidua do xadrex policial, jamais poderá apresentar-se com aquella elegancia da senhora Azevêdo. No Pará, como aqui, gente do barranco e da classe da Maroca Trumpho, anda de chinellos, tem o braço todo cheio de tatuagens e tresanda a cachaça.

Aquelle Zê Cangúlo não é o typo do nosso seringueiro, que quase sempre tem a ingenuidade dos nossos caipiras e não aquelle geitão de Bicheiro ou apache.

No entanto, Chico Braúna – o soldado, e d. Marocas – a caixeira, são typos perfeitos, bem representados.

O acto de variedades – optimo

Os amadores – sahiram-se muito bem.

A orchestra – soffrivel.³³⁶

Um outro nome que se fez conhecer no meio artístico sob a efigie do Eden-Cinema é o de Antonia Brandão, uma cantora, que despontou para o público local, numa homenagem ao governador do Território Epaminondas Jácome:

Conforme a nossa promessa do numero p.p., descrevemos hoje o que foi a brilhante serata (sic!) que no “Eden-Theatro”, na noite de 15 do corrente, levou a effeito a cantora Antonia Brandão, em homenagem ao Sr. Dr. Epaminondas Jácome, governador do Território.³³⁷

Antes de começar o espetáculo a banda de música da Força Policial Territorial tocou em frente ao Eden, cedida pelo comandante Duarte de Menezes.³³⁸ Segundo o jornal, Antonia Brandão era uma pessoa voltada para a arte cênica de mímica e canto.³³⁹ Mesmo com algumas falhas de desenvoltura e da orchestra, a cantora interpretou música lírica e fados:

Na romanzza “Santuzza”, da “Cavalleria Rusticana”, notamos que não foi mais feliz Antonia por motivo da morosidade do acompanhamento da Musica, que, aliás... torelou-se.³⁴⁰

Este espetáculo contou com a participação de F. Coringa, cantando Olhos de Veludo e Martha, além do clássico Cicciliana da Cavalleria Rusticana; Coringa, com a canção O

³³⁶ idem.

³³⁷ FESTIVAL Antonia Brandão, *Folha do Acre*, Rio Branco, 23 de jun. de 1921, p. 2, col. 4 e 5.

³³⁸ idem.

³³⁹ idem.

³⁴⁰ idem.

Barateiro, uma crítica aos vendedores ambulantes árabes, numerosos na cidade, e Alfredo Mendes, que apresentou o monólogo O meu Casamento.³⁴¹

No palco do Eden passaram artistas de outros lugares. É o caso do tenor Frontino Santiago, que promoveu dois espetáculos líricos, com pequenas doses de humores intercalados:

O tenor Santiago tem recurso de voz, jogo de scena e é um comico de optimas qualidades. Na valsa “Dorme”, no fado “Mãos Pequenas”, muito agradou, satisfazendo ás exigencias da platéa, que o applaudiu grandemente.

Provocou verdadeiras scenas de hilariedade o numero excentrico “Viagem ao Tyrol”, em que revelou qualidades apreciáveis de comico, tendo que repetil-o no segundo espectaculo a pedido da assistencia.

E assim o tenor Santiago justificou plenamente o êxito que alcançou no Eden-Cinema, com seus números de cantos, tendo a casa cheia nas duas noites em que se exhibiu, não obstante o preço salgado das entradas.³⁴²

Uma outra apresentação foi promovida por um artista estrangeiro, o peruano Dario Letona, executor de músicas clássicas e lutador de boxe:

As sessões do Eden-Cinema decorreram animadíssimas na semana passada. É que os programmas tiveram o concurso do Sr. Dario Letona, de nacionalidade peruana, eximio executor de musica classica em um serrote de carpinteiro e campeão de box.³⁴³

Peças teatrais foram apresentadas no espaço do Eden, possuindo um “grande elenco”, como Fogo de Bengala, que contava com doze artistas. Sua estréia foi marcada para compor as comemorações do dia do soldado, sendo o major Djalma Dias Ribeiro, comandante da Força Policial, o homenageado.³⁴⁴

Fogo de Bengala

Foi, não há negar um acontecimento theatral de retumbante sucesso, a primière do “Fogo de Bengala”, feèrie moderna, encantadora de graça brejeira, com que estreou, no palco do já agora Cine-Theatro-Eden, um grupo de amadores locaes

Tendo recebido a mais carinhosa das interpretações por parte dos elementos que a desempenharam, “Fogo de Bengala” não podia deixar de impressionar agradavelmente,

³⁴¹ idem.

³⁴² TENOR Frontino Santiago, *Jornal Official*, Rio Branco, 29 de nov. de 1925, p. 1, col. 5.

³⁴³ EDEN-CINEMA, *Folha do Acre*, Rio Branco, 18 de set. de 1927, p.4, col. 3.

³⁴⁴ FOGO de Bengala, *Folha do Acre*, Rio Branco, 24 de maio de 1928, p. 1, col. 4.

como impressionou o nosso meio. Não há em “Fogo de Bengala” um papel que não esteja bem desempenhado. A prova disso, é o empenho com que têm sido procurados os ingressos para a sessão de hoje, que já está com a casa quase toda passada.³⁴⁵

O sucesso de Fogo de Bengala fez com que a peça se apresentasse várias vezes, inclusive fazendo espetáculos beneficentes:

Hontem, no “Eden-Cine-Theatro” realisou mais uma representação da espetaculosa feerie “Fogo de Bengala”, em beneficio do leprosario. A casa estava cheia. Os artista sahiram-se magnificamente.³⁴⁶

Surgiu, então, a primeira companhia de teatro acreana, Os Filhos de Thalma, sob o comando de Grijalva Antony:

Está definitivamente de parabens a capital do Acre, com a construção de um elegante palco e a fundação de uma companhia de amadores locais – “Filhos de Thalma” criação magnífica do applaudido theatrologo dr. Grijalva Antony.³⁴⁷

Além de Fogo de Bengala, uma outra encenação sob a produção de Grijalva Antony, foi a representação carnavalesca Tá na Hora:

Logo ao inicio, Hely Corrêa e Pedro Santos, respectivamente nos papéis de Bacurá e Gororoba, dominaram a platéa, arrancando gostosas gargalhadas.

.....
 Interessantissimo e lindo esteve o ranchinho carnavalesco “Pingo de Ouro”, constituido por garrulas creanças, merecendo as honras de um fervoroso bis. Lasthenia Taboada e Lucia Rola, duas meigas pretinhas, acompanhadas pelo marinheiro B. Piani, arrebataram a assistencia nos requebros de um bisado charleston ensurdecador. Mereceu especial destaque, pela finura e larga inspiração de arte, o magistral numero de phantasia “Apache” e “Gigolette”, representado com funda emoção artistica pelo jovem dr. Roberto Cardoso e sta. Maria Julia Mascarenhas, sob magnifico effeito de luz polychroma, numero que teve de ser bisado por insistencia da platéa.³⁴⁸

³⁴⁵ FOGO de Bengala, *Folha do Acre*, Rio Branco, 27 de maio de 1928, p. 4, col. 3.

³⁴⁶ FOGO de Bengala, *Folha do Acre*, Rio Branco, 03 de jun. de 1928, p. 4, col. 4.

³⁴⁷ DE QUANDO em vez..., *Folha do Acre*, Rio Branco, 07 de jun. de 1928, p. 4, col. 1.

³⁴⁸ TÁ na hora, *Folha do Acre*, Rio Branco, 27 de jan. de 1929, p. 6, col. 2.

A Associação Athletica Acreana surge no cenário teatral como promotora de eventos, não só teatrais, mas esportivos. Realizou uma tarde esportiva com jogos entre os times: A. A. A. (Associação Athletica Acreana), R. B. F. C. (Rio Branco Futebol Clube) e T. M. (Time Militar). À noite, em meio às comemorações aos 21 de Abril e homenageando o Intendente Alberto Martin, houve entrega de prêmios.

Abriu a festa, uma ouverture pela orchestra, sob a direção da eximia professora senhorita Hilda Leite, coadjuvada pelos amadores J. Placido, Pedro Soares e violinista Piedade e Didi.³⁴⁹

Nesta ocasião, houve uma palestra sobre a importância da data, proferida por Paulino de Brito Filho, presidente da A. A. A., e depois apresentação musical, recital de poesias e dança:

Em seguida, o talentoso academico Ruy Barreto, declamou a poesia ‘Contradições’, de Paulino de Brito. Com muita delicadeza de sentimento e emoção, espiritualizou o ambiente a prendada e gentilissima madame Grijalva Antony, cantando um trecho da opereta – Saudades do Sertão.

.....
Em bizarro charleston á Jamaica, se exhibiu o irrestivel dançarino Benjamin Piani.³⁵⁰

A Associação Atlética Acreana promoveu outros espetáculos e alguns desses foram repetidos várias vezes, sendo atuante até a década de trinta.

É importante situar, também, as apresentações artísticas no Eden-Cinema como mais uma opção de lucratividade para que a casa exibidora se mantivesse em funcionamento. A maior parte desses espetáculos eram números de variedades e musicais. Posteriormente, a música lírica toma espaço, principalmente, com a figura de Antonia Brandão e só surgindo peças teatrais no final da década de vinte.

³⁴⁹ FOLHA do Acre, Rio Branco, 29 de abr. de 1928, Sports & Artes, p. 6, col. 3 e 4.
³⁵⁰ idem.

3.4 O Éden no final da década de vinte

Em 1929, o Éden passa chamar-se *Popular-Cinema* sob a administração de Bolívar M. Leite, que o arrendou da firma Moleiro & Esteves. Propondo fazer uma “revolução theatral”,³⁵¹ ele contava levar a cada semana a estréia de um bom filme, firmando contrato com fornecedores de Manaus. A idéia de Bolivar Leite era popularizar o cinema, tornando-o mais acessível ao público, baixando o preço do ingresso e reservando o direito de aumentá-lo conforme o custo do filme:

Certo de que esse valioso auxílio lhe não faltará, antes lhe será o melhor incentivo, tenciona mesmo tornar mais acessível ao público o preço do ingresso, reduzindo-o para 2\$000 nas estréas e reprises, que se realizarão nas Sessões Elegantes das quintas e domingos, conservando o preço de 1\$000 para as sessões populares das terças e sabbados, salvo o direito de alteração nessa tabela, conforme o maior ou menor custo do aluguer (sic!) dos films que vierem, como, aliás, succede em toda parte.³⁵²

Mas não foi possível baixar o preço do ingresso nas sessões elegantes, devido ao imposto cobrado pela Intendência Municipal:

Nota: – a fracção de 200 réis dos ingressos para as sessões elegantes, corresponde ao impostos de caridade, taxado pela Intendencia Municipal.³⁵³

Seu arrendatário contava para os próximos dias a veiculação de novos filmes:

Dentro de breves dias, com a proxima chegada da primeira remessa de films novos, será o Eden-Cine-Theatro reaberto ao publico, com uma brilhante estréa.³⁵⁴

Porém, no final do mês, depois da aquisição do cinematógrafo, os filmes ainda não haviam chegado:

Eden-Cinema

³⁵¹ O EDEN-CINE-THEATRO passa a nova direção, *Folha do Acre*, Rio Branco, 13 de jan. De 1929, p. 6, col. 4.

³⁵² idem.

³⁵³ idem.

³⁵⁴ idem.

Aguardem os novos films chegados pela chata Uruguayana..³⁵⁵

A primeira apresentação de filme do Popular-Cinema, só foi anunciada ao público sete meses depois de sua aquisição. Nesse intervalo, dois filmes naturais e a peça teatral *Tá na Hora* se apresentaram. Sua primeira sessão de cinema não foi um programa inédito, mas uma reprise:

Hoje, no Popular-Cinema, reprise do film de aventuras e policiaes – O Rei dos Corsários – em 5 longas partes.³⁵⁶

Ao longo da década de vinte, o Eden-Cinema foi o único cinematógrafo funcionando regularmente perante o fisco da cidade. Analisando o Imposto de Indústria e Profissão da década, não foram encontrados outros salões. Mesmo o Olympia, fechado em 1921 ou Iris-Cine-Theatro, que concorreu com o Popular-Cinema no intervalo em que este deixou de apresentar filmes, esses dois cinemas não constavam na lista do Imposto de Indústria e Profissão. Dos filmes veiculados no Iris-Cine-Theatro, apenas dois foram detectados na imprensa local:

Iris-Cine-Theatro – Hoje – Soirée Chic – A Hyena de Ouro – Em 6 actos e 1 prologo.³⁵⁷

Iris-Cine-Theatro – Matinée Elegante: Hoje – O Preço do Sangue – Film Scientifico.³⁵⁸

Em 1930, o Popular-Cinema encontrava-se sob a responsabilidade de José Ferrante, como nos revela o Imposto de Indústria e Profissão deste ano:

Intendencia Municipal de Rio Branco

Edital

Lançamento do Imposto de Indústria e Profissão

Em observancia ao que preceitua o art. 10º da lei n.º170, de 22 de outubro de 1929, faço publica que, pela comissão lançadora do imposto de Industria e Profissão, nesta cidade e seus suburbios, relativo ao actual primeiro semestre do vigente exercício

³⁵⁵ EDEN-CINEMA, *Folha do Acre*, Rio Branco, 27 de jan. de 1929, p. , col. 6.

³⁵⁶ HOJE, *Folha do Acre*, Rio Branco, 21 de jul. de 1929, p. 1, col. 6.

³⁵⁷ IRIS-CINE-THEATRO, *Folha do Acre*, Rio Branco, 17 de fev. de 1929, p. 1, col. 6.

³⁵⁸ *ibidem.*, p. 8, col. 2.

financeiro, foi apresentado o competente mappa, o qual examinado pela comissão revisora, suggeriu esta as corrigendas que lhe pareceram justas e julgadas pelo exmo. sr. dr. Intendente, mandou este que se publicasse, sendo os lançamentos feitos, com as corrigendas seggeridas, os seguintes:

Exercicio de 1930

N.º de Ordem	Nome do Contribuinte	Local	Classificação do Imposto	N.º do Talão	Imposto			
					Est. Comer- cial	Taxa Sanitária	Total	Taxa Hospita- lar
197	José Ferrante	R. J. L. Alves n.º 79	Cinematographo	81	150\$000	7\$500	157\$000	15\$000

Fonte: Jornal O Acre, Rio Branco, 23 de fev. de 1930, p. 7.

É importante destacar a figura de José Ferrante como responsável pelo cinematógrafo, pois ele foi o antigo responsável pela parte técnica do Ideal Cinema na década de dez, continuando na função na década de vinte, com o Eden-Cinema (verifique o item “O surgimento do Eden-Cinema”). Em 1930, seu nome aparece como arrendatário do Popular-Cinema, lugar ocupado até o início de 1931, como fica demonstrado no Imposto deste ano.³⁵⁹ Ainda em 1931, uma nota nos chama a atenção:

O salão cinematographico cerrou as suas portas

Em consequencia da crise o salão cinematographico dos srs. Moleiro & Esteves, o único que funcionava de quando a quando nesta capital, cerrou definitivamente as suas portas.³⁶⁰

É significativo ressaltar que a crise no Popular-Cinema veio se manifestar em 1930, pois no ano anterior notamos várias atividades. Foram apresentados vinte e quatro filmes mudos, a peça *Tá na Hora*, apresentação de variedades e a celebração da escolha da *Miss Rio Branco*.

No Popular-Cinema

O Festival dos “Pípiras”

.....

O programma em sua mór parte, foi executado a contento da platéa, que não regateou os merecidos applausos ás senhorinhas Maria Julia e Elza Mendes; e aos jovens Germano Bezerra e Conde Filho.

³⁵⁹ PREFEITURA Municipal de Rio Branco, *O Acre*, Rio Branco, 01 de mar. de 1931, p. 7.

³⁶⁰ O SALÃO cinematográfico cerrou as suas portas, *Folha do Acre*, Rio Branco, 24 de abr. de 1931, p.4, col. 6.

A orchestra, confiada á musicista Hilda Leite, esteve a altura da selecta reunião.

A comedia “A Carceragem”, porem muito deixou a desejar. O Rachid nada fez. PedroSantos e dr. Fuzarca exageraram os papeis. Germano foi annullado por elles.³⁶¹

No Popular-Cinema

A féerie Miss Rio Branco

.....
 Constou o espectáculo de 18 optimos numeros da interessante féerie “Miss Rio Branco”, um conjunto de musica alegre, poesia lyrica e prosa brejeira, de par com a sympathia e intelligencia dos amadores...

A apotheose ás homenageadas, senhoritas Palmyra Fecury, Leonor Campos Silva e Anayde Araujo, foi consagrada com vibrantes e sinceras ovações.³⁶²

Em 1930, as atividades no Popular-Cinema caíram muito. As apresentações de filmes reduziram-se a seis. Quanto às apresentações de palco, as atenções se voltaram para o artista Barreto Sobrinho e a peça "Quando a Cidade se Ilumina”:

Uma festa de Barreto Sobrinho

Barreto Sobrinho, o moderno e fulgurante aêdo (sic!) nordestino que Rio Branco hospeda satisfeita, há mezes, realiza realiza hoje uma dessas suas lindas noitadas de arte pura, com que tem presenteado, quando em vez, a sociedade riobranquense.

O elegante festival que Barreto dedica á Excia. o Dr. Assis Vasconcelos, digno Interventor federal do Acre, tem magnifico e interessante programma e auspicia-se encantador, fazendo advinhar uma casa repleta no Theatro Popular.³⁶³

Quando a cidade se illumina

Em comemoração aos 6 de agosto, data tão cara aos acreanos, a “Associação Athletica Acreana” levou em reprise, “Quando a cidade se illumina...”, como homenagem ao soldado acreano.

O “Cine-Theatro-Popular” recebeu toda uma sociedade de elite, altas autoridades militares, etc., circumstancia que só por si mostra como agradou essa mimosa féerie.

.....
 Todos do grupo revelaram admiraveis qualidades de artistas e assim “Quando a cidade se illumina...”. Conseguiu ser bem recebida pelo publico, se o thermometro de ve ser o das manifestações, que se fizeram nos finaes dos actos.³⁶⁴

³⁶¹ KONDER, No Popular-Cinema, *Folha do Acre*, Rio Branco, 24 de out. de 1929, p. 4, col. 4.

³⁶² NO POPULAR-CINEMA, *Folha do Acre*, Rio Branco, 15 de nov. de 1929, p. 8, col.4

³⁶³ UMA FESTA de Barreto Sobrinho, *O Acre*, Rio Branco, 14 de dez. de 1930, p. 4, col. 5.

³⁶⁴ QUANDO a cidade se illumina, *O Acre*, Rio Branco, 10 de ago. de 1930, p. 6, col. 2.

Em 1931, até o mês de abril, quando foi anunciado na imprensa local o fechamento do Popular-Cinema, nenhuma atividade foi registrada no seu interior. O setor cinematográfico da região não escapara da crise de 29. Embora nos Estados Unidos a situação da crise cinematográfica fosse bem diversa da encontrada em Rio Branco, podemos perceber um elemento em comum: a crise não foi sentida de forma imediata. O cinema falado era um fato consumado nos Estados Unidos e, a princípio, a novidade adiou o impacto da crise: a frequência às casas exibidoras foi maior em 30 que em 29.³⁶⁵

Mas em 1931 os lucros caíram em relação ao ano anterior, apesar das operações em estúdios e salões exibidores continuarem lucrativos. No ano seguinte, os estúdios e casas exibidoras tiveram pouco lucro e, em 33, quase um terço dos cinemas tinham fechado. Quatro das oito companhias estavam enfrentando dificuldades financeiras: a Paramount, a RKO, a Fox e a Universal. Apenas em 1934, o mercado cinematográfico começou a reagir, propiciando lucros com a reabertura de cinemas. Muitos estúdios de cinemas foram assistidos de perto por “sindicatos de massas falidas”,³⁶⁶ já que estes (Paramount, Fox, Loew’s – MGM – e a Warner Bros.) adquiriram capitais dos banqueiros de Wall Street. Os banqueiros, credores dos estúdios, não tiveram escrúpulo nenhum em cobrar dos estúdios os empréstimos que lhes haviam feito depois do craque da bolsa de valores, impossibilitando-os de honrarem suas obrigações.

Assim, lentamente, a crise de 29 alcançou o cinema em Rio Branco, uma vez que ele dependia da importação de filmes, mesmo que não veiculasse as produções dos grandes estúdios norte-americanos. A crise provocou o fechamento de diversas casas exibidoras nos EUA e, apesar de não ter cerrado suas portas definitivamente, o Popular-Cinema não divulgou nenhuma nota na imprensa local sobre apresentações cinematográficas, a partir de 1931. O seu espaço era referido, apenas, para apresentações de Barreto Sobrinho e uma festa infantil. Em junho do corrente, passa a denominar-se Theatro Recreio:

A Hora da Arte, que constitui a segunda parte do programma, se realizará no “Theatro Recreio” e é promovida pela “Associação Atletica Acreana” sob os auspícios da comissão official. O producto do espectáculo é destinado a subscrição popular para a encomenda do busto em bronze de João Pessoa.³⁶⁷

³⁶⁵ Sklar, op. cit., p. 189-190.

³⁶⁶ Pessoas designadas a administrar as empresas.

³⁶⁷ JOÃO Pessoa, *O Acre*, Rio Branco, 26 de jun. de 1931, p. 1, col. 2 e 3.

No Imposto de Indústria e Profissão de 1932, conhecemos o seu novo responsável: José Cardoso Sobrinho.³⁶⁸ No ano anterior, ele surge na tabela do imposto como dono de uma alfaiataria situada na rua Cunha Mattos, n.º 89.³⁶⁹ O Teatro Recreio só passa a ter a denominação atual de Cine-Theatro Recreio em junho de 1948, quando fica sob a responsabilidade da Sociedade Recreativa Tentamen:

Com efeito, será, definitivamente, domingo, 13 de Junho, às 20, 30 horas em sessão especial de alta distinção e apurado relevo social a festiva inauguração do “Cine-Theatro Recreio”, a nova e confortável casa de espetáculos com que a cidade acaba de ser enriquecida, e que constitui uma eloquente e exemplar demonstração de espírito de iniciativa particular e tenacidade edificante, por parte de meia dúzia de cidadãos vontadosos e amigos da terra, tendo a encabeçar o feliz empreendimento a já tradicional e benemerita Sociedade Recreativa Tentamen e uma e outros encorajados, assistidos e ajudados pelo precioso estímulo e cooperação indefectível do major José Guiomard dos Santos, Governador do Território, o grande benemerito do Acre.³⁷⁰

Um ponto importante no cinema em Rio Branco é que, mesmo com o surgimento do cinema falado nos Estados Unidos em 1927, com o filme *The Jazz Singer*, da Warner Brothers,³⁷¹ o cinema falado só chega nesta cidade em 1939 com a criação do *Cine Rio Branco*,³⁷² a partir da iniciativa de Nilo Bezerra, dirigente da Santa Casa de Misericórdia, sua proprietária:

A nossa capital vai possuir dentro de breves dias essa maravilha do engenho humano, que é o cinema sonoro. Tal empreendimento, que muito entusiasmo vem despertando no mundo social rio-branquense, foi incentivado pelo Governador Epaminondas Martins, no interesse de elevar, sempre, o nível da civilização acreana, para o que tem emprestado o seu valioso apóio á atuação do dr. Nilo Bezerra, operoso dirigente da Santa Casa de Misericórdia, a quem pertence o moderno centro de diversões com que vai ser dotada a nossa capital.³⁷³

³⁶⁸ PREFEITURA Municipal de Rio Branco, *O Acre*, Rio Branco, 28 de fev. de 1932, p. 4.

³⁶⁹ PREFEITURA Municipal de Rio Branco, *O Acre*, Rio Branco, 23 de fev. de 1930, p. 7.

³⁷⁰ INAUGURA-SE hoje, o Cine-Theatro-Recreio, *O Acre*, Rio Branco, 13 de jun. de 1948, p. 8, col. 4 e 5.

³⁷¹ CATANI, Afrânio M. et. al. A chanchada no cinema brasileiro. SP: Brasiliense, Tudo é história, p. 20.

³⁷² CINE Rio Branco, *O Acre*, Rio Branco, 29 de out. de 1939, p. 1, col. 4.

³⁷³ UM CINEMA sonoro, *O Acre*, Rio Branco, A 08 de out. de 1939, p. 8, col. 4.

4. O CINEMA ALÉM DO CINEMA: AO AR LIVRE

4.1 Cinema ambulante e cinema ao ar livre

Nem todo cinema ambulante é ao ar livre e nem todo cinema ao ar livre é ambulante. É necessário esclarecer esses pontos para entendermos o cinema ao ar livre em Rio Branco na década de vinte, e para que não corramos o risco de criarmos, entre ambos, um vínculo fechado, sem que possamos perceber as suas peculiaridades.

O *cinema ambulante* é uma forma de exploração do mercado exibidor muito difundido no final século XIX e início do século XX. Em Manaus, desde 1857, têm-se notícias de *vistas* ou *quadros dissolventes* em seus teatrinhos.³⁷⁴ Nesse ano teria passado o *cosmorama*, aparelho que seria apresentado também em novembro e dezembro de 1862³⁷⁵ e, no anterior, o *polyorama*,³⁷⁶ antes do surgimento do cinematógrafo.

A primeira década do século XX será caracterizada como a época dos empresários ambulantes, viajantes brasileiros e estrangeiros, que se deslocavam de cidade em cidade com seu aparelho, vendendo ilusões com seus filmes [adquiridos] na França, Estados Unidos, Alemanha e Itália.³⁷⁷

Assim, quando se esgotava o estoque e o público se cansava das apresentações, os empresários ambulantes partiam para outros lugares. Mal um saía, logo outro chegava, instalando-se em cafés ou teatrinhos.³⁷⁸ Nos seus primórdios, o cinema não era visto como um investimento lucrativo capaz de impulsionar a construção de casas específicas de exibição.³⁷⁹ O filme era um espetáculo curto, não conseguindo ainda contar histórias longas e envolventes, e logo o público fadava-se. Até então, a palavra cinema não significava a casa de espetáculos, mas *o tipo de projetor, sua origem, a firma do inventor ou do proprietário*.³⁸⁰

Com a instalação dos grandes produtores e trustes no circuito exibidor, a partir de 1907, e com a substituição da venda pelo aluguel de películas cinematográficas, passou-se a exigir que os filmes retornassem aos fabricantes após quatro meses de exploração.³⁸¹ Isso fez

³⁷⁴ COSTA, Selda Vale da. Eldorado das ilusões, cinema e sociedade: Manaus (1897/1935). SP: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1988, p. 60.

³⁷⁵ idem.

³⁷⁶ ibidem, p. 61.

³⁷⁷ ibidem, p. 67.

³⁷⁸ idem.

³⁷⁹ idem.

³⁸⁰ SILVEIRA, Walter da. apud Costa, p. 16.

³⁸¹ SADOUL, Georges. História do cinema mundial: das origens aos nossos dias, Vol. I, SP: Martins, 1963. p. 51.

com que se apressasse a morte do cinema ambulante.³⁸² Não sendo mais o proprietário do filme, juntamente com a necessidade de sua devolução, o espaço de trabalho desse empresário se restringiu, não se tornando mais lucrativo para o exibidor nômade as suas viagens de cidade em cidade. Mas essa forma de espetáculo perdura ainda por um bom tempo, já que o ambulante é dono de suas fitas.

Além dos aspectos citados acima, um outro elemento a ser destacado para o fim do cinema ambulante é o desenvolvimento da qualidade do filme, que cada vez mais se tornava um espetáculo longo, com o advento dos cines-romances e os filmes d'Arte.³⁸³ O cinema aprende a contar histórias, atraindo um público mais exigente para as salas, daí a necessidade de modificar o espaço de projeções. O que antes era projetado em barracas de pano nas feiras européias passa, então, a ser exibido em um *Cinema-Teatro*.³⁸⁴ Nos primeiros anos do cinema, muitas platéias se sujeitavam a precárias e improvisadas salas de exibições, sem condições de segurança ou higiene, e eram chamadas pela imprensa de verdadeiros *rendez-vous do que há de mais chic na nossa sociedade*.³⁸⁵

A maior parte das casas de teatro de variedades passou a adotar o cinema como seu principal espetáculo, havendo, portanto, a substituição de atrações ao vivo pelo filme. Os *Nickels Odeons*, casas que apresentavam exclusivamente filmes, espalharam-se com muita velocidade para várias partes do mundo, cobrando ingressos a um preço muito reduzido (o níquel equivale a cinco centavos) para suas sessões. Muitos dos Nickels Odeons haviam sido teatro de variedades e caracterizavam-se por serem casas onde todos os tipos de pessoas freqüentavam principalmente as de menor poder econômico.³⁸⁶ Assim, com o aluguel de filmes, as fitas permaneciam durante um maior tempo no mercado e, a partir de 1910, a sua generalização tornou possível a multiplicação de salas exibidoras, em que se poderia preparar programas semanais.³⁸⁷

É importante notar que, nos primórdios, os empresários do cinema ambulante alugavam salas de projeções ou exibiam seus filmes animados em teatros, cafés ou em estabelecimentos que já atuavam no ramo do entretenimento, como os teatros de variedades. Estes últimos, por sua vez, apropriaram-se do cinema como mais um espetáculo inserido em suas programações e, posteriormente, em algumas casas, o único.

³⁸² Costa, op. cit., p. 95.

³⁸³ Sadoul, op. cit., p. 56.

³⁸⁴ idem.

³⁸⁵ MACIEL, Laura Antunes. A nação por um fio: práticas e imagens da "Comissão Rondon". SP: EDUC, 1998, p. 251.

³⁸⁶ Sadoul op. cit., p. 67.

³⁸⁷ ibidem, p. 74.

O exibidor nômade, em alguns casos, instalou-se como cinema fixo, uma vez que sua área de atuação como ambulante ficou restrita com a substituição da compra do filme pelo aluguel. Pode-se verificar isso no trabalho de Mauricélia B. A. de Sousa, ao destacar o Cinema Olympia, que chega a Rio Branco em 1913 e instala-se como cinema fixo em 1917, fechando as suas portas em 1921.³⁸⁸

Nesse contexto, percebe-se que o *cinema ao ar livre* era utilizado por exibidores ambulantes e, posteriormente, por empresários de casas fixas. Era mais uma forma que se somava às outras para apresentar ao público o entretenimento cinematográfico, podendo ser apreciado em ruas ou em praças.

O cinema ambulante caracterizava-se pelo seu nomadismo, presente apenas no final do século XIX e nas primeiras décadas do século XX, lançando mão de casas alugadas temporariamente ou de apresentações ao ar livre. Tanto na forma de exibição nômade como na fixa, a prática do cinema ao ar livre está presente na sua fase muda, sendo manifestada dependendo da lucratividade do exibidor. Essa prática desaparece com o surgimento da fala nos filmes, que prioriza o espaço do salão, principalmente devido ao recurso sonoro para compreensão de sua linguagem.

O cinema ao ar livre foi uma forma de espetáculo que em Rio Branco persistiu durante muito tempo, mesmo quando já era um empreendimento fixo, com regularidade em programações. Durante certo tempo, assistir a filmes ao ar livre foi típico do cinema ambulante, mas com a sua superação, alguns salões, conjuntamente com o governo ou comerciantes, ainda o utilizavam para se promover e constituir a cidade de mais uma alternativa de lazer.

4.2 A praça: o espaço privilegiado do cinema ao ar livre

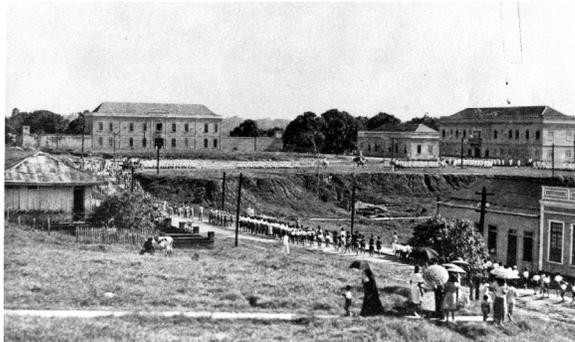
As cidades são os cenários da modernidade, encontrando nelas um lugar de expansão e convivendo com seus deslumbramentos.³⁸⁹ Nas cidades os homens percorrem caminhos que redefinem a sua maneira de se relacionar socialmente, criando novos hábitos. O leque de novidades oferecido, como o cinema, deixa homens, mulheres e crianças atônitos.

O espaço urbano pode ser visto como um cenário em constante transformação, fazendo parte da vida das pessoas, que reinventam novas práticas. A modernidade não pode

³⁸⁸ SOUSA, Mauricélia Barrozo Alves de. Et al. Os primórdios do cinema em Rio Branco: 1912-1930. 1988. 48f. Monografia – Departamento de História, Universidade Federal do Acre, Rio Branco, f.12.

³⁸⁹ REZENDE, Antonio Paulo. (Des) encantos modernos: histórias da cidade do Recife na década de vinte. Recife: FUNDARPE, 1997. p. 21.

se concretizar sem o processo de modernização que requer mudanças, fazendo com que o Estado atue como ator principal nesse cenário.³⁹⁰ O espaço público possui maior ênfase na cidade: as ruas, as praças, a fachada das casas, sendo o lugar privilegiado da intervenção e do interesse público³⁹¹ e onde as relações sociais se desenrolam.



A cidade de Rio Branco, na década de vinte, passa por sucessivas transformações. É construído o Palácio do Governo em estilo clássico e um prédio para a Polícia Militar, bem como olarias numa tentativa de acabar com as tradicionais construções em madeira, e também

Penitenciária e Força Policial - Museu da Borracha

melhoria no fornecimento de energia pública.

Juntamente com a Intendência, a cidade recebe outros benefícios, como a construção de bueiros e aterros na rua Alagoas e rua Rio Grande do Norte, reforma na ponte do bairro Quinze, limpeza e arborização da cidade, reabertura da avenida Ceará, entre outros.³⁹² Assim, o espaço urbano é transformado em um local que facilite a mobilidade e que a rua e



os prédios tornem-se um lugar de intensa vida social. A dilatação do espaço público em praças e cruzamentos anuncia uma concepção mais aberta, de *espaços livres*.³⁹³

Em Rio Branco, a praça principal da cidade que fica em frente ao Palácio do Governo, em Penápolis, passa

Praça Tavares de Lyra – Rel. H. Carneiro

por um processo de ajardinamento. É construído, posteriormente, *um artístico chafariz, que deu muita elegância ao local*.³⁹⁴ É remodelado, o que contribuiu para seu embelezamento.

³⁹⁰ ibidem, p. 18.

³⁹¹ RONCAYOLO, Marcel. Mutações do espaço urbano: a nova estrutura da Paris haussmannia. Projeto História: espaço e cultura, EDUC, São Paulo, nº 18, p. 92, maio 1999.

³⁹² CARNEIRO, Hugo Ribeiro. Relatório apresentado ao Ministro da Justiça e Negócios Interiores Exm^o. Augusto de Vianna do Castello, (1928-1929). Imprensa Nacional, Rio de Janeiro. 1930. p. 283.

³⁹³ Ronayolo, op. cit., p. 95.

³⁹⁴ Carneiro, op. cit., p. 281.

Esse era o espaço privilegiado de reunião das famílias de Rio Branco, o local público em que as pessoas se encontravam, flertavam, conversavam, passeavam. Aos domingos e feriados elas se dirigiam à praça para ouvir as *retretas* da banda de música da Força Policial.³⁹⁵

Neste espaço de lazer, as crianças, mulheres e moças casadoiras, vestidas à moda da época, ficavam passeando enquanto os homens e rapazes, às vezes de paletó e gravata, sempre de chapéu, aproveitavam para lançar seus olhares e galanteios àquelas que mais tarde poderiam ser suas namoradas, noivas e esposas.³⁹⁶

A Praça *Tavares de Lyra*, posterior Getúlio Vargas e atual Eurico Dutra, estão situados no bairro de Penápolis, hoje centro.³⁹⁷

Domingo ultimo a Praça Tavares de Lyra – ou Praça Major Menezes, como já chamam alguns, esteve repleta de pessoas que, no jardim em construção, foram gozar o luar e a musica.³⁹⁸

Durante esses momentos de lazer, algumas autoridades contemplavam o movimento da sacada do palácio, como nos revela o artigo de *Kiang*, do jornal *A Capital*. É importante destacar como ele capta e reconstrói esse espaço, onde as pessoas circulavam ao som da banda de música da Polícia.

O major Duarte de Menezes, incançável e habil director das obras que alli se estão effectuando, contemplava da sacada do Palacio, ladeado pelos drs. Jácome Conde, Pinheiro Chagas e desembargador Fleury, o exito prematuro e inesperado, que coroava a sua obra firmando assim, definitivamente, o ponto chic de Rio Branco.

.....

Ao som da banda policial passeiavam pelo plateáu lindamente ajardinado, grupos gracis de moças de nossa melhor sociedade – nymphas donairosas, num oceano de luz... que palestravam animadamente³⁹⁹

³⁹⁵ BEZERRA, 1993, passim.

³⁹⁶ ibidem, p. 43-44.

³⁹⁷ GUERRA, Antonio Teixeira. Estudo geográfico do território do Acre. RJ: IBGE, 1955, p. 88-89

³⁹⁸ KIANG, Binoculo, *A Capital*, Rio Branco, 18 de set. de 1921, p. 1, col. 3.

³⁹⁹ idem.

Destacamos como o colunista Kiang percebe, de maneira irônica, a movimentação e as conversas dos freqüentadores da praça em sua crônica:

A senhorita Rachel protesta energicamente contra a falta de gosto pela dança, o melhor dos sports; certamente que se estivesse em suas mãos teríamos danças semanaes, ou quem sabe, diarias.

Era de Vera⁴⁰⁰ (sic!) indignação da senhorita Laura, verbando contra a sua chará da A capital [jornal], que lhe viera trazer appellidos, d'antes nunca sonhados, enquanto o coronel Neves a fingir de Mané Chique-chique, nos fazia rir immenso no seu desespero contra o Zé Zidóro, que nem ao menos discute em lingua de gente.

No meio desse rir galhofeiro e franco, destacava-se a merencoria tristeza da senhorita Nenezinha, que a sonhar talvez com algum filho da encantadora terra de Al-bem-Hamed, recordava o baile de 7 de setembro.

No meio d'ellas, dominando tudo de cima da sua altura, destacava-se a senhorita Dalila que por estar mais perto da lua parecia gozar melhor que as outras as suas suavíssimas doçuras...

Chega à senhorita Mercedes consternada pelo atrazo que lhe fez perder tão deliciosos momentos desse prazer calmo que só se gosa junto aos campos.

Não sei por que razão o Dr. Porto equilibrando-se no alto das suas interminaveis pernas, repetia: – A senhorita Mercedes está se militarizando...

Perguntam pelo Dr. Rezende que de uns tempos para cá, anda enfurnado...⁴⁰¹

– Está lendo, ao clarão da lua, “O mal da vida...” respondendo uma voz convicta, enquanto que ali o Dr. Mario de Oliveira, com ares de elegante de Avenida...

Um outro grupo gentilissimo palestra á luz esplendente do luar. Formam-no, as senhoras, drs. Marcilio Bastos e Porto da Silveira.

Discute-se o assumpto escabroso – A moral dos homens – e podemos affirmar que os dois talentosos bachareis viram-se, por vezes, atarantados ante a logica e o ‘savair dire’, das inteligentes senhoras, que poderiam discutir ante Balzac ou Mantegazza.

Estão ainda presentes Sr. e Sra. Francisco Manoel, sr. Praxedes da Sylva e familia, srs. Coroneis João Donato e Napoleão Dourado, tenentes Costa Pereira e Laudelino Campos, Arlindo de S. Moraes, sr. Chaves, Miguel Bader, o grupo avassalador da Meza de Rendas, os gurys Roberto, Paulo e Mario, Yeda, Neuza e outras.

⁴⁰⁰ Verdadeira, real.

⁴⁰¹ Acabrunhado, melancólico, envergonhado, abatido.

Da sacada o major continuava a contar os que chegavam, rindo para a lua, essa lua que nos occultava discretamente os “comps de Foudre” de nossa ‘juventude radiosa’, como lhe chamou a distinta m.me Olavo Machado.

E certo, monologava, satisfeito o digno official:

Quantas bellas almas, quantas lindas flores...

Que desabrochar de novas esperanças

Neste ramallete não existe dores...

Só neste recanto póde haver bonanças!⁴⁰²

A partir da representação acima, nota-se como podia ser a circulação na praça, revelando novos personagens. Havia aqueles que criticavam as retretas, achando que a banda não deveria tocar só nos fins de semana. O repertório apresentava vários estilos de música:

A Retreta de Domingo

A afinada banda musical da Força Policial do Territorio, executou na retreta de Domingo passado um programma que foi applaudido.

Valsas, tangos, one-steppes e tanguinhos escolhidos, deliciaram os ouvidos exigentes de senhoras, senhoritas e cavalheiros que faziam o footing, nas alamedas do lindo jardim Major Menezes, da Praça Tavares de Lyra.

Diante das palmas que rebentavam após cada execução, o maestrino Pedro Vasconcellos Filho, jurava trazer couza melhor ainda para amanhã.⁴⁰³

Os conflitos entre Severa e Laura, colaboradoras do jornal *A Capital*, que ganharam as páginas do periódico – a primeira defendendo a emancipação feminina e a outra achando que o verdadeiro papel da mulher era voltado exclusivamente para o lar (ver o item Cinema: sensualidade e moda) –, foram percebidos por Kiang nos passeios pela praça. As discussões entre o coronel Honório Alves das Neves e a gente de menor poder econômico (Zé Zidoro) são descritas com ironia, pois mesmo o coronel, *a fingir de Mané Chique-chique*, e Zé Zidoro revelavam suas origens humildes.

⁴⁰² KIANG, op. cit., p. 1, col. 3..

⁴⁰³ A RETRETA de domingo, *A Capital*, Rio Branco, 01 de out. de 1921, p. 2, col. 1 e 2.

Os sentimentos não correspondidos, destacados pelo colunista de *A Capital*, fazem surgir personagens como o de Nenezinha, que se encontrava melancólica desde o baile da independência, e Rezende, ausente da praça. Além das conversas entre os grupos juvenis, os adultos também discutem. O artigo revela que um dos grupos, composto por homens e mulheres, debatia a moral e o comportamento dos homens.

Observa-se que a praça foi vista por Kiang como um ponto freqüentado por pessoas de maior poder econômico: seringalistas,⁴⁰⁴ funcionários públicos, advogados, comerciantes, militares. As de menor padrão financeiro, além de Zé Zidoro, não foram destacadas em seu artigo. A escrita incisiva do colunista é criticada pelos personagens, como fica demonstrado sua indignação em outra crônica:

Será possível, será crível, será razoavel que se zangue alguém com as innocentes bisbilhotices de Kiang? Certamente que não, pois os meus bonissimos leitores, quer do sexo gentil quer d outro sexo, não deverão vêr nessas escaramuças de chronista curioso, senão o ávido desejo de tornar, de alguma fôrma, menos monotona a concorrencia de gente chic á praça Tavares de Lyra. Kiang vê com verdadeiro prazer augmentar de domingo para domingo, a brilhante e selecta frequencia desse centro de reunião...⁴⁰⁵

Esse é o principal cenário do cinema ao ar livre: a praça, um espaço muito freqüentado, sendo ponto de encontro de diversos grupos da sociedade de Rio Branco e palco de comemorações que a cidade elege em ocasiões especiais. É o local privilegiado do cinema ao ar livre, mas não o único.

⁴⁰⁴ *Seringalista*, proprietário do *seringal*, que é formado pelo *barracão* (sede do seringal) e pelas várias *colocações de seringa* (local onde mora o *seringueiro*, extrator do *látex* da seringueira, leite em que se faz a borracha). As colocações são compostas por várias *estradas de seringa* exploradas pelo seringueiro.

⁴⁰⁵ KIANG, Binoculo, *A Capital*, Rio Branco, 01 de out. de 1921, p. 2, col. 1.

4.3 O cinema ao ar livre

O cinema ao ar livre participa de momentos especiais no cotidiano da cidade de Rio Branco e o Eden-Cinema é um dos elementos importantes para esse acontecimento. Em algumas ocasiões, é o cinematógrafo do Édén que faz parte de vários eventos, como festas beneficentes, comemorações de datas cívicas, posse de governadores, aniversários de governo e do presidente da República. Essas são ocasiões a serem comemoradas com cinema ao ar livre na praça Tavares de Lyra:

Haverá, no domingo, uma sessão de cinema, ao ar livre, na Praça Tavares de Lyra, em homenagem ao natalício do sr. dr. Epitacio Pessôa, para o que será alli transportado o aparelho do Édén.⁴⁰⁶

No dia da comemoração do aniversário do presidente da República, Epitácio Pessoa, boa parte da população comparece à praça, proveniente dos lugares mais afastados, para assistir o cinema ao ar livre. O transporte entre os bairros Empreza e Penápolis, separados pelo rio Acre, é feito por pequenas embarcações chamadas de catraias e nesses eventos, onde havia grande afluência de pessoas, essas embarcações tinham muito trabalho. Assim, todos assistiam, prazerosamente, aos filmes que se desenrolavam, rindo ou se comovendo, ao som da banda de música da Força Policial:

Á noite

Ao cair da noite, a canôa “Jaboty” e os outros expressos, em continua viagens não deram vencimento ao transporte dos populares que vinham, curiosos, assistir ás exhibições cinematographicas. E’ que as Colonias e o Quinze [bairro] despejavam gente a valer...

A Praça Tavares de Lyra ficou movimentada como nunca. A illuminação esplendeu farta nas cercanias da Prefeitura e ali no alto, dominando a massa popular e as casas apinhadas de familias, o écran do cinematographo desenrolou suas dez fitas attrahentes, applaudidas nos seus aspectos comicos pela meninada folgazã.

No corêto a banda regional, em retreta, deliciava a multidão.

⁴⁰⁶ EDEN-CINEMA, *Folha do Acre*, Rio Branco, 20 de maio de 1920, p. 2, col. 5.

No alto, envolvendo a cidade toda e a floresta e o rio sinuoso, a infinita doçura de uma noite estival salpintada de lumes.⁴⁰⁷

Uma outra ocasião em que esteve presente o cinema ao ar livre é a festa beneficente do hospital Augusto Monteiro, amplamente divulgada na imprensa local:

Como vínhamos informando foi levado a efeito, domingo 22, esplendido festival á Praça Tavares de Lyra, em Penápolis, com cinema ao ar livre, leilão de prendas, tombola⁴⁰⁸ etc., revertendo o producto do leilão e tombola em beneficio da sympathica instituição de caridade Hospital “Augusto Monteiro”, que muitos e inextimaveis serviços vão prestando aos que recorrem ao seu agasalho consolador.⁴⁰⁹



Hospital Augusto Monteiro – Rel. H. C.

A noite, segundo o periódico Folha do Acre, foi um sucesso, sendo o produto total arrecadado de Rs 2:016\$000 (dois contos ou dois milhões e desesseis mil réis). O evento contou com a presença do prefeito do Departamento, Cunha Vasconcellos, e várias autoridades civis e militares, além de muitas famílias.⁴¹⁰ *A sessão cinematographica, a cargo da empresa do Éden agradou geralmente!*⁴¹¹ O evento foi dirigido por Alfredo Mendes, um

⁴⁰⁷ O ANNIVERSARIO natalicio do dr. Epitacio Pessôa, *O Futuro*, Rio Branco, 30 de maio de 1920, p. 4, col. 1

⁴⁰⁸ Tõmbola: espécie de loteria, em que é necessário encher-se um cartão para ganhar; loteria de sociedade para fins beneficentes, com prêmios em espécie.

⁴⁰⁹ FESTIVAL em beneficio do hospital, *Folha do Acre*, Rio Branco, 26 de ago. de 1920, p. 2, col. 5.

⁴¹⁰ idem.

⁴¹¹ idem.

dos proprietários do Édén, que *serviu de leiloeiro e recebeu muitos elogios pela forma agradável e divertida*.⁴¹² O leilão transcorreu da seguinte forma:

Uma flôr oferecida por Mlle. Eliza Karan foi arrematada por 200\$000.

Também Mlles. Evangelina Vasconcellos, Rizoleta e Alice Valverde ofertaram flores que attingiram sommas consideraveis.

Também deu 200\$ a da senhorita Rizoleta.

A da senhorita Evangelina, arrematada duas vezes, por o primeiro arremate a ter oferecido também ao hospital, rendeu nas duas arrematações 265\$000.

Muitas outras prendas foram disputadissimas, reinando muita alegria e entusiasmo durante o leilão.

Felicitemos a distincta commissão promotora, a cuja frente se achava a exma. Senhora Da. Evangelina Cunha Vasconcellos, pello exito feliz do magnifico festival que tão gratas recordações deixou a todos que o assistiram e que para elle concorreram.⁴¹³



Grupo Escolar 7 de Setembro – CDIH

As comemorações de datas cívicas tiveram a presença do cinema ao ar livre de forma muito significativa, sendo uma prática presente até o final da década de trinta. Nessas ocasiões, as pessoas enfeitavam as fachadas das casas para as festividades:

O aspecto da cidade

Durante todo o dia, apresentou a cidade aspectos festivo. Diversas casas commerciaes do 1º e 2º districtos ornamentaram as fachadas, dando assim um aspecto de gala á nossa capital.⁴¹⁴

⁴¹² idem.

⁴¹³ idem.

⁴¹⁴ 7 DE SETEMBRO, *A capital*, Rio Branco, 11 de set. de 1921, p.1, col. 5.

Nesses eventos, a programação era vasta e às vezes levava-se dias para o seu término, como a do centenário da Independência. As festividades iniciaram com a banda de música da Força Policial percorrendo as ruas da cidade, quando o dia amanheceu. Houve missa na Praça Tavares de Lyra, desfiles militares e estudantis. A maior parte dessas comemorações terminava à noite, com cinema ao ar livre na praça. As pessoas participavam aplaudindo e vibrando:

Festejos

Dia 7

As 4 ½ horas – Alvorada pela Banda de musica da força policial do Territorio a qual percorrerá nas primeiras horas da manhã, ao som de varias marchas e dobrados, diversas ruas da cidade.

Distribuição de carne verde aos pobres pela Intendencia municipal.

As 7 horas – Missa , no coreto da Praça Tavares de Lyra, assistindo alem das altas autoridades, a Força em formatura e as escolas incorporadas.

As 8 ½ horas – Cerimonia do lançamento da pedra fundamental do ‘Obelisco’ commemorativo das festas, erigido no jardim da Praça Tavares de Lyra.

As 9 horas – Inauguração do edificio do Grupo Escolar “7 de Setembro”.

As 9 ½ horas – Recepção no Palacio dos Despachos.

As 16 horas – Assalto de esgrima á baioneta pela 1ª Companhia da Força Policial e exercicio de gymnastica ainda pela mesma companhia e um pelotão de alumnos do Grupo Escolar.

As 19 ½ horas – Cinema ao ar livre.

As 20 horas – Sessão civica e sarau dansante promovido pela Loja Maçonica.

Dia 8

Marcha aux-flambeaux promovida pela intendencia

Dia 9

Grande baile oferecido pela Colonia Syria e realizado no salão do Grupo Escolar 24 de Janeiro cedido pelo Governo.

Dia 10

Concerto musical, pela senhorinha Hilda Leite, intercalado por varios outros numeros artisticos, sportivos, constantes de cançonetas, etc.

Dia 11

Baile no Grupo Escolar “7 de Setembro”, em comemoração á inauguração do grande templo

Dias 12, 13, 14, 15

Festejos Sportivos e populares, cujos programmas serão distribuídos na ocasião.⁴¹⁵

Como se percebe na programação acima, é importante destacar um dado: a distribuição de *carne verde* aos pobres. A nota não é específica, mas é possível ressaltar que o abastecimento de carne e leite bovino em Rio Branco era muito problemático. Feito praticamente pelo abatedouro do coronel Honório Alves das Neves e pela fazenda *Nemaia*, que tinha como proprietários Neutel Maia e Guilhermino Teixeira Bastos,⁴¹⁶ o gado era proveniente da Bolívia, já que se tornava onerosa a importação de outros Estados brasileiros.⁴¹⁷ A viagem do rebanho, composta por uma ou duas centenas de cabeças, era feita pelos varadouros.⁴¹⁸ Essas dificuldades encareciam o produto, fazendo com que a maior parte da população não tivesse acesso a esse tipo de alimentação.⁴¹⁹

Para a maior parte das pessoas da cidade, era comum comer carne de animais encontrados em maior abundância na região e transformados em deliciosos pratos, como o pato-no-tucupí, pato ao molho pardo e galinha cozida. A carne de caça era, e ainda é, muito apreciada como jabuti ao leite da castanha, veado, paca, inambu, tatu. Outros pratos típicos da culinária nordestina estão presentes na acreana devido ao fato de a maior parte da população se originar daquela região. Além dos relacionados acima, há o tacacá, peixes como curimatã, tambaqui, pirarucu e tucunaré, muito consumido, além de outros.

Ainda em relação à programação citada, um outro ponto a ser destacado é o monumento erguido em comemoração ao centenário: o Obelisco construído em frente ao palácio. Atualmente, o Obelisco foi ressignificado e a idéia do centenário foi substituída por um monumento aos heróis da Revolução Acreana.

Por fim, um outro aspecto que deve ser ressaltado é a escassez de espaços para a população se reunir. Essa carência é revelada em virtude de as festas acontecerem em escolas

⁴¹⁵ COMEMORAÇÃO do Centenario, *Folha do Acre*, Rio Branco, 31 de ago. de 1922, p. 1, col. 5.

⁴¹⁶ BEZERRA, Maria José. (coord.). Et. al. Cidade de Rio Branco – a marca de um tempo: história, povo e cultura. Rio Branco: Globo, 1993. p. 39-37.

⁴¹⁷ idem.

⁴¹⁸ idem.

⁴¹⁹ idem.

(24 de Janeiro e 7 de Setembro) ou em órgãos públicos (Palácio dos Despachos), percebendo-se, assim, a ausência de clubes para esse fim no início da década.

Datas de grande significação local são comemoradas com cinema ao ar livre. O *6 de Agosto*, dia da Revolução Acreana, é festejado pelo Grupo Escolar 24 de Janeiro, contando com a participação de alunos, professores e autoridades. A comemoração é animada pela banda de música da Polícia, sendo proferidos discursos e palestras pelo diretor da escola, além de teatro, música e poesia, com a participação de alunos da instituição de ensino. A festa é encerrada com um número de ginástica sueca na praça e, logo em seguida, há uma sessão de cinema ao ar livre ao som da banda da Polícia.⁴²⁰

Quarta e ultima parte

A festa terminará com um numero de Gymnastica Sueca, ao ar livre, sob a direcção do Instructor do Grupo, sargento Fernandes, da Força Policial, desfilando com a canção Brasil. A banda de musica da Força Policial tocará, em seguida, escolhidas peças do seu repertorio.

À noite haverá na praça, em frente ao Palacio, que se conservará aberto e franqueado ás familias e cavalheiros da sociedade acreana, cinema ao ar livre.

Não haverá convites especiaes.

Esperam-se o comparecimento das autoridades, escolas municipaes e familias desta capital.⁴²¹

Os aniversários de governo também contam com o cinema ao ar livre, como pode ser notado na administração Hugo Carneiro, nos anos de 1928 e 1929:

Assumi o carater de uma verdadeira apotheose glorificada a grandiosa manifestação prestada, ao Exmo.Sr.Dr. Hugo Carneiro, pelo povo de Rio Branco em commemoração á passagem do Iº aniversario de sua administração, e promovida por elementos representativos das diversas classes sociaes, componentes da população de todo o municipio.⁴²²

⁴²⁰ 6 DE AGOSTO, *Folha do Acre*, Rio Branco, 04 de ago. de 1921, p. 3, col. 2, 3, 4 e 5.

⁴²¹ idem.

⁴²² FOLHA do Acre, Rio Branco, 21 de jun. de 1928, p. 1, col. 1.

À noite, a festa contou com retreta da banda de música da Polícia, queima de fogos de artifício e cinema ao ar livre. Em seguida, as pessoas se dirigiram em passeata à casa do governador, onde as comemorações se encerraram com discursos:

Passeata Cívica – Sua impressionante imponência

Às 7 horas da noite, começou a retreta na Praça Tavares de Lyra, sendo já quase incomputável a multidão que àquella hora, alli se comprimia aguardando a occasião de levar ao sr. dr. Hugo Carneiro a prova eloquente de sua solidariedade e de seu applauso pelo governo de realizações que vem fazendo para a felicidade do Acre.

Às 9 horas, queimados os fogos de artifício, e termina a Iª parte do cinema ao ar livre, organizou-se o prestito cívico, que, guiado pela banda de música da Força Policial, se encaminhou para a residencia do Exmo.Sr.Dr. Hugo Carneiro, saudado pelo povo, numa compacta multidão calculada em 5.000 pessoas, com estrondosos vivas.

A' tribuna adrede preparada, falou, primeiramente, o sr. dr. Mario de Oliveira, procurador da Republica, especialmente convidados pelas classes conservadoras.⁴²³



Residência Oficial – CDIH

No ano seguinte, as festividades contam com inaugurações como o Mercado Municipal e o início de outras obras importantes, que modificariam o aspecto da cidade, como, por exemplo, o Palácio do Governo. Nesse ano, houve competições entre barcos no rio Acre, no trecho que se dava, segundo Maria José Bezerra, entre a Gameleira e a Rua da África, atual 1º de Maio, no bairro 6 de Agosto:

⁴²³ ibidem, col. 5.

O segundo aniversario da administração Hugo Carneiro

As diversas classes sociaes, reunidas em duas sessões realizadas na séde da Sociedade Recreativa Tentamen, organisaram o seguinte programma para solemnizar a commemoração do segundo aniversario da administração Hugo Carneiro, no proximo sabbado:

No dia 15 – alvorada e salva de 21 tiros ás 5 horas – A’s 9 horas missa campal na Avenida Epaminondas Jacome, nas proximidades do mercado novo – A’s 10 horas inauguração do mercado municipal e distribuição de bombons ás creanças – Parada infantil – A’s 11 horas lançamento da pedra fundamental do edificio o Palácio do Governo – A’s 21 horas baile no ‘Grupo Escolar 7 de Setembro’.

No dia 16 – A’s 8 horas regatas com premios aos vencedores, dois pareos – A’s 12 horas almoço de 200 talheres no saguão do mercado novo – A’s 15 horas, tarde esportiva no stadium do Rio Branco F. C. – A’s 19 horas cinema ao ar livre na praça Tavares de Lyra – A’s 20 horas marche aux flambeau – A’s 21 horas baile popular no mercado velho.⁴²⁴

Sabe-se, portanto, que o Eden-Cinema não foi o único promotor de cinema ao ar livre em toda a década de vinte. Percebe-se a presença de *José Facre*, electricista e proprietário da Casa Sapeca, que se situava na esquina da Rua São Paulo e vendia vários produtos:

Casa Sapeca de José Facre

Rua Rio Grande do Sul, esq. Da Rua São Paulo

Completo sortimento de estivas e bebidas nacionaes e estrangeiras

Ponto predileto do Pessoal que gosta de sapecar á bessa.

Purissima gororoba da afamada marca Jararaca

Compra e vende todos os productos do território

Rio Branco – Acre⁴²⁵

O *Cine-Facre* promovia sessões ao ar livre, não podendo Jose Facre ser caracterizado como um empresário do cinema ambulante, pois não se encontram elementos que certifique que ele saía de cidade em cidade vendendo ilusões. Seu cinematógrafo funcionava, talvez,

⁴²⁴ O SEGUNDO aniversário da administração Hugo Carneiro, *Folha do Acre*, Rio Branco, 09 de jun. de 1929, p. 1.

⁴²⁵ CASA Sapeca, *Jornal Oficial*, Rio Branco, 14 de jun. de 1925, p. 3, col. 6.

como mais uma alternativa de renda, uma vez que o negócio com a eletricidade é sua especialidade, como se percebe no anúncio: *O cavalheiro precisa de trabalhos de electricidade, feitos com perfeição? Procurai o popular José Facre, a Rua João Luiz Alves.*⁴²⁶

Pouco se sabe sobre a figura de José Facre e suas atividades com o cinema ao ar livre. Apenas uma pequena nota dá uma noção de dois eventos promovidos por ele: uma homenagem aos jogadores de futebol e a comemoração de seu próprio aniversário.

Cine-Facre

Com o seu aparelho Pathé Baby, realistou o Cine-Facre, a 16 deste, uma sessão ao ar livre em homenagens aos jogadores de foot-ball. Na noite de 24 haverá nova sessão em frente ao estabelecimento “A Reformadora”, em regosijo pela passagem do anniversario natalício do seu proprietario, Sr. José Facre.⁴²⁷

O cinema ao ar livre nas primeiras décadas do século XX em Rio Branco é uma forma de lazer muito importante, pois participa de vários momentos na vida das pessoas que se deliciavam com suas imagens. Esteve presente ao longo de toda a década de trinta, tendo suas atividades desaparecido com o surgimento do *Cine Rio Branco* e o cinema falado, em 1939.⁴²⁸

Cine Rio Branco

Equipamento Philisonor

Emprêsa da Santa Casa de Misericórdia do Acre.⁴²⁹

Isso pode ser compreendido, pois o cinema ao ar livre mudo não precisava de todo o aparato técnico para que suas sessões fossem realizadas na praça ou na rua. O cinema falado é diferente: além da tela, do aparelho projetor e do filme, necessita de caixas de som para que se compreenda sua a narrativa. Sem esse último recurso é muito difícil entender a mensagem que ele veicula. O cinema ao ar livre mudo tornava-se muito mais acessível ao público devido a sua linguagem, já que a fala não era um fator preponderante.

⁴²⁶ Folha do Acre, Rio Branco, 14 de set. de 1927, p. 4, col. 4.

⁴²⁷ CINE-FACRE, *Folha do Acre*, Rio Branco, 21 de ago. de 1927, p. 4, col. 2.

⁴²⁸ CINE RIO BRANCO, *O Acre*, Rio Branco, 03 de nov. de 1939, p. 1, col. 4 e 5.

⁴²⁹ CINE Rio Branco, *O Acre*, Rio Branco, 01 de set. de 1940, p. 6, col. 4.

O Cine Rio Branco coloca-se no espaço antes reservado ao cinema ao ar livre, abrindo as suas portas com sessões gratuitas nas festividades da cidade. Esse acontecimento pode ser percebido nas programações:

As Comemorações da “Semana da Pátria”

Às 5 horas – Alvorada pela banda de música da Polícia Militar. A banda de clarins, a cavalo percorrerá as ruas da cidade. Salva de morteiros.

Às 7 horas – Missa no Altar da Pátria.

Às 8 horas – Hasteamento da Bandeira Nacional no Palácio Rio Branco. O Batalhão da Polícia militar prestará as homenagens de estilo. Formatura da Juventude Brasileira, instituições escolares e esportivas. Parada da Raça. Comício popular na Praça “Getúlio Vargas” [antiga Tavares de Lyra, atual Eurico Dutra]

Às 10 horas – Recepção Oficial no Palácio Rio Branco.

Às 15 horas – Competições esportivas e demonstrações de ginástica escolar no Campo do Rio Branco F. C.

Às 18 horas – Arriamento do Pavilhão Nacional

Às 20 horas – **Sessão gratuita no Cine Rio Branco.** (grifo nosso)

Às 22 horas – Soirée dansante na Sociedade Recreativa “Tentamen”.⁴³⁰

Mas, apesar da substituição do cinema ao ar livre pelas sessões do Cine Rio Branco, ainda se pode encontrá-lo em apenas uma ocasião (1949), na programação para as festividades do Dia do Trabalho. Nota-se, na figura a seguir, a Praça Getúlio Vargas (ex-Tavares de Lyra) sob novo aspecto, destacando-se o coreto utilizado pela banda de música e o chafariz. Ao fundo, o bairro Empreza e, mais adiante, a fazenda Nemaia.

Programa

De festividades publicas comemorativas do

Dia do Trabalho

A 1º de Maio de 1949

Às 8,00 hs – Hasteamento da Bandeira, no palácio rio Branco.

⁴³⁰ AS COMEMORAÇÕES da “Semana da Pátria”, O Acre, Rio Branco, Anno XII, N. 553, 07 de setembro de 1940, p. 1, col. 1 e 2.

Às 9,00 hs – Comemoração do 1º aniversário do ‘Núcleo Central de Melhoramento da Borracha’.

Às 10,00 hs – Inauguração da Escola Rural do ‘Bairro Quinze’.

Às 15,00 hs – Tarde esportiva no Estádio José de Melo”: Torneio Initium da F. A. D.

Às 17,30 hs – Arreamento da Bandeira.

Às 18,00 hs – Inauguração da nova séde da Radio Difusora Acreana.

Às 19,00 hs – Saudação ao operariado pelo professor Humberto Soares da Costa, pela Radio Difusora Acreana.

Às 19,30 hs – **Sessão cinematográfica ao ar livre.** (grifo nosso)

Às 20,30 horas – Baile popular na Praça Getúlio Vargas.⁴³¹



Praça Getúlio Vargas - CDIH

⁴³¹ PROGRAMA, *O Acre*, Rio Branco, 01 de maio de 1949, p. 8, col. 5.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conhecer e discutir o cinema em Rio Branco na década de vinte não deixa de ser uma agradável viagem a uma época em que a cidade recebia os primeiros ventos da modernização. O espaço urbano é alvo de mudanças que marcam profundamente a sua paisagem. O Eden-Cinema, um salão cinematográfico que se faz presente ao longo de todo esse período, não escapa dessas novas concepções.

O espaço do cinema passa a ter uma significativa importância dentro da cidade como mais um lugar aonde ir, mais uma opção de lazer, onde as pessoas se deslumbram, emocionam-se e se divertem. Ao frequentá-lo, entram em contato com imagens que veiculam novas idéias, hábitos e costumes, e que são ou não assimilados. Esses filmes mostram tanto na sua forma de produção como na projeção, traços marcantes que denunciam a influência do teatro.

É pensando nos aspectos de modernização que a estrutura física do Eden-Cinema vai ser atingida pelas novas modificações. Sendo um lugar de aglomeração, passa a ser observado com a instituição de regras específicas referentes à segurança e à higiene. Mas, apesar disso, é um espaço que transgrediu algumas dessas medidas. Sua utilização é diversificada, não se restringindo exclusivamente à projeção de filmes. É um espaço de reuniões, palestras ou festividades oficiais, populares, refinadas, beneficentes, além de ser um local de apresentações teatrais, canto, dança e poesia.

Mas o Eden-Cinema não se limita só ao salão, ele vai além. Integra-se aos espaços públicos, fazendo-se presente na rua e na praça. O cinema ao ar livre participa de momentos especiais em comemorações cívicas, oficiais e beneficentes, acompanhado da banda de música. A propósito, essa combinação – cinema, banda e praça – foi uma prática que persistiu ao longo de toda a década.

Assim, o cinema deve ser pensado de maneira múltipla e diversa. Amado ou combatido, ele transgrediu, alterou e construiu hábitos e costumes na sociedade de Rio Branco da década de vinte.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- ARAÚJO, Vicente de P. **A bela época do cinema brasileiro**. SP: Perspectiva, 1976. 418p.
- BENJAMIN, Walter. A obra de arte na sua reprodutibilidade técnica. In: **Obras escolhidas**. SP: Brasiliense. 1994. 165-196p.
- BERGSON, Henri. **Matéria e memória**. Lisboa: Martins Fontes. 1998.
- BERMAN, Marshal. **Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade**. SP: Cia. das Letras. 1986.
- BERNADET, Jean-Claude. **O que é cinema**. SP: Brasiliense, 1981. 117p.(Coleção Primeiros Passos).
- BETTON, Gérard. **Estética do cinema**. SP: Martins Fontes, 1987. 121p.
- BUENO, Francisco da Silveira. Et al. **Dicionário escolar da língua portuguesa**. 11^a ed. RJ: FAE, 1994. 1263p.
- BURKE, Peter. Unidade e variedade na História Cultural. In: **Variedades da História Cultural**. RJ: Civilização Brasileira, 2000. 233-267p.
- _____. (org.) **A escrita da história**. SP: UNESP, 1992.
- _____. **A escola dos annales (1929-1989): a revolução francesa da historiografia**. SP: UNESP. 1997. 154p.
- CATANI, Afrânio M. et. al. **A chanchada no cinema brasileiro**. SP: Brasiliense. 97p. (Tudo é história).
- CHOYA, Françoise. O reino do urbano e a morte da cidade. **Projeto História: espaço e cultura**, EDUC, São Paulo, n. 18, p. 67-89, maio 1999.
- FARIA, Octavio de. **A história do cinema: uma pequena introdução**. Tecnoprint (Ediouro), 1998. 115p.
- FERREIRA, Jurandir Pires. **Enciclopédia dos Municípios Brasileiros**, Vol. XIV. RJ: IBGE, 1957. p. 64-74
- FIGUEIRÔA, Alexandre. **Cinema Pernambucano: uma história em ciclos**. Recife: Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 2000. 122p. (Coleção Malungo).
- GUERRA, Antonio Teixeira. **Estudo Geográfico do Território do Acre**. RJ: IBGE, 1955. 294p.
- GOMES, Paulo Emílio Sales. **Cinema: trajetória no subdesenvolvimento**. SP: Paz e Terra. 1996. 111p. (Coleção Leitura)

- HALBWACHS, Maurice. **Memória Coletiva**. SP: Vértice. 1990. 18-187p.
- HARVEY, David. Modernidade e modernismo. In: **Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. SP: Loyola, p.p. 21-43.
- XAVIER, Ismail (org.). **O cinema no século**. RJ: Imago. 1996. 384p.
- KAEL, Pauline. **1001 noites de cinema**. SP: Cia. das Letras. 1994. 567p.
- MACHADO, Arlindo. **Pré-cinemas & pós-cinemas**. Campinas, SP: Papyrus, 1997. 303p.
- MACIEL, Laura Antunes. **A nação por um fio: caminhos, práticas e imagens da “Comissão Rondon”**. SP: EDUC, 1998. 319p.
- MARTINELLO, Pedro. Formação e expansão da empresa gumífera e importância da borracha amazônica na segunda guerra mundial. In: Souza, Carlos Alberto Alves de. (org.). **15 textos de história da amazônia**. Rio Branco: UFAC/Pró-Reitoria de Assuntos Comunitários, 1995. p.139-167.
- MACHADO, Roberto. **Foucault, a filosofia e a literatura**. RJ: Jorge Zahar. 2000. 187p.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. SP: Edições Loyola. 2000. 79p. (Leituras Filosóficas)
- _____. **Microfísica do poder**. RJ: Edições Graal. 1999. 295p.
- _____. **A arqueologia do saber**. RJ: Vozes. 1972. 169-256p.
- _____. **As palavras e as coisas**. Lisboa: Portugalia Editora. 1966.
- GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. SP: Cia. das Letras. 1989. 143-179p.
- MONTENEGRO, Antonio Torres. **História e memória: a cultura popular revisitada**. SP: Contexto. 1994. 153p.
- MUNSTERBERG, Hugo. As emoções. In: XAVIER, Ismail. **A experiência do cinema**. RJ: Graal: Embrafilme, 1983. p. 46-54.
- QUEIROZ, Terezinha de J. M. Cinema, invenção do diabo? In: **História, literatura, sociabilidades**. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1998. 41-53p.
- REIS, José Carlos. **A história: entre a filosofia e a ciência**. SP: Ática. 1996. 96p. (Série Fundamentos)
- REZENDE, Antonio Paulo. **(Des) encantos modernos: histórias da cidade do Recife na década de vinte**. Recife: FUNDARPE, 1997. 204p.
- RONCAYOLO, Marcel. Mutações do espaço urbano: a nova estrutura da Paris haussmannia. **Projeto História: espaço e cultura**, EDUC, São Paulo, n. 18, p. 91-96, maio 1999.

- SADOUL, Georges. **História do cinema mundial: das origens aos nossos dias**, Vol. I SP: Martins, 1963. 314p.
- SKLAR, Robert. Os filmes mudos e a vida apaixonada. In: **História social de cinema americano**. SP: Editora Cultrix, 1978. p.106-125.
- _____. A casa que Adolph Zukor Construiu. In: **História social de cinema americano**. SP: Cultrix, 1978, p.167-185.
- TOULET, Emmanuelle. **O cinema, invenção do século**. s/l Objetivas, 1988. 176p. (Descobertas).
- TURNER, Graeme. **Cinema como prático social**. SP: Summus, 1997. 174p.
- VEYNE, Paul. Foucault revoluciona a história. In: **Como se escreve a história**. Brasília: EDUNB. 1982. 149-183p.
- VIANY, Alex. **Introdução do Cinema Brasileiro**. Biblioteca de Divulgação Cultural /Série B – IV MEC/Instituto Nacional do Livro, RJ: 1959. 487p.
- WEHLING, Arno. **A invenção da história**. RJ: Ed. Gama Filho/UFPE. 1994. 93-136p.
- WHITE, Hayden. **Trópicos do Discurso: ensaios sobre a crítica da cultura**. SP: Editora da Universidade de São Paulo. 1994. 13-151p.

MONOGRAFIAS, DISSERTAÇÕES E TESES.

- COSTA, Selda V. da. **Eldorado das ilusões, cinema e sociedade: Manaus (1897/1935)**. 1988. 412f. Tese – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.
- SANTIAGO, Roberval da Silva. **Cinematógrafo pernambucano: a jornada da transgressão, do sonho e da sedução**. 1995.134f. Dissertação – Universidade Federal de Pernambuco, Recife.
- SOUSA, Mauricélia Barrozo Alves de. Et al. **Os primórdios do cinema em Rio Branco: 1912-1930**. 1988. 48f. Monografia – Departamento de História, Universidade Federal do Acre, Rio Branco.
- SOUZA, Carlos Alberto Alves de. **Varadouros da liberdade: empates no modo de vida dos seringueiros em Brasiléia – Acre**. 1996. Tese – PUC/SP, São Paulo.

RELATÓRIOS, DOSSIÊS, CATÁLOGOS, ALBUNS.

BEZERRA, Maria José. (coord.). **Dossiê – Acervo: Guiomard Santos (Acre) – Elevação do Acre à Estado** – Rio Branco: Gráfica Globo, 1992.

_____. et al. (coord.) **Cidade de Rio Branco – a marca de um tempo: história, povo e cultura**. Rio Branco: Globo, 1993.

CARNEIRO, Hugo Ribeiro. **Relatório apresentado ao Ministro da Justiça e Negócios Interiores Exmo. Augusto de Vianna do Castello, (1928-1929)**. Imprensa Nacional, Rio de Janeiro. 1930. 286p.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA. N.1, **Sinopse Estatística do Território**. República dos Estados Unidos do Brasil – Território do Acre. (Separata, com acréscimo do anuário estatístico do Brasil, Ano II – 1936).

NEVES, Marcos Vinícius S. et al. **Catálogo da exposição dez vezes seis: imagens de dez décadas da rua seis de agosto**. Rio Branco: FGB/Bobgraf. 1996. 86p.

PERIÓDICOS

Folha do Acre

NA TELA e nos salões, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno X, N. 305, 20 de março de 1920, p.2, col. 3.

NA TELA e nos salões. **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno X, N. 307, 03 de abril de 1920, p. 2, col. 6

KONDE, Na tela e nos salões, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno X, N. 307, 03 de abril de 1920, p. 2, col. 6.

KONDE. Na tela e nos salões, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno, X, N. 308, 10 de abril de 1920, p. 3, col. 1.

NA TELA e nos salões, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno X, N. 310, 24 de abril, de 1920, p. 3, col. 3.

KONDE. Na tela e nos salões, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno X, N. 311, 01 de maio de 1920, p. 2, col. 6.

NA TELA nos salões, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno X, N. 311, 01 de maio de 1920, p. 2, col. 6.

ANTUNES, Juvenal. O cinema, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno X, N. 312, 13 de maio de 1920, p. 3, col. 1.

NA TELA e nos salões, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno X, N. 312, 13 de maio de 1920, p. 2, col. 6.

- EDEN-CINEMA, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno X, N. 313, 20 de maio de 1920, p. 2, col. 5.
- KONDE. Eden Theatro, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno X, N. 313, 20 de maio de 1920, p. 2, col. 5.
- O CINEMA, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno X, N. 313, 20 de maio de 1920, p. 2, col. 5.
- ARAÚJO, Amanajós. O cinema, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno X, N. 313, 20 de maio de 1920, p. 2, col. 5.
- KONDE. **Na tela e nos salões**, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno X, N. 313, 20 de maio de 1920, p. 2, col. 5.
- EDEN-THEATRO, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno X, N. 314, 27 de abril de 1920, p. 3, col. 4.
- KONDE. Na tela e nos salões, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno X, N. 316, 17 de junho de 1920, p. 2, col. 4.
- OLIVEIRA, Mario. Parecer, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno X, N. 316, 17 de junho de 1920, p.2, col. 4
- OLIVEIRA, Mario de. O cinema, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno X, N. 316, 17 de junho de 1920, p. 2, col. 5.
- NA TELA e nos salões, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno X, N. 318, 01 de julho de 1920, p. 2, col. 5.
- O CINEMA. **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno X, N. 318, 01 de julho de 1920, p. 2, col. 4.
- KONDE. Na tela e nos salões, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno X, N. 319, 08 de julho de 1920, p. 3, col. 1 e 2.
- NA TELA e nos salões, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno X, N. 319, 08 de julho de 1920, p. 3, col. 1 e 2.
- O CINEMA, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno X, N. 320, 05 de agosto de 1920, p. 4, col. 1.
- MAIA, José. O cinema, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno X, N. 321, 22 de julho de 1920, p. 3, col. 1.
- O CINEMA, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno X, N. 322, 05 de agosto de 1920, p. 4, col. 1.
- O CINEMA, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno X, N. 323, 12 de agosto de 1920, p. 2, col. 4.
- O CINEMA, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno XI, N. 324, 19 de agosto de 1920, p. 2, col. 4.
- FERREIRA, Alfredo Gomes. O cinema, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno XI, N. 325, 26 de agosto de 1920, p. 3, col. 5.

- FESTIVAL em beneficio do hospital, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno XI, N. 325, 26 de agosto de 1920, p. 2, col. 5.
- O CINEMA, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno XI, N. 325, 26 de agosto de 1920, p. 3, col. 5.
- A MODA. **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno XI, N. 326, 02 de setembro de 1920, p. 2, col. 3.
- O CINEMA, **Folha do Acre**, Rio Branco Anno XI, N. 326, , 02 de setembro de 1920, p. 2, col. 6.
- O CINEMA, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno XI, N. 328, 23 de setembro de 1920, p. 2, col. 6.
- O CINEMA, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno XI, N. 329, 14 de outubro de 1920, p. 3, col. 6.
- O CINEMA, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno X, N. 330, 21 de outubro de 1920, p. 3, col. 5.
- O CINEMA, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno XI, N. 331, 28 de outubro de 1920, p. 3, col. 2 e 3.
- DANILLO, O meu comentario, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno XI, N. 332, 04 de novembro de 1920, p. 2, col. 3 e 4.
- O CINEMA, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno XI, N. 333, 15 de novembro de 1920, p. 3, col. 4.
- O CINEMA, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno X, N. 334, 20 de novembro de 1920, p. 3, col. 4.
- O CINEMA, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno XI, N. 335, 25 de novembro de 1920, p. 3, col. 6.
- O CINEMA, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno XI, N. 336, 02 de dezembro de 1920, p. 3, col. 6.
- O CINEMA, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno XI, N. 337, 9 de dezembro de 1920, p. 3, col. 3.
- EDEN-CINEMA, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno XI, N. 343, 20 de janeiro de 1921, p. 3, col. 4 e 5.
- EDEN-CINEMA, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno XI, N. 344, 27 de janeiro de 1921, p. 3, col. 5 e 6.
- O CINEMA Olympia foi vendido. **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno XI, N. 345, 03 de fevereiro 1921, p. 3, col. 2
- EDEN-CINEMA, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno XI, N. 348, 24 de fevereiro de 1921, p. 3, col. 3 e 4.

- A ARTE do Silencio, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno XI, N. 355, 14 de abril de 1921, p. 3, col. 3.
- FESTIVAL Antonia Scipião, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno XI, N. 365, 23 de junho de 1921, p. 2, col. 4 e 5.
- O “EDEN” exhibe um film sensacional, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno XI, N. 366, 30 de junho de 1921, p. 3, col. 1.
- DIVERSÕES e Arte, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno XI, N. 368, 14 de julho de 1921, p. 3, col. 6.
- NO MUNDO do silencio, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno XI, N. 369, 21 de julho de 1921, p. 3, col. 2.
- NO MUNDO do silencio, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno XI, N. 370, 27 de julho de 1921, p. 3, col. 4.
- 6 DE AGOSTO, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno XI, N. 371, 04 de agosto de 1921, p. 3, col. 2, 3, 4 e 5.
- NO MUNDO do silencio, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno XI, N. 371, 04 de agosto de 1921, p. 2, col. 6.
- FOLHA do Acre**, Rio Branco, Anno XII, N. 373, 18 de agosto de 1921, p. 3, col. 1.
- RABISCOS, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno XII, N. 376, 15 de setembro de 1921, p. 2, col. 5.
- EDEN-CINEMA, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno XVI, N. 378, 22 de setembro de 1921, p. 1, col. 6
- A SESSÃO, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno XII, N. 380, 06 de outubro, de 1921, p. 2, col. 5.
- EDEN-CINEMA, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno XII, N. 381, 13 de outubro de 1921, p. 3, col. 5.
- NA TELA e nos salões, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno XII, N. 416, 15 de junho de 1922, p.3, col. 4.
- FESTAS, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno XII, N. 423, 03 de agosto de 1922, p.2, col. 6.
- COMMEMORAÇÃO do Centenario, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno XII, N. 427, 31 de agosto de 1922, p. 1, col. 5.
- O CENTENARIO no Acre: como foi festejado, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno XII, N. 429, 14 de setembro de 1922, p. 1, col. 2.

- CINEMA em Pennapolis. **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno XII, N. 435, 26 de outubro de 1922, p. 2, col. 2.
- A LUZ continua pessima. **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno XIII, N. 447, 11 de janeiro de 1923, p. 2, col. 5 e 6.
- EDEN-CINEMA, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno XV, N. 510, 03 de janeiro de 1926, p. 1, col. 5.
- EDEN-CINEMA, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno XV, N. 511, 10 de janeiro de 1926, p. 1, col. 6.
- EDEN-CINEMA, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno XV, N. 514, 31 de janeiro de 1926, p. 1, col. 6.
- EDEN-CINEMA, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno XV, N. 515, 07 de fevereiro de 1926, p. 1, col. 5.
- EDEN-CINEMA, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno XV, N. 516, 14 de fevereiro de 1926, p. 1, col. 4.
- EDEN-CINEMA, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno XV, N. 517, 21 de fevereiro de 1926, p. 1, col. 5.
- EDEN-CINEMA, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno XVI, N. 518, 24 de julho de 1927, p. 1, col. 4.
- EDEN-CINEMA, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno XV, N. 519, 07 de março de 1926, p. 1, col. 5.
- EDEN-CINEMA, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno XV, N. 520, 14 de março de 1926, p. 4, col. 5.
- EDEN-CINEMA, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno XV, N. 521, 25 de março de 1926, p. 4, col. 5.
- EDEN-CINEMA, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno XV N. 522, 04 de abril de 1926, p. 1, col. 6.
- EDEN-CINEMA, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno XV, N. 524, 18 de abril de 1926, p. 4, col. 5 e 6.
- EDEN-CINEMA, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno XV, N. 527, 09 de maio de 1926, p. 1, col. 6.
- AGENCIA Cinematographica, **Folha do Acre**, Anno XV, N. 527, Rio Branco, 09 de maio de 1926, p.3, col. 1
- FOLHA do Acre**, Rio Branco, Anno XVI, N. 540, 22 de agosto de 1926, p. 4, col. 6.

- FOLHA do Acre**, Rio Branco, Anno XVI, N. 543, 17 de outubro de 1926, p. 1, col. 1.
- EDEN-CINEMA, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno, XVI, N. 545, 31 de outubro de 1926, p. 1, col. 4.
- EDEN-CINEMA, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno XVI, N. 554, 10 de janeiro de 1927, p. 1, col. 6.
- MOLEIRO & Esteves, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno XVI, N. 557, 31 de janeiro de 1927, p. 4, col. 2.
- FOLHA do Acre**, Rio Branco, Anno XVI, N. 557, 31 de janeiro de 1927, p. 1.
- NO EDEN, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno XVI, N. 561, 02 de março de 1927, p.1, col. 4.
- HOJE, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno XVI, N. 565, 27 de março de 1927, p. 1, col. 6.
- NO EDEN, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno XVI, N. 565, 02 de março de 1927, p. 1, col. 4.
- EDEN-CINEMA, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno XVIII. 576, 26 de junho de 1927, p. 1, col. 1.
- EDEN-CINEMA, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno XVI, N. 584, 14 de agosto de 1927, p. 6, col. 6.
- CINE-FACRE, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno XVI, N. 585, 21 de agosto de 1927, p. 4, col. 2.
- INTENDENCIA Municipal de Rio Branco, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno XVI, N. 586, 28 de agosto de 1927, p.3, col. 5
- EDEN-CINEMA, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno XVI, N. 586, 28 de agosto de 1927, p. 1, col. 5.
- Folha do Acre**, Rio Branco, Anno XVI, N. 588, 14 de setembro de 1927, p. 4, col. 4.
- EDEN-CINEMA, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno XVI, N. 589, 18 de setembro de 1927, p. 4, col. 3.
- EDEN-CINEMA, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno XVI, N. 590, 27 de setembro de 1927, p. 5, col. 2.
- EDEN-CINEMA, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno XVII, N. 591, 02 de outubro de 1927, p. 4, col. 3.
- EDEN-CINEMA, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno XVI, N. 592, 09 de outubro de 1927, p. 4, col. 6
- FOLHA do Acre**, Rio Branco, Anno XVI, N. 593, 16 de outubro de 1927, p. 3, col. 6.

- EDEN-CINEMA, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno XVII, N. 596, 30 de outubro de 1927, p. 1, col. 6.
- EDEN-CINEMA, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno XVII, N. 599, 15 de novembro de 1927, p. 4, col. 6.
- MEU AMANTE, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno XVII, N. 600, 20 de novembro de 1927, p. 4, col. 5.
- EDEN-CINEMA, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno XVII, N. 602, 04 de dezembro de 1927, p. 4, col. 6.
- HOJE, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno XVII, N. 604, 11 de dezembro de 1927, p. 1, col. 6.
- EDEN-CINEMA, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno XVII, N. 612, 26 de fevereiro de 1928, p. 4, col. 3.
- HOJE, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno XVII, N. 619, 08 de abril de 1928, p. 1, col. 2.
- SPORTS & ARTES, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno XVI, N. 622, 29 de abril de 1928, p. 6, col. 3 e 4.
- EDEN-CINEMA, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno XVII, N. 622, 15 de abril de 1928, p. 6, col. 4.
- HOJE, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno XVII, N. 623, 03 de maio de 1928, p. 4, col. 2.
- NO OITEIRO de guiz, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno XVII, N. 627, 17 de maio de 1928, p. 1, col. 6.
- FOGO de Bengala, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno XVI, N. 628, 20 de maio de 1928, p. 4, col. 3.
- FOLHA do Acre**, Anno XVI, N. 629, Rio Branco, 24 de maio de 1928, p. 1, col. 4.
- FOGO de Bengala, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno XVI, N. 629, 24 de maio de 1928, p. 1, col. 4.
- FOGO de Bengala, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno XVI, N. 630, 27 de maio de 1928, p. 4, col. 3.
- HOJE, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno XVII, N. 631, 31 de maio de 1928, p. 4, col. 6.
- FOGO de Bengala, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno XVI, N. 632, 03 de junho de 1928, p. 4, col. 4.
- De quando em vez..., **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno XVI, N. 634, 07 de junho de 1928, p. 4, col. 1.

- O POLICIA Secreta, **Folha do Acre**, Anno XVII, N. 633, Rio Branco, 07 de junho de 1928, p. 1, col. 6.
- FOLHA do Acre**, Rio Branco, Anno XVI, N. 636, 21 de junho de 1928, p. 1, col. 1.
- FOLHA do Acre**, Rio Branco, Anno XVI, N. 637, 24 de junho de 1928, p. 2, col. 6.
- AVENTURAS no oriente, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno XVII, N. 639, 01 de julho de 1928, p. 1, col.
- DISPUTANDO um trono, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno XVII, N. 642, 12 de julho de 1928, p. 4, col. 6.
- A CAÇADA do homem, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno XVII, N. 644, 19 de julho de 1928, p. 4, col. 6.
- NO EDEN-CINEMA, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno XVII, N. 646, 26 de julho de 1928, p. 1, col. 5.
- HISTORIA de um pierrot, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno XVII, N. 648, 05 de agosto de 1928, p. 4, col. 6.
- NO EDEN-CINEMA, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno XVII, N. 650, 12 de agosto de 1928, p. 4, col. 6
- DAMA de Monsereau, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno XVII, N. 652, 23 de agosto de 1928, p. 4, col. 6
- HOJE, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno XVII, N. 654, 30 de agosto de 1928, p. 4, col. 6.
- NO EDEN-CINEMA, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno XVIII, N. 663, 07 de outubro de 1928, p. 1, col. 6.
- EMIR, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno XVIII, N. 664, 14 de outubro de 1928, p. 4, col. 1.
- HOJE, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno XVIII, N. 666, 28 de outubro de 1928, p. 1, col. 5.
- NINCHE, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno XVIII, N. 668, 11 de novembro de 1928, p. 4, col. 6.
- EDEN-CINEMA, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno XVIII, N. 676, 23 de novembro de 1928, p. 6, col. 6.
- O EDEN-CINE-THEATRO passa a nova direção, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno XVIII, N. 679, 13 de janeiro de 1929, p. 6, col. 4.
- CODIGO de Posturas Municipaes, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno XVIII, N. 680, 20 de janeiro de 1929, p. 4, col. 1, 2, 3 e 4.
- EDEN-CINEMA, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno XVIII, N. 681, 27 de janeiro de 1929, p. , col. 6.

TÁ na hora, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno XVIII, N. 681, 27 de janeiro de 1929, p. 6, col. 2.

FOLHA do Acre, Rio Branco, Anno XVIII, N. 682, 03 de fevereiro de 1929, p. 1, col. 6.

IRIS- CINE-THEATRO. **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno XVIII, N. 684, 17 de fevereiro de 1929, p. 1, col. 6.

UM FILM nacional no Eden, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno XVIII, N. 684, 17 de fevereiro de 1929, p. 6, col. 3.

CAPITULO I, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno XVII, N. 688, 17 de março de 1929, p. 4, col. 1, 2, 3, 4, 5 e 6.

FOLHA do Acre, Rio Branco, Anno XVII, N. 688, 17 de março de 1929, p. 4, col. 1, 2, 3, 4, 5 e 6.

CAPITULO XV, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno XVIII, N. 701, 26 de maio de 1929, p. 3, col. 1, 2, 3, 4, 5 e 6.

O SEGUNDO aniversario da adimnistração Hugo Carneiro, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno XVIII, N. 704, 09 de junho de 1929, p. 1.

HOJE, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno XVIII, N. 713, 21 de julho de 1929, p. 1, col. 6.

KONDER, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno XIX, N.732, 24 de outubro de 1929, p. 4, col. 4.

HOJE, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno XIX, N. 734, 31 de outubro de 1929, p.4, col. 2.

NO POPULAR-CINEMA, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno, XIX, N.737, 15 de novembro de 1929, p. 8, col. 4.

O SALÃO cinematográfico cerrou as suas portas, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno XX, N. 816, 24 de abril de 1931, p.4, col. 6.

MOLEIRO & Esteves, **Folha do Acre**, Rio Branco, Anno XX, N. 824, 20 de setembro de 1931, p. 4, col. 6.

O Acre

INTENDENCIA Municipal de Rio Branco, **O Acre**, Rio Branco, Anno II, N. 28, 23 de fevereiro de 1930, p. 7, col. 1, 2, 3, 4.

PREFEITURA Municipal de Rio Branco, **O Acre**, Rio Branco, Anno II, N. 28, 23 de fevereiro de 1930, p. 7.

QUANDO a cidade se illumina, **O Acre**, Rio Branco, Anno II, N. 52, 10 de agosto de 1930, p. 6, col. 2.

- UMA FESTA de Barreto Sobrinho, **O Acre**, Rio Branco, Anno II, N. 70, 14 de dezembro de 1930, p. 4, col. 5.
- O ACRE**, Rio Branco, Anno III, N. 79, 15 de fevereiro de 1931, p. 6, col. 4 e 5.
- PREFEITURA Municipal de Rio Branco, **O Acre**, Rio Branco, Anno III, N. 81, 01 de março de 1931, p. 7.
- JOÃO Pessoa, **O Acre**, Rio Branco, Anno III, N. 99, 26 de junho de 1931, p. 1, col. 2 e 3.
- PREFEITURA Municipal de Rio Branco, **O Acre**, Rio Branco, Anno III, N. 122, 28 de fevereiro de 1932, p. 4.
- UM CINEMA sonoro, **O Acre**, Rio Branco, Ano XI, N. 505, 08 de outubro de 1939, p. 8, col. 4.
- CINE Rio Branco, **O Acre**, Rio Branco, Ano XI, N. 508, 29 de outubro de 1939, p. 1, col. 4.
- CINE RIO BRANCO, **O Acre**, Rio Branco, Anno XI, N. 509, 03 de novembro de 1939, p. 1, col. 4 e 5.
- CINE Rio Branco, **O Acre**, Rio Branco, Anno XII, N. 552, 01 de setembro de 1940, p. 6, col. 4.
- AS COMEMORAÇÕES da “Semana da Pátria”, **O Acre**, Rio Branco, Anno XII, N. 553, 07 de setembro de 1940, p. 1, col. 1 e 2.
- INAUGURA-SE hoje, o Cine-Theatro-Recreio, **O Acre**, Rio Branco, Anno XVIII, N. 876, 13 de junho de 1948, p. 8, col. 4 e 5.
- PROGRAMA, **O Acre**, Rio Branco, Ano XII, N. 920, 01 de maio de 1949, p. 8, col. 5.

A Capital

- LAURA. A tyrannia da phrase, **A Capital**, Rio Branco, Anno I, N. 07, 11 de setembro de 1921, p. 2, col. 1, 2 e 3.
- SEVERA. As sutilezas femininas, **A Capital**, Rio Branco, Anno I, N. 07, 11 de setembro de 1921, p. 2, col. 1, 2 e 3.
- 7 DE SETEMBRO, **A capital**, Rio Branco, Anno I, N. 07, 11 de setembro de 1921, p.1, col. 5.
- KIANG, Binoculo, **A Capital**, Rio Branco, Anno I, N. 08, 18 de setembro de 1921, p. 1, col. 3.
- A RETRETA de domingo, **A Capital**, Rio Branco, Anno I, N. 10, 01 de outubro de 1921, , p. 2, col. 1 e 2.
- KIANG, Binoculo, **A Capital**, Rio Branco, Anno I, N. 10, 01 de outubro de 1921, p. 2, col. 1.

CONCERTO Scipião, **A Capital**, Rio Branco, Anno I, N. 33, 02 de abril de 1922, p. 1, col. 6.

HOJE, no Eden, **A Capital**, Rio Branco, Anno I, N. 43, 18 de junho de 1922, p. 1, col. 4.

HOJE, no Eden, **A Capital**, Rio Branco, Anno I, N. 45, 02 de julho de 1922, p. 1, col. 2.

UM CINEMA em Pennapolis. **A Capital**, Rio Branco, Anno I, N. 45, 02 de julho de 1922, p. 4, col. 4.

O Futuro

INTENDENCIA Municipal de Rio Branco, **O Futuro**, Rio Branco, Anno I, N. 18, 04 de abril de 1920, p. 3, col. 4 e 5.

EDEN THEATRO, **O Futuro**, Rio Branco, Anno I, N. 24, 16 de maio de 1920, p. 1, col. 4.

O ANIVERSARIO natalicio do dr. Epitacio Pessôa, **O Futuro**, Rio Branco, Anno I, N. 26, 30 de maio de 1920, p. 4, col. 1

O FESTIVAL de Branca Scipião, **O Futuro**, Rio Branco, Anno I, N. 28, 13 de junho de 1920, p. 1, col. 5.

INTENDENCIA Municipal de Rio Branco, **O Futuro**, Anno I, N. 30, Rio Branco, 27 de junho de 1920, p. 3, col. 4.

HOTEL Fleury. **O Futuro**, Rio Branco, Anno II, N. 67, 13 de março de 1921, p. 4, col. 4.

Jornal Oficial

EDEN-CINEMA, **Jornal Oficial**, Rio Branco, Anno I, N. 01, 13 de janeiro de 1925, p. 4, col. 6.

INTENDENCIA Municipal de Rio Branco, **Jornal Oficial**, Rio Branco, Anno I, N. 06, 15 de fevereiro de 1925, p. 3.

JORNAL Oficial, Rio Branco, Anno I, N. 10, 15 de março de 1925, p. 2, col. 2.

EDEN-CINEMA, **Jornal Oficial**, Rio Branco, Anno I, N. 16, 10 de maio de 1925, p. 1, col. 1.

JORNAL Oficial, Rio Branco, Anno I, N. 17, 17 de maio de 1925, p.3, col. 4.

EDEN-CINEMA, **Jornal Oficial**, Rio Branco, Anno I, N. 17, 17 de maio de 1925, p. 4, col. 1.

EDEN-CINEMA, **Jornal Oficial**, Rio Branco, Anno I, N. 20, 07 de junho de 1925, p. 1, col. 6.

CASA Sapeca, **Jornal Oficial**, Rio Branco, Anno I, N. 21, 14 de junho de 1925, p. 3, col. 6.

O CINEMA em beneficio da caixa escolar, **Jornal Oficial**, Rio Branco, Anno I, N. 22, 21 de junho de 1925, p. 1, col. 5.

HOJE, **Jornal Oficial**, Rio Branco, Anno I, N. 22, 21 de junho de 1925, p.1, col. 6.

EDEN-CINEMA, **Jornal Oficial**, Rio Branco, Anno I, N. 30, 16 de agosto de 1925, p. 4, col. 6.

REQUERIMENTOS despachados. **Jornal Oficial**, Rio Branco, Anno I, N. 31, 23 de agosto de 1925, p. 3, col. 4.

EDEN-CINEMA, **Jornal Oficial**, Rio Branco, Anno I, N. 31, 23 de agosto de 1925, p. 1, col. 2.

EDEN-CINEMA, **Jornal Oficial**, Rio Branco, Anno I, N. 34, 13 de setembro de 1925, p. 3, col. 6.

TENOR Frontino Santiago, **Jornal Oficial**, Rio Branco, Anno I, N. 45, 29 de novembro de 1925, p. 1, col. 5

DEMOSTHENES, Eden-Cinema, **Jornal Oficial**, Rio Branco, Anno I, N. 48, 20 de dezembro de 1920, p.

EDEN-CINEMA, **Jornal Oficial**, Rio Branco, Anno I, N. 49, 27 de dezembro de 1925, p. 1, col. 4.

EDEN-CINEMA, **Jornal Oficial**, Rio Branco, Anno II, N. 53, 24 de janeiro de 1926, p.1, col. 3.

Correio do Acre

CORREIO do Acre, Rio Branco, Anno I, N. 44, 20 de janeiro de 1924, p. 1, col. 6.

CORREIO do Acre, Rio Branco, Anno I, N. 46, 24 de fevereiro de 1924, p. 2, col. 6.

ATLANTE, **Correio do Acre**, Rio Branco, Anno II, N. 54, 27 de abril de 1924, p. 3, col. 1.

MEMORIAS de um criminoso, **Correio do Acre**, Rio Branco, Anno II, N. 56, 11 de maio de 1924, p. 1, col. 6.

NOITES de angustia, **Correio do Acre**, Rio Branco, Anno 57, N. 57, 18 de maio de 1924, p. 3, col. 2.

ESPOSA na morte, **Correio do Acre**, Rio Branco, Anno, II, N. 58, 25 de maio de 1924, p. 1, col. 1 e 2.

EDEN-CINEMA, **Correio do Acre**, Rio Branco, Anno II, N. 61, 15 de junho de 1924, p. 4, col. 6.

EDEN-CINEMA, **Correio do Acre**, Rio Branco, Anno II, N. 64, 06 de julho de 1924, p. 3, col. 2.

EDEN-CINEMA, **Correio do Acre**, Rio Branco, Anno II, N. 66, 20 de junho de 1924, p.2, col. 2.

EDEN-CINEMA, **Correio do Acre**, Rio Branco, Anno II, N. 69, 10 de agosto de 1924, p. 3, col. 2.

EDEN-CINEMA, **Correio do Acre**, Rio Branco, Anno II, N. 71, 24 de agosto de 1924, p. 3, col. 2.

A Noticia

AS FESTAS do dia 13, **A Noticia**, Rio Branco, Anno I, N. 09, 19 de maio de 1918, p. 2, col. 2.

INSTITUIÇÕES

CDIH/UFAC – Centro de Documentação e Informação Histórica da Universidade Federal do Acre.

Arquivo Geral do Estado do Acre.

Museu da Borracha.

Patrimônio Histórico do Estado do Acre.

Biblioteca do SESC/AC.

INTERNET

– [www. Cineneclick. com. br/cinehistoria](http://www.Cineneclick.com.br/cinehistoria) Acessado em março de 2002 às 10:hs

ANEXOS

I - FILMES APRESENTADOS NO EDEN-CINEMA

1920

Abril

Título: **A Princesa de Spinarosa**⁴³²

Com: Ritta Sachets

Partes: 6

Título: **Um Sujeito Águia**⁴³³

Partes: 4

Título: **O Rei dos Bandidos**⁴³⁴

Partes: 4

Título: **Sacrifício de Mãe**⁴³⁵

Título: **Na Hellag**⁴³⁶

Obs.: colorido

Produtora: Pathé Frères

Título: **Entre Irmãos**⁴³⁷

Título: **Esfinge**⁴³⁸

Gênero: romance policial

Partes: 4

Junho

Título: **Entre as Fileiras Inimigas**⁴³⁹

Gênero: guerra

⁴³² NA TELA e nos salões, *Folha do Acre*, Rio Branco, 03 de abr. de 1920, p. 2, col. 6

⁴³³ NA TELA e nos salões, *Folha do Acre*, Rio Branco, , 10 de abr. de 1920, p. 3, col. 1.

⁴³⁴ idem.

⁴³⁵ NA TELA e nos salões, *Folha do Acre*, Rio Branco, 24 de abr. de 1920, p. 3, col. 3.

⁴³⁶ idem.

⁴³⁷ idem.

⁴³⁸ idem.

⁴³⁹ O CINEMA, *Folha do Acre*, Rio Branco, 01 de jul. de 1920, p. 2, col. 4.

Título: **Mistérios da Noite**⁴⁴⁰

Série: 2

Partes: 8

Com: Divina Hesperia

Procedência: Itália

Título: **Martha**⁴⁴¹

Partes: 5

Título: **Na Revolução Francesa**⁴⁴²

Partes: 6

Com: Waldhemar Psillander e Betty Nansem

Agosto

Título: **Enock Arder**⁴⁴³

Proveniência: Norte-americano

Título: **A Queda de Tróia**⁴⁴⁴

Procedência: Itália

Título: **A Bailarina**⁴⁴⁵

Produtora: Nordisk

Título: **Malombra**⁴⁴⁶

Com: Lida Borelli

Procedência: Itália

Título: **Phantasma de Medéa**⁴⁴⁷

Partes: 6

Procedência: Itália

Com: Maria Lacticia Celio

⁴⁴⁰ idem.

⁴⁴¹ idem.

⁴⁴² idem.

⁴⁴³ O CINEMA, *Folha do Acre*, Rio Branco, 05 de ago. de 1920, p. 4, col. 1.

⁴⁴⁴ idem.

⁴⁴⁵ idem.

⁴⁴⁶ idem.

⁴⁴⁷ O CINEMA, *Folha do Acre*, Rio Branco, 12 de ago. de 1920, p. 2, col. 4.

Título: **Uma de Tantas**⁴⁴⁸

Partes: 3

Procedência: Alemanha

Setembro

Título: **Athalaia**⁴⁴⁹

Partes: 2

Obs.: colorido

Título: **Denunciada pela Impressão das Mãos**⁴⁵⁰

Procedência: Norte-americano

Título: **Almas Perdidas**⁴⁵¹

Partes: 4

Procedência: Alemanha

Com: Artistas do Teatro de Berlim

Título: **Ivone**⁴⁵²

Com: Francesca Bertini e Gustavo Serena

Partes: 7

Produtora: Caesar

Procedência: Itália

Título: **O Condenado das Guianas**⁴⁵³

Partes: 6

Gênero: policial

Produtora: Aquila Film

Título: **São Jorge**⁴⁵⁴

Partes: 3

Outubro

Título: **Quando o Amor Refloresce**⁴⁵⁵

⁴⁴⁸ idem.

⁴⁴⁹ O CINEMA, *Folha do Acre*, Rio Branco, 02 de set. de 1920, p. 2, col. 3.

⁴⁵⁰ O CINEMA, *Folha do Acre*, Rio Branco, 16 de set. de 1920, p. 2, col. 6.

⁴⁵¹ idem.

⁴⁵² idem.

⁴⁵³ idem.

⁴⁵⁴ O CINEMA, *Folha do Acre*, Rio Branco, 23 de set. de 1920, p. 2, col. 6.

⁴⁵⁵ O CINEMA, *Folha do Acre*, Rio Branco, 14 de out. de 1920, p. 3, col. 6.

Procedência: Itália
 Produtora: Pasquali & Cia
 Partes: 6
 Metragem: 3.000m
 Gênero: romance
 Com: Diana de Karene do Teatro Imperial de Moscou

Título: **História de Nero**⁴⁵⁶
 Gênero: histórico

Novembro

Título: **Episódio da Grande Guerra**⁴⁵⁷
 Gênero: guerra

Título: **Fala do Coração**⁴⁵⁸
 Partes: 3

Dezembro

Título: **A Filha Perdida**⁴⁵⁹

Título: **A Morte em Sevilha**⁴⁶⁰
 Com: Asta Nielsen
 Partes: 6

Título: **O Furacão**⁴⁶¹
 Obs.: obteve sucesso no cine Royal do Recife

Título: **Sacrifício de uma Noiva**⁴⁶²

Título: **A Mulher Francesa na Guerra**⁴⁶³
 Partes: 4

⁴⁵⁶ O CINEMA, *Folha do Acre*, Rio Branco, , 21 de out. de 1920, p. 3, col. 5.
⁴⁵⁷ O CINEMA, *Folha do Acre*, Rio Branco, 20 de nov. de 1920, p. 3, col. 4.
⁴⁵⁸ O CINEMA, *Folha do Acre*, Rio Branco, 25 de nov. de 1920, p., col. 6.
⁴⁵⁹ O CINEMA, *Folha do Acre*, Rio Branco, 02 de dez. de 1920, p. 3, col. 6.
⁴⁶⁰ idem.
⁴⁶¹ O CINEMA, *Folha do Acre*, Rio Branco, 09 de dez. de 1920, p. 3, col. 3.
⁴⁶² idem
⁴⁶³ idem

1921**Janeiro**

Título: **Entre os Horrores da Mata Virgem**⁴⁶⁴

Partes: 3

Metragem: 1.500m

Gênero: aventura

Título: **O Duque Ruivo**⁴⁶⁵

Partes: 4

Fevereiro

Título: **A Escrava Branca**⁴⁶⁶

Título: **Jerusalém Libertada**⁴⁶⁷

Abril

Título: **Amor e Arte**⁴⁶⁸

Produtora: Roma-Film

Partes: 4

Procedência: Itália

Gênero: romance

Título: **O Amor Sob o Céu Oriental**⁴⁶⁹

Junho

Título: **Alma do Demi Monde**⁴⁷⁰

Com: Francesca Bertini e Alberto Cóllo

Procedência: Itália

Julho

⁴⁶⁴ EDEN-CINEMA, *Folha do Acre*, Rio Branco, 20 de jan. de 1921, p. 3, col. 4 e 5.

⁴⁶⁵ EDEN-CINEMA, *Folha do Acre*, Rio Branco, 27 de jan. de 1921, p. 3, col. 5 e 6.

⁴⁶⁶ EDEN-CINEMA, *Folha do Acre*, Rio Branco, 24 de fev. de 1921, p. 3, col. 3 e 4.

⁴⁶⁷ idem.

⁴⁶⁸ A ARTE do Silencio, *Folha do Acre*, Rio Branco, 14 de abr. de 1921, p. 3, col. 3.

⁴⁶⁹ idem.

⁴⁷⁰ O “EDEN” exhibe um film sensacional, *Folha do Acre*, Rio Branco, 30 de jun. de 1921, p. 3, col. 1.

Título: **Diamante de Buda**⁴⁷¹

Título: **Sedução**⁴⁷²

Partes: 3

Gênero: romance

Procedência: Itália

Título: **O Véu da Felicidade**⁴⁷³

Título: **Revolta de Redwood**⁴⁷⁴

Gênero: Aventura

Procedência: Norte-americana

Título: **Redenção de uma Alma**⁴⁷⁵

Título: **O Filho de Locusta**⁴⁷⁶

Obs.: colorido

Produtora: Pathé

Título: **O Irreparável**⁴⁷⁷

Partes: 4

Título: **Sansão e Dalila**⁴⁷⁸

Obs.: colorido

Título: **Tudo se Arranja**⁴⁷⁹

Agosto

Título: **A Boêmia**⁴⁸⁰

Partes: 4

Com: Mme. Révonne da comédia Francesa

Título: **Perdidos no Mar**⁴⁸¹

⁴⁷¹ DIVERSÕES e Arte, *Folha do Acre*, Rio Branco, 14 de jul. de 1921, p. 3, col. 6.

⁴⁷² idem.

⁴⁷³ idem.

⁴⁷⁴ NO MUNDO do silencio, *Folha do Acre*, Rio Branco, 21 de jul. de 1921, p. 3, col. 2.

⁴⁷⁵ idem.

⁴⁷⁶ idem.

⁴⁷⁷ idem.

⁴⁷⁸ NO MUNDO do silencio, *Folha do Acre*, Rio Branco, 27 de jul. de 1921, p. 3, col. 4.

⁴⁷⁹ idem.

⁴⁸⁰ NO MUNDO do silencio, *Folha do Acre*, Rio Branco, 04 de ago. de 1921, p. 2, col. 6.

⁴⁸¹ idem.

Partes: 4

Produtora: Aquila-Film

Título: **Para a Felicidade**⁴⁸²

Partes: 4

Com: Francesca Bertini

Produtora: Celio

Procedência: Itália

Gênero: romance

Título: **O Espião da Fortaleza**⁴⁸³

Partes: 4

Título: **A Caverna dos Lobos**⁴⁸⁴

Título: **Tentações das Grandes Cidades**⁴⁸⁵

Gênero: aventura

Setembro

Título: **A Greve**⁴⁸⁶

Outubro

Título: **O Conquistador**⁴⁸⁷

Título: **Bebé Namorapo**⁴⁸⁸

1922

Título: **Os Forçados**⁴⁸⁹

Título: **A Filha Perdida**⁴⁹⁰

1924

⁴⁸² NO MUNDO do silêncio, *Folha do Acre*, Rio Branco, 18 de ago. de 1921, p. 3, col. 1.

⁴⁸³ idem.

⁴⁸⁴ idem.

⁴⁸⁵ ibidem, p. 3, col. 5.

⁴⁸⁶ RABISCOS, *Folha do Acre*, Rio Branco, 15 de set. de 1921, p. 2, col. 5.

⁴⁸⁷ A SESSÃO, *Folha do Acre*, Rio Branco, 06 de out. de 1921, p. 2, col. 5.

⁴⁸⁸ EDEN-CINEMA, *Folha do Acre*, Rio Branco, 13 de out. de 1921, p. 3, col. 5.

⁴⁸⁹ HOJE, no Eden, *A Capital*, Rio Branco, 18 de jun. de 1922, p. 1, col. 4.

⁴⁹⁰ HOJE, no Eden, *A Capital*, Rio Branco, 02 de jul. de 1922, p. 1, col. 2.

Janeiro

Título: **Invenção Fatal**⁴⁹¹

Partes: 5

Título: **Abandono Desesperado**⁴⁹²

Partes: 6

Fevereiro

Título: **Torquato Tasso**⁴⁹³

Abril

Título: **Atlantis**⁴⁹⁴

Procedência: Dinamarca

Produtora Nordisk

Partes: 8

Mai

Título: **Memórias de um Criminoso**⁴⁹⁵

Título: **Noites de Angústias**⁴⁹⁶

Título: **Esposa na Morte**⁴⁹⁷

Junho

Título: **A Filha do Faroleiro**⁴⁹⁸

Partes: 8

Procedência: Dinamarca

⁴⁹¹ CORREIO do Acre, Rio Branco, 20 de jan. de 1924, p.1, col. 6.

⁴⁹² idem.

⁴⁹³ CORREIO do Acre, Rio Branco, 24 de fev. de 1924, p. 2, col. 6.

⁴⁹⁴ ATLANTE, *Correio do Acre*, Rio Branco, 27 de abr. de 1924, p. 3, col. 1.

⁴⁹⁵ MEMORIAS de um criminoso, *Correio do Acre*, Rio Branco, 11 de maio de 1924, p. 1, col. 6.

⁴⁹⁶ NOITES de angustia, *Correio do Acre*, Rio Branco, 18 de maio de 1924, p. 3, col. 2.

⁴⁹⁷ ESPOSA na morte, *Correio do Acre*, Rio Branco, 25 de maio de 1924, p. 1, col. 1 e 2.

⁴⁹⁸ EDEN-CINEMA, *Correio do Acre*, Rio Branco, 15 de jun. de 1924, p. 4, col. 6.

Título: **Fuga Entre as Nuvens**⁴⁹⁹

Partes: 4

Agosto

Título: **Sentença de Morte**⁵⁰⁰

Partes: 4

Título: **Sacrifício Inutil**⁵⁰¹

Partes: 5

Título: **Mãe Desconhecida**⁵⁰²

Partes: 4

1925

Janeiro

Título: **Gatuno Hipnotizador**⁵⁰³

Gênero: policial

Mai

Título: **Flor de Lotus**⁵⁰⁴

Título: **Os Dois Rivais**⁵⁰⁵

Junho

Título: **Galaor**⁵⁰⁶

Título: **Entre Irmãos**⁵⁰⁷

⁴⁹⁹ idem.

⁵⁰⁰ EDEN-CINEMA, *Correio do Acre*, Rio Branco, 10 de ago. de 1924, p. 3, col. 2.

⁵⁰¹ EDEN-CINEMA, *Correio do Acre*, Rio Branco, 24 de ago. de 1924, p. 3, col. 2.

⁵⁰² EDEN-CINEMA, *Correio do Acre*, Rio Branco, 15 de jun. de 1924, p. 4, col. 6.

⁵⁰³ EDEN-CINEMA, *Jornal Oficial*, Rio Branco, 13 de jan. de 1925, p. 4, col. 6.

⁵⁰⁴ EDEN-CINEMA, *Jornal Oficial*, Rio Branco, 10 de maio de 1925, p. 1, col. 1.

⁵⁰⁵ EDEN-CINEMA, *Jornal Oficial*, Rio Branco, 17 de maio de 1925, p. 4, col. 1.

⁵⁰⁶ HOJE, *Jornal Oficial*, Rio Branco, 21 de jun. de 1925, p.1, col. 6.

⁵⁰⁷ EDEN-CINEMA, *Jornal Oficial*, Rio Branco, 07 de jun. de 1925, p. 1, col. 6.

Título: **Velha História**⁵⁰⁸

Agosto

Título: **Vingança da Bailarina**⁵⁰⁹

Título: **Satanita**⁵¹⁰

Setembro

Título: **Protegido de Satanás**⁵¹¹

Dezembro

Título: **Viva o Rei**⁵¹²

Partes: 5

Procedência: Alemanha

Com: Olga Verner

Título: **A Jovem Indiana**⁵¹³

Título: **Pudor no Anno de 2500**⁵¹⁴

Gênero: comédia

Título:

Produtora: Pathé⁵¹⁵

Gênero: Jornal (natural)

Título: **Milionário de um Dia**⁵¹⁶

Título: **Dois Corações num Só**⁵¹⁷

Gênero: cômica

⁵⁰⁸ idem.

⁵⁰⁹ EDEN-CINEMA, *Jornal Oficial*, Rio Branco, 16 de ago. de 1925, p. 4, col. 6.

⁵¹⁰ EDEN-CINEMA, *Jornal Oficial*, Rio Branco, 23 de ago. de 1925, p. 1, col. 2.

⁵¹¹ EDEN-CINEMA, *Jornal Oficial*, Rio Branco, 13 de set. de 1925, p. 3, col. 6.

⁵¹² EDEN-CINEMA, *Jornal Oficial*, Rio Branco, 27 de dez. de 1925, p. 1, col. 4.

⁵¹³ idem.

⁵¹⁴ idem.

⁵¹⁵ idem.

⁵¹⁶ idem.

⁵¹⁷ idem.

Título: **Os Fidalgos da Casa Mourisca**⁵¹⁸

Procedência: Portugal

Produtora: Invicta Film

1926

Janeiro

Título: **Um Conselheiro Farrista**⁵¹⁹

Procedência: Portugal

Produtora: Invicta Film

Partes: 5

Título: **Quando o Amor Fala**⁵²⁰

Procedência: Portugal

Produtora: Invicta Film

Partes: 5

Gênero: comédia

Título: **Salvador**⁵²¹

Título: **Segredo da Velha Secretária**⁵²²

Partes: 5

Título: **Amor à Moderna**⁵²³

Partes: 2

Título: **Fio da Vida**⁵²⁴

Título: **A Rua**⁵²⁵

Fevereiro

Título: **Prevenir a Morte**⁵²⁶

⁵¹⁸ idem.

⁵¹⁹ idem.

⁵²⁰ idem.

⁵²¹ EDEN-CINEMA, *Folha do Acre*, Rio Branco, 03 de jan. de 1926, p. 1, col. 5.

⁵²² EDEN-CINEMA, *Folha do Acre*, Rio Branco, 10 de jan. de 1926, p. 1, col. 6.

⁵²³ idem.

⁵²⁴ idem.

⁵²⁵ EDEN-CINEMA, *Folha do Acre*, Rio Branco, 31 de jan. de 1926, p. 1, col. 6.

⁵²⁶ EDEN-CINEMA, *Folha do Acre*, Rio Branco, 07 de fev. de 1926, p. 1, col. 5.

Título: **Os Quatro Diabos**⁵²⁷

Partes: 4

Título: **Carnaval no Rio**⁵²⁸

Procedência: Brasil

Título: **A Sombra da Coroa**⁵²⁹

Título: **Ouro é Nosso**⁵³⁰

Título: **Décima Sinfonia**⁵³¹

Partes: 6

Título: **Ultima Vontade do Rei do Aço**⁵³²

Título: **Filho de Lagarde**⁵³³

Partes: 5

Título: **Alva com Vida**⁵³⁴

Partes: 4

Março

Título: **A Bêbeda**⁵³⁵

Título: **Custe o que Custar**⁵³⁶

Título: **Sob o Domínio de Sonho**⁵³⁷

Título: **Homem Fenomenal**⁵³⁸

Gênero: drama

⁵²⁷ EDEN-CINEMA, *Folha do Acre*, Rio Branco, , 14 de fev. de 1926, p. 1, col. 4.

⁵²⁸ idem.

⁵²⁹ idem.

⁵³⁰ idem.

⁵³¹ idem.

⁵³² EDEN-CINEMA, *Folha do Acre*, Rio Branco, 21 de fev. de 1926, p. 1, col. 5.

⁵³³ idem.

⁵³⁴ idem.

⁵³⁵ EDEN-CINEMA, *Folha do Acre*, Rio Branco, 07 de mar. de 1926, p. 1, col. 5.

⁵³⁶ EDEN-CINEMA, *Folha do Acre*, Rio Branco, 14 de mar. de 1926, p. 4, col. 5.

⁵³⁷ EDEN-CINEMA, *Folha do Acre*, Rio Branco, 25 de mar. de 1926, p. 4, col. 5.

⁵³⁸ idem.

Abril

Título: **Dilema Fatal**⁵³⁹

Título: **Caprichos de um Bilionário**⁵⁴⁰

Procedência: Alemanha

Produtora: Lutz Film

Com: Lya Mara

Partes: 8

Título: **Joguete do Destino**⁵⁴¹

Produtora: Seuznick

Partes: 6 e 1 prolongo

Com: atriz russa Alla Nowa

Título: **A Bella Miss Lilian**⁵⁴²

Procedência: Alemanha

Produtora: National

Com: Leontine Norumberg

Gênero: drama

Partes: 5

Título: **A Sombra da Mentira**⁵⁴³

Procedência: Norte-americana

Com: Emmy Weley

Gênero: far west

Partes: 6

Título: **Satanás**⁵⁴⁴

Partes: 6

Com: Conrado Veidt

Procedência: Alemanha

Título: **Não te Recordas?**⁵⁴⁵

Procedência: Norte-americana

Com: Emily Steves

⁵³⁹ EDEN-CINEMA, *Folha do Acre*, Rio Branco, 04 de abr. de 1926, p. 1, col. 6.

⁵⁴⁰ EDEN-CINEMA, *Folha do Acre*, Rio Branco, 18 de abr. de 1926, p. 4, col. 5 e 6.

⁵⁴¹ idem.

⁵⁴² idem.

⁵⁴³ idem.

⁵⁴⁴ idem.

⁵⁴⁵ idem.

Título: **Como é Fácil Ganhar Dinheiro**⁵⁴⁶

Gênero: aventuras

Partes: 5

Com: Bery Lyteli

Título: **Drama em Classow**⁵⁴⁷

Procedência: Alemanha

Partes: 6

Com: Rosa Porter

Título: **Na Escola da Vida**⁵⁴⁸

Gênero: drama

Partes: 5

Com: May Allysson

Título: **Um Demônio**⁵⁴⁹

Com: artistas da Escandinávia

Título: **Sem Pátria**⁵⁵⁰

Partes: 5

Procedência: Alemanha

Título: **Inspiração**⁵⁵¹

Partes: 5

Com: Andréa Musson

Título: **A Revoltada**⁵⁵²

Produtora: Pathé

Procedência: Nova Iorque

Título: **O Pequeno Sacerdote**⁵⁵³

Gênero: drama

Partes: 5

⁵⁴⁶ idem.

⁵⁴⁷ idem.

⁵⁴⁸ idem.

⁵⁴⁹ idem.

⁵⁵⁰ idem.

⁵⁵¹ idem.

⁵⁵² idem.

⁵⁵³ idem.

Com: Clara Kimbol Young

Título: **Amor aos 17 Anos**⁵⁵⁴

Partes: 6

Maio

Título: **Joquete de um Destino**⁵⁵⁵

Partes: 6

Outubro

Título: **Para Salvar seu Irmão**⁵⁵⁶

Título: **Os Miseráveis**⁵⁵⁷

Título: **Desiludida**⁵⁵⁸

Título: **Torpedeamento da Oceania**⁵⁵⁹

Dezembro

Título: **O Caminho do Perdão**⁵⁶⁰

1927

Janeiro

Título: **Martelada do Leiloeiro**⁵⁶¹

Título: **No Paiz das Amazonas**⁵⁶²

Procedência: Brasil

Gênero: atualidades

⁵⁵⁴ idem.

⁵⁵⁵ EDEN-CINEMA, *Folha do Acre*, Rio Branco, 09 de maio de 1926, p. 1, col. 6.

⁵⁵⁶ PARA SALVAR seu irmão, *Folha do Acre*, Rio Branco, 17 d out. de 1926, p. 1, col. 1.

⁵⁵⁷ idem.

⁵⁵⁸ EDEN-CINEMA, *Folha do Acre*, Rio Branco, 31 de out. de 1926, p. 1, col. 4.

⁵⁵⁹ idem.

⁵⁶⁰ EDEN-CINEMA, *Folha do Acre*, Rio Branco, 22 de set. de 1921, p. 1, col. 6

⁵⁶¹ EDEN-CINEMA, *Folha do Acre*, Rio Branco, 10 de jan. de 1927, p. 1, col. 6.

⁵⁶² FOLHA do Acre, Rio Branco, 31 de jan. de 1927, p. 1.

Título: **Coração de Criança**⁵⁶³

Partes: 4

Março

Título: **Os Três Mosqueteiros**⁵⁶⁴

Partes: 6

Agosto

Título: **Uma Prisão no Fundo do Mar**⁵⁶⁵

Partes: 12

Título: **Pelo Bem Amado**⁵⁶⁶

Título: **A Vida de Moisés**⁵⁶⁷

Título: **A Borboleta Azul**⁵⁶⁸

Setembro

Título: **Via Crucis**⁵⁶⁹

Outubro

Título: **Auto Volante**⁵⁷⁰

Gênero: policial

Partes: 12

Título: **Traição de Amor**⁵⁷¹

Partes: 5

Novembro

⁵⁶³ Ibidem, p. 1, col. 6.

⁵⁶⁴ NO EDEN, *Folha do Acre*, Rio Branco, 02 de mar. de 1927, p. 1, col. 4.

⁵⁶⁵ EDEN-CINEMA, *Folha do Acre*, Rio Branco, 14 de ago. de 1927, p. 6, col. 6.

⁵⁶⁶ EDEN-CINEMA, *Folha do Acre*, Rio Branco, 28 de ago. de 1927, p. 1, col. 5.

⁵⁶⁷ idem.

⁵⁶⁸ idem.

⁵⁶⁹ EDEN-CINEMA, *Folha do Acre*, Rio Branco, 27 de set. de 1927, p. 5, col. 2.

⁵⁷⁰ EDEN-CINEMA, *Folha do Acre*, Rio Branco, 02 de out. de 1927, p. 4, col. 3.

⁵⁷¹ EDEN-CINEMA, *Folha do Acre*, Rio Branco, 30 de out. de 1927, p. 1, col. 6.

Título: **Meu Amante**⁵⁷²

Partes: 5

Título: **Amor Vitorioso**⁵⁷³

Partes: 6

Dezembro

Título: **Combate Mortal no Ar**⁵⁷⁴

Partes: 7

Título: **O Homem que Despreza a Morte**⁵⁷⁵

Partes: 12

Título: **O Soberano da Vida**⁵⁷⁶

1928

Fevereiro

Título: **Um Anjo de Luz**⁵⁷⁷

Partes: 5

Abril

Título: **Amor e Destino**⁵⁷⁸

Título: **Culpa dos Pais**⁵⁷⁹

Título: **Loucura de Amor**⁵⁸⁰

Partes: 9

Mai

Título: **Por Teu Amor Minha Vida**⁵⁸¹

⁵⁷² EDEN-CINEMA, *Folha do Acre*, Rio Branco, 15 de nov. de 1927, p. 4, col. 6.

⁵⁷³ MEU AMANTE, *Folha do Acre*, Rio Branco, 20 de nov. de 1927, p. 4, col. 5.

⁵⁷⁴ EDEN-CINEMA, *Folha do Acre*, Rio Branco, 04 de dez. de 1927, p. 4, col. 6.

⁵⁷⁵ idem.

⁵⁷⁶ HOJE, *Folha do Acre*, Rio Branco, 11 de dez. de 1927, p. 1, col. 6.

⁵⁷⁷ EDEN-CINEMA, *Folha do Acre*, Rio Branco, 26 de fev. de 1928, p. 4, col. 3.

⁵⁷⁸ HOJE, *Folha do Acre*, Rio Branco, 08 de abr. de 1928, p. 1, col. 2.

⁵⁷⁹ EDEN-CINEMA, *Folha do Acre*, Rio Branco, 15 de abr. de 1928, p. 6, col. 4.

⁵⁸⁰ idem.

⁵⁸¹ HOJE, *Folha do Acre*, Rio Branco, 03 de maio de 1928, p. 4, col. 2.

Partes: 5

Título: **No Oiteiro de Guiz**⁵⁸²

Partes: 5

Título: **Dançarina da Morte**⁵⁸³

Partes: 7

Junho

Título: **O Policia Secreta**⁵⁸⁴

Julho

Título: **Aventuras no Oriente**⁵⁸⁵

Partes: 5

Título: **Disputando um Trono**⁵⁸⁶

Partes: 10

Título: **A Caçada do Homem**⁵⁸⁷

Agosto

Título: **Entre Homens e Feras**⁵⁸⁸

Título: **História de um Pierrot**⁵⁸⁹

Título: **Beleza Ingênu**⁵⁹⁰

Título: **Engana a Morte**⁵⁹¹

Título: **Dama de Monsereau**⁵⁹²

⁵⁸² NO OITEIRO de guiz, *Folha do Acre*, Rio Branco, 17 de maio de 1928, p. 1, col. 6.

⁵⁸³ HOJE, *Folha do Acre*, Rio Branco, 31 de maio de 1928, p. 4, col. 6.

⁵⁸⁴ O POLICIA Secreta, *Folha do Acre*, Rio Branco, 07 de jun. de 1928, p. 1, col. 6.

⁵⁸⁵ AVENTURAS no oriente, *Folha do Acre*, Rio Branco, 01 de jul. de 1928, p. 1, col. 2.

⁵⁸⁶ DISPUTANDO um trono, *Folha do Acre*, Rio Branco, 12 de jul. de 1928, p. 4, col. 6.

⁵⁸⁷ A CAÇADA do homem, *Folha do Acre*, Rio Branco, 19 de jul. de 1928, p. 4, col. 6.

⁵⁸⁸ NO EDEN-CINEMA, *Folha do Acre*, Rio Branco, 26 de jul. de 1928, p. 1, col. 5.

⁵⁸⁹ HISTORIA de um pierrot, *Folha do Acre*, Rio Branco, 05 de ago. de 1928, p. 4, col. 6.

⁵⁹⁰ NO EDEN-CINEMA, *Folha do Acre*, Rio Branco, 12 de ago. de 1928, p. 4, col. 6

⁵⁹¹ idem.

⁵⁹² DAMA de Monsereau, *Folha do Acre*, Rio Branco, 23 de ago. de 1928, p. 4, col. 6

Partes: 6

Título: **Rainhazinha Izota**⁵⁹³

Partes: 7

Outubro

Título: **Disputando um Trono**⁵⁹⁴

Título: **Emir**⁵⁹⁵

Título: **O Cavalo Sábio**⁵⁹⁶

Título: **A Vida de Cristo**⁵⁹⁷

Novembro

Título: **Niniche**⁵⁹⁸

Partes: 10

Título: **O Abutre**⁵⁹⁹

Título: **A Redentora**⁶⁰⁰

Procedência: Norte-americana

1929

Janeiro

Título: **Vertigem**⁶⁰¹

Fevereiro

⁵⁹³ HOJE, *Folha do Acre*, Rio Branco, 30 de ago. de 1928, p. 4, col. 6.

⁵⁹⁴ NO EDEN-CINEMA, *Folha do Acre*, Rio Branco, 07 de out. de 1928, p. 1, col. 6.

⁵⁹⁵ EMIR, *Folha do Acre*, Rio Branco, 14 de out. de 1928, p. 4, col. 1.

⁵⁹⁶ HOJE, *Folha do Acre*, Rio Branco, 8 de out. de 1928, p. 1, col. 5.

⁵⁹⁷ idem.

⁵⁹⁸ NINCHE, *Folha do Acre*, Rio Branco, 11 de nov. de 1928, p. 4, col. 6.

⁵⁹⁹ EDEN-CINEMA, *Folha do Acre*, Rio Branco, 23 de nov. de 1928, p. 6, col. 6.

⁶⁰⁰ *Folha do Acre*, Rio Branco, 16 de dez. de 1928, Eden-Cinema, p. 1, col. 3.

⁶⁰¹ *Folha do Acre*, Rio Branco, 06 de jan. de 1929, Eden-Cinema, p. 6, col. 4.

Título: **Senhora das Rosas**⁶⁰²

Título: **A Conquista da Guiana Brasileira**

Procedência: Brasil

Gênero: natural

Título: **Através do Gram-Pará**

Procedência: Brasil

Gênero: natural

II – ESPETÁCULOS TEATRAIS APRESENTADOS NO EDEN-CINEMA

1920

Espetáculo: variedades⁶⁰³

Números: **Um Padre Sacudido**

Músicas: Xico Coringa: O Barateiro

Com: irmãos Coringa, Alfredo Mendes.

Espetáculo: variedades com apresentação cinematográfica⁶⁰⁴

Números: **O Bígamo** (Delegacia Encrencada – Frestan Bernard)

Músicas Scipião Filho: A Verba e A Reforma; Branca Scipião: Pois Sim; Graça Scipião: Passagens da Vida (tango); José Scipião: Ganga (fado): Xico Coringa: O Barateiro.⁶⁰⁵

Com: Graça e Branca Scipião, José Scipião, Alfredo Mendes e Xico Coringa.

Espetáculo: variedades⁶⁰⁶

Números: **Amor em Xapury**⁶⁰⁷

Com: J. Scipião, Graça e Branca Scipião, Fatinha Guedes e Xico Coringa.

Espetáculo: musical e variedades⁶⁰⁸

Números: **Delegacia Encrencada**

Músicas: Branca Scipião: Sól, Lá, Si, Dó; Passagens da Vida⁶⁰⁹

Com: Branca Scipião, Xico Coringa e Alfredo Mendes.

⁶⁰² Folha do Acre, Rio Branco, 03 de fev. de 1929, p. 1, col. 6.

⁶⁰³ KONDE. Na tela e nos salões, *Folha do Acre*, Rio Branco, 10 de abr. de 1920, p. 3, col. 1.

⁶⁰⁴ EDEN-THEATRO, *Folha do Acre*, Rio Branco, 27 de abr. de 1920, p. 3, col. 4.

⁶⁰⁵ KONDE. Na tela e nos salões, *Folha do Acre*, Rio Branco, 01 de maio de 1920, p. 2, col. 6.

⁶⁰⁶ KONDE. Eden Theatro, *Folha do Acre*, Rio Branco, 20 de maio de 1920, p. 2, col. 5.

⁶⁰⁷ EDEN THEATRO, *O Futuro*, Rio Branco, 16 de maio de 1920, p. 1, col. 4.

⁶⁰⁸ O FESTIVAL de Branca Scipião, *O Futuro*, Rio Branco, 13 de jun. de 1920, p. 1, col. 5.

⁶⁰⁹ KONDE. Na tela e nos salões, *Folha do Acre*, Rio Branco, 17 de jun. de 1920, p. 2, col. 4.

Espetáculo: variedades⁶¹⁰

Números: **Trumpho é Pau!**⁶¹¹

Músicas: Casamento Secundário

Com: Xico Coringa e Zé Scipião.

1921

Espetáculo: lírico e variedades⁶¹²

Números: Alfredo Mendes: **O meu Casamento** (monólogo)

Músicas: Antonia Brandão: Habanera (Carmen de Bizet), Saudade (fado), Madame Botterfly (Puccini), Santuzza (Cavalleria Rusticana), No la sospira la nostra casetta (Tosca), Vissi d'Arte (Tosca); F. Coringa: Olhos de Veludos, Martha, Cicciliana (Cavalleria Rusticana); Coringa: O Barateiro.

Com Antonia Brandão e Francisco Coringa.

1922

Espetáculo: variedades⁶¹³

Números: **Enfim Sós** (comédia)

Com Antonia Brandão, Roberto Scipião e Josephina Lima.

Espetáculo: musical⁶¹⁴

Músicas: J. Scipião: A Napolião (Romance sans paroles – violino), F. Thomé (Melodia para violino), G. Silvestri (Serenata D'Autrejois – violino); Antonia Brandão: C. Zeller (Canzone dell'Usinuolo – valsa), serenata, Leon Bard (La Duchesa del Bal-Tabarin – Tempo de valsa), G. Benencase (Valsa sentimental em portuguez).

Com: Antonia Brandão e J. Scipião.

1925

Espetáculo: musical⁶¹⁵

Músicas: 1ª apresentação: Primeira Parte: Symphonia (piano), Canzoine del Aventurero (Guarany), O Marinheiro (Sinos de Corneville), El-Rey que rabió (aria hespanhola), Sole-mio (canção napolitana); Segunda Parte: Brilhantes Variações (piano), Cigano (Fox-Trol) Dorme (valsa lyrica nacional) Mãos Pequenas (fado portuguez), Uma Viagem ao Tyrol (excentrica). 2ª apresentação: Symphonia (piano e piston), Caballero de la Gracia (La Gran Via), Risos e Lagrimas (nacional), La Donna é Mobile (Rigolletto), Barcarola brasileira

⁶¹⁰ NA TELA e nos salões, *Folha do Acre*, Rio Branco, 01 de jul. de 1920, p. 2, col. 5.

⁶¹¹ KONDE. Na tela e nos salões, *Folha do Acre*, Rio Branco, 08 de jul. de 1920, p. 3, col. 1 e 2.

⁶¹² FESTIVAL Antonia Scipião, *Folha do Acre*, Rio Branco, 23 de jun. de 1921, p. 2, col 4 e 5.

⁶¹³ FESTAS, *Folha do Acre*, Rio Branco, 03 de ago. de 1922, p.2, col. 6.

⁶¹⁴ CONCERTO Scipião, *A Capital*, Rio Branco, 02 de abr. de 1922, p. 1, col. 6.

⁶¹⁵ TENOR Frontino Santiago, *Jornal Oficial*, Rio Branco, 29 de nov. de 1925, p. 1, col. 5

(Rayol); Segunda Parte: Brillhantes Variações (piano e piston), Oh! Costureirinha (cômica), Amor, Amor! (canção), Franqueza rude (Olegario Marianno), Vae-te embora, vae.. (cômica).

Com: Frontino Santiago

1927

Espetáculo: variedades⁶¹⁶

Números: execução de música clássica num serrote de carpinteiro, apresentação de boxe.

Com: Dario Letona, Tuler e Pedro Pereira.

1928

Espetáculo: litero-musical⁶¹⁷

Músicas Stella Feitosa: Creadinha; Esmeralda Vieira: Tatuy; Madame Grijalva Antony: Saudades do Sertão; Perola Vieira: Flor de Maracujá.

Poesias: Ruy Barreto: Contradições (Paulino de Brito); Corina Cravo: Virgens Mortas (Bilac)

Dança: Benjamin Piani: charleston

Com: Stella Feitosa, Esmeralda Vieira, Madame Grijalva Antony, Perola Vieira, Ruy Barreto, Corina Cravo e Benjamin Piani.

Espetáculo: peça teatral⁶¹⁸

Título: **Fogo de Bengala**

De: Juca Mulato⁶¹⁹

Com: Perola Vieira, Leonor Silva, Odisséa Silva, Esmeralda Vieira, Stella Feitosa, Maria Julia Mascarenhas, Henrique Rêgo, Mariano Sá Ribeiro, Fellipe Pereira, Benjamin Piani, Possidonio Cunha e Raymundo Nonato.⁶²⁰

1929

Espetáculo: peça teatral e variedades⁶²¹

Título: **Tá na Hora**

Números: Apache e Gigolette.

Com: Hely Corrêa, Pedro Santos, Sá Ribeiro, Jorge Lavocat, Waldemar Nobre, Benjamin Piani, Maria Julia, Leonor de Campos Silva, Risoleta Vianna, Araripina Araripe, Luzanira Martins, Carmenzinha Lima, Lasthenia Taboada, Lucia Rola e Roberto Cardoso

⁶¹⁶ EDEN-CINEMA, *Folha do Acre*, Rio Branco, 18 de set. de 1927, p. 4, col. 3.

⁶¹⁷ SPORTS & ARTES, *Folha do Acre*, Rio Branco, 29 de abr. de 1928, p. 6, col. 3 e 4.

⁶¹⁸ FOGO de Bengala, *Folha do Acre*, Rio Branco, 20 de maio de 1928, p. 4, col. 3.

⁶¹⁹ FOGO de Bengala, *Folha do Acre*, Rio Branco, 27 de maio de 1928, p. 4, col. 3.

⁶²⁰ FOLHA do Acre, Rio Branco, 24 de maio de 1928, p. 1, col. 4.

⁶²¹ TÁ na Hora, *Folha do Acre*, Rio Branco, 27 de jan. de 1929, p.6, col. 2.